



A BESTA INTERIOR
Cavaleiros Brancos 01

Série Cavaleiros Brancos

- 01 - A Besta Interior (Distribuído)
- 02 - O Desejo da Besta Em Revisão
- 2.5 - O retorno da Besta (Distribuído)
- 03 - A Besta das Trevas Em Revisão
- 3.5 - Demônio Sedutor (Distribuído)
- 04 - O Prisioneiro da Besta Em Revisão





Resumo:

Conhecido apenas como "Jag", ele lidera um exército, **os Cavaleiros Brancos**, na batalha do bem sobre o mal, lutando contra as bestas sem alma Darkland que tomaram sua esposa e sua vida.

Salvo por um imortal de poderes místicos, ele, também, é agora imortal, destinado a viver com a vingança que sente em seu coração. Ele está dividido entre a besta mexendo a sua alma e a bondade pressionada pelo seu mentor.

Mas logo as verdadeiras origens da guerra a ser travada se tornarão claras. Porque esta é uma batalha de anjos, Raphael, um protetor da humanidade, contra, Caim, o caído, do submundo.

Caim não vai parar até derrubar seu adversário, mesmo trazendo a esposa de Jag de volta à vida na forma de tentação proibida. Seu plano... para destruir os cavaleiros e conquistar o bem com o mal.

Agora, Jag vai encontrar o que perdeu, e seu amor irá levá-lo para a luz ou para a escuridão final.



A Lenda ...

Condenado a uma eternidade na terra por matar seu irmão Abel,

Caim ficou irado e buscou os favores do Submundo.

Ao fazer isso, é dito que lhe foi concedido poderes mágicos e para agir no plano físico.

Mas seus dons vem com um preço.

Caim deve supervisionar as Bestas Darkland, seres malignos que andam na terra.

Faminto de poder, ele constrói seu exército de bestas,

rouba almas do sexo masculino,

enquanto simplesmente usa e descarta as sêmeas.

Ao longo do tempo, a escala de bem e mal começou a se inclinar.

Ao Arcanjo Rafael, o curandeiro da terra,

foi dado o dever de equilibrar a balança de novo.

Para fazer isso, ele designou Salvador, seu mais fiel companheiro,

o dever de salvar as almas dignas de servir o bem contra o mal .

Estes indivíduos únicos, vítimas das Bestas Darkland,

seriam dadas de volta suas almas e alistadas em um exército de elite ...

Os Cavaleiros de Brancos.

Mas em cada um desses Cavaleiros ainda tem uma Besta das Trevas

dentro de si espreitando, que só eles podem dissipar por completo.

Cada Cavaleiro tem que enfrentar sua Besta e derrotá-la.

Para as simples leis do universo apresentarem um equilíbrio entre o bem e o mal,

e estes cavaleiros provarem as tentações do mal.

Eles devem provar que são dignos da alma que lhes foi devolvida
e de serem capazes de enfrentar o submundo sem serem derrotados.

Estes cavaleiros deve provar-se dignos

de uma companheira nascida de tudo que é puro e bom.

Se o fizerem, então, e só então, irá se tornar o

Cavaleiro tudo o que ele pode ser um guerreiro-mágico contra o mal,

dotado de um amor que irá guiá-lo através da escuridão à luz.



Glossário da Série:

Mitologia

As **Bestas Darkland** são soldados demônios que se aproveitam de seres humanos.

Eles roubam a alma dos homens, transformando-os em demônios, e podem se esconder sob a forma de um ser humano, mordendo seus ombros e drenando-os de todo o seu sangue. Demônios em que metade do rosto é na forma de um animal grotesco. Eles têm presas e, grandes olhos vermelhos ou amarelos.

As mulheres são parcialmente convertidas, suas almas deixadas perdidas no limbo, enquanto a besta que mordeu a mulher a controla, para fazê-la obedecer a seu comando. Os favores sexuais das mulheres humanas são muitas vezes desejados pelas Bestas.

Alguns homens escolhidos são salvos para se tornarem Cavaleiros Brancos.

Estes homens têm suas almas restauradas enquanto eles mantêm a força física superior de um demônio.

Eles não se transformam da mesma forma que um demônio, mas o toque do demônio ainda permanece em sua alma.

Eles devem encontrar a sua companheira perfeita, a luz para as trevas, ou eventualmente, eles vão voltar para a escuridão da besta.



As Bestas Darkland usam um terno mágico que não pode ser cortado e é à prova de balas. Parece como um vinil pesado e com a morte da besta ele desaparece.



Como matar uma besta Darkland: por decapitação - eles não sangram.

Em vez disso, ficam em chamas e depois viram cinzas - estas chamas são fogo do inferno e queimam até mesmo na água.



Espada Sabre é a arma escolhida dos Cavaleiros Brancos.

Armas não fazem muito efeito, mas ajudam a ferir uma besta Darkland e mesmo assim várias balas na cabeça devem ser usadas.



Como matar um Cavaleiro Branco - Um Cavaleiro pode ser morto por decapitação, mas ao contrário de uma besta, um cavaleiro tem sangue, e pode sangrar até a morte se houver suficiente perda de sangue. Cavaleiros curam rapidamente com o repouso, mas eles também têm uma curadora mágica que pode curar seus ferimentos imediatamente, se ela estiver disponível para fazê-lo. Esta curadora só pode curar alguns ferimentos por vez, antes que seus poderes precisem ser recarregados.



Arcanjos e Archeiai: Os Arcanjos são os capitães de todos os exércitos angelicais, tendo sido criados como maiores na hierarquia no reino angélico.

Eles são seres majestosos que personificam atributos divinos e estão a serviço da humanidade da Terra.

Eles trabalham incansavelmente para derrotar o mal e promover o bem.

Os Arcanjos têm chamas divinas complementares ou irmãs, assim como as pessoas.

Suas contrapartes femininas são chamadas Archeiai. (O substantivo singular é Arquêia, e o plural é Archeiai.) Juntos, os Arcanjos e Archeiai focam o masculino e o feminino, ou alfa e ômega, polaridades de cor própria, ou raio da luz espiritual de que eles servem.

Orando a gente sempre invoca a assistência dos outros também.

Os Arcanjos são anteriores a nós por milhões de anos e são relatados de terem sido os nossos primeiros professores no caminho espiritual. Eles também são descritos como arquitetos divinos, a quem Deus usa para elaborar e executar os planos para seus projetos. Eles são



construtores cósmicos e designers no grandioso sentido da palavra arco, à nossa mente o plano divino para cada empreendimento, desde o menor até o maior.

Todos os Arcanjos também são curadores que vem como cirurgiões mestres para consertar nossas almas e quatro corpos inferiores - etéreo, mental, emocional e físico.



Arcanjo Rafael: Arcanjo Rafael, cujo nome significa "Deus curou" ou "Deus cura", preocupa-se com o nosso sofrimento e com toda aflição dos filhos dos homens.

Ele é encarregado com o sagrado dever de curar a terra e curar a humanidade de seus males.



Segundo Céu (Raquia ou Raqia): O céu Raquia 2 é governado pelos Arcanjos Raphael e Zachariel e, de acordo com Enoch, é dentro desse paraíso que os anjos caídos estão presos esperando julgamento final na escuridão completa.

Além disso, como as histórias dos Cavaleiros Brancos, você será capaz de aprender mais sobre os céus.



O rei Salomão é conhecido na mitologia ter estado nas boas graças de Deus e foi presenteado com a magia entre muitos outros favores por sua lealdade. Mais tarde, Salomão foi acusado de se afastar de Deus e adorar outros deuses.

Como Salomão estava construindo um templo cheio de segredos mágicos de seu tempo em favor de Deus, ele era dotado de um anel mágico que usava para controlar os demônios:

Quando Salomão orou a Deus para ajudar na construção do Templo, Deus respondeu com o dom de um anel mágico, que o Arcanjo Rafael entregou ao rei hebreu.

O anel, gravado com uma estrela de cinco pontas, a estrela de Salomão, tinha o poder de subjugar todos os demônios. Foi com esse 'trabalho escravo' de demônios, que Salomão foi capaz de completar a construção do Templo.



Na série Cavaleiros Brancos, o líder dos Cavaleiros, Jag, possui este anel, dado a ele por seu mentor Salvador.



A Estrela de David: Nestas histórias é a estrela de Salomão.



Acasalamento: A Estrela de Salomão aparece no braço da mulher, uma vez que o acasalamento é completado.

O acasalamento ocorre quando o Cavaleiro morde a fêmea no ombro.

A única vez que os Cavaleiros alargam os dentes é quando o processo de acasalamento está ocorrendo.



Orb – transportar-se magicamente através do espaço.



Conheça alguns dos Cavaleiros Brancos

JAG

Herói em Os Cavaleiros Brancos 01: A Besta Interior

Quantos anos eu tenho?

Eu não me lembro.

Também sou malditamente velho. Com a eternidade parece às vezes.

Como líder dos Cavaleiros eu devo mantê-los vivos.

E isso pode fazer um dia de batalha parecer toda uma vida.

Não que eles são fáceis de matar. Ainda assim, se decapitá-los, eles morrem.



Perdi alguns cavaleiros e isso é demais. (Pausa e olha para baixo por um momento) Salvador disse que fui salvo para servir a um propósito maior. Que eu tenho uma alma pura e é por isso que as Bestas me queriam. (Som Desgostoso)

Qualquer que seja.

Eu digo que é completamente besteira.

Estou aqui para lutar e eu faço muito bem.

Eu deveria.

É tudo que eu faço para viver.

Não. (O músculo em sua mandíbula salta) É mais do que isso.

Os Darklands roubaram minha vida.

Eu não quero que eles tomem a alma de mais ninguém.

Eu quero que eles parem.

Não.

Eu quero que a sua própria existência termine.

DES

Herói em Os Cavaleiros Brancos 02: O Desejo da Besta

Noventa e nove anos e 12 dias. Isso é quantos anos eu tenho.

Bem, a menos que você comece a contar a partir do dia que me tornei um Cavaleiro.

Então eu tenho mais setenta e 12 dias.

Ao contrário de Jag, eu não me importo de contar os dias.

Esta vida não importa muito para mim.

Nós temos algo muito bom com ela, do jeito que eu vejo.

Nós não ficamos doentes.

Curamos rápido quando feridos na batalha.



(Sorriso) O sexo é muito bom.

Tem que amar aquele instinto primal que temos. (Ri e mexe as sobrancelhas) As mulheres com certeza gostam.

(Volta a ficar sério)... Além do que importa. O que fazemos importa.

Ninguém sentiu quando eu morri.

Mas agora... agora eu tenho um propósito.

E Jag precisa de mim.

O homem está seriamente fodido.

Alguém tem que manter sua cabeça no lugar.

Quer dizer, o homem luta mal, e ele nomeia seu cavalo de Diabolo.

O que diria que está no limite. O cavalo deveria ser chamado de "Capaz".

Como é o único ser vivo capaz de entender Jag.

Eu tento entender. Eu realmente tento.

Mas um homem tem limites.

Rock

Herói em Os Cavaleiros Brancos 2.5: O Retorno da Besta

Os outros Cavaleiros pensam que eu sou jovem e impulsivo.

Como 50 fosse jovem. (Balança a cabeça).

Não que eu me importe.

Quer dizer, eu faço o que faço.

Chuto o traseiro dos Darkland. É por isso que estou aqui.

Por que diabos precisamos ficar ao redor e falarmos sobre isso.

Apenas detonem e acabem com tudo.

Eu hesitei uma vez... custou-me todos que eu amava. (Suspiro pesado)

O que seja, eu não vou cometer esse erro novamente.

E não dou a mínima para o quanto os caras me pressionem.



Se eu vejo um problema, eu vou enfrentar.

Se eles não gostam, bem... que se fodam.

(Dá de ombros) Você sabe?

MAX

Herói em Os Cavaleiros Brancos 3: A Besta das Trevas

Ninguém sabe de onde veio, onde treinou, ou como ele se tornou um Cavaleiro Branco.

Rinehart

Herói em Os Cavaleiros Brancos 04: O Prisioneiro da Besta

Discussão não salva vidas. Ações o fazem.

De certa forma, eu entendo Rock por esse motivo.

Ainda assim, o garoto precisa aprender um pouco de disciplina.

No exército se aprende a focalizar e então agir.

Rock... ele se joga em coisas sem ter a cabeça pronta. (Empurra seu chapéu de cowboy para trás com o dedo indicador) Rock só quer vingança.

Bem, eu tenho notícias para aquele menino. Todos nós temos.

Mas vingança pode conseguir seu traseiro morto.

Merda.

Eu assisti cada um do meu pelotão ser morto pelos Darklands.

Eles eram a única família que eu tinha.

Mas eu não deixo isso me comer por dentro como o Rock faz.

Eu deixo ferver.



Rock precisa aprender que a vingança é melhor servida quando bem requentada.

É quando ele possui o maior soco. É quando ele faz o dano maior.

Salvador

O mentor de Jag... Salvador é um descendente direto de Raphael, ele tem um passado escondido e segredos mantidos bem escondidos.

Ele tem uma missão impulsionada pelo propósito que estes segredos lhe deram.

Ele é tanto o criador e mentor de Jag e seus Cavaleiros Brancos.

Descrição das Mulheres

KAREN

Ela foi Caroline em uma vida anterior e esposa de Jag. Ela foi morta pelos Darklands.

Só ela pode guiar Jag a aceitar seu destino.

Karen perdeu os pais em um acidente de carro, assim como ela perdeu os amigos para as drogas tão populares perto da fronteira com o México.

Ela foi para a faculdade, deixando para trás Brownsville e implorando a sua irmã Eva acompanhá-la. Mas não houve como convencer Eva, que tinha encontrado um homem que acabou se casando. Depois da faculdade, Karen se tornou repórter de uma revista de viagens, ver o mundo, à procura de algo que ela não entendia, mas necessitava.

Algo que a empurrou para explorar novos lugares, procurar uma maneira de preencher um vazio que sentia bem no fundo de si.

EVA



Eva é irmã de Karen. Ela ficou tão perto da conversão para Darkland que Karen mal a salva. No final, Eva se torna a primeira Cavaleiro Branco mulher.

Eva é a irmã que deseja a segurança, crescendo com planos para uma cerca branca e crianças. Quando seu marido é morto por Bestas Darkland como uma forma de atrair Karen para fora de casa, o mundo de Eva vira de cabeça para baixo.

Seu mundo inteiro está prestes a mudar de maneira que ela nunca poderia imaginar ser possível.

MARISOL

Ela é a curadora dos Cavaleiros Brancos, capaz de curar com a magia angelical. Seu passado é misterioso, seu dever é servir os cavaleiros, sob a supervisão direta de Salvador.

Prazeres físicos estão fora dos limites para Marisol.

Não importa o quanto ela deseje, não importa o quanto ela anseie, ela não pode se deixar levar pelas necessidades humanas.

É parte do teste, ela está passando.

Um único teste que Salvador entende.

Um teste nasceu de uma vida passada, onde ela procurou vingança.

Um teste que ela está determinada a passar.

Há apenas um problema... ela está apaixonada por um dos Cavaleiros.

JESSICA

Seu pai é um senador, um milionário vindo de origens humildes.

Sua mãe era uma arqueóloga que morreu de câncer antes que ela pudesse encontrar o tesouro que procurava, a caixa mágica que mantém uma lista das linhagens angelicais. Jéssica está prestes a descobrir por que essa lista era tão importante para sua mãe.



SARAH

Fantasmas falam com Sarah como fizeram com sua mãe e ela muitas vezes ajudou a polícia nas investigações. Quando tinha 18 anos um demônio possuiu um grande amigo e matou seus pais e ela agora sente que tem de viver uma vida de solidão e medo vendo o mal a aqueles ao seu redor.

LAURA

Ela tem dons especiais, a habilidade de manipular objetos com sua mente e intuição extrema. Seus pais temem que esses dons vão fazê-la um rato de laboratório, por isso ela é ensinada desde cedo a esconder seus talentos.

E isto a leva a uma necessidade desesperada de se encaixar e ela se torna uma médica e cientista, e se esforça para encontrar uma maneira de curar as pessoas como ela.

Quando ela isola o gene que cria poderes especiais, ela chama o interesse do governo e assim como seus pais temiam, há aqueles que querem abusar de seu trabalho, e seus talentos.

Conheça o Inimigo...

As Bestas Darkland: Soldados sem almas do Submundo governado por Adrian, general direto de Caim.

Matá-los significa decapitá-los.



O líder dos Darklands: **ADRIAN**

Ele é o mal além da compreensão e busca pelo poder a todo custo.



Dog Black: Ele é o líder da transformada dos demônios, um grupo de servos de Adrian dados a ele por Cain.



SEGUNDO: O segundo encarregado de Adrian, ele é mal e com fome de poder. Ele quer o poder que está com Adrian e acredita que pode miná-lo e ganhar o favor de Caim.

Prólogo

Anjo ou demônio?

Ela se sentou escarranchada sobre ele, longos cabelos loiros que fluíam ao redor de seus ombros brancos cremosos em um véu de perfeição sedosa. Ela visitou seus sonhos muitas vezes nos últimos dias, mas nunca o suficiente. Ele tanto desejada suas visitas e as temia. Temia-as, porque ele sabia instintivamente que ela o levava para o proibido. Como o diabo sob o disfarce de uma bela mulher, ela o atraía para a tentação. Para um lugar que certamente condenaria a sua alma.

Com um ritmo sedutor, seus quadris arquearam em seu corpo, balançando com o convite delicioso. Tudo sobre ela o fez queimar. Seu cheiro. Seu lábio inferior cheio. Seus seios fartos enquanto eles saltavam, mamilos elevavam-se com a excitação. Implorando por suas mãos. Por seus olhos.

A cada golpe de seu calor úmido ao longo de seu corpo, ele desejou estar mais profundo. Para tomar mais dela. Para tornar-se perdido nela, até que ele esquecesse o calor o ameaçando na superfície. A necessidade, incansável em suas demandas, ameaçava seu controle. Um desejo de reivindicar sua própria essência. Para ir para um lugar que ele nunca ousou ir. Mas se ele o fazia, ele



pararia lá? Ou será que a besta em seguida, tomaria o controle? Ele estaria perdido para um desejo de mais que a satisfação física?

Será que ele então se tornaria um dos monstros sem alma, aqueles que ele veio a conhecer como — Bestas Darkland — que haviam tomado sua esposa, Caron, e sua vida, dois séculos antes? Os que destruíram tudo o que ele chamou de seu mundo, e espreitava logo abaixo do escudo humano, pronto para reclamar a parte dele que ainda era um homem.

Ele sentiu o movimento da besta nele, chamando seu nome, chamando para a posse e comando. Sentido, tentando, puxando-o para a escuridão além da compreensão humana, pressionando-o a agir em instintos primários.

E parecia haver apenas uma resposta. Uma maneira de resistir à besta.

Ele tinha que se perder nesta mulher. Para saciar sua luxúria com seu corpo, não sua vida. Ela segurava a resposta. Embora parte dele gritasse em advertência, gritou que ela seria sua morte, outra parte sabia que era sua salvação. Foi sempre assim com ela. Confuso. Conflito. Melhor não pensar. Apenas... sentir.

Usando seus quadris como alavanca, ele arqueou para cima, empurrando seu corpo profundamente, e puxando-a com força contra sua pélvis, tentando se perder na luxúria. Ele estava muito perto da borda. Muito perto da besta. Ela o queria, assim como ele queria essa mulher.

Ele a queria como se não tivesse desejado outra em cem anos. Não, desde a sua esposa. Mas isso foi em uma outra vida. Um outro mundo. Olhando para a beleza loira em cima dele, por um momento ele imaginou sua Caron, cabelos e olhos escuros. Por um instante, ele piscou de volta a uma época do passado. Tão real era a imagem que ele fechou os olhos, confusão ajuntando através de seu cérebro.

Um suave gemido de prazer escapou de seus lábios cheios, atraindo o olhar novamente. Ele observou os cílios flutuando, buscando suas feições. Outro gemido encheu o ar, puxando-o para o presente totalmente novo.



Excitante e doce, o som cantarolou junto à crueza de terminações nervosas. Ele lutava contra seus impulsos... lutando... resistindo.

Como uma serpente espreita a sua presa, ela parecia jogar em suas fraquezas. No entanto, com sua tentativa de manter cada volta, esta mulher, esta mulher sedutora, parecia atraí-lo mais. Não adiantava. Desejo o controlava agora. Gozar era sua única salvação. Era a dela, também. Gozar iria afastar a besta.

Ele empurrou-a, mas ela se arqueou para trás, segurando-o de volta, não permitindo que ele se perdesse na queimadura. Ele tinha que encontrar a liberação... liberação iria salvar os dois. Sem ela, ele iria demorar mais do que o prazer, sem ele... ele disse a si mesmo para empurrá-la para longe. Para ignorar a sensação erótica de seu corpo apertando o seu.

Mas ela parecia sentir sua resistência. Inclinação para frente, ela apertou os seios exuberantes, cheios contra seu peito. Seus lábios roçaram sua mandíbula. Seu pescoço. Seu ouvido. Dentes raspam seu lóbulo. Uma onda de calor subiu por suas veias, e um rosnado baixo escapou de seus lábios. Sua mente nublou. Ele só podia sentir. Só precisava... e o que ele precisava era... devorá-la.

O pensamento gritou um aviso. Ele tinha que acabar com isso agora, antes que fosse tarde demais. Antes que fizesse algo que se arrependeria. Mas mesmo quando ele forçou-se a acabar com essa loucura, sua mão deslizou em torno da curva de seu traseiro, perfeitamente arredondado. Com um golpe duro, ele ergueu os quadris e puxou-a contra seu pênis. Ao mesmo tempo, a outra mão encontrou seu seio, apalpando-o, beliscando o mamilo com a demanda áspera. Sua boca encontrou a dela, e ele bebeu-a, desesperado para saciar a fome voraz que só esta mulher criava.

Esta fome que atingiu além do prazer compartilhado entre um homem e uma mulher.



— Leve-me —, ela sussurrou, puxando para trás para olhar em seus olhos. — Eu já lhe pertenco. Você sabe que eu faço. Eu sei o que você quer, e me darei livremente. Tome tudo de mim.

Suas palavras soaram em seus ouvidos, e sua mulher brilhou em sua mente de novo. Ele estava tão confuso... tão excitado. Então... a visão de seu pescoço, elegantemente branco enquanto ela empurrava de lado o cabelo fez clara a intenção. Ela não podia saber o que era, mas ainda assim suas ações, seu convite, disse o contrário. E, Senhor ajude-o, ele queria tomar o que ela oferecia. Para beber o líquido doce que corria em suas veias. Só que ele não iria parar por aí. O sabor dela traria a besta. E a besta podia drená-la seca.

— Leve-me —, disse ela, sentada em cima dele, parecendo uma deusa. Toda a pele branca cremosa contra sua cor mais escura, excitada e tentadora.

— Você não tem ideia do que você sugere, — ele murmurou, lutando contra um gemido quando ela deslizou ao longo de seu comprimento.

Um lento sorriso deslizou sobre seus lábios. — Ah, mas eu faço. Eu sei exatamente o que eu sugiro. — Ela se inclinou sobre ele e trouxe seus lábios a poucos centímetros de seu. As cócegas quentes de sua respiração acariciaram em sua pele. — E eu dou a você livremente.

— Você não sabe o quão perigoso é...

Assumindo o papel de agressor, ela o beijou, cortando suas palavras enquanto sua língua deslizava pelos dentes. Seu corpo balançou em cima dele, exigiu que ele se movesse com ela. Sua cabeça girava com o impacto de suas palavras. Com a pressão suave de sua boca sobre a dele. Realidade parecia um lugar distante. O que acontecia aqui e agora se tornou fantasia.

Seu rosto descansou contra o seu. — Eu sou tua. — Houve uma promessa, macia e angelical de suas palavras. — Leve-me. — Mãos pressionaram contra o colchão, em ambos os lados de sua cabeça, ela se inclinou para trás o suficiente para mais uma vez expor o pescoço nu. — Beba.



Seus dentes estenderam como se atendessem ao pedido. Uma ação inconsciente. O que estava acontecendo com ele? O animal ficou enterrado lá no fundo, fora de alcance. Mesmo em batalha, ele controlava o lado primitivo de seu ser. Mas não agora. Não com essa mulher.

Jag apertou os olhos fechados! A palavra gritava em sua mente. Isso não era real. Era um sonho. O que acontecia aqui não importava. Mas uma parte dele rejeitou o pensamento. Isto parecia que estava realmente acontecendo. Seus cílios levantaram, se fixando na beleza balançando em cima dele. Ela parecia e a sentia de verdade. E a sede que ela induziu o fez, também.

Com um rosnado baixo, ele reagiu, revirando-a de volta, determinado a recuperar o seu controle. Para colocar este anseio para o proibido em um lugar seguro. Ele nunca tomou de um ser humano, e não o faria agora. No fundo, ele sabia que era um monstro. Mas ainda possuía sua alma, ao contrário de seus inimigos, as bestas Darkland.

Ele poderia resistir à tentação.

Levantou-se em suas mãos, ele olhou para os mamilos franzidos da mulher debaixo dele. Lambendo os lábios com a visão deliciosa que tinha, empurrou profundamente, olhando-a balançar os seios com a ação. Ele bateu nela. Uma vez. Duas vezes. Mais e mais.

Com cada impulso, cada moagem de seus quadris, ele se concentrou no prazer imediato, em vez de a tentação de provar o sangue. No entanto, ele queimou dentro dele. Implorou para ser alimentado. Ele só queria encontrar um escape. Se perder em prazeres da carne. Para esquecer a tentação.

Gemidos suaves e palavras de elogio deslizaram dos lábios de sua sedutora como uma música sensual. E não importa o quanto ele tirou dela, ela pegou mais. Ela o manteve querendo.

— Mais fundo —, ela implorou, alimentando o fogo. — Mais duro. — Novamente e novamente ele dirigia em profundidade no calor úmido de suas



profundezas. Suas pernas envolveram seu corpo, levantando seus quadris para encontrá-lo impulso para impulso.

Ele tomou sua boca, e dando voltas famintas em sua língua, ele provou, rezando que saciaria a chama dentro dele querendo explodir. Mas beijá-la só fez o seu anseio subir em novos níveis. Ele não conseguia o suficiente dela. Ele moldou seu corpo no dela, pele na pele. Ela se agarrou a ele com algo como num tímido desespero. Descontroladamente, resistiu, abalou, e moveu-se como um só. Tentando chegar mais perto. Sim. Ele. Tinha. Que. Conseguir... mais perto.

Enterrando o rosto em seu pescoço, ele agiu por instinto. Nunca antes tinha o sexo o empurrado para este nível de absoluta luxúria. Ele não podia pensar. Ele pensou que a paixão era a resposta, uma maneira de esquecer a necessidade de seu sangue. Mas só parecia alimentar o fogo. Seu corpo apertou-o, curtos espasmos rígidos o ordenhava.

— Leve-me — ela choramingou. Em seguida, mais alto, quase uma exigência, — Faça isso!

Ele não tinha a compreensão do que o fez agir. No instante de decisão. Nenhuma razão para que entendeu o que ela queria que ele fizesse. Ele simplesmente entrou no momento. Controle, a coisa que ele mais valorizava nesta vida eterna do inferno, talvez a única coisa que ele ainda valorizava, simplesmente falhou. Ele podia ouvir o sangue correndo em suas veias... chamando por ele. Suas narinas, a caça para o cheiro do líquido vermelho ainda não livre.

Com fome crua, ele voltou sua boca para seu ombro e cravou os dentes profundamente. Ela endureceu e fez um som baixo quando ele começou a beber, levando-a. Sua mente pegou a dela, ajudando-a a se acalmar, sentindo o relaxar dos músculos.

O sabor agri-doce, metálico de seu sangue tocou a língua como uma droga perfeita. Ele sentiu uma onda de poder além de qualquer coisa que



sentiu em todos os seus dois séculos de vida. Ainda duro enterrado profundamente em seu corpo, sentiu uma necessidade primitiva de empurrar. Ele dominou o temor de que poderia começar a mudar fisicamente, para assumir uma forma monstruosa. Aquele que o salvou das bestas havia dito que ele não poderia se transformar. Mas, então, ele também alertou para nunca saborear o sangue.

Mas nada disso importava. Ele só podia pensar na necessidade de afundar profundamente em seu núcleo. Bater contra ela enquanto a delícia carmesim deslizava por sua garganta. Seu corpo tremia com o êxtase dos prazeres combinados, e ele gemeu enquanto bebia em seu sabor rico. Ele gozou com uma descida final em suas profundezas, vendo a total escuridão completar o êxtase do momento.

Quando seu corpo deslizou em um modo descontraído, ele sentiu o lento retorno da realidade. Seus dentes aliviaram de seu ombro e uma combinação de medo, confusão e culpa tomou conta. Ele olhou para ela primeiro, tentando confirmar sua segurança. Ela suspirou de satisfação e sorriu como se nada estivesse errado. Freneticamente ele segurou a mão para visualizá-la, em busca de sinais de mudança de seu corpo à besta. Mas não havia nenhuma.

Ela olhou para ele, seus dedos macios acariciando seu rosto. Seus olhos eram de uma cor incrível. Céu azul com um toque de verde. Como ele perdeu antes? Por que ele notou-os agora?

— Você só fez o que tinha que ser feito — ela sussurrou.

Ele não sabia nem o que dizer. Ela não fazia sentido. Ou talvez ele estivesse ficando louco. Talvez ele ouvisse o que ele queria ouvir não o que foi realmente dito. Ele enterrou seu rosto em seu pescoço, desesperado para esconder a confiança em seus olhos.

Desesperado para acordar do sonho... agora um pesadelo.

Com um suspiro, Jag despertou. Ele empurrou para longe os frescos lençóis brancos e sentou-se em sua cama. Seus olhos viajaram pelo seu quarto



escassamente decorado no rancho que considerava um santuário das sortes. Foi aqui que ele se escondeu do mundo. Aqui que ele treinou outros como a si mesmo. Aqui, que ele fingiu que pertencia. Mas, neste momento, não oferecia nenhuma das tranquilidades que muitas vezes trouxe. Não quando seu coração batia no peito como um tambor.

No instante em que ele confirmou que estava sozinho, nenhuma sedutora sendo encontrada, ele pegou os lençóis de novo, freneticamente procurando a tonalidade brilhante vermelha de sangue. Não havia nada. No entanto... pareceu tão real quanto qualquer outra coisa que já experimentou. Seus olhos corriam ao redor do quarto, para a esquerda e depois à direita, confirmando que ninguém se escondia nas sombras.

Mas, como todas às vezes antes, foi apenas um sonho. Ela não era real.

A mão de Jag raspou a barba escura de sua mandíbula. Fazia quase dois séculos desde que ele teve um sonho. Não até três semanas atrás, quando o sono se tornou assombrado por uma beleza loira que o levou para a felicidade e para trás. Noite após noite, ela brincou com seu corpo e chamou-o em algum clímax emocional que ele fingiu não entender.

Mas esta noite, ela ofereceu mais do que mero prazer. Ele mordeu o lábio inferior, certo de que ainda podia sentir o gosto dela. O que foi um sonho parecia muito real. Ele tinha roubado seu sangue para alimentar suas próprias necessidades.

Ele se tornou a coisa que caçava, a Besta Darkland que tomava a força vital de seres humanos.

Ele sentiu as palavras como um soco forte no estômago. Não... nunca. Ele se empurrou para fora da cama e caminhou para o chuveiro. Há muito tempo, ele aprendeu a nunca mais tomar respostas superficiais. O óbvio seria assumir que estes sonhos eram simplesmente sobre suas próprias batalhas com quem e o que ele era. Mas parecia mais. Como um aviso.



Quando ele assumiu o papel de líder dos “Cavaleiros Brancos”, ele fez um juramento para proteger a humanidade e os seus homens. Ele não podia ignorar uma possível mensagem. Ele jogava com a sua própria existência, mas não com a dos outros.

Olhou para o anel em seu dedo, tocando a gravura, uma estrela de cinco pontas que lhe foi dada por aquele que salvou sua alma. Ele precisava de respostas, e só havia um lugar que sabia que ia obtê-las... de volta para onde havia deixado seu eu anterior para trás. Voltar para onde um homem que ele conhecia apenas como “Salvador” tinha lhe dado uma nova vida e um novo nome. Para onde ele tinha se tornado simplesmente “Jag” de Jaguar, nome dado por Salvador uma criatura de grande velocidade e habilidade.

Para o imortal que virou um monstro e transformou-o de volta para um homem. Pelo menos em parte, um homem. A besta ainda morava no interior, e Jag nunca esqueceu esse fato. Ele levava outros como ele, lutando para destruir as Bestas Darkland. Era tudo o que tinha. Tudo o que ele viveu.

E ele não podia permitir que nada, nem ninguém, ficasse em seu caminho.

Certamente não alguma sedutora que era apenas um sonho, e um mau presságio.

Capítulo Um

O som do toque do telefone na cabeceira da cama do hotel assustou Karen Gibson. Ela piscou para o radiante sol do Caribe entre as diáfanas cortinas brancas das portas francesas, que abria para um pátio em frente à



praia. O hotel de luxo era um dos muitos pontos que ela estaria fazendo enquanto em missão pela revista Férias Divertidas.

Normalmente ela ansiava por uma vida de prazer e diversão. No entanto, no fundo, especialmente nos últimos tempos, sabia que só a escondia das realidades de seu passado. Acordar aqui só a incomodava hoje. Incomodava muito. Alcançando o telefone, se atrapalhou com ele, quase derrubando o receptor, enquanto se sentava e empurrava-o para seu ouvido.

— Sim —, ela conseguiu dizer com voz rouca, empurrando um fio longo de cabelo loiro de seus olhos.

— Nós temos um telegrama para você na recepção do hotel. Posso enviar ao quarto?

O sangue de Karen esfriou, o peito apertou. O sono foi irregular na melhor das hipóteses. Jogou-se e virou-se com uma estranha sensação de pavor. De alguma forma, ela sabia algo escuro estava por vir. — Envia-me, por favor.

Um flash de um sonho veio a ela. De um homem que ficou bem acima dela, de ombros largos, com longos cabelos escuros. Tão familiar. Mas como ela o conhecia? Ela pegou as imagens que flutuavam no fundo de sua mente, mas não conseguiu atraí-las para frente. Mas ela sentiu o conforto neste homem. Conforto que precisava agora. Se pudesse encontrar esse sonho agora. Para lembrar o que significava.

Mal conseguindo respirar, Karen percebeu que ainda segurava o telefone e o abaixou. Tendo perdido seus pais anos antes em um acidente de carro, uma má notícia trouxe medo pela sua irmã, a única pessoa que tinha no mundo.

Culpa a pegou. Se algo houvesse acontecido com Eva, ela nunca se perdoaria por deixá-la para trás em Brownsville. Eva podia ser uma mulher adulta, agora casada, mas ela sempre foi um pouco carente.



O próprio sentimento de Karen de algo faltando em sua vida a levou a viajar, em busca de um segredo indescritível para a vida que ela nunca tinha encontrado. O sentimento sempre esteve dentro dela, mas cresceu mais forte depois de perder seus pais. Anos de viagem, de busca, revelaram nada. No final, ela se sentiu tão perdida. Assim como vazia.

Karen sabia que precisava reavaliar suas decisões e fazer mudanças em sua vida. Ela precisava ir para casa e ver sua irmã e restabelecer seu relacionamento. E ela o faria. Ela iria para casa e consertaria as coisas. Se... não fosse tarde demais. Enquanto dava um nó no cinto prendendo o vestido no lugar, ela não conseguia se livrar da sensação de desgraça tomando conta.

Uma batida soou e ela correu para a porta, ansiosa por respostas. Lutando contra seu desejo de saber o que o telegrama dizia, ela hesitou com a mão na maçaneta, levantou os olhos para cima, e disse uma silenciosa oração. Por favor que Eva esteja bem.

Com as mãos trêmulas, ela aceitou o telegrama, assinando um formulário que o porteiro entregou-lhe. Ela nem olhou para o rosto do homem, apenas murmurou um agradecimento.

Ela rasgou o envelope, retirando a única folha de papel com uma mensagem curta digitada.

Mike está morto.

Nada mais. Duas palavras. Nenhuma assinatura. Nenhuma explicação. Nada como um "eu te amo". Apenas uma nota curta informando que o marido de Eva estava morto. Oh, Deus. Como? Como ele morreu? Eva estava ferida, ou em algum tipo de perigo? Eva. Pobre Eva. Por que não ligou em vez de enviar um telegrama.

— Tudo bem, senhorita?

A voz do empregado do hotel tirou Karen fora de sua confusão interna. — Não. — Sua mão passou através de seu cabelo. — Quero dizer, sim. Eu, ah, eu preciso chegar ao aeroporto.



O homem, perto de 60 anos a julgar pelo cabelo cinza sólido e rugas profundas na testa, ofereceu-lhe um olhar preocupado. — Eu posso ter um serviço de transporte pronto em 15 minutos.

Ela não conseguia pensar. — Eu... não importa. — Reservar um voo internacional era sua prioridade. — Eu vou ligar lá embaixo depois que eu conversar com as companhias aéreas.

Karen processou todo um minuto antes de correr precipitadamente para o telefone. Ela ligou para o operador e deu o número de Eva. Dez minutos depois, ouviu a voz do operador de novo, dizendo que ninguém estava atendendo.

— Eu preciso do departamento de polícia de Brownsville, Texas —, disse a mulher.

Dez minutos depois, Karen desligou, com a notícia de que Mike tinha sido envolvido em um acidente de carro. Da mesma forma que seus pais morreram. Deus, o que Eva devia estar passando.

Karen tinha de ir para casa, e ela tinha que chegar lá agora.



Apenas horas depois de decidir visitar Salvador, Jag chegou à casa de seu criador. Lá no fundo dos vales do México, em Sierra Madre, este era o local onde Jag primeiro treinou com Salvador.

Jag empurrou um portão de aço coberto de jasmim e entrou em um pátio cheio de flores e árvores. Ele nunca sentiu a paz que sentia aqui. Ele preferiu a fazenda, preferiu seu lugar ao lado de seus homens. Mas Salvador



limitou sua exposição aos Cavaleiros, sua existência envolta em mistério, até mesmo para Jaguar.

Aqui, no fundo destas montanhas, as Bestas Darkland tinham destruído seu mundo. Este era o lugar que as Bestas haviam tomado e alimentado o mal de seu mundo escuro. E foi aqui onde Jag pela primeira vez caçou sua presa.

Aqui, ele treinou para ser o destruidor das Bestas Darkland. Onde ele havia chegado tão perdido em vingança, Salvador foi forçado a puxá-lo de volta à realidade. Obrigou-o a ver as cores do mundo ao seu redor, além do vermelho de raiva, o negro da escuridão dolorosa.

Fazia muitos anos desde a última vez que visitara este lugar, mas ele veio hoje na esperança de encontrar respostas. Para compreender o significado de seus sonhos. No entanto, vir aqui lhe dava repercussões como sempre. Imagens do passado dançaram dentro de sua mente, insultando-o com memórias de destruição. Com a realidade do corpo com o sangue drenado de sua esposa. E de seu rosto, pálido e sem vida.

Jag odiava este lugar. Inferno, ele odiava... a vida.

Ficar tão perto deste lugar veio da necessidade. Caso contrário, ele estaria do outro lado do continente. A pequena cidade fronteiriça de Brownsville permaneceu um refúgio para as Darklands, e ele se tornou seu protetor.

Um átrio de madeira coberto de verde estava diante de Jaguar, e ele podia ver Salvador no centro. Seu mentor estava ali, vestido com calças folgadas e uma camisa cinza, com as mãos sobre as pernas, os olhos fechados. Roupas usadas para a meditação. E, apesar de Salvador parecer inconsciente da abordagem de Jag, era uma mera ilusão. Salvador sabia que Jag estava aqui. Salvador sempre sabia. Exatamente por isso que Jag raramente procurou Salvador para orientação. Salvador via debaixo de seu exterior, a agitação interna que Jag escondia dos outros. Enfrentar Salvador significava enfrentar



muito mais do que o mentor que o treinara para enfrentar as Darklands. Isso significava enfrentar a si mesmo.

E isso, ele não queria fazer.

Quando Jag subiu os três degraus de madeira que levam ao núcleo da estrutura, suas narinas pegaram a essência de sálvia e alecrim no ar. Incenso e velas muitas vezes revestiam as áreas da presença de Salvador. Salvador chamava de limpeza. Hoje, queimavam em lanternas penduradas em cada canto do edifício.

Mas nada poderia fazer Jag ficar limpo, e sabia disso. Ele suspeitava que Salvador também. Ele foi manchado na batalha e tocado pela morte. Ninguém poderia limpar o sangue de sua alma.

Os perfumes sensuais levantavam com uma brisa e aumentaram as memórias já na vanguarda de sua mente. Forçando-as de lado, estudou o homem diante dele, o único que o salvou e criou dois séculos antes.

Alto e ágil, com maçãs do rosto salientes, uma mandíbula forte e pele castanha clara, Salvador não tinha envelhecido, assim como Jag não tinha. Eles eram imortais, e para eles, o tempo tinha parado. Pelo menos, na forma física. Mas cada dia sentia como uma vida.

Parando a poucos passos na frente de Salvador, Jag viu quando o outro homem abriu os olhos. Olhos como esmeraldas, tão intensamente verdes que nunca deixaram de tomar Jag de surpresa. Por longos momentos, Salvador encarou Jag, cativando-o enquanto ele memorizava todos os poros e linhas do rosto da Jag.

— Seu coração está pesado, meu amigo — disse Salvador para Jag, sua voz suave dizia o que tinha vindo a esperar dele. Salvador apontou para um banco posicionado ao longo da grade do átrio e, juntos, se moveram para lá. Jag não queria sentar-se, sentia-se ansioso sobre o que tinha que discutir, mas o fez.



— O que o incomoda? — Salvador perguntou, assim que estavam sentados.

Jag não foi enganado pela franqueza da pergunta. Essa conversa não seria simples e fácil. Com Salvador, tudo veio em enigmas e jogos de palavras. Apenas uma das muitas razões que Jag temia vir aqui. Frustração sempre veio com essas reuniões. Pior, Jag tinha a sensação de que Salvador sabia por que ele estava aqui antes que lhe dissesse. Independentemente, Salvador o faria trabalhar pelas respostas que procurava.

Quanto mais cedo tivesse essa conversa, melhor. — Eu tenho tido... sonhos. A primeira vez que... — Suas palavras sumiram. Ambos sabiam desde quando. Desde que ele se tornou o líder dos Cavaleiros Brancos. Ele queria ficar, mas obrigou-se a permanecer imóvel. Dizer a Salvador, que sonhou com a sede de sangue não exatamente vinha fácil. Evitando detalhes o maior tempo possível, fez um resumo verbal. — Eles querem dizer algo, estes sonhos. Eu só não sei o quê.

Segundos se passaram e Salvador não respondeu. Finalmente ele quebrou o silêncio pesado com a decepção em sua voz. — Você ainda não aceitou o seu destino. Eu esperava que você tivesse por agora.

Como esperado, os enigmas já estavam de partida. Apesar da frustração, Jag manteve a voz controlada, falando entre dentes. — Eu caço. Eu mato. Meu destino é claro. Eu não entendo isso. O que tem esses sonhos. Eu não...

— E você quer que eu os explique para você?

— Sim —, disse Jag. — Por que mais eu estaria aqui? Eu vim aqui pelas respostas.

Salvador ficou de pé e cruzou para um canto onde uma prateleira pendurada tinha uma série de facas e espadas. O ruído de metal encheu o ar quando Salvador retirou a espada da bainha e depois se mudou para o centro do átrio. Ele enfrentou Jag, sua lâmina na frente de seu corpo, seu aço brilhando a luz do sol escorrendo através da cobertura entrelaçada acima.



— Você diz que quer respostas, mas vejo apenas uma coisa dentro de você, Jaguar. Eu vejo um desejo de lutar — Salvador cuspiu as palavras, incitando-o com a sua verdade. — Eu nunca neguei a você o que procura. Então, levante e lute.

Jag estreitou seu olhar em Salvador, o homem que não só tinha curado seu corpo ensanguentado quando as Bestas Darklands o destruíram, mas ensinou-o a travar uma guerra contra eles, também. Um homem que podia levantar a mão e mudar o destino de uma pessoa, com o poder do bem atrás dele. Um poder que ele se recusou a explicar a Jaguar, e que não fez nada, além de irritá-lo. Como ele sabia que Salvador era bom e não o mal? Ok, ele sabia. O que não sabia era se ele próprio poderia ser qualquer coisa, além de sombrio.

Às vezes, desejava que Salvador tivesse apenas o matado de vez. Ao invés de lhe permitir viver com raiva. Furioso mesmo. Ele ficou de pé, sentindo o pensamento como chama quente lambendo seu corpo. Sem hesitar, Jag virou-se para a prateleira de armas, encontrou uma espada, em seguida, virou-se para Salvador.

Se Salvador queria lutar, eles lutariam. Lutar era tudo o que sabia. É como ele lidou com tudo em sua vida. Ele lutou. Ele matou. Ele dormia. Ele acordava e fazia novamente.

Ele não pediu para ser o líder dos Cavaleiros. Ele não pediu nada disso.

Jag dobrou na altura dos joelhos, com uma mão no ar a espada, em posição de luta, combinando com a posição que Salvador já tinha. Então, Jag tocou sua lâmina na de Salvador, a ação anunciando sua disposição de pressionar este desafio diante.

O silêncio caiu entre eles enquanto segundos se passaram, seus olhares correspondentes em uma guerra mental de sorte. Sem aviso, Salvador moveu-se, raspando a lâmina ao longo de Jag em uma ação agressiva que exigia



resposta. Jag desviou e bloqueou o movimento, devolvendo-o com um golpe de sua arma, mas algo o fez hesitar em ir totalmente para o ataque.

Lâmina contra lâmina, Salvador e Jag mantinham-se constantes, movendo-se em círculos, novamente em uma guerra mental. — O que você está esperando? — Salvador incitou. — Ofereço a você o que procura. Eu dou-lhe uma batalha para lutar.

— Eu não procuro uma batalha. Eu busco respostas.

Salvador fez um som de nojo. — Você não está preparado para as respostas.

— Por que tudo é um jogo de palavras com você? — Jag exigiu. — Por quê?

— Isto não é um jogo, eu garanto —, respondeu Salvador, sua espada batendo em Jag.

O barulho de metal contra metal encheu o ar por vários minutos, mas ele não forneceu uma saída para a frustração de Jag. Com seu peito subindo e descendo, sua respiração pesada, e não da atividade, mas da emoção, Jag finalmente entendeu o que estava acontecendo. Salvador simplesmente jogava com ele. O homem era um espadachim especialista que zombou e brincou com Jag com manobras bem conduzidas, assim como ele teve com suas palavras.

— Chega —, Jag disse, dando um passo para trás, e soltando sua arma. — Para mim chega.

Salvador seguiu o exemplo, baixando a arma. Jag inclinou a cabeça, inalando, sentindo-se derrotado, sem lugar para colocar todas as emoções e confusão rolando dentro dele. Jag queria ficar com raiva de Salvador. Quis culpá-lo por esta vida que ele levava. Mas no fundo, ele sabia que Salvador não tinha criado este inferno que ele vivia. Não. Salvador simplesmente deu a ele uma maneira de lutar contra aqueles que tinham.



— A guerra que você luta é necessária —, disse Salvador, todo o desafio desaparecido de sua voz. Agora ele acalmou, como um instrumento, macio musical. — As habilidades para vencer essa guerra estão presentes. Até que você veja quem e o que você é, você nunca vai ser tão forte como seu inimigo.

Jag balançou a cabeça para Salvador. — Porque você não pode simplesmente dizer o que você quer dizer?

Salvador livrou-se de sua arma, antes de voltar para o lado de Jaguar. — Você diz que veio aqui por respostas, mas você já tem. Elas estão dentro de você, prontas para ser encontradas.

Isso era uma loucura. Por que ele se deu ao trabalho de vir aqui? Um flash de raiva rasgou através dele. Jag queria pegar sua arma e lutar novamente. Para forçar Salvador a lhe dizer o que esses sonhos significavam. Cada instinto que possuía lhe disse que o problema estava por vir. Algo além de qualquer coisa que ele já tinha conhecido. Ele precisava de Salvador para lhe dar respostas.

— Em outras palavras, — Jag disse entre dentes, — você não vai me ajudar.

Salvador parecia afetado pelo desprezo e acusação no tom de Jag. — Não vou —, disse Salvador. — Não posso. — Fez-se silêncio, implicação no ar. — Você deve encontrar o seu caminho por conta própria. Confie nos seus instintos. Se eles dizem que esses sonhos significam alguma coisa, então eles fazem.

A aderência de Jag sobre o punho da espada apertou. Foi difícil vir aqui e foi por nada. Absolutamente nada. — É isso? Nada mais?

Salvador estendeu a mão e fez um gesto na direção da arma que Jag segurava, como se soubesse que Jag coçou para levantá-la na batalha. Ele olhou para a mão de Salvador e, lentamente, entregou sua espada.



E foi assim que, em um flash de movimento, Salvador agiu. Com um passo para trás, a lâmina cortou o ar e parou na garganta de Jag, um fio de corte através de sua pele.

A respiração de Jag alojou-se em sua garganta, chocado com a ação agressiva do homem que confiava tão completamente. De alguma forma, ele não se moveu. Não vacilou.

— Eu poderia ter sua cabeça —, disse Salvador. — Eu poderia matá-lo com um simples movimento do meu pulso.

Mais calmo agora, ar escorria passando pelos lábios, o pensamento racional retornando. — Mas você não vai —, Jag disse baixinho, meio desejando que não fosse verdade. O que quer que Salvador aprontasse, não seria matá-lo.

— Você tem certeza? — Salvador perguntou em voz baixa com uma pitada de ameaça.

Por um instante, apenas por um, Jag duvidou de Salvador, sua mente foi para o seu sonho. De como ele bebeu da mulher e o líquido doce saboroso de seu sangue. Talvez, ele estava se transformando em um animal verdadeiro e Salvador tinha que matá-lo... ele considerou isso, e atingiu a profundidade das intenções de Salvador.

— Você não vai me matar —, disse Jag.

— Tem certeza? — Salvador questionou. A lâmina tocava Jag na pele e picando-o. Um filete de sangue escorria pelo seu pescoço. — Você ainda acredita que eu não vou te matar?

— Hoje não.

— Você sabe disso?

Mesmo o aço frio em seu pescoço não mudou sua resposta. — Eu sei.

Ainda assim, Salvador persistiu. — Como? — Ele exigiu sua voz levantada. Áspera.



Jag estava ficando chateado mais uma vez. Ele só queria respostas, e não esses jogos de cabeça loucos. — Eu sei! —, Ele gritou de volta. — O que você quer de mim Salvador? O quê?

Um segundo. Dois. Salvador baixou a lâmina. Então, sua voz livre de toda a dureza, ele disse: — Eu quero que você confie nos seus instintos. Você sabia que eu não iria matá-lo. Olhe além da superfície e encontre a verdade.

Jag entendeu o que Salvador estava tentando dizer a ele, mas não era uma coisa fácil de fazer. — O sonho...

— Você acha que detêm um aviso.

Jag deu um aceno curto.

— Eles fazem —, Salvador confirmou, oferecendo nada mais.

— E a mulher?

— Ela é importante. Mantenha-a perto.

O coração de Jag falhou uma batida quando ele percebeu a implicação das palavras de Salvador. A mulher era real. — Quem é ela?

Salvador fez um gesto sem finalidade. — Com o tempo, você vai entender. Esta é uma jornada que começou e deve terminar em seu próprio país.

Ele se virou e começou a descer as escadas, encerrando a conversa. Jag não o chamou. Não havia nenhum ponto. Salvador havia falado e não disse mais nada. Ele já sabia disso.

Jag estava por conta própria, não mais perto de respostas. E não mais perto de compreender por que uma sedutora apareceu em seus sonhos e agora assombrava suas horas de vigília, também.



Com um flash de luz, Marisol, uma curandeira imortal que serviu sob o comando de Salvador, apareceu na sala simples, de cinza e branco, respondendo a chamada mental de Salvador para ela. Com cabelo longo, preto e olhos escuros, ela parecia humana, mas seus presentes eram os de um anjo. Nos 50 anos que Jaguar permaneceu no Rancho, foi a primeira vez que ele fez tal coisa sem aviso.

Salvador não teria feito isso agora, se não houvesse problemas.

Marisol encontrou-o sentado no centro da sala de meditação, profundamente focado; pernas cruzadas, com o corpo envolto em um manto branco. Seus olhos estavam fechados, longos cílios negros descansando em sua perfeita pele marrom claro. Ele era um homem bonito em forma humana. O guerreiro escolhido para a humanidade, ele andou neste plano de existência, durante séculos, homenageado pelo Arcanjo Rafael com este dever.

Mas ela sempre se perguntava sobre o vazio da existência solitária que ele escolheu.

Salvador não a reconheceu imediatamente, mas ele raramente fazia a qualquer um que visitou. Ela veio compreender que este era simplesmente o seu caminho. No entanto, ela também se perguntava a razão. Perguntava-se se ele procurava as mentes de seus visitantes pelas suas intenções e pureza. Ninguém compreendeu plenamente a extensão de seus poderes, só que eles eram muitos.

Estes pensamentos a incomodavam, enquanto ela considerava o que ele poderia encontrar, se ele procurasse em sua mente. Será que descobriria que



ela ficou pessoalmente ligada a um dos Cavaleiros Brancos? Ou será que ele já sabia? Tinha ele a chamado aqui por causa disso?

Ela ficou lá, esperando. Examinou a sala, olhando para a escuridão caindo lá fora, o sol se pondo entre as montanhas. Salvador vivia em uma casa isolada, com apenas a natureza ao seu redor. Ele não se permitia luxos. Nada dos visitantes de que era mentor. Os curandeiros em formação. Os cavaleiros que ele criou com um toque mágico.

Sua pele formigava com a consciência de que Salvador fixou seu olhar nela, seus olhos verdes olhando-a da cabeça aos pés. Não importava quantas vezes ela o visitou, sua atenção ainda a desfez. Havia algo tão puro, mas tão sensual sobre o homem. E sabedoria. Ele sabia coisas que outros não fizeram.

Será que ele sabia que o jovem cavaleiro chamado Rock tinha emoções e sentimentos que eram proibidos? Seu estômago deu um nó. Para a concessão da forma humana significava provando que estava acima das tentações da carne. Levou séculos para Marisol conseguir seu lugar para servir no plano físico, e ela pensou que estava pronta. Ela havia treinado, estudado, meditado. Mas nada disso há preparou para como era o sabor, tato e olfato novamente. Para a divindade pura da vida. Mas ela empurrou as tentações de lado, não importando o quão difícil. Tudo, com exceção dessa necessidade louca de proteger Rock.

Ela se mexeu, deslocando seu peso de um pé para o outro, tentando limpar sua mente. Salvador era muito intuitivo. Estes pensamentos lhe dariam distância.

— Você está com boa aparência, Marisol —, comentou Salvador, finalmente quebrando o silêncio. Ele apontou para frente. — Sua missão parece atendê-la.

Marisol sentiu o rosto corar quando se sentou no chão. Ela amava seus jeans desbotados e botas gastas, mas queria saber se Salvador aprovava. Não



houve tempo para mudar de roupa antes de vir aqui. — Obrigada. Eu gosto de ajudar os cavaleiros.

— Bom —, ele disse, — porque preciso de sua ajuda em uma questão sensível.

Ela engoliu em seco, um alarme disparou em sua cabeça. Ela tinha razão para assumir que havia problemas fervilhando. — Eu estou ouvindo.

— Jag está sendo testado.

— Por você?

— Eu não testo qualquer um do meu povo. Eu simplesmente guio.

Ela sabia o que isso significava. — O mal está operando?

— O mal sempre está operando, minha querida. Você sabe disso. Às vezes, ele simplesmente grita mais alto para avisar.

— E agora é um desses momentos —, ela confirmou.

— Agora ele grita por atenção e vamos dar-lhe o que quer. — Ele sorriu.
— Mas não se engane, pequena Marisol. Nós vamos ganhar.



Capítulo Dois

Karen finalmente sentiu o 727 sobrevoar perto de sua cidade natal Brownsville após vinte e quatro horas de viagem, incluindo dois voos cancelados e um conjunto de má sorte. Quando ela finalmente embarcou no último voo em sua passagem, ela pensou que o problema tinha terminado. Não foi assim. Ela e cento e vinte outros passageiros se sentaram na pista duas horas antes da decolagem. Duas horas sem circulação e uma infinidade de modos desagradáveis.

Ela estava começando a sentir-se como se uma força do mal estivesse trabalhando contra a sua ida para casa para ficar com sua irmã.

Mas, finalmente, ela estava no chão, apenas uma hora de carro de seu destino. Agora, se ela pudesse obter Eva no telefone. Até agora, todas as tentativas fracassaram e deixou Karen amarrada em nós de preocupação.

— Nós estamos aqui, moça bonita.

— Sim —, disse Karen, rangendo os dentes juntos. — Estamos, de fato, aqui.

O anúncio foi feito por Bob, seu parceiro de viagem, e o teste final de sua compostura nesta viagem incrivelmente longa e frustrante. O bom e velho Bob, que havia forçado sua história de vida nela. Ela agora sabia que ele tinha 40. Divorciado. Um vendedor de seguros. A lista continuou. Ele falou enquanto tragava quatro dessas garrafas em miniatura de cachaça, cada uma tornando-o mais ofensivo e paquerador. A 5ª garrafa acabou em seu colo, sua calça de cor escura ainda úmida do acidente.



— Como você entrará em Brownsville, docinho? — Bob perguntou, inclinando o braço atrás de sua cadeira, enchendo-a como ele teve nas últimas quatro horas. Ele sorriu, seus olhos vidrados de bebidas alcoólicas em excesso. — Meu carro está aqui. Eu posso levá-la para a cidade. Talvez comprar o jantar.

Como se ela entraria em um carro com um bêbado. — Não. Eu tenho um carro de aluguel que pretendo fazer bom uso. — Ela enfiou a mão dentro da bolsa tentando encontrar o seu telefone sem sucesso. — Droga. — Ela começou a cavar as almofadas.

— O que você perdeu? — Bob perguntou sua voz arrastada, enquanto começou a tentar ajudar.

— O meu telefone. — Um momento depois, suas cabeça bateram muito forte. Sua mão foi para o local do impacto. — Ai.

Bob estendeu a mão para tocá-la, também. — Deixe-me ver —, disse ele. — Eu vou esfregar e fazê-la se sentir melhor.

Ela se afastou, quase batendo a cabeça na janela desta vez, mordendo de volta uma observação. Com a sorte do dia anterior, observações mordazes eram mais propensas a excitar a raiva do que contenção por parte de Bob. Ainda assim, quando sua mão tocou seu cabelo, ela queria gritar. “Não”. A palavra que saiu foi. — Pare. — Um sopro de rum invadiu suas narinas, e ela se encolheu interiormente ao sentir o cheiro. Bob era um excelente exemplo de por que ela tomava Diet Coke, quando viajava. — Vou encontrá-lo quando nos levantamos. Depois que todo mundo sair do avião.

Alguns minutos mais tarde, quando seguiu os sinais direcionando-a para a área de bagagem, pegou o telefone na mão, Karen discou o número de sua irmã. Infelizmente, Bob ainda estava ao seu lado. Ele insistiu em ajudá-la a encontrar o telefone dela, deixando-a com um problema que não tinha tempo para... se livrar dele. Depois de dez minutos e nenhuma resposta, Karen

apertou o botão final no telefone, chateada por sua irmã ainda não ter respondido.

Ela suspirou quando Bob apontou a área de bagagem, sentindo-se um tanto cansada e derrotada. Não havia como escapar do homem tímido, sem ser rude. Ela só podia esperar sua bagagem vir em breve e Bob sairia mais cedo.

Em momentos como este Karen quase poderia desejar ter um cavaleiro de armadura brilhante. Mas só por um minuto. Bob tossiu e tropeçou, e ela fez uma careta para a caminhada, falando de provação, não há tal coisa em seu futuro. Não que ela já pensou nisso. Por alguma razão, Karen sempre sentiu que não foi feita para o tradicional momento feliz para sempre, por isso que ela nunca perdeu tempo pensando nisso. Mas Eva tinha. Eva queria o casamento e os filhos e a cerca branca. Mike queria as mesmas coisas.

O peito de Karen se apertou com o pensamento. A campainha soou e o transportador começou a se mover. Alívio tomou conta de Karen. Precisava recuperar suas malas e ir rápido para o lado de sua irmã. Isso significava que tinha que se livrar de Bob com todos os meios necessários. Odiava ser rude, mas, neste momento, a menos que algum outro plano brilhante deslizesse no lugar nos próximos minutos, não viu outra opção.

Bob tinha que ir.



Jag saiu da passagem de saída do avião, vindo de sua visita a Salvador, mas sem as respostas para as perguntas que procurava. Por que pensou que esta viagem era uma boa ideia, ele não sabia.



Com passos rápidos, caminhou pelas fileiras de portas, ansiando pelo santuário da fazenda, o lugar que lhe trouxe mais próximo da paz que ele nunca encontrou... que não era dizer muito. A viagem de avião certamente não havia lhe dado.

Sono havia chegado ao meio do voo, mas não lhe deu descanso. Ele se entregou ainda em outro sonho. A escuridão do sono, o conforto das trevas... eles não eram mais seus. Este sonho foi mais confuso do que os outros. Ele foi de Caron, de sua esposa. Os sonhos das últimas semanas foram sempre eróticos, mas este foi o primeiro envolvendo sua esposa. O primeiro, onde a mulher tomou a aparência de Caron.

Sem qualquer bagagem para reclamar, Jaguar começou a contornar a área de coleta, quando teve um vislumbre de uma mulher de pé ao lado de uma correia transportadora, o perfil dela o pegou. Longos cabelos loiros, magra com curvas sensuais em todos os lugares certos. O reconhecimento bateu nele, parando-o. Seu coração batia forte contra o peito, um tambor batendo alto em seus ouvidos enquanto os sons ao seu redor desapareciam. Alguém bateu nele por trás, mas Jag permaneceu imóvel.

— Ei, amigo, desculpe... —, disse o homem de trás, mas Jag não se incomodou nem mesmo de olhar para ele. A visão diante dele havia lhe encantado.

A impossibilidade de sua presença agarrou-se a um momento no tempo, acalmando-o em um estado congelado. No entanto, era verdade. A mulher de seus sonhos estava aqui, agora, neste aeroporto. Ele suspeitava que ela fosse real, é claro, apenas com base em algumas dicas que Salvador lhe dera sobre ela. Ainda assim, vê-la, confirmando sua presença em carne e osso, lhe deu um solavanco.

Deixando o choque atrás, Jaguar começou a andar em direção a ela, agindo por instinto, pronto para confrontá-la. Antes que ele pudesse chegar até ela, um homem deu um passo para o lado dela, complicando o plano de



ataque. Desacelerando, ele parou um pé de distância, a uma distância de ouvir, fingindo olhar as bagagens passar no transportador. Observando-a interagir com o desconhecido, sentindo seu desconforto com o homem antes que ele ouvisse suas palavras. Sentindo uma necessidade imediata de proteger e defendê-la. Um sentimento irônico, quando, por tudo o que ele sabia, ela era o diabo disfarçado. A sedutora tentando levá-lo para o mal.

— Não —, ela disse ao homem careca: — Eu não preciso de ajuda. — Ela deu um passo em direção à transportadora. — Desculpe-me. Eu preciso pegar minha bolsa.

— Eu vou pegar para você —, disse o homem, suas palavras arrastadas como se tivesse bebido. Moveu-se para frente, ao mesmo tempo, ela pegou uma bolsa de couro pequena que passava. Os dois colidiram e ela cambaleou para trás.

Jag pulou, encontrando o seu caminho atrás dela a tempo de pegá-la antes que ela perdesse completamente o equilíbrio. Suas mãos foram para os ombros para parar sua queda, o peito e o corpo protegendo-a mais suavemente. O calor da excitação correu através de seu corpo como uma carga elétrica. Instantâneo. Abrasador. Sua ingestão de ar lhe disse que sentiu isso também.

O perfume de jasmim queimava suas narinas, familiares, fortes, lembranças entregues com seu impacto. Ela cheirava exatamente como ela fez em seus sonhos. Por um momento, os olhos se fecharam, as imagens de sua perfeição nua de marfim piscando em sua mente.

Ele se inclinou, sussurrando em seu ouvido: — Você está bem?

— Ei, você, deixe-a ir. — O hálito fedendo a rum do homem careca, de repente estava perto — A senhora está comigo.

Jag ignorou seu instinto mais primitivo, aquele que queria puxar o homem por sua mal amarrada gravata e, em seguida jogá-lo a alguns metros.



Antes de Jag responder, a sedutora loira empurrou-se saindo do aperto de Jag e virou-se para encará-lo. Sua pele era a perfeição marfim pálido que contrastava com seus lábios cheios, vermelhos. E seu rosto em forma de coração realizada uma qualidade angelical. No momento que seus olhares se encontraram, ele viu os olhos azuis dela arregalarem-se com surpresa que rapidamente se transformou em confusão. A mesma reação que ele teve quando a notou pela primeira vez. Ou isso, ou foi um ato muito bom. Este último tinha que ser o caso. Reunião como essa não poderia ser uma coincidência. E se ele não planejou seu encontro, certamente ela oi fez.

— Eu estou bem —, disse ela, respondendo a sua pergunta, passando as mãos pelos cabelos, como se quisesse garantir que ele estava em ordem. Seu olhar nunca deixou seu rosto. — Não sei...? — Ela olhou para o homem careca e parou no meio da frase, sua atenção voltando a Jaguar, um olhar de súplica no rosto bonito. Um apelo que fez sentido quando ela disse: — Eu pensei que nunca iria chegar aqui.

A sobancelha de Jag levantou, quando a compreensão o pegou. Ela queria ser salva do homem embriagado. Bem. Ele a salvaria. Então ele obteria respostas. Em acordo, ele deu-lhe um aceno sutil.

Em um flash, ela estava de pé ao lado dele, o braço unido ao seu. — Obrigada por tudo —, disse ao homem calvo. — Meu noivo está aqui agora, porém, assim estou totalmente pronta.

Jag não tinha certeza de quem estava mais surpreso com o anúncio, o homem bêbado careca ou a si mesmo. De qualquer maneira, um resmungo depois, o bêbado foi embora e Jag entrou em movimento, revoltando-se contra o calor louco que suas palavras evocaram. O que diabos estava errado com ele?

Ele agarrou a mão dela e levou-a para as escadas rolantes. — O que você está fazendo? —, Perguntou ela, com sua voz de protesto. — Ei!



Jag não respondeu, parando apenas fora do alcance auditivo da multidão e puxando-a em seus braços. Uma mão foi para a parte inferior das costas, fundindo-a perto, enquanto a outra foi para o seu rosto. Mais parecia um regresso ao lar, dois amantes dizendo olá depois de muita distância. Muito tempo.

Para Jag era um esforço controlá-la. — Eu não gosto de jogos —, disse ele. — Quem é você?

— Jogos? Desculpe-me, mas você é a pessoa que acabou de arrastar-me em frente ao aeroporto contra a minha vontade. Você tem sorte de eu não gritar.

— Por que não? — Ele exigiu, mas não esperou por sua resposta. — Isso não poderia servir bem a sua agenda, agora não é?

— Agenda? —, ela perguntou. — Você está louco ou algo assim? Eu não gritei, porque você parece familiar. Quem é você?

— Quem é você? — Ele respondeu.

— Eu perguntei primeiro. Quem diabos é você? — Ela exigiu seus dedos cavando em seu peito. — Fale rápido ou eu vou gritar. Como conheço você?

Seu lábio inferior tremeu, talvez com raiva. Ele não sabia. Ele não se importava. Tornou-se um convite, chamando seu olhar, seu corpo duro com sua proximidade, suas emoções se enroscaram com alguma chama estranha além do físico. Uma queimadura que o frustrou. Não gostava de ser controlado, nem gostava de ser um brinquedo.

— Eu só vou perguntar mais uma vez —, alertou. — Quem é você?

— Deixe-me ir e eu poderia te dizer.

Uma estranha sensação de prazer percorreu-o em seu desafio. Ele gostava desse ajuste de inteligência, e não sabia por quê. Insanidade era a única coisa que podia chamá-lo. Talvez algum tipo de magia.

— Vou deixá-la ir quando me disser quem você é e por que está aqui.



— Você primeiro. E este é o seu ultimo aviso. Comece a falar ou vou chamar a segurança. — Ela balançou a cabeça. — Não. Eu vou gritar. Vou gritar no alto dos meus pulmões.

Ele estreitou os olhos nela, um flash de memória lançando através de sua mente. De um dia a muito tempo, quando ele sorratamente entrou no estábulo da família de Caron para montar o cavalo premiado de seu pai, Diablo. De sua ameaça de pedir ajuda. De como ele respondeu... como agora.

— Gritar você disse? — Seu olho estreitando sobre ela, ele decidiu que só poderia fazê-lo. — Então é melhor eu dar-lhe uma boa razão —, disse ele, beijando-a como fez a sua esposa tantos anos antes, sem pensar, deixando suas emoções e instintos tomarem posse.

Jag pressionou seus lábios nos dela, seu corpo rígido, seu protesto rapidamente se voltando para um suspiro de surpresa. O beijo foi suave, nada mais do que um toque sussurrado de sua boca para a dela. Ah, mas ele sentiu em cada centímetro do seu corpo e da alma. Sentiu-a com tal intensidade que não podia se afastar. Ele, porém, perdido no momento, o prazer além da razão enquanto ela parecia derreter, relaxando contra ele.

Mas qualquer prazer real rapidamente terminou quando alguém limpou a garganta. — Desculpe-me, pessoal.

Jag e sua sedutora afastaram-se um do outro, partilhando um olhar de descrença atordoada com o que acabaram de compartilhar. Como eles se separaram não mais se tocando, Jag tinha o anseio distinto para puxá-la para perto novamente. O sentimento de perda, ele não iria tentar entender agora. Porque o sentimento tinha que ser algum feitiço, alguma forma de manipulação por parte de uma mulher que há muito tempo perseguia. Como Jag poderia explicar tudo disso? Como mais ele explicaria o fato de que um segurança ficou a poucos centímetros de distância, perto demais para Jag ter perdido sua abordagem? Mas ele foi o que perdeu, que saiu do presente.



O homem de cabelos grisalhos em uniforme sorriu. — Eu sei que vocês dois estão felizes de ver um ao outro, mas não podemos permitir muito dessas coisas em público.

Sua sedutora loira sorriu para o homem, desviando o olhar de Jag, de repente agindo nervosa, as mãos deslizando para baixo nas roupas como se as endireitando. — Desculpe por isso. — Ela sorriu para o guarda de segurança. — Você pode me mostrar um banheiro para refrescar-me?

Jag considerou segui-la, mas decidiu contra isso. Ao menos, obviamente. Ele precisava de tempo para pensar e planejar. Manteria sua distância por agora e descobriria como combater o impacto que esta mulher tinha sobre ele. Por que ela tem tanto poder sobre ele?

Vendo-a caminhando, ele inalou e deixou o ar sair. Agora não era o momento nem o lugar para acabar com isto. Por mais que quisesse respostas, sabia que tinha que ser paciente.

Mas não por muito tempo.

Eles se encontrariam novamente, e da próxima vez, da próxima vez seria em seus termos.



Karen rolou a bolsa em direção ao carro alugado, uma montanha russa emocional acontecendo por dentro. Sua irmã estava passando por todos os tipos de traumas, e Karen simplesmente agiu como uma espécie de promiscua no aeroporto. Já foi ruim o suficiente que perdesse um dia inteiro viajando, quando deveria estar com Eva, mas agir como tola quando apenas realmente



superou tudo isso. Bom Deus, ela acaba beijando um estranho no meio do aeroporto.

Claramente sem dormir e um monte de preocupação chegando a ela. É evidente que não estava pensando direito.

E ele ainda estava aqui. Curiosamente, o sentia. A percepção devia assustá-la, mas em vez disso, emocionava e seduzia. Sua presença até parecia confortar. Caminhando, queria voltar. Queria estender seu tempo juntos.

Tão louco como era, pela primeira vez em sua vida, um homem, um estranho começou a dar-lhe uma tola fantasia de “cavaleiro de armadura brilhante”. Uma ideia maluca, considerando que ela não queria tal coisa, nem seu comportamento merecia tal comparação. Ele a salvou de um bêbado e, em seguida, abordou-a.

Que diabos havia de errado com ela?

Um homem alto e magro, com óculos apareceu na porta da van alugada. — Posso ajudá-la com isso?

— Por favor —, disse Karen, acolhendo a assistência. — Obrigada. — O homem pegou sua bolsa e desapareceu dentro da van para armazená-la.

Karen começou a seguir quando um conscientizador formigamento obrigou-a a voltar-se para a direita. E lá estava ele, o estranho, de pé ao lado de uma caminhonete, olhando para ela. Estudou-o, lutando com o sentimento familiar de se entregar. Tentando deixá-lo, frustrando-se quando seu sonho veio à mente novamente. Um sonho que não conseguia visualizar. Além disso, sonhar com um estranho era impossível. E um que o estranho era ele. Alto e largo, seu corpo ondulando com os músculos, sua presença gritando sexo e desejo, de um grande guerreiro.

Ainda assim, buscando suas características, o sonho continuou a se agarrar à sua mente. A visão de pura masculinidade ele retratava na vida real, a única coisa clara na matriz de imagens tremulas de seu sono.



Tão malditamente familiar... seus cabelos lisos cor-de-corvo diretamente pendurado após seu queixo. Indomável. A palavra lhe veio do nada. Como um sussurro em sua mente avisando-a da selvageria por trás das profundas, escuras profundezas daqueles olhos misteriosos olhando para ela. Um sussurro que sentiu em seu beijo, mesmo agora, em alguma memória inatingível zombando dela.

— Pronta para ir? — O atendente perguntou, reaparecendo na porta da van.

Vários segundos se passaram antes que Karen conseguisse forçar o olhar do estranho. Ar deslizou de seus pulmões, e percebeu que estava segurando a respiração. A vontade de virar, e olhar para o estranho, implorava para ser respondida, mas a recusou.

Assentiu com a cabeça. — Pronta —, disse ao funcionário, dando o primeiro passo para a van, determinada a colocar sua obsessão boba com o “sonho” do homem para a cama. Eles compartilharam um pequeno flerte, um beijo até.

Então, o quê?

Era o fim.

Tinha a vida real para atender, e não uma fantasia tola de um estranho escuro vir salvá-la de todos os seus problemas. Isso não era como as coisas aconteciam no mundo dela.

Ela fez uma poupança. E agora, precisava ir salvar a irmã da mágoa e dor.

Karen tinha que chegar até Eva.



Capítulo Três

Adrian descansou contra o capuz de seu BMW preto. Seu carro, como tudo o que ele cercou-se era um sinal de poder. Ele gostava do poder e logo ele teria mais do mesmo. Quando ele levasse as Darklands a destruir o exército de Salvador, Caim iria recompensá-lo. Caim, a força fundamental no submundo, poderia oferecer-lhe poder e riqueza além da existência.

Tudo estava indo como planejado. Jag logo desmoronaria e Salvador seguiria logo. Como esperado, Karen Gibson voltou para casa para resgatar a irmã dela.

Logo ele iria unir as duas almas gêmeas. Jag teria a sua esposa de volta através de Karen, na alma, se não o corpo. E a negação de Jag de sua fonte de força, de suas habilidades únicas, seria a sua morte. Ele não ouvia a sua besta implorando, tanto por carne quanto por sangue. Ah, ele negava as necessidades, vendo-o como o mal. Jag lutaria contra seus impulsos até que não conseguiria se controlar. Até que ele drenasse Karen seca, cedendo à besta implorando pela vida.

E se isso não funcionasse, Eva seria seu seguro. Se Jag reivindicasse sua esposa como sua companheira, então ele certamente faria de tudo para salvá-la da dor de perder a irmã. Sim. Eva era a arma perfeita contra Jaguar.

O elevador se abriu trazendo Sherry Wright, a enfermeira que alistou como sua serva, à vista. Sua pele estava pálida, a sombra da garagem do hospital não fez nada para esconder a angústia em seu rosto. Ela temia pela vida de seu melhor amigo. O amigo que sequestrou como motivação para Sherry fazer a sua jogada. Ele precisava dela com a mente lúcida. Assim, não ousara tomar seu sangue para tomá-la completamente.



A angústia de Sherry, seu medo, aqueceu seu sangue. Ele gostava de tomar debaixo dele e exigir sua rendição.

Quando a morena parou a poucos metros de distância, Adrian não a pressionou a se aproximar. Mas o medo dela correu por seu sangue e inflamou seu desejo. A adrenalina corria em suas veias.

— Você sabe o que tem que ser feito? —, questionou.

— Sim —, disse ela com voz rouca. — Quando a mulher, Karen, chegar, me certificarei de que ela vá ao médico no Rancho Jaguar.

— Excelente —, disse Adrian, a satisfação enchendo-o.

— Mas e se ela não vier?

— Ela vai —, disse ele. Adrian tinha certeza. Adrian tomou o sangue de Eva e a controlava agora. Ele assegurou que o marido de Eva morresse instantaneamente no acidente de carro, assim como se assegurou que Eva seguisse suas ordens. Ela levaria Karen onde ele queria ir. — Este é o único hospital da cidade.

— Então você vai libertar o meu amigo, certo?

Um lento sorriso deslizou nos lábios de Adrian. — Quando eu terminar com você. — O que não seria até que ela servisse seu prazer. Ele foi tentado a experimentá-la agora, mas havia assuntos para participar. Ele precisava visitar Eva uma última vez antes de sua irmã entrar em cena. Para garantir que Eva estava profundamente sob seu controle, mais perto da morte.

Ele saiu do carro, parando em frente a ela, com o dedo deslizando pelo rosto da mulher. Ela estremeceu em resposta, já caindo presa de seus poderes de sedução. Incapaz de se parar de desejá-lo. — Não me decepcione —, disse ele. — Eu estarei de volta para você. — Seus olhos se estreitaram, um sorriso insinuando em seus lábios. — Em breve. Muito em breve.

E então ele desapareceu na noite, um clarão de fogo e fumaça.



Ele estava aqui novamente.

Eva Gibson desenrolou seu corpo da posição fetal que tomou na cama, agradecendo pelo alívio que ele traria. Ela não queria ver ninguém além dele. Apenas ele trazia a paz. Adrian, ele se nomeou. Ela o chamava de anjo. Seu anjo. A única esperança que ela tinha no mundo. Dotado de uma maneira mágica de roubar sua dor, ele queimava dentro dela. Ela ansiava por sua presença e quase não suportou a sua ausência.

Doeu quando ele a deixou sozinha.

Adrian se chamou de seu tutor. Em sua fuga pela perda de seu marido, Mike. Um presente lhe foi concedido em um momento de necessidade. Assustava-a que não conseguia se lembrar por que ou como Mike havia morrido. Sim. Ela estava com medo. Porém... Adrian disse que era parte de seu papel. Para fazê-la esquecer. Para fazê-la inteiramente de uma maneira nova e brilhante.

Ele apareceu na porta, largo o suficiente para encher a entrada. Alto o suficiente para quase alcançar o topo. Eva sentou-se na beira da cama, sua respiração presa na garganta. Couro preto abraçava as coxas musculosas. Um colete correspondente mostrava bíceps definidos e antebraços poderosos. Longos, cabelos loiros varriam os ombros, tão diferentes dos homens de cabelos escuros da cultura hispânica que tocaram o seu mundo antes dele. Ela se lembrou de como o cabelo cheirava. Como eram as mãos. Como ele roçou sua pele como ele a beijou.



Ele era tão diferente de Mike. Eva piscou, sentindo uma onda de pânico. Mike. Por que não podia imaginar Mike? Mas então, de repente, Adrian estava lá, segurando-a. Tocá-la. — Não tema nada, pequenina. Eu sou a tua salvação. Eu vou te curar.

A boca dele desceu sobre a dela, sua língua deslizando pelos dentes em um curso muito sensual. Tudo afundado em uma fraca escuridão, consumindo sua paixão, abençoando-a com o esquecimento do esquecimento.

Eva foi salva. Do passado. Da dor. Do momento. Adrian, ela sussurrou em seu mundo. Toque em mim.

E ele respondeu sem palavras. Eu pretendo meu amor.



Karen foi até a varanda da casa de sua irmã, a madeira rangendo sob seus pés. Seu estômago estava enrolado em um nó de desconforto que combinava com a nitidez de seus nervos.

Olhando a espessura de breu dos bosques que rodeiam a casa minúscula que havia pertencido a seus pais, ela tremeu. Parecia que algo estava lá no meio das árvores... observando.

Engolindo contra a secura repentina em sua garganta, Karen hesitou. Nunca, jamais, ela tinha se assustado.

Endireitando-se, Karen desejou-se marchando até os degraus, se recusando a deixar seus olhos viajarem para longe de seu destino. Mas quando ela chegou ao topo da varanda, algo a fez virar e olhar para a floresta. Lá, no fundo da cobertura da noite, dois olhos vermelhos olhavam para ela.



Karen projetou-se e correu para a casa, adrenalina atravessando seu sangue na ultrapassagem. Lógica disse que não era nada, apenas um cervo ou algum outro animal inofensivo. Instinto disse o contrário. Para correr. Para entrar.

Ela não se incomodou batendo, girou a maçaneta e abriu a porta. Alívio correu por ela com a mudança. Obrigado Deus. Em um flash, ela estava lá dentro, lutando para colocar as trancas no lugar. Tarefa completa, ela virou-se e descansou contra a porta, peito subindo e descendo enquanto o ar em seus pulmões queimava e ela empurrava-o de volta para fora.

Ela riu, um som abafado que enchia a sala silenciosa.

Isso foi louco. Absolutamente louco. Ela não assustava facilmente. Mas então este foi um dia incomum, ela se lembrou.

Trazendo a sala de estar à vista, as paredes dançavam com as sombras da luz de velas piscando, o leve aroma da flor favorita de Eva, lavanda, lançado no ar. Mesmo com a familiar da fragrância prometendo oferecer a presença de Eva, uma estranha sensação de mal-estar agarrava às emoções de Karen.

Catalogando a sala, ela encontrou tudo como se lembrava, ainda decorada com o mobiliário aconchegante que seus pais adornaram. Nada parecia fora do lugar. Nem mesas viradas. Nenhum vidro quebrado. Porém... algo não parecia direito embora.

— Eva —, ela chamou. Nenhuma resposta. — Eva?

Ainda nada.

Suas sobrancelhas mergulharam quando uma realização veio a ela. A porta foi desbloqueada. Ok, algo realmente não estava bem aqui. Eva sempre trancou a porta.

Karen buscou na sala por uma arma. Suas viagens lhe ensinaram muito sobre o mundo. Karen pôde ser a mais ousada das duas irmãs, mas não era



uma tola. Ela aprendeu a se defender, e teve algumas ocasiões para se felicitar por isso. Como agora.

Encontrando um guarda-chuva no cabide, ela agarrou-o. Apesar de seu estado em frangalhos, ela não podia deixar de revirar os olhos. Karen nunca teve um guarda-chuva quando precisava. Eva tinha, é claro. Ela era sempre cautelosa e sempre preparada. O pensamento rapidamente deixou Karen séria novamente, quando à parte cautelosa a lembrou da porta destrancada e o silêncio assustador. A determinação renovada para encontrar sua irmã segura e bem a colocou em ação.

Cautelosamente Karen facilitou seu caminho para a cozinha, mas ela estava vazia. Em seguida, caminhou voltando-se para o quarto. Foi lá que encontrou Eva sentada na cama, olhando para a parede como se estivesse em uma névoa. Pelo menos 10 velas piscaram ao redor da sala, lançando sombras nas paredes.

Karen sufocou o impulso de correr em sua direção, sem saber com o que estava lidando. Eva parecia estar acordada, mas não. Como ela estava atordoada, talvez tendo algum tipo de reação ao trauma por ter perdido Mike. Karen inclinou o guarda-chuva contra a parede e, em seguida, acendeu a luz. Eva não se moveu.

Caminhando em direção a Eva, Karen a estudou, notando a palidez de sua pele. Até mesmo suas pupilas pareciam dilatadas, seus normalmente deslumbrantes olhos verde-mar, praticamente consumidos pelo preto. E estranhamente, ela não estava piscando.

Karen parou a alguns passos de Eva, e franziu a testa enquanto observava o traje de sua irmã, uma ultra difgana camisola branca que moldava seu corpo excessivamente magro, tão diáfano que Karen podia ver os círculos escuros ao redor dos mamilos de sua irmã. Não é uma roupa que se esperaria do luto de uma bastante tímida e conservadora viúva. Este era uma camisola que uma mulher usava para satisfazer seu amante.



Karen se ajoelhou aos pés da irmã. Pés, ela percebeu, que estavam no chão, sem medo do que estava debaixo da cama. Eva não era mais definitivamente ela mesma. Não que Karen saberia, estes dias.

Um doente sentimento de culpa reuniu-se no estômago de Karen. Karen nem sequer conhecia Mike, suas viagens a mantiveram tão distante. Não. Ela manteve-se distante, ela corrigiu.

Karen foi para a faculdade no instante que Eva se formou. Ela tentou Eva para ir com ela, mas ela queria ficar com Mike e se casar. Eva tinha se agarrado à estabilidade para sobreviver, enquanto Karen não queria qualquer parte de qualquer coisa que possa ser levado novamente. Ela fez a família feliz uma vez. Ela precisava de distância da perda que sentia nesta cidade.

Mas agora ela sabia que havia mais do que isso. No fundo de sua mente, ela sempre procurou algo que não conseguia colocar seu dedo. Algo indescritível que precisava e não foi capaz de visualizar, e muito menos encontrar.

E se aquilo que ela sempre procurou está aqui, bem na frente de seu rosto, ao lado de sua irmã? Mais do que nunca, Karen percebeu, ela deixou a sua irmã para trás em sua busca pelo desconhecido. Se perdesse Eva, ela desmoronaria. Eva era toda a família que lhe restava.

Engolindo a emoção, ela lentamente tocou no joelho de sua irmã, afastando-se após o minúsculo contato, com medo de assustá-la. Quando não houve nenhuma resposta negativa, nenhuma resposta em tudo, na verdade, colocou a palma de volta no lugar, sentindo-se confortada pelo toque. — Eva?

Nada.

Ela moveu a mão no rosto de Eva. — Eva, querida? Volte para mim.

De repente, Eva piscou e focou. — Karen?

Socorro. — Sim, querida. Sou eu. Eu estou aqui. Como você está?



Eva agarrou a mão de Karen de seu rosto e segurou-a no colo, entrelaçando os dedos com sua irmã. — Eu estou... esperando. Ele estará de volta em breve.

— Quem? — Coração de Karen apertou. Isso não era bom. Eva claramente estava em choque. Não admira que ela não atendesse o telefone. Elas precisavam ir para o hospital. — Mike?

— Mike? — Eva disse, inclinando a cabeça para o lado ainda que levemente, perplexidade em seus olhos arregalados. — Quem é Mike?

Oh, Deus. Era pior do que pensava. — Mike é o seu marido. — Era o que Karen pensou, dolorosamente. — Você não se lembra?

Com uma qualidade infantil, Eva parecia considerar as palavras de Karen, e um flash de dor disparou através de seus olhos e então tomou raiz. — Onde está Adrian? Eu preciso de Adrian. — Ela soltou a mão de Karen e, deslizou-a por seu estômago. Sua respiração tornou-se pesada. — Ele. Faz. A dor. Ir embora.

— Qual dor? — Karen perguntou urgente. — É o seu estômago que está doente? — Ela apertou as mãos no rosto de Eva. Sentia a pele tão fria. Mais com cada minuto que passava. — Fale comigo, Eva. Onde você se machucou?

Eva estremeceu e abraçou-se. — Estou com tanto frio. — Seus lábios tremiam. — Traga Adrian. Ele vai me fazer sentir melhor. — Sua voz começou a subir, e seu corpo tremia. — Ele prometeu levar embora toda esta dor. Eu preciso de Adrian.

Karen não sabia o que fazer. Ela empurrou os seus pés e puxou o cobertor da cama, puxando-o em torno de sua irmã. Uma vez que ele estava no lugar, ela afastou os fios de cabelo dos olhos de Eva. — Estou indo obter algumas roupas, e nós iremos para o hospital.

As mãos de Eva algemaram o pulso de Karen. — Não. Necessito... Adrian.



O olhar de Karen travou no pescoço de Eva, e sua respiração prendeu na garganta. Com a mão trêmula, ela afastou o cabelo de Eva de lado. Certamente ela não estava vendo o que ela pensou ter visto. Ela piscou várias vezes enquanto inspecionava as quatro marcas no pescoço da irmã. Não. Deus. Ela estava ficando louca, porque elas pareciam marcas de mordida.

Histórias de sua juventude, de monstros que atacavam as mulheres, mordendo-as, tendo favores sexuais e, em seguida, suas almas, correram para Karen.

— Eva — Ela engoliu. — O que é isso no seu pescoço?

Eva tocou as manchas que Karen inspecionava. — Adrian. Ele me fará gostar dele. Em seguida, ele disse que eu não vou ter essa dor.

Isso não poderia estar acontecendo. Os monstros eram mitos. Nada mais. Ela ouviu as histórias mais e mais, por anos, mas elas eram apenas isso. Histórias. Ela aliviou a mão de Eva de seu pescoço para que pudesse ver as marcas novamente. A visão esclareceu a necessidade de agir. Elas estavam indo para o hospital.

De repente, as velas tremeluziram como fez a luz acima. Segundos depois, o que parecia ser uma lufada de ar quente correu por Karen. Ela endureceu, olhando para a porta do quarto enquanto as velas pintavam o corredor com uma projeção de movimento sombrio. Então a escuridão.

— Você tem uma janela aberta? —, ela perguntou a Eva sem olhar para ela, observando a porta, não sabia o que esperava que viesse.

— Janela? — Eva sussurrou.

Karen balançou a cabeça. É claro que Eva não sabia. Ela não sabia nada agora. — Fique aqui —, disse Karen, não que sua irmã estava em forma para fazer qualquer coisa, muito menos isso.

Ela entrou no corredor, pegando o guarda-chuva ao longo do caminho. Uma vez lá, ela estendeu a mão para o interruptor na parede, meio surpresa

quando ele iluminou o salão. O que era estranho uma vez que as luzes do quarto estavam apagadas. Ainda assim, ela se sentia melhor já. Ninguém cortou as linhas de energia.

Cautelosamente, ela avançou pelo corredor, encontrando seu caminho para a sala novamente. Ela assumiu que nada parecia diferente de antes. Certificando-se, Karen foi até a janela, testando as fechaduras, encontrando-as todas seladas. Então, por que a onda de ar que ela sentiu... o ar condicionado? Não. Foi ar quente o que ela sentiu. Mas, então, talvez ele estivesse quebrado. De alguma forma, porém, não achava que era o caso. Agora, ela só precisava levar Eva para um hospital. Fora da casa, de modo geral, era uma boa ideia, também.

Ela começou a voltar para o quarto, ansiosa para ir, quando um grande espaço vazio na parede acima de uma cadeira de canto chamou sua atenção. Karen congelou, olhando para aquele local, sabendo o que pertencia ali. O retrato de Eva e Mike colocado na parede. Sua testa franziu. A lembrança devia ser muito grande para Eva. Então, o mais estranho pensamento veio a Karen... alguém tinha removido a imagem?

De onde essa ideia veio Karen não sabia. O que sabia era que a casa que sempre forneceu conforto de repente parecia sinistra. Ela estava cansada. Estava preocupada. E já passava do tempo de conseguir um jeito de levar sua irmã para o hospital.



Três horas depois de chegar ao hospital, Karen saiu do estéril, do quarto do tamanho de uma caixa de biscoito, onde sua irmã descansava e fechou a



porta. Ela se virou para o médico, um homem por volta dos cinquenta com cabelos grisalhos, que pediu para falar com ela em particular.

Agora que ele tinha-a sozinha, ele parecia hesitar.

— O que é isso, doutor? —, Perguntou ela, instando-o a falar. Sua paciência estava esgotando, o medo por irmã levando-a a empurrar. Ela queria respostas e seus nervos estavam em frangalhos, o corpo cansado e precisando de descanso. Mesmo um banho quente iria ajudar. Ainda usava o jeans preto combinando com uma camisa com um coração brilhante rosa sobre ela quando começou o dia. Felizmente para os pés cansados, mudou de botas para tênis.

— Esse tipo de coisa nunca é fácil de lidar —, disse o médico.

Oh, Deus. — O que é isso? — Karen perguntou com a voz rouca, o desespero evidente em sua voz, e ela sabia disso. Seu coração batia em ritmo rápido, ameaçando explodir em seu peito. — O que está errado com a minha irmã?

Ele limpou a garganta. — Nós acreditamos que sua irmã está sofrendo de depressão clínica. A perda de um cônjuge é um evento traumático. Intervenções neste tipo de casos são bastante perigosas. O melhor método para conseguir esse objetivo é um centro de tratamento capaz de cuidar tanto do corpo e da mente trazendo-os de volta para um lugar saudável.

— Depressão. — Karen disse que a palavra em um tom liso. — O que você está falando? Estou aqui por causa da lesão no pescoço.

— Sim, e você estava certa em trazê-la aqui. Ferimentos autoinfligidos podem ser bastante perigosos. Com as marcas em seu ombro e uma no braço dela, ela está em risco de infecção, para não mencionar potencialmente cortar uma artéria. Esse tipo de coisa...

— Você acha que minha irmã se machucou? — Karen perguntou descrença mesclada com um crescente sentimento de raiva. Ela veio aqui por ajuda, não isto. Certamente Eva se machucando cruzou sua mente, mas ela inspecionou essas feridas. De jeito nenhum elas eram autoinfligidas. Elas eram



muito precisas. Muito estranhamente colocadas. Não, ela não acreditava que Eva fez isso a si mesma.

O médico entrelaçou os dedos juntos na frente de seu corpo. — Estou certo de que Eva criou essas lesões nela mesma.

Karen piscou e balançou a cabeça ligeiramente, tentando obter um controle sobre a situação. — Aquelas marcas no pescoço dela... você não pode me dizer que acredita que ela poderia fazer isso sozinha. — Não era uma pergunta.

— É normal sentir um pouco de negação, Sra. Gibson.

A raiva à espreita sob a superfície pulsava a vida, mal contida. Seus lábios contraíram, estreitando os olhos no rosto do médico. — Essas marcas não eram autoinduzidas. Eu trouxe Eva aqui para atendimento médico, e não acusações. Qual é a sua condição física?

O médico deu a ela um olhar frustrado. — Como esperado com tais lesões, ela está fraca. Ela está desidratada e sua contagem de sangue está baixa. Eu gostaria de admiti-la para observação. Uma vez que ela esteja mais forte, espero que você considere permitir uma transferência para um centro de tratamento que podem lidar com seus outros problemas.

Outros problemas. Karen mal podia acreditar no que estava ouvindo. Sua irmã não se machucaria. — Essas marcas não são autoinfligidas. Elas se parecem com marcas de mordidas.

Rindo, o médico cruzou os braços na frente do peito. — O que você acha que morderia o pescoço dela? —, Ele perguntou diversão em sua voz. — Um dos monstros Metamorfo? — Ele acenou desdenhosamente a mão no ar antes de ficar sério. — Criar desculpas para sua irmã não a ajudará em nada.

Maldito arrogante bastardo. Ela sussurrou as palavras em sua mente para não dizer em voz alta. Isso não estava a nenhum lugar. Karen tinha que agir. Ela inalou e depois, lentamente, deixar sair o ar, pensando. Debatendo. Senhor, a ajudasse, e Eva nesse assunto, mas Karen sabia no fundo o que fez



essas marcas. Era um monstro. A questão era o que ela faria sobre isso? Como é que ela ajudaria Eva?

Karen pensou em voltar à casa de Eva, as luzes piscando e rajadas de ar quente. Ir para lá não era uma opção. Uma coisa é certa: este médico, e este hospital, não lhe ofereciam a ajuda que precisava.

Decisão tomada, Karen fixou o olhar no médico. — Ela é capaz de deixar o hospital?

— Eu não recomendo...

— Ela pode sair? — Karen repetiu com os dentes cerrados. — Ela está estável?

— Sim, mas...

Ela lhe deu um aceno de cabeça. — Faça o que você precisa e cheque-a para a alta. Estou recebendo uma segunda opinião.

— Eu realmente acho que ela deveria ficar a noite —, disse ele, em tom insistente.

Karen enrijeceu e firmou sua voz. — Cheque-a.

Ele suspirou e estudou, parecendo contemplar dizer mais. Então, com um aceno de cabeça, ele se virou. Karen o viu desaparecer em torno de um canto. No minuto em que ele estava fora de vista, ela deixou as costas estabelecerem contra a parede, inclinando a cabeça para descansar contra a parede e fechando os olhos. Uma mistura de cansaço e de medo percorria seu corpo, fazendo o pensamento racional fosse uma tarefa difícil.

O que deveria fazer agora? Ficar aqui não era uma opção. Eles não ajudariam Eva aqui. Isso a deixava tentado ligar a um médico local ou uma unidade para outra cidade para encontrar um hospital. Tempos como estes, ela sentia saudades dos pais mais do que nunca. Seu pai, por sua voz firme racional. Sua mãe, por seu conforto calmante.

— Desculpe-me.



A voz fez Karen saltar e empurrar a parede. Uma pequena morena cirurgicamente vestida parou diante dela. — Desculpe —, disse a mulher. — Eu não queria assustá-la.

— Está tudo bem. Eu só estou um pouco nervosa.

A mulher visivelmente tragou. — Eu queria falar com você sobre sua irmã. — Ela parecia hesitar. — Não formalmente.

Um chiado de advertência soou na cabeça de Karen. — Ok.

Inclinando-se para mais perto, a mulher baixou a voz. — Há um médico no Rancho Jaguar que lida com coisas como esta.

Rancho Jaguar desencadeou mais do que um chiado de advertência. Ele desencadeou um alarme completo. Esse era o lugar denominado nos mitos de monstros. De caçadores de monstros, na verdade. Os que matavam as Bestas Metamorfos.

Karen manteve sua expressão indiscernível, mas levou um pedaço de um grande esforço. — Como esta? O que quer dizer?

— Havia outra paciente que teve essas marcas. Seu pai estava todo assustado. Ele desapareceu por algumas horas e depois do check-up levou sua filha. Ele disse que estava indo para o rancho.

Karen não podia acreditar que estava entretida com isso. Não que ela fosse. Não realmente. — E o que aconteceu com a filha do homem? Você sabe?

— Eu a vi outro dia na cidade. Ela parecia bem. — A mulher exalou. — Olha —, ela disse, — Eu sei que isso é um pouco louco, mas a unidade para o hospital mais próximo que você tem direito passa pelo Rancho Jaguar. Talvez valha a pena parar e ver o que eles dizem.

Karen precisava pensar. Isso tudo era muito. Era impressionante. — Eu vou pensar sobre isso. Obrigada.



A mulher acenou com a cabeça e depois afagou o braço de Karen. — Por favor, não diga ao médico o que eu disse.

— Eu não vou.

— Boa sorte —, disse ela e, se virou e foi embora.

Olhando para ela, Karen sentiu-se como se pudesse estar doente. Será que ela ousaria ir para o Rancho Jaguar? Eva era tudo o que restava para ela. Ela tinha que fazer a escolha certa.

E tinha que fazê-la agora.

Capítulo Quatro

Ela devia estar louca.

No entanto, uma hora depois de deixar o hospital, Karen virou o carro alugado pela estrada de terra que levava ao rancho Jaguar. As histórias de monstros Metamorfos também vieram com contos de homens que caçavam. Aqueles homens viviam e trabalhavam no rancho Jaguar.

Se Karen iria acreditar que um monstro feriu sua irmã e, Senhor a ajudasse, mas ela não o faz, então, ela também tinha que ter fé na existência dos mocinhos que derrotavam os bandidos.

Um olhar para o relógio no painel do carro disse a Karen que era quase três horas da manhã. Não admira que cada músculo de seu corpo doía. Ela estava acordada há quase 24 horas sem esperança de descanso tão cedo. Não até que Eva estivesse segura. Ela não perderia Eva.



Piscando contra o peso de suas pálpebras, se concentrou em manobrar o carro sobre o cascalho e solavancos, odiando sua fraqueza quando Eva precisava dela. O sono não era importante.

Em ambos os lados do veículo, a superfície arborizada delimitava o caminho de cascalho. O efeito criava um muro entre ela e o céu, protegendo a visão do luar e lançando o carro em uma escuridão, profundamente natural. O impacto enfatizava a natureza isolada da localização, e Karen sentiu um arrepio correr por sua espinha. Talvez um aviso, mas ela empurrou-o longe. Seu intestino disse que esta era a decisão certa, e tinha que ver através. Além disso, a fazenda estava no caminho para a próxima cidade e hospital mais próximo. Parecia uma parada.

Karen apenas podia esperar.

Uma casa de dois andares ficou à vista sombria, e Karen sentiu a vibração de borboletas no estômago. Mais alguns momentos, e se viu parada em frente a um portão enorme, uma mensagem clara de dissuasão. Um toque de dúvida invadiu sua resolução.

Karen não podia ajudar, mas se perguntou se o portão protegia quem estava dentro, ou era o contrário? Será que protegia as pessoas tolas como ela, que se atreviam a vir aqui? A escuridão envolveu-a, fazendo seus arredores difíceis de decifrar. Karen sabia que a propriedade se estendia por milhas e milhas, muito mais densamente arborizada.

Ela colocou o carro no estacionamento e olhou para a casa em frente, visível, mas ainda longe há uma muito boa distância. E agora? Se ela faria isso, precisava agir. Com um suspiro, olhou para a irmã, que dormia com a cabeça contra a janela. Karen colocou um cobertor em torno de Eva e depois expulsou outro fôlego. Alcançando a porta, ela fez a única coisa que poderia pensar em fazer. Ela decidiu andar o resto do caminho, deixando Eva relativamente segura no carro.

Ela tinha que salvar sua irmã, e não importava o quão assustador, Karen de repente sentiu, houvesse além daquele portão, ela estava com mais medo do que aconteceria a Eva se não descobrisse. Cada instinto que possuía lhe disse que a salvação viria pela frente. Ela tinha que ir até o portão para encontrá-la.



Jag desmontou do cavalo no meio de uma clareira e tirou as luvas. Monitores de segurança haviam alertado para os visitantes. Ao lado dele, Des, seu cavaleiro mais confiável do mundo, fez o mesmo. De olho no carro parado em frente ao portão, Jag notou a ausência de um condutor, mas ele conhecia o carro, pela placa de licença. Se eles não estivessem de pé diretamente na luz da lua, ele não poderia acreditar em seus olhos. Mas era verdade. Ela estava aqui.

A mulher do aeroporto, de seus sonhos, na verdade estava aqui, em algum lugar.

Jag olhou Des para garantir que estavam na mesma página. Des deu-lhe um aceno de cabeça. Ele também reconheceu o carro alugado como pertencente à mulher que seguiu várias horas mais cedo.

— Você nunca me disse quem ela é —, Des comentou, dando um passo à frente de seu cavalo para ficar ao lado de Jaguar.

Era uma pergunta.

Uma que Jag não tinha a intenção de responder.



Ele não gostava de ser pressionado, e Des sabia isso muito bem. Des também sabia que ele era uma das poucas pessoas que poderiam fugir com ele. Jag manteve seus homens na linha. Ele tinha que fazer. Sua vida significava ser preparado, ser focado. Des estava com Jag quase um século, porém, e em algum lugar nesse tempo, ele deslizou passando paredes de Jag.

Mas não desta vez. Não sobre isso.

Jag cortou Des com um olhar duro destinado a cortar o curto estímulo. — Eu vou deixar você saber quando tenho algo a dizer.

Des não desviou. — Foda-se, Jag —, disse ele, xingando em espanhol, como sempre fazia quando frustrado. — Não me trate como um cavaleiro inexperiente. Você sabia o suficiente para segui-la. — Ele estreitou seu olhar. — Mantenha-o real, cara. Nós dois sabemos que você simplesmente não quer me dizer, apenas diga isso.

Deixou Des dizer como ele era. — Eu sei que ela é o problema —, disse Jag, e isso era verdade, era tudo que tinha para oferecer agora. — Isso é o suficiente.

— Ela é o problema, — Des disse, seu tom plano. Ele bufou e deu uma tapinha em seu cavalo. — Isso é o que você diz sobre todas as mulheres.

Jag manobrou para enfrentar Des, enquadrando os ombros enquanto ele se preparava para emitir uma reprimenda familiar. — As mulheres são problemas e é melhor se lembrar disso.

Desta vez o cavalo de Des bufou. Ele era do sexo feminino, bastante apropriado para Des, que amava as mulheres. — Shh, — Des disse, deslizando a mão sobre o nariz. — Ele não quis dizer isso, cariño.

Jag olhou para o amigo e balançou a cabeça. Des sempre achou uma piada para esconder atrás. Alto e escuro, Des usava os cabelos castanho avermelhados na altura do queixo e selvagens no lado. Uma cicatriz acima de seu lábio atraía os olhos. Sua linhagem metade índia era mais evidente do que seu lado espanhol em suas maçãs de rosto salientes e queixo cinzelado.



Mas era o nervosismo cru que Des usava como uma segunda pele que o fez tão distinto. Seu escudo pode ser seu exterior calmo, mas a maioria sentia o que estava por baixo, mesmo temia. Exceto as mulheres. Elas descobriam o sedutor. Des poderia levar uma mulher a se render mais rápido do que poderia com um homem no campo de batalha, o que era muito rápido.

Jag fez uma careta. — Você abusa da sorte, meu amigo, e hoje não é um dia para me testar.

— Você diz isso o tempo todo, muito bem, — Des respondeu, sorrindo, seus brilhantes dentes brancos brilhando a luz do luar.

Jag encarou Des, imóvel, meio por causa da dispensa de Des de sua advertência, e meio porque ele ainda estava processando as implicações desse carro estar aqui... da mulher que veio com ele.

— Isso não é brincadeira, Des. Você está dirigido para o problema. — Silenciosamente, acrescentou, eu já encontrei... uma loira sedutora depois da minha alma.

Des prendeu Jag em um olhar, sua voz grave. — Você sabe por que eu sou como eu sou. Sexo acalma a besta.

Muitos dos cavaleiros sentiram isto, Jag incluído, até esses sonhos. Ainda assim, alguns dos homens, Des especialmente, procurava e tomada com muita frequência. Muito livremente. Sexo levou a extremidade da borda, sim. Mas durante... durante o ato era volátil. O homem não tem o controle completo... o animal vivia. Eles todos sabiam. Jag temia-o para todos os seus homens.

— Se fosse esse o caso, — Jag respondeu, — você estaria malditamente perto do coma de tanta atividade — Uma visão do seu sonho brilhou na mente do Jag. De morder o ombro da mulher. Um músculo em sua mandíbula saltou enquanto ele emitia um aviso como sempre fazia a Des. — Um dia isso vai se voltar contra você. Um dia você não será capaz de parar no simples prazer. Em vez de acalmar, você vai instigar. A besta não vai parar em simples prazeres do corpo. Ela vai fazer você tomar mais. — Ele cortou o olhar, receoso pelo



medo que seus sonhos evocados iriam mostrar em seu rosto, sua voz mostrava muita convicção.

Silêncio clicado como um temporizador no ar. Um segundo. Dois. Então, — Você está evitando o assunto, — Des disse, fazendo o mesmo sobre o assunto que Jag acabara de lançar. — Eu segurei minha língua à medida que nós a seguíamos hoje, certo de que você iria me dizer quando o momento certo chegasse. Ela está aqui agora. O momento agora é o certo.

Jag não respondeu antes, nem iria agora.

Des recusou-se a recuar. — Quem é ela e por que está aqui?

Jag enfiou as luvas no saco de couro pendurado na sela de seu cavalo. — Como eu disse, quando eu souber mais, eu vou te dizer. — Seu tom era agudo, cheio de autoridade, irritação clara. O assunto foi encerrado. Jag empurrou o queixo para frente. — Vamos. — Ele começou a andar, e logo Des seguiu.

Uma vez que estavam ao lado do carro, Des olhou para a janela do passageiro enquanto Jag fazia o mesmo no lado do motorista, ambos reconhecendo dentro uma mulher, desconhecida. Endireitando-se, Des olhou para Jag sobre o telhado. — Se eu abri-lo, ela pode cair. Ela está inclinada sobre a janela.

Acenando com a compreensão, Jag abriu a lateral do carro, perguntando onde o motorista foi. O motor ainda estava funcionando, o sopro de ar para manter o carro meio fresco. Mesmo com o sol se pondo, fora estava perto de 90º.

Jag inclinou-se sobre o assento, inspecionando a loira pálida e observando a familiaridade de sua mulher de sonho. A sedutora que ele não podia tirar de seus pensamentos. O que trouxe à mente o sexo, sedução... e problemas. O único que tinha gosto de céu, mas desafiava-o para o inferno.



Esta mulher era mais fina, mas ela compartilhava a mesma estrutura óssea, as mesmas altas maçãs do rosto. Talvez esta fosse sua irmã. Sim. Tinha que ser. No mínimo, uma parente.

Chegando através do carro, Jag retirou a mulher porta a fora, desenhando um murmúrio dela, mas nada mais. Sua pele estava fria. Muito fria. Isso era tudo o que precisava dizer-lhe do por que ela estava aqui. Ele se levantou e fixou um olhar para Des. — Cheque-a para as marcas.

Um momento depois, Des olhou para ele sobre o telhado de novo, e confirmou o que já sabia Jag. — Ela está marcada, reivindicada por uma besta, sem dúvida. Quem a trouxe aqui provavelmente salvou sua vida. — Seus olhos se estreitaram. — Os Darklands querem essas mulheres. Por quê?

— Eu não sei —, disse Jag, e era a verdade. Ele não poderia ter respondido se ele quisesse.

Darklands usavam frequentemente humanos para o prazer, mantendo-os em um estágio de transe até que estivessem junto com eles. Até que eles matavam. Que pegou a parente da mulher de seus sonhos por acidente era improvável. Então, novamente, neste momento, ele não estava descartando uma armadilha. Por tudo o que sabia, as mulheres eram iscas de algum tipo.

Por enquanto, ele precisava lidar com o que era urgente. Eles precisavam levar a mulher ferida ao seu Curandeiro. — Corte pela floresta e leve-a para Marisol enquanto ela ainda tem uma chance. Eu vou encontrar a outra e lidar com o carro.

Jag desligou o motor do carro e guardou as chaves. Se ele tivesse problemas para encontrar a mulher desaparecida, ela eventualmente voltaria para o carro. Se pudesse encontrá-lo, claro.

Com um sussurro, Jag chamou o cavalo para frente. Ele montou Diablo, e se inclinou para frente, acariciando o animal em recompensa por sua resposta. Embora ele nunca dissesse uma alma, o nome tinha significado para ele. Ele foi o nome do cavalo que Jag foi montar no dia que conheceu Caron.



As lembranças estavam vindo de volta para ele com uma força dolorosa. Memórias que ele tinha enterrado há muito tempo.

Ao lado dele, Des colocou a visitante ferida em frente a ele. Ela se manteve de pé, como se acordada, mas olhava para frente, um olhar vazio em seu rosto.

Des aliviou emparelhando sua égua com Diablo. — Você quer que eu mande uma equipe de busca para ajudar?

— Não —, Jag disse, desfazendo-se da ideia rapidamente. — Basta levá-la para Marisol.

Des olhou para ele um tempo muito longo, e depois chutou os calcanhares, colocando o cavalo em movimento. Ainda assim, Jag sentava-se, imóvel. Pensando sobre as implicações dos eventos do dia. Pensando nela. A mulher que o seduzia em seu sono. Ela o levou à submissão e retirou-lhe do controle que ele valorizava tão completamente.

O que era esta mulher para ser capaz de fazer uma coisa dessas dentro de sua mente e fazê-la se sentir tão real? Palavras de Salvador veio a ele então. Ela é importante. Mantenha-a perto. Direito. Manter uma mulher que é pura tentação perto. Uma mulher que o faz querer coisas que não deveria. Uma mulher que pode roubar sua alma se ele deixar.

Narinas de Jag se dilataram com uma rajada de vento. Com o cheiro da mulher tão perto, as imagens de seus sonhos saltaram em sua mente. Dela nua, pressionada perto dele, seios fartos saltando enquanto ele se movia dentro dela. E já sentia a pequena extensão de seus caninos. Sentia a fome para saboreá-la. No interior a besta queria provar o sangue de sua carne. Devorá-la. E de lá, ele sabia o que viria a seguir. Ele iria destruí-la. Sangue trazia a raiva para matar sobre uma besta.

Esta mulher não sabia o que ela lhe pedia nesses sonhos. Se ele tomasse do seu sangue, ele certamente tomaria o seu último suspiro. Agora, ela estava aqui, viva. Real. E ele já provara a tentação em seus lábios.

— Droga —, ele murmurou, dando ao cavalo um pequeno empurrão com suas botas para iniciá-los em movimento.

Não poderia haver nada de bom vindo disso.



Karen não tinha tanta certeza se a caminhada foi uma boa ideia. O caminho era escuro e sem dúvida, infestado de cobras. Este era, afinal, Texas, onde cascavéis eram maldição, perto de tão comuns como cães.

O som de um cavalo aproximando trouxe parte alívio e parte tremor enquanto ela se virava para ele. Será que o condutor seria amigo ou inimigo?

Não houve tempo para decidir o que ela faria se este fosse o caso antes de um garanhão negro aparecer ao seu lado. Karen inclinou o queixo para cima para ver o homem montado nele, surpreendida pela visão que ele fez, largo e forte, no alto. Ela piscou para ele, tendo um pressentimento sobre a aparência do cabelo longo e escuro e olhar penetrante. A palavra guerreiro veio à mente. Seus olhos se estreitaram em sua forma, cortando a escuridão quando o reconhecimento a pegou.

Não podia ser... sim, era.

Para sua total, completa surpresa, ela encontrou o homem do aeroporto. Seus olhos encontraram os dela obscuros, e apesar das sombras da noite, ela sentiu o contato da cabeça aos pés, a intensidade bastante assustadora. Uma montanha-russa de emoções tomou conta dela. Luxúria, medo, desejo, mesmo descrença, corria através dela como uma rajada de vento selvagem. Nesse momento, ela quase podia sentir seus lábios nos dela novamente. Quase sentir seu aroma picante masculino.



Ela deu um passo para trás, obrigando-se sair de qualquer feitiço de sua aparência, ou talvez a falta de sono, lançara. A lógica dizia que este homem significava problemas. Ele a seguiu. De que outra forma estava no aeroporto? A coincidência era muita. Talvez, ele estava realmente envolvido no que estava acontecendo com sua irmã.

Com esse pensamento, ela entrou em ação. Ela não pensou, só levantou voo em direção ao carro. Adrenalina bombeando através de seu corpo, o coração batendo contra o peito com batidas rápidas. Ela tinha que chegar até Eva e sair daqui.

Mas ela deixou apenas alguns metros quando se viu puxada firmemente contra o corpo duro do estranho, de costas para o peito. Ela tentou chutar e lutar, mas ele a segurou com facilidade. Fora as caracteriscas lágrimas queimado na parte de trás de seus olhos, como o medo, não por si mesma, mas para sua irmã, tomou força.

De repente, a boca do homem estava perto de seu ouvido. — Quando você terminar de lutar, deixe-me saber.

Suas palavras a enfureceu, quando deveria ter medo. Mas a raiva parecia melhor do que o medo, mais poder, e se agarrou a ela, chutando com energia renovada. Energia que não obteve nada e rapidamente começou a virar para a derrota. Ela odiava estar fora de controle como este. Odiava o sentimento como se não pudesse fazer nada para mudar o resultado do que ocorreu.

Para seu espanto, o estranho riu. Por alguma razão, teve a sensação de que ele estava zangado com ela. Não era como no aeroporto. Este foi mais escuro. Quase... condenando. Ora, ela não entendia. Mas estava lá, sob as provocações. Sob o som baixo, abafado do riso.

Ela lutou um pouco mais, dando o seu melhor esforço para prejudicá-lo e ficar livre. Finalmente, teve que enfrentar os fatos. Este plano não estava funcionando. Ela parou de se mover, ainda tentando pensar. Não era uma tarefa fácil com ele segurando-a tão perto. Ele chegou a ela, este homem, e



ela se sentiu envergonhada. Ele podia ser o único que machucou sua irmã, ele poderia ser Adrian. Apesar de, por algum motivo que não poderia começar a entender, sabia que não era verdade. Ela sabia que ele não iria realmente machucá-la. Ainda assim, ela tinha que agir com lógica, e não sentimentos.

— Você tem um temperamento que seria mais adequado em uma ruiva —, comentou ele, diversão em sua voz. — Mas, então, eu gosto do loiro. Combina com você.

Ela respirou fundo, enquanto um arrepio corria por sua espinha, nascido do impacto de sua voz, tão profunda e masculino, as notas aveludadas acariciavam suas terminações nervosas. Ela fechou os olhos, certa de que ele usou magia para manipulá-la.

— Vamos. Deixe-me. Ir.

— Sem chance —, ele disse suavemente. — Pelo menos, ainda não.

Sua mão repousava em seu estômago e ela podia sentir os dedos abertos. Mais uma vez, ela sentiu o sentimento familiar. Uma imagem passou em sua mente. Dele nu, abraçando-a. Tocando-a. Dele rindo de algo que ela disse. Ela queria derreter-se contra o estranho, para torná-lo real. Parecia... feliz. Ela balançou a cabeça. Não! Não era real.

Ela tentou empurrar para longe as imagens, tentou rejeitá-las. Ainda assim, os sentimentos que elas criaram persistiam. — Por que você está fazendo isso? —, Ela sussurrou.

Ele não respondeu imediatamente, ao invés seu corpo parecia absorver dela. Chegando mais perto. Como se ele, também, estivesse vendo as imagens. Ou, talvez, focado na criação delas. Ela não sabia. Em que momento do tempo, ela não se importava.

O aroma dele, masculino e um pedaço de bosque, cercavam com uma sensação familiar de conhecer este homem. O tempo parecia ter parado. Um chiado começou baixo de seu corpo, dançando ao longo de suas coxas e construindo em uma dor. Mesmo sabendo que ela estava sob algum tipo de



feitiço, a sensação de calor e desejo começou a consumir a mente e o corpo. Ela sentiu como se estivesse à deriva em um nevoeiro. Uma névoa de luxúria preenchia.

Então, abruptamente, o encanto foi quebrado. Ele falou, e desta vez sua voz saiu dura. Quase áspera. E a raiva. Ela a sentiu novamente. — A garota no carro esta segura. Eu a levei para casa.

Ele a deixou ir, o calor de seu corpo desapareceu. Ela se abraçou enquanto se virava, de repente, gelada sem razão no meio de uma noite escaldante do Texas. Quando ela o trouxe à vista, ela encontrou o estranho caminhando em direção a seu cavalo. Ela ficou ali, olhando para ele, sem saber o que fazer.

— Você tem Eva? —, Ela perguntou. — Você tem a minha irmã?

Karen viu quando ele montou o garanhão, e então manobrou o animal de lado para olhar para ela. — Sim, eu tenho. — Ele olhou para ela por alguns segundos e, em seguida, estendeu a mão. — Você vem ou não?

Havia apenas uma resposta, e ambos sabiam disso. Ele tinha sua irmã. É claro que ela era muito bem vinda!

Ela começou a andar em direção a ele, sentindo-se como se estivesse seguindo o diabo para a destruição. Ela pensou em toda a sabedoria monstro dela, de como eles poderia controlar a mente humana. Ele fez isso com ela. Ela tinha certeza disso. Por que mais um estranho a despertou de tal maneira?

Ele tinha que ser um dos monstros.

Ainda assim, ela aceitou sua mão, oferecendo-se voluntariamente para seguir. Porque, Senhor, a ajuda-se, quando seus olhos escuros encontraram os dela, luxúria transbordava pelas extremidades, dizendo-lhe que a queria, ela o queria. Ela queria dar-se a ele. Sua irmã foi talvez morta, e ela estava se sentindo toda molhada e querendo mais de um homem que poderia muito bem ser a causa.



E de alguma forma ela sabia que nada neste mundo jamais seria o mesmo. A vida tomou um rumo drástico. Lá no fundo, sentia que esta noite, esses eventos, de alguma forma jogavam para o destino que ela sempre procurou. O único motivo que manteve suas viagens, mantendo seu olhar para o que ela não podia tocar.

Todos esses anos sentindo que estava procurando alguma forma de voltar para o aqui e agora. De volta para sua cidade natal.

Uma cidade manchada de sangue. Será que agora daria a ela?

Capítulo Cinco

Pelo tempo que Jag trouxe Diablo até parar na frente da casa, tendo as curvas suaves da mulher de seus sonhos apertadas contra o seu corpo, ele estava pronto para quebrar. Ele não podia se afastar dela rapidamente.

Dois de seus cavaleiros correram. — Tome a mulher —, ele ordenou ao que se tornou conhecido apenas como Rock. Com apenas 50 anos de idade, embora ele não parecesse ter mais de vinte anos, era o bebê do grupo e ainda precisava de muita preparação. Muitas vezes o temperamento quente de Rock tinha o melhor dele, e ele agia antes de pensar.

— Qual é o seu nome, querida? — Rock perguntou-lhe enquanto ele a colocava no chão.

Desta vez, pode não ser o seu temperamento, que o colocaria em apuros. Por alguma razão desconhecida, Rock chamar esta mulher de querida enervava Jag. Desmontando do cavalo, Jag ficou ao lado Diablo. Ele não devia se preocupar que outro homem poderia encontrar esta mulher atraente. Mas ele estava. Droga, ele estava. As coisas que ela evocava dentro dele, primitiva



e selvagem, eram perigosas para os homens como eles. Não. Feras como eles. Ele não confiava nela. Ele não podia permitir-se confiar nela.

— Onde está minha irmã —, ela perguntou, fixando sua atenção em Jag, sua voz apenas mal insinuando um tremor.

— A outra mulher já está com Marisol, — Rinehart, o segundo Cavaleiro ofereceu conversando com Jag, não com Karen.

— Ou seja, a minha irmã? — Karen perguntou, mudando sua atenção para Rinehart, uma demanda em sua voz. Todos os sinais de medo se foram, determinação enchendo sua voz.

A expressão dos profundos olhos azuis de Rinehart era de gelo. Um chapéu de cowboy contava sobre sua velha educação de bom garoto, mas o zumbido cortando abaixo tinha a marca de um militar que não gostava de desordem. Ele também sentia que essas mulheres traziam problemas. Jag poderia vê-lo em sua expressão.

— Se a mulher no carro era sua irmã, senhora —, Rinehart demorou — então, sim, ela está segura.

— Leve-me para ela, — ela ordenou, sua atenção voltou a Jag novamente, descartando Rinehart como se tivesse descoberto que ele não tinha o poder. — Eu quero ver a minha irmã.

Rinehart respondeu como se ela falou com ele, nunca um ser deixado de lado facilmente. — Se você quer que sua irmã viva, deixe nosso Curador trabalhar. Ela não pode ter distrações.

Ela o ignorou, mas fechou os punhos nos seu lado, um sinal de crescente frustração. — Leve-me para a minha irmã —, ela exigiu com os dentes cerrados.

Silêncio seguiu enquanto Jag travava olhares com ela. O ar estalou com a expectativa de seus homens. Ninguém ordenava em torno de Jag. Ninguém. Ele assumia o controle, e ele salvou vidas fazendo isso. Ele disse que não.



Todo mundo sabia que era final. Todos, exceto esta mulher, cujo nome ele ainda não sabia.

Curiosamente, em vez de raiva em sua demanda na frente de seus homens, ele encontrou-se admirando sua coragem. Ele podia sentir o medo dela. Todas as bravatas do mundo não iria esconder isso dele ou de seus homens. Os Cavaleiros eram animais disfarçados. Eles podem saborear medo tão facilmente como podiam a sua própria respiração. E ela cheirava a isso... mas, ainda assim, ela levantou-se para ele.

Quando ela estava lá, de forma muito corajosa, tão determinada a ver sua irmã, Jag queria jogá-la por cima do ombro e levá-la para casa. Para enterrar-se profundamente em seu interior, calor quente e úmido, fazer amor com ela até que gritasse seu nome.

O pensamento, espontaneamente, engrossou o pau dele e enviou uma onda de calor através de seus membros. Ele lembrou a Jag da tentação que ela representava, e o mal que ela trouxe a ele durante seus sonhos.

Ela não podia ver sua irmã agora. Ainda não. Não até que terminasse o que devia ser feito. Além disso, ele ainda não tinha ideia se era amiga ou inimiga. Por enquanto, ela era o inimigo. Se ela estava de alguma forma alinhada com as Darklands, ela poderia colocar seus homens em risco.

E em seus sonhos, ela certamente tentou levá-lo a fazer o que só um Darkland faria. Mordê-la... e depois quem sabe o que poderá acontecer. Talvez, ele iria matá-la e sua alma junto com ela.

— Você vai ver a sua irmã, quando eu disser que irá vê-la. Deixe nosso Curador fazer seu trabalho. — Ele se afastou dela dando a Rinehart uma ordem. — Leve-a para um quarto e a mantenha lá até que eu diga o contrário. — Com as palavras, ele partiu para a casa.

— O quê? — Ela engasgou, gritando atrás dele. — Não! Leve-me para a minha irmã.

O som de uma luta seguiu, mas Jag não olhou para trás. Nem sequer considerou responder. Ele precisava de espaço e tempo para pensar. Tempo sem essa mulher deixando seu corpo com furiosa luxúria.



Apenas alguns minutos depois de deixar os seus homens lidando com a loira cabeça quente, Jag abaixou a mão no longo, revestido de couro, bar no canto da cova. Pegou um copo encheu-o com Bourbon, e tomou um gole muito necessário. O líquido caramelo aqueceu sua garganta e parte de sua língua, deixando seus sentidos se concentrar em algo além do desconhecido que invadiu sua vida.

Seus olhos percorreram as paredes revestidas com fileiras de livros. Espontaneamente, Caron veio à mente. Ela recolheu revistas de viagens pessoais de qualquer um que desse a ela, usando-as para imaginar onde o pai dela, um membro das explorações LaSalle¹, poderia estar. Ela falaria por horas a fio sobre o que leu, o que ela imaginava.

Ele olhou para os volumes de ficção, história, ciência, em torno dele, tudo o que ele tinha tocado, lido e estudado. Em sua vida muito longa, ele teve tempo de sobra para olhar e aprender. Se apenas um desses livros tivesse as respostas que precisava. Mas nenhum deles fez. Um mundo cheio de conhecimento nesta sala, mas nenhum perto de responder às perguntas que ele precisava respondidas.

Bateram na porta um segundo antes da abri-la. Não foi uma surpresa quando Des mostrou-se, sem se preocupar em esperar por uma resposta.

¹ [LaSalle](#): Rene Robert Cavelier, mais tarde conhecido como senhor de LaSalle, explorador visionário francês, ficou conhecido pela exploração da bacia do rio Mississippi, que chamou de Louisiana em homenagem a seu rei, na tentativa de ampliar a base do império francês na América.



Nenhum outro faria uma coisa dessas. Des entrou na sala, rapidamente fechando a porta novamente e atravessando para o bar.

— Foda-se, — Des murmurou enquanto caminhava, deslizando sobre um tamborete alto para trás e, em seguida, pressionando as mãos no balcão como se estivesse exausto. — Eu preciso de uma bebida. — Ele balançou a cabeça. — Falando sobre selvagem. Essa loira que você transportou é uma diabinha. Seu cavalo pode não merecer ser chamado de diabo, mas a mulher no andar de cima, eu a chamaria de Diabo.

Jag apertou a garrafa Bourbon. De todas as coisas para Des ligar a ela... — Por que você diz isso?

— Derrama —, Des disse, apontando para a garrafa, as sobrancelhas imersas. Quando Jag não respondeu com rapidez suficiente, ele acenou novamente. — Estou com sede, homem.

Jag rangeu os dentes e derramou. — Você acha que a mulher é o mal. — Não era uma pergunta. Era uma demanda urgente, para ser cumprida.

— Se chutar as bolas de um homem não é mal, então eu não sei o que diabos é.

Des inclinou o copo para trás, esvaziou-o em um longo gole e depois o colocou sobre o balcão. Ele apontou para uma recarga. Era difícil para um cavaleiro ficar bêbado, muitas vezes levava o dobro de álcool que teria um ser humano, mas, ocasionalmente, Des dava-lhe um bom esforço. Aparentemente, esta noite era uma dessas ocasiões.

Jag derramou. — Ela chutou você nas bolas?

— Eu não, — Des disse com uma risada incrédula. — Desde quando uma mulher enterra um joelho em qualquer lugar que eu não queria que coloque?

Jag compreendeu. — Rock. — O jovem Cavaleiro tinha muito a aprender.

— Merda, sim —, confirmou Des. — Chutou perversamente forte também. — Ele fez uma careta e tomou um gole como se o pensamento o fez



precisar. Quando ele colocou o copo na mesa, ele levantou dois dedos. — Duas vezes.

Jag e Des olharam um para o outro e, em seguida, no mesmo momento, explodiram em risadas. Embora Jag sabia que essa não era a hora de estar brincando ao redor, ele não podia deixar de responder. Des tinha esse efeito sobre ele, por algum motivo inexplicável. Ninguém mais tinha a capacidade de levar a borda o seu humor negro. E, como muitas vezes antes, o riso compartilhado com o seu cavaleiro mais confiável do mundo, ofereceu um momento tão necessário de escape das emoções que enrolavam Jag.

— Aquele garoto pode encontrar problemas, não pode? — Jag perguntou, balançando a cabeça, e descansando o peso no bar, com as palmas para baixo.

— Às vezes, acho que ele olha para ele, — Des disse, e parte da diversão deslizou de sua voz.

— Ele só é um cavaleiro por 25 anos. — Daí porque, sabia que Des cometeu erros, ele acrescentou, — Acredite ou não, você não foi tão diferente em seu início.

Des olhou-o incrédulo. — Eu vou fingir que apenas não me insultou simplesmente porque temos negócios a tratar.

Jag elevou a testa um pouco em questão, não tendo nenhuma intenção de doar nada que Des não retirasse dele. Como ele explicaria o que nem mesmo ele não entendia?

— Quem é ela, Jag? — Des perguntou, voltando à pergunta óbvia queimando em sua mente. — Nós dois sabemos que este não é um ataque Darkland aleatório.

— Provavelmente não —, respondeu Jag, sabendo que Des foi juntando as peças do quebra-cabeça e ele pode muito bem dizer-lhe o que estava acontecendo.



— Isso tem algo a ver com por que você foi ver o Salvador. — Ele deixou as palavras estabelecer-se entre eles, então, — Por causa daquela mulher.

Jag lhe deu um aceno rápido, mas não ofereceu nada mais. — Certo.

Des ficou lá alguns segundos, como se esperasse Jag explicar. Por fim, ele cortou uma mão no ar em óbvia frustração, então, pressionou as palmas das mãos no seu jeans que revestia as coxas. — Tudo bem —, disse Des. — Isso é como arrancar os dentes. Vamos levar isso devagar. Você foi ver Salvador e você já sabia sobre a mulher.

— Certo — Jag relutantemente concordou. — Eu sabia sobre ela, mas não a irmã.

— Como? — Des questionou, atirando de volta a palavra desafiadora em um flash. — Quem é ela?

— Eu tenho... — Jag hesitou.

Ele confiava em Des, mas isso era complicado. Como líder dos Cavaleiros, ele tinha que ser forte. Admitir que essa mulher assombrava seus sonhos podia causar preocupação ou enfraquecê-lo há seus olhos. Ele não podia permitir isso. Sua capacidade de liderar ajudou a mantê-los vivos. Não. Por enquanto ele tinha que manter a boca fechada. Até que ele soubesse mais.

Des sinalizou com a mão. — Você tem o quê?

— Nada. — Jag disse, e em seguida, pegou o controle, deslizando em modo de liderança, o lugar que ele ia para erguer as paredes. — No momento, eu quero as duas separadas e fechadas à chave. Ninguém vai perto delas, a menos que seja absolutamente necessário. E eu preciso de um relatório sobre a condição da ferida mais rápido possível.

Silêncio.

Os dois cavaleiros olharam um para o outro. Des procurou no rosto de Jag por longos momentos. Então, claramente decidiu que ele empurrara muito duro para que ele fugisse, ele se levantou. — Basta responder uma pergunta.

Qual é a nossa pauta com essas mulheres? Estamos tratando-as como o inimigo, ou as protegendo?

— Eu vou deixar você saber quando eu decidir, — Jag respondeu.



Des subiu as escadas para o segundo andar de duas ao mesmo tempo, sentindo o pulso de urgência em seu sangue. O que diabos estava acontecendo?

Ele precisava de respostas. Algo não estava certo com Jaguar. Ele havia sentido isso antes. Ele sabia agora. Jag não o expulsaria assim. Não por anos. Ele fechou todos os outros fora, mas não ele. Não Des. Não depois de anos de luta lado a lado. De assistir as costas um do outro. De noite, quando tudo parecia perdido, quando eles iam encontrar algumas histórias de garrafa e derramavam seu passado. Coisas que eles juravam não era verdade, à luz do amanhecer, mas ambos sabiam que elas eram reais.

Eles confiavam um no outro.

E Jag não fechou Des fora.

Des rangeu os dentes. Mas Jag fechou-o. Ele malditamente tinha certeza. De alguma forma, Des foi rebaixado para o mesmo local como o sexo na vida de Jag... necessário, portanto, tolerado. Foda-se, pensou, tentando processar as implicações.

Sexo pode ser o problema. Sua espécie não poderia privar seus impulsos, ou ele deixava-os um pouco malucos. Ele levava para casa à besta. Jag pensava que o contrário só poderia acontecer um dia, por isso ele escondia



suas necessidades. Esse foi um dos únicos assuntos que ele já não concordava com seu líder.

Quanto tempo fazia desde que Jag esteve com uma mulher?

Muito tempo, com certeza.

Tomando o último passo para o nível superior, Des encontrou Rock do lado de fora de um dos quartos vagos, a porta aberta exibia Marisol, inclinando-se sobre a mulher doente.

As narinas de Des se dilataram com o aroma suave de velas acesas. — Como ela está? —, Ele perguntou, focando em Rock novamente, não surpresa que ele estava aqui. Era óbvio que o jovem cavaleiro queria o curador de uma forma grande.

De qualquer modo nunca vai acontecer.

Curadores tinham um propósito mais elevado, e as tentações da carne foram proibidas para eles. Des conheceu várias curadoras em seu século de vida. Eles tendem a ser bastante reservados sobre os propósitos mais elevados, mas todos eles, até o último, tratavam das regras colocadas sobre eles como o ouro.

Mas era de Rock que estávamos falando. Só Deus sabia, ele gostava de quebrar as regras. Rock pode fazer a sua coisa com outras mulheres, mas apenas porque ele não tinha outra escolha. Des apostava que o bastardo doente pensava em Marisol, enquanto estava com as outras.

— A mulher não está respondendo —, disse Rock. — Marisol está preocupada.

Grande. Ela não falaria tão cedo. Des precisava de alguma coisa, qualquer coisa, por aqui. — Será que pelo menos sabe o nome dela?

— Eva, — Rock disse. Uma batida na porta fechada diretamente a esquerda de Des começou, e Rock gemeu. — Esta é Karen. A barulhenta que eu não posso ir —, ele levantou a voz, — cala a boca. — Ele voltou para o seu



tom de voz normal. — Você sabe que Marisol precisa de tranquilidade para curar. — Ele se inclinou para dentro do quarto onde trabalhava Marisol e sussurrou um pedido de desculpas antes de puxar a porta fechando-a. — Se Karen sabe o que é bom para a sua irmã, ela vai fechá-la.

Des olhou para a porta, onde um novo estrondo começou a bater. Ele caminhou para ela, descansando a palma da mão sobre a superfície, considerando suas opções. Talvez conversar com Karen sobre sua irmã. Sobre Jaguar.

Mas, enquanto ele aplainava a mão sobre a madeira, ele sentiu um calor irradiando através da porta. Des puxou a mão longe, percebendo que Karen tocou a superfície, ao mesmo tempo em que ele fez. Conscientização e alerta correram através de seu corpo, como um alerta vermelho indo a sua mente. Tomando um passo para trás, Des ficou chocado com a magnitude do que ele sentia.

Como um cavaleiro, em batalha, muitas vezes ele sentiu uma força por trás dele. Um poder que nem sequer tentou entender. Havia algo de outro mundo sobre quem e o que eles eram e todos sabiam disso. Segredos os cercavam que mesmo eles, os Cavaleiros os Brancos não entendiam.

No entanto, agora, com o fogo queimando um aviso em suas veias, ele sabia que algo grande estava para acontecer. Algo além do que ele enfrentou até o momento.

E a mulher por trás dessa porta, talvez mais besta do que beleza, estava no coração dele.



Capítulo Seis

Jag encontrado Rock de guarda do lado de fora do quarto de Karen. Karen. Ele sabia o nome dela agora. E isso o deixava raivoso. Karen. Sua esposa, uma imigrante italiana, foi a versão italiana, Caron. Ela estabeleceu-se no Texas, em 1841, perto da fazenda de sua família. Na porta ao lado, na verdade.

Ele nunca falou o nome de sua esposa para qualquer um de seus cavaleiros... nem mesmo Des. Nem a ninguém além de Salvador. Jag fez tudo o poderia para ocultar seu choque quando Des lhe o nome desta nova visitante. Que tipo de jogo era esse e quem era o instigador?

Ele queria respostas e ele as queria agora.

Jag deu a Rock um aceno rápido. — É Marisol fez progresso?

A expressão sombria de Rock contou a história antes de suas palavras. — A garota não vai responder.

Marisol enviou palavra através de Des de que ela precisava falar com Jaguar. Ele assumiu que era por isso. No passado, qualquer humano que Marisol curou respondeu bem. Ela fez o trabalho dela, limpou a memória da pessoa e os devolveu para a sua casa.

De alguma forma, não era surpresa para Jag que esta nova visitante não era tão facilmente curada. Nada sobre essas duas irmãs se ajusta à norma.

Jag olhou para a porta fechada, onde Karen esperava e depois para a outra separada onde estava Marisol e a irmã ferida. Por mais que ele queria lidar com Karen e acabar com isso, ele devia conversar com Marisol primeiro. Decisão tomada, Jag acenou para Rock e entrou no quarto.



Ele encontrou Marisol sentada ao lado da cama da mulher ferida, seu longo cabelo preto derramado a frente, a mão pairando sobre o peito da mulher, uma luz derramando da palma da mão no peito de Eva. Jag ficou atrás, observando, esperando por resultados. Dando a Marisol a paz para fazer o seu trabalho.

A atenção de Jag foi para a mulher pálida na cama... escuridão formava meias luas debaixo de seus olhos. Sem dúvida, um animal alimentava-se dela, levando sua força da vida e usando seu corpo para o prazer. A ameaça de Eva não era o dano físico feito pelas mordidas. Era o estado de limbo que sua alma foi deixada dentro. Jag foi drenado seco, sua alma rasgada de seu corpo. Com Eva, a besta estava brincando com ela. Drenando-a lentamente. Deixando sua alma presa entre dois mundos.

Morder a vítima era uma forma Darklands de marcar a mulher. Eva foi reivindicada, primeiro como diversão, então o mais provável para a morte. Raramente os Darklands convertiam uma fêmea. Eles preferiram usar mulheres para o prazer. Os humanos eram facilmente controlados e eliminados.

Sua lesão parecia indicar que essas mulheres estavam sendo caçadas, não fazendo a caça. Mas o quadro era muito incerto, muito cheio de perguntas. Querendo ou não, essas mulheres eram de alguma forma, ligadas com um enredo Darkland para destruir os Cavaleiros. Era à única explicação.

Eva jogou a cabeça de um lado para o outro, gemendo enquanto murmurava palavras incoerentes. Agressivas, palavras de raiva. Quase como se lutando com os esforços da curadora. Ao contrário dos outros humanos que cicatrizaram, Eva não agia como se quisesse voltar a este mundo.

Um som frustrado escorregou dos lábios de Marisol, e ela soltou sua mão. Ela fixou em Jag seu olhar verde-esmeralda. Olhos tão verdes que parecia naturais. Tão puro que fez Jag sentir cada grama de escuridão interior.

— Ela não vai responder —, disse Marisol.



Jag encostou-se à parede, colocando o pé contra a superfície, com os braços cruzados na frente do peito. — Você já teve casos difíceis antes.

— Nunca como este. — Marisol argumentou. — Ela... — As palavras dela sumiram quando o olhar da Curadora deslizou de volta a Eva.

— Ela o quê?

Marisol parecia relutante olhar para ele. — É como se alguém estivesse puxando-a para longe de mim. Eu nunca passei por isso antes. Alguém... muito poderoso. — Ela inalou e deixou sair. — Eu tentei chegar a Salvador, mas ele não está respondendo.

Para Marisol chamar Salvador, ela estava preocupada. — Faça o que puder —, disse Jag, sabendo que não poderia transportar Salvador, até que lhe permitisse fazer isso. Até Salvador responder ao seu chamado, Marisol iria sem a sua orientação.

— Eu vou, — Marisol disse, acenando com a cabeça, sua expressão mostrando a mesma angústia de sua voz fez. — Eu sinto muito, Jaguar. Eu realmente estou tentando.

Seu desejo de servir a uma causa maior nunca deixou de humilhá-lo. Marisol sabia qual seu propósito e vivia. Ele não sabia de seu passado, nem sabia como ela se tornou o que era. Mas ele não precisava. Ela só esteve com ele há alguns anos, mas Jag confiava nela mais do que fazia a alguns dos cavaleiros que estavam com ele muito mais tempo.

Jag forçou-se a olhar para os olhos dela, tão cheios de pureza e bondade. Janelas para a sua alma, mostrando-a sendo muito diferente de si mesmo. — Se alguém pode fazer isso, você pode —, disse a ela, o significado vindo do seu interior. — Eu sei que você pode.

Ela estudou-o por um momento e então inalou. — Obrigada, Jaguar. Sua confiança significa o mundo para mim. Vou consultar o Livro do Conhecimento. Em algum lugar nele, talvez, eu encontrarei uma solução.

Cada curador trazia consigo um livro com páginas que só eles podiam ler. Páginas em branco ao olho comum. Jag se empurrou para fora da parede. — Faça o que você deve. Rock ficará com ela. Vou ver o que posso descobrir da irmã.

Com essas palavras, Jag virou-se para o corredor, em direção ao caminho para a sua mulher de sonho. Ele não podia mais adiar esse confronto. Havia chegado o momento de falar.

E quando ele pegou a maçaneta da porta, no fundo de sua alma, Jag sabia, uma vez que ele entrasse no quarto, uma vez que a enfrentasse, a vida como ele conhecia nunca mais seria a mesma.



Marisol viu como Jag saiu da sala, sentindo tristeza em seu coração. Seja qual for o teste que Salvador havia falado, qualquer que seja o mal estava chegando, chegara. Olhou para a mulher na cama, sabendo que ela era uma parte de um grande plano escuro dos inimigos.

O que ela não entendia era porque o mal queria essa mulher em especial tão mal. E ele fazia. Marisol sentiu uma força escura puxando a alma desta mulher, mesmo quando ela tentou resgatá-la.

Pior, a humana se sentia atraída por esta presença escura. Como se ela achasse que guardava sua salvação. Como se Marisol fosse o inimigo.

— Jag disse que precisava de mim.

Marisol olhou para cima para encontrar Rock na entrada. Alto, com cabelo castanho claro e um corpo jovem, atlético, ele não parecia ter mais de 25, no entanto, ela sabia que ele tinha 50.



Rock.

Seu amigo. Sua tentação.

As palavras repetindo em seu mente. Jag disse que precisava de mim. Seu estômago vibrou. Desejava ser mais parecida com ele. Só que ela deveria estar acima das tentações da carne. No entanto, ia além dessas coisas. Seu coração chamava por Rock, assim como o dele por ela. Ela sentia. Mesmo via em seus olhos quando ele olhava para ela. Ouvia-o em sua voz quando falava. E eles fizeram isso muito. Longas horas conversando quando todos dormiam. Ou deveriam. Ela recuou, sabendo que estava atravessando a linha.

Não poderia haver futuro para um cavaleiro e um Curador. O próprio fato do que desejava era a comprovação de sua fraqueza. Ela era indigna de ser chamada de Curador.

Afinal, ela estava aqui para provar que poderia passar para o próximo nível de serviço. Para provar que pode ajudar na batalha contra aqueles que destruíram sua família, os Darklands, e ainda permanecer pura. Estava aqui para curar e orientar, apoiar, ao mesmo tempo, voltando-se para a vingança, uma vez que procurou contra outra.

Em outras palavras, ela não tinha espaço para o fracasso.

— Marisol?

Piscando, Marisol percebeu que caiu em seu próprio, devaneio doloroso. Reorientou-se para Rock. — Sim. — Hesitação. — Sinto muito. Preciso... assistência. — Marisol ficou de pé, cortando os olhos do olhar quente avelã de Rock. Odiava quando ele a olhava como fazia agora. Tão preocupado. Tão, cuidado. Isso tornava muito difícil ficar distante dele. Já que ela cruzou muitas linhas com ele. Agora, em face do mal, simplesmente sentindo-o na luta pela alma da mulher, ela sabia que deveria colocar distância entre eles. — Você pode ficar com a mulher, enquanto faço um pouco de pesquisa?

— É claro. — Um momento de silêncio. — Você está com problemas.



Ela ainda não conseguia olhar para ele. Marisol parou na porta, desejando não ter que passar por ele. Desejando que pudesse correr para fora da sala e não olhar em seus olhos novamente.

Mas ela não podia. Ela sabia que, mesmo antes de estar lado a lado com ele e sentir sua mão levemente algemar seu braço. Arrepios cobriam a pele com o toque, seu corpo reagia de maneiras que não deveria. Interiormente ela gritou por sua própria fraqueza. Ela não queria falhar no seu teste. Não queria deixar cair aqueles que dependiam dela.

— Marisol —, ele perguntou, a preocupação em sua voz. — Você está bem? — Lentamente, ela deixou o olhar elevar-se ao dele, tentando se preparar para o choque de consciência que sabia que viria. E quando seus olhos se encontraram, ela sentiu o impacto claro até os dedos dos pés.

— Vamos lá, Rock, — ela disse, sua voz segurando um frio intencional, e odiando o que tinha que fazer. Odiando empurrá-lo para longe, mas sabendo que era necessário. — Tenho um trabalho a fazer e você também.

Um olhar ferido brilhou em seu rosto antes dele limpar a expressão implacável. Isso rasgou seu intestino. Marisol conhecia seu passado. Sabia quanto dor ele sentia por dentro. Os cavaleiros, todos eles, precisavam de muito mais do que ela podia oferecer. Suas almas eram escuras com a dor do passado, precisando de um tipo de cura, que ela não poderia oferecer.

Mas era a alma de Rock, sua profunda dor e solidão que estendeu a mão para ela como nenhum outro. Ela não entendia o porquê, só que parecia que ela estava destinada a experimentar a sua dor.

Como ela deveria curar o que ela não tinha poder sobre... sua solidão e tormento.

Abruptamente Rock soltou sua mão, fechando-se fora dela como se houvesse fechado uma porta. — Certo. Nós temos um trabalho a fazer.

A perda de seu toque, de sua ligação emocional com ela, sentia como uma ruptura seu coração. Marisol engoliu contra a emoção subindo para a

garganta, e se obrigou a avançar. Longe do Rock. Longe da tentação. Havia mais em risco aqui do que seus sentimentos ou seu próprio eu.

Ambos estavam na Terra para travar uma guerra contra o mal. E eles devem lutar. Devem ganhar.

Não importava qual sacrifício ou dor viesse com a batalha.



Karen caminhava pelo quarto, seu estômago vibrando com uma combinação de preocupação e doendo simplesmente. Ela não dormiu. Não comeu. Não parou de se preocupar desde que recebeu o telegrama de Eva dizendo que Mike estava morto.

Uma onda de náusea veio sobre ela e Karen fez uma pausa, pressionando a palma da mão na testa. Deus. Ela não tinha tempo para se sentir doente, mas seu corpo não estava cooperando. Ele queria descansar. Se houvesse dormido no avião, em vez de preocupar-se e trabalhar em seu artigo.

Por que eles não a deixavam ver Eva?

Não devia ter vindo aqui. Ela nem sabia se este Curador tratando Eva era um médico de verdade. Tinha que sair elevar a irmã para outro hospital. Além disso, alguma coisa não estava bem aqui. No que exatamente ela entrou? Como pode o homem do aeroporto estar aqui?

Karen não podia pensar em torno de sua presença. É claro, seu corpo compreendeu o conceito com bastante facilidade. Mesmo cansado, ele traçou uma reação escaldante. Uma reação na qual ela se sentia infernalmente culpada. O homem a trancou em um quarto, cativa para todos os efeitos



práticos, proibindo-a de ver sua irmã, e Karen achava tudo sensual sobre ele. Como doente era isso?

Karen afundou na cama. Ela reagiu a ele no aeroporto, também. Essa familiaridade engraçada do seu sonho mesquinho aprofundando um pouco mais forte. Sua mente jogava com alguma imagem distante, tentando torná-la viva e compreensível, tentando agarrá-la. As nuvens eram grossas e difíceis de limpar. Ela estava tão cansada. Talvez descansando a faria lembrar-se de como conhecia este homem. Porque para sonhar com ele, ela tinha que conhecê-lo.

Quando seus cílios vibraram, Karen disse a si mesma para voltar. Para obter seu sangue bombeando novamente. Seu corpo apenas se sentia tão terrivelmente dolorido e pesado. No entanto, o próprio pensamento de adormecer enquanto coisas terríveis poderiam estar acontecendo com sua irmã trouxe pânico. E se esse Curador fez mais mal do que bem?

Ela tinha que ficar acordada. Não havia outra opção.

Karen fechou os punhos no cachecol marrom escuro no topo do colchão. Tudo no quarto era marrom. Cortinas marrons. Cobertores marrons. Tapete marrom. Marrom. Marrom. Marrom. Tão incrivelmente triste e escuro. E assim era o futuro agora. De alguma forma, Karen percebeu, ela havia tomado uma situação ruim e piorado a situação. De alguma forma, mais uma vez, ela falhara com Eva.

Karen olhou para o céu. — Mamãe. Pai. — Seu peito se apertou dolorosamente e ela cedeu para a necessidade de descanso, deitando-se sobre o colchão. — Eu não sei como consertar isso. — Sua voz caiu para um sussurro. — Eu tenho que salvar Eva... eu...

Uma batida soou e Karen ergueu-se para a posição sentada. Antes que pudesse ficar de pé, a porta se abriu. Em passos largos o homem que parecia ter seu destino nas mãos. Como ele teve em suas duas reuniões anteriores,



sua presença poderosa a oprimida, sua beleza masculina registrada mesmo quando ela queria negar sua presença.

Mas, quando ele bateu a porta atrás de si, trancando-a e virando-se para ela, o desprezo e raiva em seus profundos olhos escuros foram o que a deixou sem fôlego. Seja o que for que trouxe este homem aqui, agora, não era um pedido de desculpas.

Pelo olhar em seus olhos, parecia que ele queria mais do que uma palavra com ela... ele queria sangue.

Capítulo Sete

Jag permitiu a raiva conduzir suas ações quando ele entrou no quarto, fechando a porta atrás dele, e bloqueando-a. Virando-se para a mulher que ele já conhecia como Karen, a raiva corria em suas veias. Como ela ousa vir aqui, insultá-lo com o nome de sua esposa, com sua memória sagrada?

Já era ruim o suficiente esta mulher assombrar seus sonhos. Agora, ela se atrevia a manchar o nome de seu único amor.

Inexplicavelmente, tão irritado como ele estava, tão cheio de fúria, ele conseguiu morder sua explosão iminente. Ele estudava esta mulher que poderia muito bem ser seu inimigo, explorando suas características. Procurando alguma coisa sem nome.

O que ele encontrou foi um olhar de preocupação e incerteza tão cru, tão real, o poder de suas emoções mudou. Suavizou. Começou a evoluir para algo tão poderoso, mas muito mais com fome. Esta mulher fazia coisas para ele,



que ainda tinha que entender. Talvez fosse mágica, certamente magia negra, se fosse esse o caso.

Em seus olhos, em sua expressão, ele viu o mesmo tipo de honestidade que sentiu em Marisol. A pureza mesmo. Certamente, se fosse um ato, o animal nele iria sentir tudo.

Mas era tarde demais para recuar, a repensar suas ações. A besta ainda rugia dentro, precisando de uma saída para a ira de apenas alguns segundos antes. A besta que ele sempre controlou... até esta mulher. Se ela era tão inocente, tão honesta, por que ela trazia-o para a superfície?

Ele observava seus movimentos, o animal dentro dele ronronando com a vida, com o corpo reagindo à visão dela. Talvez não intencional, mas, oh, sim, curvas sedutoras de seus quadris nas calças jeans pretas confortáveis.

Seus olhos se estreitaram em seu rosto, e estava claro que ela procurava por suas intenções assim como fazia com ela. Lentamente, ela deu vários passos para trás, aumentando a distância entre eles. — Como está minha irmã?

— Quem te mandou aqui? — Jag exigiu, ignorando a pergunta dela, enquanto se recusa a deixar suas reações a essa mulher abafar sua pauta.

— Onde está minha irmã? — Karen exigiu, por sua vez, ignorando a pergunta como ele fez a dela. Ela cruzou os braços na frente do peito. Por cima desses exuberantes seios fartos que se encaixam em suas mãos como se foram feitos para ele. Ele sabia, porque os viu e tocou tantas vezes antes em seus sonhos. Até mesmo sabia que seus mamilos eram de um rosa perfeito rosado e que eles eram tão sensíveis, ele praticamente podia levá-la ao orgasmo só de prová-los.

Seu olhar caiu, traçando cada linha do seu corpo através do material pegajoso de sua camisa. Fogo ardia em suas veias, empurrando-o para tomá-la como tantas vezes antes deste momento. Nos sonhos tão madura com a realidade.



Ele nunca conheceu uma mulher que poderia fazer isso com ele. Ele foi além da razão, essa necessidade, essa reação. Ele não podia estar perto dela, ou falar com ela, sem querê-la. — Você não respondeu a minha pergunta —, ele respondeu, querendo saber como esta mulher o encontrou. Querendo saber um monte de coisas, na verdade. Perguntas voaram através de sua mente.

Ela falou com os dentes cerrados. — Onde minha irmã está?

Seu destemor devia tê-lo surpreendido, mas isso não aconteceu. Em seus sonhos, ela era descaradamente direta. Ele não esperava nada menos dela em carne e sangue.

— Você já sabe que sua irmã está com a nossa curadora —, disse ele em voz baixa. — Mas o que você sabe de mim antes desta noite? — Essa era a verdadeira questão. Que ele não estava encontrando em seu caminho atual.

— Eu quero ver Eva —, declarou Karen como se fosse obrigá-lo a seus desejos.

Jag observou o comando em sua voz, mas também sentiu o medo. — Você vai vê-la em breve —, ele respondeu. Silenciosamente, acrescentou, uma vez que eu decidir se posso confiar em você.

— Não em breve —, disse ela, apontando para o chão e dando um passo a frente. — Agora. — Seus lábios comprimiram. — Eu quero ver ela agora. Nós viemos aqui por ajuda, não para sermos presas como criminosas.

Suas narinas dilataram com o perfume de mulher, sensual e sexy, e traçou uma resposta imediata de seu corpo. Maldita mulher. Como a conhecia tão bem para um estranho. Como perdeu a si mesmo até que não conseguia ver direito. O que o levou a concluir êxtase e depois, ao fazê-lo, entregar-se a seu lado mais sombrio. Ela lhe mostrou sua besta e o levou para a beira do precipício, a um passo dos poços do inferno.

Agarrando um mero fio, Jag cruzou os braços na frente do peito, imitando sua posição anterior. Tentando manter-se de reivindicá-la. Sabendo que sua entrega física poderia ser exatamente o que ela queria. Talvez ela



fosse uma parte de um grande plano para destruí-lo. Em seus sonhos, ela certamente empurrava para o pior dos lugares, usando prazer como sua ferramenta.

O pensamento trouxe um choque de boas-vindas da realidade. — E como eu sei que você não é uma criminosa —, questionou. — Você estava invadindo.

Seus olhos se arregalaram. — Eu vim por ajuda e você me trancou. Eu chamo isso de sequestro.

O medo e o desespero na voz de Karen tocaram com sinceridade. Ele queria acreditar que ela era uma vítima. Ele realmente fez. Mas nenhuma vez em seus sonhos ela saía como inocente. Nem uma única vez. Confiar nela seria um erro grave, e muito dependia dele ser cauteloso. Seus homens. Sua causa contra o mal, a sua luta para o bem. E do mal, ele aprendeu há muito tempo, poderia facilmente sair tão puro como a neve recém-caída.

O nome Caron significava pura em italiano. Ele se perguntou se esta mulher sabia disso.

Raiva nova formou com o pensamento de ser manipulado e antes que Jag pudesse parar, ele fechou a distância entre eles. Ele não deu tempo a Karen para protestar, puxou-a em seus braços e olhou para ela. Imediatamente ele soube que era um erro. Ele só queria a sacudir. Agarrar a situação e fazer com que ela dissesse a verdade. Ele só queria a verdade. Mas tudo dentro dele a chamava. Ele queria levá-la. Para prová-la. Reivindicá-la aqui e agora.

Sua própria incapacidade de resistir a ela endureceu sua voz, frustração por sua falta de controle queimava dentro dele. Mesmo a rigidez em seus braços perturbava-o. Isto foi um acidente, e ela era a culpada.

— Como é que você sabe mesmo sobre esse lugar? —, Perguntou ele, determinado a encontrar respostas.

— Eu...



— Como? — Sua voz era áspera. Severa. Ele deu um passo para trás com ela, em direção à parede.

As mãos dela estavam por seu lado, com o queixo inclinado para cima para estudar seu rosto. Como se ela calibrasse seu próximo passo por sua expressão. — Eu... soube que havia um médico aqui.

— De quem?

Outro passo para trás, suas coxas contra as dela. E maldição, o atrito atravessava por ele como combustível de foguete. Seu pênis engrossou, pressionando contra seu jeans. Lembrando-o de seu poder e aumentando a sua frustração e sua falta de resposta.

— De quem? —, Repetiu ele, com um tom mais forte.

— Uma enfermeira. — Ela parecia sem fôlego. — No hospital.

Seu cheio lábio inferior tremeu como se em convite. Ele se perguntou se estava doce como pensou que estava. Gosto de mel com uma pitada de canela. É assim que ele se lembrava dela. Único, mas familiar. Tão condenadamente familiar. Ele quis saber no aeroporto, mas não teve coragem de saboreá-la totalmente.

Fúria brilhou em seus olhos quando ele a imprensou contra a parede, seus joelhos encarcerando os dela. Ah, mas havia mais. Havia luxúria nas profundezas daqueles olhos azul perfeitos. Saber que ela o queria, saber que não poderia ser falsificado, só serviu para disparar seu desejo. Demorou cada grama de força de vontade que ele tinha para não apertar os quadris contra os dela. Nem espalmar aqueles seios exuberantes.

Seu olhar caiu, e ele podia ver seus mamilos prontos contra sua fina camiseta. Ele não tem que vê-los para saber que estavam róseo avermelhados e inchados. Ou saber como ela iria gemer se ele os puxasse entre os lábios e amamentasse.



As mãos dela foram para os braços dele como se silenciosamente implorando para ele parar. Para olhar para ela de novo. Seu olhar levantado, desprezo em sua voz quando ele quebrou o silêncio carregado de sexo. — Você espera que eu acredite que no hospital lhe disseram para vir?

Ela olhou para ele, e seus olhos azuis profundos puxando-o, dragando-o sob seu feitiço. Ainda mais em sua névoa sensual. Mas enquanto os segundos se passavam, ele ficou surpreso com o que viu no olhar de Karen. Além da luxúria, o cansaço, o medo por sua irmã. Não dele.

Em seus olhos, novamente ele, descobriu pureza, mais sutil do que em Marisol, mas lá. Ou não era? Talvez ele só queria que fosse. Talvez fosse um truque. Ele não podia deixar-se acreditar nela. Ele não podia. Seus sonhos o advertiram do que ela faria com ele. Para onde ela o levaria.

— Responde-me —, ordenou. — Por que o hospital disse-lhe para vir aqui?

— A enfermeira me disse. Eu não deveria ter escutado. Não deveria estar aqui. Eu sei agora. Foi uma estupidez. Eu só pensei... — As palavras dela sumiram quando seu olhar caiu para o peito.

Ela fechou os olhos. — Pensei que você poderia ajudar. Eu... precisava de ajuda.

O puro desespero enlaçava suas palavras estendendo a mão para Jag e o fez ajustar-se e ele a beijou. Ele deslizou a língua passando nos dentes, saboreando-a como um homem faminto fariam com comida. Ela estava rígida, as mãos pressionando contra o peito dele.

Mas Jag tomou com uma crueldade que não admitia espaço para resistência. Tomando. Tomando. Exigindo. Sua resistência durou alguns segundos. Lentamente, ela rendeu-se ao beijo, seus braços deslizando para cima, sobre o peito e no pescoço.

Em sua mente, carregada de desejo, justificava suas ações. Ela não era uma vítima inocente. Nem um pouco. Esta mulher havia manipulado seus



sonhos para o que parecia ser uma vida, controlando-o para um plano desconhecido. Ela usava sexo como uma arma. Sexo para consumir e devorar sua própria vontade.

Ele veio para falar com ela, mas para o inferno com isso. Ela queria usar o sexo contra ele. Bem, não mais. Ele o usaria contra ela. Faria ela ter necessidade dele. Faria ela implorar para tê-lo enterrado em seu corpo. A faria pedir. Sim. Ele gostava disso. E a cada momento que passa, ela abrandava mais, seus corpos fundindo-se e ela fez um som suave, choramingando. Um som que disse de seu sucesso. De sua conquista.

Abruptamente uma batida soou na porta. Uma batida que sacudiu Jag de volta para seus sentidos. Ele se afastou dela, pondo distância entre eles até mesmo quando a batida soou novamente. Ele limpou a boca com as costas da mão, desesperado para obter a doçura fora de seu sistema.

Ela caiu contra a parede, seu peito subindo e descendo com o peso. Uma expressão de choque. Seus lábios se separaram inchados de seu beijo. O sabor dela ainda persistente nele, levando-o selvagem com a necessidade de puxar ela perto novamente.

— Jag. — Era Des.

— Sim, — Jag respondeu.

— Temos um problema, cara.

— Fique bem ali.

Ele olhou para Karen, baixando a voz para apenas seus ouvidos. — Por que eu sei que problema tem algo a ver com você?

— Você é louco —, ela sussurrou. — Eu só queria ajuda. Apenas deixem-nos ir.

Um sorriso tocou seus lábios, mas não um de prazer ou convite. Ele não gostava de ser jogado. Ela pode ou não pode ter iniciado o jogo, mas era uma parte dele. E tinha a intenção de acabar com ele. Não importava como ela era

boa em jogar a doce, inocente, boa garota, ele viu um outro lado dela em seus sonhos. Ele viveu a tentação, que ela oferecia neles. Até mesmo a sentiu pressioná-lo a aproveitar o seu lado negro.

— Deixe-me ir, — ela sussurrou de novo.

— Sem chance no céu ou no inferno.

E sem outra palavra, ele virou e foi embora, sabendo que não iria segui-lo. Nem mendigar. E ela não fez. Ela viu-o sair em silêncio, sem se mover. A prova de que ele sabia que esta mulher, conhecia-o bem. O que significava que ele não podia ignorar o que os sonhos lhe disseram, não importava o quanto ele se sentia atraído por ela. Não importava o quão inocente ela parecia e até se sentia em seus braços.

Ela queria a besta nele. Os sonhos eram a prova.

O pensamento torceu seu intestino. No fundo, Jag precisava que Karen fosse inocente. Ela parecia tão perfeita em seus braços e sentia uma conexão com ela. Mas então, talvez esse era o plano. Os sonhos, sua presença, podem muito bem ser uma parte para confundi-lo.

Ainda assim, ele voltou-se para uma coisa. Ela parecia tão malditamente pura e inocente. Ele viu nos olhos dela. Sentiu em seu toque. Mas ele conhecia suas ações. Ele sabia que ela não iria segui-lo ou mendigar. Ele poderia prever como ela iria reagir. Seus sonhos eram a única maneira que ele podia conhecê-la. E esses sonhos falavam de algo escuro e mal. De sua besta subindo à superfície.

A besta que ele nunca poderia deixar ter vida. Havia ainda muito desconhecida. Ele não se atrevia a confiar em Karen. Ainda, pelo menos.

Talvez nunca.





Karen ficou a olhar para o homem que acabava de sair da sala, ouvindo bater a porta fechando-a e o clique de bloqueio no lugar com caráter definitivo, sinalização nenhuma esperança de escapar. Incapaz de se mover imediatamente, ela só ficou lá, olhando para a porta, e sentindo o vazio do momento.

O que tinha acontecido?

Seus dedos deslizaram para sua boca, tocando em seus lábios. Não só tinha o homem, seu captor, beijado-a, mas ela o beijou de volta. Pior, ela ficou toda molhada e quente em todos os lugares errados. Ou os certos. Errado, porque ele era um estranho, e, muito possivelmente, agora seu sequestrador. Mas esse fato não alterou sua resposta aquecida para ele. Nem poderia fingir que não aconteceu. O pulsar maçante entre suas coxas permanecia como prova.

E, apesar de sua voz interior de autocensura, ela lutou contra o impulso de chamá-lo de volta para ela. O homem que chamavam de Jag, como no Rancho Jaguar. O nome tornava bastante óbvio quem ele era. Naturalmente, a maneira como ele empurrava todos em torno fez, também.

Abaixando-se sobre a cama, sentindo as pernas fracas, Karen sentou-se no colchão e tentou descobrir o que fazer. Só que, nenhuma resposta veio. Nada. Ela sentiu-se fraca e confusa que devia ser parcialmente por nenhum sono. Provavelmente nenhum alimento, também. A confusão sobre sua resposta a Jaguar não estava ajudando. Ela não conseguia pensar direito, e sabia que precisava dar lugar ao descanso. Seu corpo simplesmente exigia.

Ainda assim, sua mente correu com preocupação, culpa e o escuro e misterioso, e muito sedutor Jag. O que a incendiava com desejo e assustava o inferno fora dela ao mesmo tempo.

Lentamente, ela abaixou-se de costas, deitada com as pernas ainda penduradas do lado de fora da cama. Ela precisava ser capaz de se levantar

rapidamente. Para responder se houvesse problemas. Ela precisava... descansar apenas alguns minutos. Seus olhos estavam tão pesados. Então, ela seria capaz de pensar sobre o que fazer. Então, ela iria encontrar uma maneira de escapar...



Karen estava sonhando.

Ela estava de pé na sala de Jag. Como sabia que era dele, ela não podia dizer. Apenas sabia. Assim como sabia que estava sonhando.

Era uma sensação estranha, realmente, sentir-se acordada, mas sabendo que não estava. Na verdade, está no centro das portas francesas abertas, o vento levantando a camisola completamente branca em torno de seus tornozelos e pernas, o momento era muito real.

Seu cabelo explodia atrás dela, longo e reto, e ela podia sentir a vibração dos fios contra seu pescoço e rosto. Nos pés, ela usava stiletos pretos sensuais. Ela não tem que olhar para baixo para saber como eles eram. Ela pegou-os de alguma forma, antes de procurar Jaguar. E ela sabia que queria por causa de quão sexy que a fez sentir.

Tudo sobre o momento, sobre seu corpo, chiava com uma carga elétrica. Com o potencial do que pode vir de sua visita. Mesmo a mínima brisa quente e úmida, tocava com uma pitada de sensualidade. Como se jogando com ela, preparando-a para o que estava por vir.

Os mamilos de Karen enrugaram contra o tecido fino, fundindo o atrito com antecipação. Antecipação já se voltando para o desejo. Desejo que ela sentiu antes. Por este homem. Por Jaguar.



De repente, lembrou-se muito bem. Memórias correram para ela como uma luz acendendo dentro de sua mente. Este não era o seu primeiro sonho com Jaguar. Sedutoras, imagens sensuais brilharam em sua mente e queimaram um caminho através de seu corpo. Esta foi uma das muitas vezes, que ela veio até ele. Não... que ele a chamou para ele.

Jag a trouxe aqui. Não é de admirar que a excitou tanto antes, quando a beijou. Não é de admirar que ele parecesse familiar. Os pensamentos soavam em sua mente, tão estranhos, embora remotos. Ela não entendia como seus mundos acordados e sonhos pareciam mesclar-se.

Enquanto tentava entender, um som suave chamou seu olhar das sombras pela luz de velas cintilando na sala. Para o centro do leito com quatro colunas maciças. Para onde o homem que imaginou sentava ali, peito nu, um lençol caído tentadoramente baixo em seus quadris.

Mas ele não a chamou para ele. Ele apenas ficou lá, olhando para ela. Embora sua expressão fosse imperceptível, ela sentiu que ele estava ou nervoso ou desconfortável. Talvez os dois.

— Você quer que eu saia —, ela perguntou.

Um riso abafado escapou de sua garganta. — Sim —, disse ele. — Eu quero que você saia.

Ela inclinou a cabeça um pouco, estudando-o. Rolando o pedido em torno de sua mente, e então, decidindo sobre uma conclusão. Ele não quis dizer as palavras. Instintivamente, ela sabia disso. Ainda assim, elas feriam. Mas havia um sentimento mais forte. Um que ela não podia ignorar.

Por alguma razão, intocavelmente imperativa, ela sabia que não poderia permitir ele mandá-la embora. E como se na confirmação de seus pensamentos, o vento soprou mais forte e, suaves sussurros vieram com ele, enchendo o ar.

Ele deve aceitá-lo.



Reivindicá-la ou inclinará ao lado mais sombrio.

Você é sua salvação.

Com as palavras, um poder preencheu Karen. De repente, ela não se sentia assustada ou incerta. Finalidade preencheu sua mente. Amor queimando em seu coração. Para este homem. Um homem que não conhecia, mas... ela fazia.

Ela alcançou longe em sua mente e quase encontrou uma imagem. Quase. Ela ficou fora de seu alcance. Apenas além da compreensão plena. Realidade escapou na névoa do sonho. Tudo o que restava era uma certeza. Jag tinha que se render a ela. Tinha que tomá-la como sua própria.

Tinha que... reclamar sua besta. Ela precisava fazer a besta dele sair, se mostrar.

Sim. Isso ficou claro. E ela sabia como. De alguma forma, ela sabia o que fazer. Certificando-se do que devia ser feito, de sua necessidade de seduzir Jag, Karen deu um passo adiante. Seu vestido fluía contra a ação, por trás dela, o tecido apegou-se a seus seios e quadris.

Karen assistiu a queda do olhar de Jag, seguindo o seu movimento. Mas mais ainda, seu olhar. Sentiu o calor dele. A potência e o desejo. Sentiu-o como um poder um toque. Uma carícia. A mão de um amante. Ele queimava sua pele e criava urgência. Ela queria seu corpo contra o dela. A boca dele sobre a sua boca.

Karen parou no final da cama, e sabia que ele evitava o contato visual. Sua admiração de seu corpo foi além de apreço ou luxúria. Ele estava se escondendo atrás da física.

Um guerreiro que era, ainda assim, ele temia. Tão poderoso e forte sobre o lado de fora. Seu corpo tão perfeito. Muscular. Definido. Sua alma... bem, ela sentia isso também. A bravura. A vontade de morrer por sua causa.



— Jag —, ela sussurrou, a necessidade de ver seus olhos. As janelas da alma do corajoso.

Em resposta, o olhar dele viajou para cima, demorando-se por um momento nas pedras de seus mamilos. Por fim, ele fixou-a em um olhar direto. — Eu lhe disse para sair.

Karen poderia dizer que as suas palavras foram forçadas. Ele não quis dizê-las. E seus olhos... eles mostravam tormento. Solidão. Dor. Seu coração se apertou com uma dor que veio dele para ela. Doía. Doía muito.

Balançando a cabeça, Karen descartava suas palavras. — Você não quer que eu saia —, disse ela, puxando o vestido por cima da cabeça e chutando seus sapatos.

Ela subiu em cima do colchão, e viu Jag vindo para frente, chegando para ela. Ele a puxou para baixo sobre as cobertas, deslizando-a sob ele. O calor e a força do seu corpo fechando-a apenas momentos antes de sua boca possuir a dela.

Karen gemia enquanto a perfeição de seu sabor picante tomava o controle, sua língua fazendo um slide sensual junto à dela. Seus braços deslizaram em torno de seu pescoço, enquanto seu pênis posicionava-se entre suas coxas. Karen envolveu as pernas por cima dele. Porque ela sabia que, não importava o quão disposto ele parecia aceitar que pertencia, neste momento, ele iria mudar.

Jag ia fazer a sua luta contra isso. E ela não podia deixá-lo vencer. Ela iria reclamá-lo.

Se isso significasse empurrá-lo sobre a borda e, em seguida, puxá-lo de volta, ela o reivindicaria.



Perdido. Jag perdeu-se em Karen. Perdeu-se no momento. Disse a si mesmo para não beijá-la. Não tocá-la. Para não se perder como sempre fazia quando ela vinha a ele.

Mas, mesmo com os avisos explodindo em sua cabeça, seu corpo queimava por mais. Ele espalmou o seio cheio, enchendo a mão, em seguida, ajustando seu mamilo. Ela gemeu em sua boca, e ele sentiu o som como um afrodisíaco. O aroma dela, doce e floral, familiar mesmo, insinuou em suas narinas, potente em seu impacto.

Ele puxou-a ainda mais debaixo dele, tentando manter o controle. A razão. Como se isso fosse possível com esta mulher. Ela tinha o poder. Ela sempre fez. A capacidade de tentá-lo para o lado negro. Para trazer o seu animal. A besta que levaria sua própria existência. A besta que tiraria sua submissão completa. É o que ela veio fazer aqui. É o que ela exigia. Ele sabia disso.

Então, por que, por que, ele a quer tanto que mal podia respirar?

Ele já sentia o animal dentro. O monstro. Sentia o aumento da besta, pois empurrava para a superfície do fundo do seu ser. Só esta mulher o fez sentir isso. Ao mesmo tempo, ela o fez sentir uma sensação de pertencimento. Ele não entendia. As duas coisas conflitantes, impossíveis de conciliar.

Karen se arqueou contra ele, suas ações pedindo-lhe para fazer mais. Para deslizar profundamente em seu núcleo. Usando sua língua para explorar a raiva da paixão que ele sentia, ele tentou algemar a necessidade de seu corpo. Mas seu gosto era tão doce, tão viciante, como seu toque. Só o fez querer



mais. Ela fez querer mais. Como se ela lê-se sua mente, ela apertou contra ele, levantando os quadris para trazê-la mais perto, suas mãos suaves em todos os lugares dele. Sobre seus ombros. Sua face. Em seu cabelo.

Ela tinha gosto de mel. Sentia-se como seda. Encaixava seu corpo como tentação vindo à vida. Mas isso não era vida. Isto não era real. Isto era um sonho. Sim. O sonho. O que acontecia aqui não importava. Ele repetiu isso em sua mente várias vezes, caindo preso ao chamado do desejo. Incapaz de segurar por mais tempo.

Ele alcançou entre eles, seus dedos encontrando as dobras lisas de seu núcleo, acariciando-a em um gemido. Partindo para a entrada. Ela estava pronta para ele. Além de pronta. Gotejando com desejo.

Desejo que tinha de experimentar. Tinha que conhecer.

Ele recostou-se e olhou em seus olhos enquanto montava a cabeça de seu comprimento latejante na posição. Então, sentindo a antecipação no aperto do peito, ele afundou profundamente em seu corpo. De um só fôlego, ou assim pareceu e ambos gemeram com o impacto.

Durante vários segundos eles olharam um para o outro, imóveis. — Este é o lugar onde você pertence —, ela sussurrou. — Dentro de mim.

Não foram suas palavras, tanto quanto o olhar em seus olhos azuis que o levou pela tempestade. Emoções explodiram dentro dele. Turbulentas. Escuras. E não havia ódio. Por tudo o que ele havia se tornado e tudo que ele nunca poderia ser.

— Você não tem ideia de quem ou o que sou —, disse ele com voz rouca, tentando manter o foco em resistir não empurrar. Mas o olhar em seus olhos, tão confiante, só atraiu mais sob seu feitiço. Mais para a paixão.

— Eu conheço você, Jag —, ela sussurrou, correndo levemente os dedos sobre o queixo e a bochecha. Então, em um tom mais escuro, voz sensual, — E sei que quero que você faça amor comigo. — Seus quadris balançaram. — Eu preciso de você se movendo dentro de mim, comigo.



Erguendo a cabeça, ela deixou que seus lábios demorassem um fio do dele, o hálito quente e sensual dela em sua boca. — Leve-me —, ela exigiu, e sua língua cintilou sobre seu lábio inferior.

E simples assim, Jag estalou. Se queria ser levada, ele a levaria. Ele a agradaria até que ela soubesse que não houvesse amanhã. Até que implorasse por misericórdia. Era o que ela queria, e que se dane se ele negaria a ela.

De repente, eles estavam se beijando loucamente, movendo-se juntos em um flash frenético de pele contra pele. Seus dentes beliscavam o lábio. Em seu pescoço. Em seu ombro. O impacto era forte, envolvendo a parte primordial dele. Implorando-lhe para responder, para enterrar seus dentes em seu pescoço... em seu ombro.

Com cada centímetro de seu eixo no núcleo dela, ela se tornou um pouco mais exigente. A besta nele respondeu, seus dentes parecendo mais nítidos, sua fome mais viva. Ele pressionou o rosto em seu pescoço, empurrando com força, tentando não se concentrar na crescente necessidade de prová-la.

Mais e mais rápido, ele ergueu-a, deslizando uma mão em torno de sua bunda para alavancar um duro golpe. O melhor ângulo. Suas pernas envolveram seu corpo, levantando-se da cama para moldar na sua.

— Sim —, ela gritou, enquanto suas mãos viajavam nas costas, seu corpo. Seu peito. — Sim.

Jag pressionou os punhos no colchão, elevando-se para descansar seu peso em seus braços, olhando para ela. Desfrutando o prazer de ver o corpo de Karen enquanto ele bombeava para dentro e fora dela. Observando seus seios tremerem e balançar com o bater de seus quadris juntos.

Ela estendeu as mãos e cobriu-os, beliscando seus mamilos e gemendo. Ao mesmo tempo, ela começou resistindo contra ele, como um animal selvagem, jogando a cabeça de lado a lado. Foi o seu nome murmurado mais e mais com aquela voz sensual dela que empurrou Jag sobre a borda.

Ele precisava... prová-la.



Temor o envolveu. Do que poderia se tornar. De que estava sentindo e não podia controlar.

Deixando o seu peso se estabelecer sobre Karen, novamente, ele escondeu o rosto, com medo da batalha da besta contra o homem pudesse assustá-la. Ele se parecia com o animal que sentia? Sua língua deslizou ao longo de seus dentes, sentindo os dentes alongados dos Darklands, mas sua preocupação foi perdida. Perdeu a sua excitação. Perdeu o quão próximo do orgasmo seu corpo chegava perto.

Mas Karen não lhe permitiria recuar. Ela beliscava e lambia mesmo enquanto se arqueava contra ele. — Mais, Jaguar. Mais. — Então, perto de seu ouvido, num sussurro rouco, — Leve-me, Jaguar. Tudo de mim. Qualquer coisa que você queira é seu. Eu... Oh. Eu sou...

As palavras foram cortadas quando seu corpo se apertou em seu pau e exigiu sua libertação. Espasmos de seu orgasmo o agarraram, acariciando seu eixo com pequeno apertão espremendo. Puxando-o em êxtase. Ele não podia fazer nada além de aceitar o grito de seu corpo. Aceitar que não havia como escapar dela ou o que poderia seguir.

Jag empurrava em Karen, enterrando-se ao seu ponto mais profundo, e tremendo enquanto ele derramava-se dentro dela. Mas com o seu prazer veio um impulso, primordial, recusando-se a ser ignorado, exigindo que ele reclamasse Karen como sua.

Ele não podia pensar. Não foi possível parar o que ele tinha que fazer.

Jag afundou os dentes afiados profundamente em seu ombro. Profundamente na carne sensível de seu corpo até que ele provou a prova agri-doce de sua vida... seu sangue.

Em sua mente, Jag gritou com a negação. Não! Ele não podia ser isso. Ele não podia ser uma besta. Ele não faria isso... mas ele era. Senhor, o ajude... ele era.



Capítulo Oito

Karen sentou-se com uma acentuada inalação de ar, os olhos correndo ao redor da sala, procurando a realidade.

Fora da janela, o sol derramava-se através do bocejar das cortinas do quarto. Cortinas marrons. Seu olhar caiu. Tapete marrom. Mesmo quarto no rancho Jaguar.

Sua mão foi para o peito. Foi um sonho. Apenas um sonho. Ela piscou. Um sonho incrivelmente vívido. Um sonho estranho. Ter um pequeno sonho fantasiando com Jag como a estrela não parecia tão difícil de acreditar. O homem era lindo, mesmo se ele fosse arrogante e mandão. Ainda assim, fazê-lo sob as circunstâncias... não, era mais do que isso. Ter esse sonho.

Dizer que foi estranho seria um eufemismo. Mas foi mais do que estranho. Ele havia sentido emocional. Intenso. Senhor a ajude, quente. Realmente quente. Excitante. Ela poderia dizer que seu jeans estava úmido da reação de seu corpo para as imagens em seu sono.

As vozes em sua cabeça... ela tinha ouvido sussurros.

Ele deve aceitá-lo.

Reivindicá-la ou inclinará ao lado mais sombrio.

Você é sua salvação.

Ela quase podia ouvi-los em sua cabeça agora. Como se estivessem repetindo mais e mais. Ela balançou a cabeça. Isso eram vozes. Ela estava enlouquecendo.



Segurando a mão na frente dela, percebeu que estava realmente tremendo um pouco. Dentro desse sonho se sentiu tão envolvida, tão urgentemente necessitada. Por um momento, ela ficou ali sentada, o sonho se repetindo em sua cabeça. Seu corpo se sentindo quente e consciente com o flash de corpos nus e beijos sensuais.

Karen sacudiu os pensamentos, rindo de si mesma, embora mesmo para seus próprios ouvidos, soou tensa. Ela empurrou os pés, observando a porta que esperava levasse a um banheiro. Isso era ridículo. Ela teve um sonho criado pelas circunstâncias. Mesmo Jag a mordendo no sonho, ela realmente gostou! As histórias de monstros, este rancho e o homem arrogante e sexy que o comandava, as marcas de mordida de sua irmã... tudo isso combinado estava mexendo com sua cabeça.

E a julgar pelas dores em seu corpo, ela ainda não tinha dormido muito tempo. Ela não deveria ter dormido. Ela precisava saber sobre Eva. Karen acendeu a luz no banheiro minúsculo e se virou para o espelho. Olheiras manchavam suas bochechas pálidas e preocupação entrelaçava suas feições.

E ela estava preocupada. Sobre sua irmã. Sobre sua decisão de vir para o rancho Jaguar. Droga. Sobre esse sonho. Ele ainda se sentia tão parte dela. Deus. Era familiar, também. Esperar. As mãos dela foram para a pia branca simples, o balcão pouco maior que seus quadris quando ela se inclinou para ele. Ela sonhou com Jag antes. Sua cabeça girava enquanto imagens brilhavam em sua mente. Imagens dele beijando-a como ele fez no aeroporto, dizendo as mesmas palavras... apenas, que não era ela que ele estava beijando. Era outra pessoa. No entanto, parecia como ela.

Engolindo contra a secura repentina em sua garganta, ela tentou fazer o sentido da história jogando em sua cabeça. As palavras que repetiam mais uma vez em sua mente.

Ele deve aceitá-lo.

Reivindicá-la ou inclinará ao lado mais sombrio.

Você é sua salvação.

As palavras agarraram-se a suas emoções, atraente e viva com o significado. Quase como se a possuísse. Ela fechou seu punho e apertou-o contra o peito, percebendo que seu coração estava batendo como um tambor. Inalando e depois soltando, se forçou a acalmar. Processar. Ela tinha que pensar. Pânico não era seu estilo, nem iria levá-la em qualquer lugar agora.

O que tudo isso significa?

O que estava acontecendo com ela?



Jag precisava de respostas, e ele precisava delas agora. Seu coração batia contra o peito enquanto ele tomava as escadas para o piso superior da casa de dois de uma vez. Ou Karen estava brincando com sua mente enquanto ele dormia, ou alguém estava usando ela para fazê-lo.

De qualquer maneira, ele pararia agora. Esta era sua casa. Ele não seria uma vítima sob o próprio teto. Se não podia controlar o que acontecia aqui, como o inferno ele controlaria todos os obstáculos fora que ele e seus homens enfrentariam?

Rinehart estava do lado de fora da entrada do quarto de Karen, os braços cruzados em frente a ele, olhando para frente. Você pode tirar o homem do Exército, mas você não pode levar o Exército fora do homem. Pelo menos, não no caso Rinehart.

Jag passou por ele, nenhuma explicação oferecida. Ele destrancou a porta, e Rinehart observou. — Qual é o status da irmã?



— O mesmo —, disse Rinehart, nunca um homem de muitas palavras.

— Tranque-a atrás de mim —, disse Jag enquanto girava a maçaneta.

Sem esperar por uma resposta, ele entrou no quarto. Nenhum anúncio. Não bateu. Encontrou o quarto vazio, seu olhar foi ao banheiro no mesmo momento em que ela apareceu, um olhar assustado em seu rosto enquanto registrava sua presença.

Jag sentiu a presença dela como uma carga de eletricidade. Seu corpo respondeu com as memórias do sonho. De tê-la tocado e provado. Ele estava ficando louco por essa mulher. E foi assim que ele estalou. Ele tinha apenas a intenção de falar com ela. Exigir respostas.

Em vez disso, ele a responsabilizava, incapaz de pensar além do momento e as duas emoções agarradas a ele como uma segunda pele. Desejo e medo. O medo de perder-se à besta. Impulsionado por esses sentimentos, Jag pegou Karen em seus braços e levou-a para a cama.

— O que você pensa que está fazendo? —, Ela gritou, contorcendo-se em seus braços sem sucesso.

Jag caiu sobre o colchão com ela, suas pernas enquadrando seus quadris, mãos segurando-lhe os pulsos acima da cabeça. Ele racionalizou suas ações e palavras. Se ele transa-se com ela agora, derrotaria o poder que possuía nele em seu sono. Sim. Isso era o que tinha que acontecer. Ele a tomaria agora e provaria a ambos que não poderia empurrá-lo para lugares que não queria ir. Ele estava acordado, e nada fora desta sala controlava suas ações.

Ele olhou para ela. — Aqui estou eu, Karen. Aqui. Nenhum sonho. Se você quer mexer com a minha mente, faça-o em meu rosto. Se você quiser fazer sexo comigo, faça-o em carne e osso.

Não lhe dando tempo para responder, Jag a beijou, suas mãos deslizando por seu rosto, seu peso descansando em seus antebraços. Ela



estava dura no início, mas em meros momentos, ela estava choramingando em sua boca.

Ele sentiu as mãos tocar os ombros, e depois se afastarem, como se ela lutasse com sua resposta. Jag não gostou disso. Ele queria sua submissão. Precisava, mesmo. Aqui em carne e sangue, ele precisava estabelecer a incapacidade de Karen para controlá-lo.

Ele aprofundou o beijo, fazendo amor com ela com lentidão, slides sensuais de sua língua. Seu cheiro, seu gosto, sua presença, enchia, empurrando-o para tomar mais. E ele fez. Ele não estava segurando. A besta não estava saindo. Nem ele nem Karen tinham uma palavra a dizer na forma como isto era.

Satisfação enchia-o enquanto seus dedos deslizavam enlaçando os braços, atrás de seu pescoço. Provando, que ela não tinha mais volta. Provando que ele estava quebrando, não o contrário. Esta mulher pode dominá-lo em seu sono, mas não aqui, no mundo desperto.

Selvageria formava entre eles, como dois seres famintos por aquilo que só o outro pode oferecer. Ele segurou seu traseiro, levantando-a e moldando os quadris ao seu, gemendo com a pressão doce contra ele. De alguma forma, uma de suas mãos encontrou o seu caminho sob suas roupas, sua palma pastoreando suavemente as costas e flancos. O contato pele a pele escaldante, fazendo-o querer mais.

Ainda beijando-a, ele empurrou sua camisa para cima, encontrando o fecho na frente do sutiã e tirando-o longe. Ele arrastou os lábios por seu queixo e pescoço, assim enquanto ele enchia as mãos com seus seios. Jag queria sua camisa fora, acima de sua cabeça, mas estava impaciente. Em vez disso, ele deslizou abaixo, a boca encontrando o mamilo e sugando-o.

Karen gemeu, arqueando as costas, os dedos correndo em seu cabelo. Sua resposta levou-o para frente, e ele rodou a língua em torno do pico

endurecido. Ele tomou seu tempo, lambendo e brincando, passando de um para o outro mamilo, sentindo sua excitação em resposta há corpo.

Mas, quando levantou a boca para encontrar a dela, o olhar prendeu no dela e travou. Em seus olhos cheios de paixão, ele encontrou mais que luxúria e desejo. Mais do que a excitação que compartilhavam. Senhor, o ajude, algo dentro dele mudou naquele momento. Algo que ele não sentia desde que olhou nos olhos de sua esposa... desde Caron.

Ele olhou para ela, perguntando por que ela o lembrava de sua esposa, por que ela fazia com ele o que só uma outra fez. Embora não houvesse respostas reais para ser encontrada, seu olhar mostrava inocência e honestidade. Ela não estava conspirando contra ele. Se alguma coisa, ela era mais vítima do que ele. Afinal, ele sabia sobre a guerra que está sendo travada. Ele escolheu os lados. Com essas considerações veio uma forte dose de realidade. Ele não podia fazer isso. Não era possível tomar Karen pela raiva e acusação.

Murmurando um pedido de desculpas, ele rolou de cima dela, de costas. Ele cobriu o rosto com o braço, e desejou que a fúria de seu corpo acalmasse. Tudo dentro dele gritava para voltar para ela. Para levá-la. Ele só precisava deitar aqui um minuto.

E não tocá-la.

Ele absolutamente não podia tocá-la novamente.



Karen esforçava-se para arrumava a camisa e sutiã, sentindo as bochechas lívidas com a percepção de quão boa vontade ela se entregou a um



estranho. Se ele não houvesse parado... bem, ela não tinha certeza se teria. Ela ficou chocada quando ele a levou para a cama. Ainda mais quando ele começou a beijá-la. Mas a sua própria reação, sua luxúria flagrante, foi o chute final, e a coisa a teve se debatendo sem saber o que dizer ou fazer a seguir. Karen não tinha nada que participar de nenhum festival de sexo quando sua irmã poderia precisar dela.

Roupas de volta no lugar, Karen sentou na cama, olhando para Jaguar. Na disposição selvagem de cabelo emoldurando seu rosto. Na covinha no queixo quadrado. Em seu antebraço musculoso enquanto descansava sobre a testa.

De alguma forma, seu olhar conseguiu parar no estômago dele, onde a camisa ainda estava levantada por seus esforços. Em uma trilha fina de pelos que iam de seu umbigo vertendo-se a cintura antes de desaparecer na sua desbotada Levi. Ela engoliu em seco quando pensou exatamente onde podia acabar e o quanto ela queria saber.

Ela balançou a cabeça de leve, tentando se livrar da loucura de seus pensamentos. Converse. Eles precisavam conversar.

Karen desviou o olhar e puxou os joelhos contra o peito, os braços envolvendo-os. Se ela ficasse olhando para este homem, sua mente não falaria. O desejo de subir em cima dele e beijá-lo novamente era muito forte.

Ela sentia como se estivesse na Zona do Crepúsculo. Medo, não luxúria, deveria ser sua reação a Jaguar, um homem que, basicamente, manteve cativa. Mas ela não o temia. Nem um pouco. Ela fez uma careta. Isso era óbvio, considerando que acabou seminua com o homem.

Olhando sua forma imóvel, ela queria que ele dissesse alguma coisa. Mas mesmo agora, sem palavras ditas, a sensação de conhecê-lo foi ficando mais forte. O sonho, correção os sonhos no plural, com ele pareciam indicar que ela, de fato, o conhecia, embora não pudesse imaginar qualquer mulher esquecendo um encontro com esse homem.



Algo que Jag disse veio à tona. Ele mencionou um sonho bem antes de jogá-la em um turbilhão quente beijando-a. Poderia ser possível que duas pessoas partilhassem um sonho? Ela não sabia, mas uma coisa era certa, o que estava entre ela e Jag parecia de alguma forma ligada a Eva. Tinha que estar.

Crescendo aqui, então viajando pelo mundo, Karen ouviu superstições e mitos. Ela raramente dava a qualquer um deles mérito. Mas agora, bem agora, os mitos, as mordidas no pescoço de Eva, esta fazenda... tudo parecia somar. Ela respirou. Se ela afirmasse qualquer uma dessas coisas em voz alta, ela seria chamada de absolutamente louca. Ainda assim, sua irmã foi afetada pelo que estava acontecendo, e Karen tinha que manter a mente aberta. Antes que ela dissesse a alguém, ela obteria provas. De alguma forma. De algum modo. Ela conseguiria provas. E ela ajudaria Eva. Ela manteria sua irmã segura.

Delicadamente, Karen limpou a garganta. — Jag?

Silêncio.

— Jag —, ela chamou, e tocou seu ombro.

Ele empurrou seu braço e virou a cabeça para fixar-se nela com um olhar acusador. — Estou pendurado por um fio aqui. A menos que você queira que eu esqueça que sou um cavalheiro, não me toque.

Ela franziu o cenho. Poderia este homem realmente a quer tanto? Certamente ele tinha as mulheres fazendo fila para agradá-lo. Além disso, ele a colocou no inferno virtual nas últimas horas.

— Você está por um fio? — Ela exigiu, sentindo-se bastante agitada neste momento. — E eu? — Suas mãos caíram de suas pernas e ela mudou-se de joelhos para enfrentá-lo. E como sempre, quando ficava com raiva, agitava a mão no ar. — Você vem aqui, lançando acusações em mim, depois que você me impediu de ver minha irmã, invadiu meus sonhos e me fez agir como uma... uma maldita vadia ou algo assim. — Sentia-se confusa, ela fez uma pausa, — eu não gostei nem um pouco.



Ele estava sentado agora, e sua mão algemava seu pulso. — Ah, agora você ousa me tocar? — Karen exigia. — Vamos. Estou cansada de ser intimidada por você. Quero sair. Deixe-me ter minha irmã e vou embora daqui.

— Você teve um sonho comigo? —, Perguntou ele, a urgência em sua voz.

— Sim —, ela disse, encarando-o. — Eu tive um sonho. Tentei te dizer quando você me empurrou para longe.

Ele ignorou seu comentário. — Você o teve uma vez que chegou até a fazenda?

Ela assentiu com a cabeça. — Sim, e você está apertando meu pulso muito forte.

Ele afrouxou o aperto, mas não a deixou ir ou reconheceu a observação de qualquer outra forma. — Alguma vez você já sonhou comigo antes?

— Eu diria que não esta manhã, mas agora... agora acho que a resposta é sim. As imagens são nebulosas, mas tenho certeza de que eu sonhei com você. Talvez muitas vezes.

Jag olhou para ela, seus olhos escuros intensos. Potentes. Ilegíveis. Tão abruptamente como ele a agarrou, ele a deixou ir. Com um movimento ágil, ele estava fora da cama. Ele caminhava pelo quarto um momento, bem como ela fez anteriormente, parando de costas para ela e passando a mão pelo cabelo.

Karen podia sentir seu tormento como uma carga no ar. Ele estava lutando com alguma emoção sem nome ela desejava entender. Talvez fosse dar-lhe dicas sobre o que estava acontecendo.

— Eu sei que você acha que não pode confiar em mim —, disse ela, em voz baixa, movendo-se e sentando na beirada da cama. — Honestamente, não sei se posso confiar em você. Ainda assim, parece que o que quer que esteja acontecendo nos envolve muito, e acho que mereço saber o que é tudo isso.



Jag voltou-se então, de frente para ela e fixou um potente olhar nela, seus olhos escuros segurando uma sugestão das trevas além de sua cor. Seu cabelo estava em ordem selvagem em torno de seu rosto com ambas as mãos totalmente neles.

— Você quer saber do que se trata? —, Perguntou ele, mas não lhe deu tempo para responder. — Estamos compartilhando sonhos. Você diz que sonhou comigo desde sua chegada aqui. Bem, eu sonhei com você, também. O que aconteceu no final de seu sonho, Karen?

Ela não sabia o que dizer. Ela ousou criar ele mordendo ela? — Você...

— Eu te mordi —, disse ele. — Quem está jogando com os nossos sonhos quer que isso aconteça. Uma vez que eu te morder, uma vez que eu cruzar a linha, me torno semelhante a besta que feriu sua irmã. Eu perco tudo o que sou. — As palavras pairando no ar com implicação. — Então, agora você tem a sua resposta. Trata-se de monstros, Karen. Da vida real, unicamente monstros como o que mordeu sua irmã. Monstros que roubam sua alma e sua vida. Eles tiraram a minha.

Ela engoliu em seco, lutando contra a emoção brotando em seu peito. Emocionada enquanto ele estendia a mão em volta dela. De uma ligação estranha que a fez entender exatamente o que ele estava sentindo.

— Jag...

Ele a cortou com um golpe de sua mão. — Você tinha razão em não confiar em mim. Eu luto contra esses monstros, mas como você viu em seu sonho, eu não sou tão diferente deles, também. — Seus dentes cerrados, um músculo saltando em sua mandíbula. — Mas esta fazenda e os meus homens são a coisa mais próxima de segurança que você tem. Se você sair, eles vão te caçar e te matar. Portanto, escolha se acredita em mim ou não. Cabe a você. Só sei disso, ficar significa que você vive.

Ela esperava que ele dissesse mais, mas quando não o fez, ela percebeu que ele estava esperando por uma resposta. Realmente não era uma opção.



Tudo dentro dela disse que ele falava a verdade, tão insano quanto soaria se ela dissesse isso em voz alta.

— Por quanto tempo?

— Você e sua irmã se tornaram alvos, e não me pergunte o porquê. Eu não sei. — Seus lábios comprimiram. — Mas pretendo descobrir.

Ela assentiu com a cabeça, acreditando nele. — Nós vamos ficar.

— Há mais —, disse ele. — Os sonhos não vão parar. Quem está fazendo isso tem um plano para empurrar-me para o limite.

— E você acha que eles estão me usando para fazer isso?

— Você sabe o como era o nome da minha esposa? —, Perguntou ele, mas não lhe deu tempo para responder. — Era Caron. C-a-r-o-n. A versão italiana do seu nome.

Sua mão foi para sua garganta. — Essas bestas a mataram, não foi?

— Sim —, ele disse, — e eles vão te matar, também. Não duvido.

— Como você escapou?

— Eu não fiz, Karen. Você não entendeu? — Ele desafiou. — Eu não.

— E eles ainda estão atrás de você.

— Certo —, ele disse, seus lábios estendendo-se. — E eles estão tentando usá-la para me derrubar.

— Por que eu? —, Ela perguntou. — Eu não entendo nada disso.

Ele ignorou a pergunta. — Eu vou te levar para a sua irmã. Você pode andar pela casa como quiser. Vou mandar a governanta aqui para lhe mostrar e certificar-se que coma. — Com isso, ele se dirigiu à porta. Quando estendeu a mão para a maçaneta da porta, parou, mantendo as costas para ela enquanto falava. — Não posso estar perto de você, Karen. Fique longe.



Capítulo Nove

Adrian levantou o corpo, empurrando mais para dentro da fêmea humana em cima dele. O quarto sem janelas, parte de uma instalação enterrada sob a terra, piscava com luz de velas.

Lençóis de seda pretos cobriam a enorme cama com moldura de carvalho de Adrian e acariciavam suas costas. Sua mais nova serva, a enfermeira que capturou e logo converteu, cavalgava-o, seu núcleo molhado acariciando sua ereção. Ele não se lembrava do nome dela. Alice. Sherry. Algo assim. Ele não sabia, nem se importava. Os humanos eram simplesmente brinquedos, seres menores que serviam os seres maiores como ele próprio.

Com um gemido baixo, sua serva sentou-se, retardando seus movimentos como se ela saboreasse cada parte de sua ereção dentro de seu corpo. Apalpando seus seios voluptuosos, ela mordeu o lábio inferior, e inclinou a cabeça para trás, perdida no prazer Adrian entregava. A besta dentro dele, primordial e sexual, consumia os humanos, satisfazendo-se, sem reconhecer ou permitir resistência. O animal se alimentava do poder de tomar. Controlando. Devorando.

Sua serva o montou, louca de desejo. Moendo o V de seu corpo contra ele, igualando o seu movimento ascendente com um descendente. Som de prazer deslizava de seus lábios, seu corpo empurrando e remexendo como um animal no cio, desesperada pela liberação.

Adrian olhou para seu mais novo prêmio, aproveitando o deleite visual, que ela apresentava. Seu mamilo, então roliço e firme, espiou por entre os dedos e ele queria prová-los. Contorná-los com a língua. O pensamento engrossou seu pênis, entregando o que ela queria. O que ela precisava... mais.



Mais do que apenas ele, o ultimato da besta, poderia entregar: satisfação absoluta.

Tudo o que tinha a fazer era entregar-se a ele. E ela tinha.

Em princípio, ela lutou contra ele, uma enlouquecida fêmea pronta para o sangue. Ele desfrutou imensamente. Quebrá-las sempre o excitava. Mas agora, horas mais tarde, ela havia esquecido seu amigo perdido, o que ele capturou para isca. Havia esquecido no minuto que a língua dele tocou seu clitóris.

Um longo lambar ao longo das dobras de seda de seu núcleo e ela estremeceu em sua submissão.

E agora, sua pequena enfermeira estava ofegante e balançando, e nem um pinga de contenção à vista. Com prazer ele se continha, não deslizando para o seu lado primitivo. Curtindo o show que ela entregava. Ele entediava-se facilmente, descartando seus submissos quando já não incitavam seu interesse. Sua luxúria. Ele pensou em usar a enfermeira por uma noite ou duas e depois matá-la. Agora não tinha tanta certeza. Ela tinha potencial, esta, sua natureza sexual fazendo dela uma companheira perfeita para uma besta. Ele precisava de sexo e precisava muitas vezes. Se ela era tão quente antes de reivindicar o seu lado humano, ele só podia imaginar como ela responderia quando o fizesse.

O pensamento lhe agradou e suas mãos foram até a cintura. Ele a puxou com mais força contra seus quadris, resistindo para cima, o bater de seus corpos levando-o em direção a liberação. Ela gritou, arqueou as costas, as mãos foram para trás dela para se sustentar nas coxas dele.

Ele bombeava e bombeava, impulsionado agora pela visão dela. Nada além da luxúria e ardente satisfação controlavam ele e suas ações.

Fome o comia e Adrian sentou-se, envolvendo um braço em volta de suas costas e puxando o calor de seu corpo humano contra um mais frio. Ele adorava a sensação de um humano em seus braços. Isso o fez se sentir tão... vivo.



Ele beliscou um de seus mamilos e ela fez um som, uma mistura de dor atada com prazer. Sua cabeça levantou para que ela pudesse olhar para ele, seu cabelo escuro selvagem enquanto emoldurava seu rosto em forma de coração e cobria seus ombros.

Ele beliscou o pico ereto novamente e ela o recompensou com um grito. Um sorriso em sua boca, ele abaixou a cabeça, encontrando o mamilo com seus lábios e dentes e depois lambendo a dor, acariciando-o com carícias molhadas. Desta vez, ronronou para ele. Mais uma vez, os dentes raspavam, depois beliscaram e ela engasgou.

Mas ele não a acalmou com a língua como fez antes. Ainda não. Adrian levantou o olhar ao dela. — Dói?

— Sim —, ela sussurrou com uma respiração tremula.

— Mas você gosta disso, não é?

Ela segurou o seio, oferecendo-lhe os mamilos novamente. — Sim.

Ele deu a ela o que queria, sugando o mamilo rosado profundamente em sua boca. Mas não por muito tempo. Adrian enterrou o rosto em seu pescoço, pressionando seus corpos juntos e balançando. Por vários minutos, eles se moveram juntos, para a satisfação e liberação. Subindo para a conclusão final.

No instante que seu corpo apertou, mordeu-a com o orgasmo, ele sentiu sua própria bomba em seu corpo, também. Ele afundou os dentes em seu ombro, saboreando o prazer vermelho do sangue dela derramado enquanto ele mesmo nos recônditos molhados do corpo dela. Ela endureceu, ofegando com a picada de seus caninos queimando através de sua carne. Mas apenas momentos depois, ela suspirou de felicidade e chamou o seu nome... Adrian.

E, facilmente, sua conversão começou.

Quando ele retirou os dentes, passou um dedo sobre as feridas, selando-as, mas não completamente limpando-os da vista. Ele preferia que suas vítimas vissem a prova que ele reivindicou suas vidas, sua própria existência.



Bateram na porta, e ele empurrou a enfermeira fora dele. Quando ela protestou, enviou a ela um comando mental, a ordenando dormir. Ela afundou no colchão, obedecendo como ele sabia que ela faria, sua alma, sua mente, seu próprio ser, já deslizando entre os vivos e os mortos. Em seu controle.

— Entre, — Adrian ordenou.

As portas duplas abriram, luzes derramaram no quarto mal iluminado do corredor. Debaixo do chão, ele sempre se sentiu como a noite, mas as feras viam quase tão bem na escuridão, como na luz.

O próximo de Adrian no comando apareceu na entrada, reduzindo-a com seus ombros largos e estrutura muscular. Anos antes ele foi chamado de Drake. Adrian simplesmente chamava-o Segundo ou “segundo”. Isso mantinha as coisas em perspectiva. Seu Segundo jamais seria o “primeiro”. Esse era o seu papel com Caim e de mais ninguém. O último Darkland que tentou tomar o seu lugar perdeu a cabeça.

Adrian acenou com a mão na lâmpada na mesinha de cabeceira, usando uma de suas muitas habilidades mágicas para iluminar a sala com um brilho ofuscante, o ato um lembrete sutil de sua maior hierarquia e habilidade.

— Onde diabos você esteve, Segundo? — Adrian perguntou, sentando-se, não se preocupando com sua nudez. — Eu tenho tentado chegar até você por horas.

Segundo entrou no quarto, fechando a porta e depois tomando uma posição militar, mãos cruzadas na frente do peito, as pernas em um V. Suas esculpidas, características duras não mostravam nenhuma reação, seu queixo quadrado determinado e imóvel.

Por um mero instante, os olhos de Segundo piscaram para a mulher nua na cama e depois voltaram para Adrian. — A missão de recrutamento entrou em dificuldades.

— O que diabos isso significa? O que pode dar errado com uma missão simples de recrutamento? — Adrian questionou intencionalmente criando uma



exigência, dura e letal. Ele sentiu a fúria dentro do edifício. Ele sentou-se na beira da cama, sem olhar para o seu segundo enquanto esperava a resposta. Em vez disso ele inalou, lutando contra o desejo de cruzar a distância e imprensar Segundo contra a parede. Nada iria estragar seus planos para derrubar Jaguar. Nada.

E o maldito silêncio estava irritando-o. Quando ele questionou a pergunta, tinha a maldita certeza que esperava uma resposta. E ele sentiu o desconforto de seu segundo. Adrian não tinha que olhar para o outro animal, para sentir a tensão. A raiva.

— Bem? — Adrian perguntou, abrindo de um puxão o criado-mudo e retirando um pequeno charuto mexicano. Ele empurrou-o entre os lábios e acendeu-o.

Segundo finalmente falou, suas palavras firmes e baixas. — Uma batalha com os Cavaleiros significa perda substancial de mão de obra.

Adrian tragou profundamente o charuto e depois olhou para Segundo, tomando seu tempo para responder. Deixando Segundo contorcer-se.

Seu segundo parecia tão frio e insensível para aqueles ao seu redor. A cicatriz que ziguezagueava pela bochecha direita junto com seu corte de cabelo em estilo militar o novo corte só servia para intensificar a escuridão de seus olhos profundos. Mas Segundo não chegava nem perto de se igualar a quão frio Adrian poderia ser. A segundo seria prudente lembrar bem.

— Então você pensou em recrutar para preencher essas perdas hoje? — Adrian perguntou.

— Exatamente —, respondeu Segundo. — Preparando-nos para o pior.

Adrian estreitou os olhos sobre o outro animal, mantendo a voz baixa. Letal. — Eu esperava que a preparação fosse feita — ele elevou a voz — com maldita antecedência! E há melhor que não seja o pior caso. Este melhor será tão grande que estamos celebrando. — Sua voz baixou e seu tom assumiu uma ponta de ameaça. — Entendeu?



O outro animal cortou o olhar para o chão, como se escondendo sua reação. — Sim, senhor —, ele murmurou.

Com uma imagem mental, Adrian se vestiu. Calças pretas de couro. Camiseta preta. Botas pretas. Ele se levantou, sentindo o poder correndo através de seu corpo. O poder de raiva, de antecipação, da sede para a destruição de Jag. Das recompensas que Caim lhe daria por destruir o poderoso líder dos Cavaleiros.

Segundo levantou os olhos. — Mestre...

Quando Segundo abriu a boca para explicar, foi à última gota. Adrian pensou que Segundo saberia melhor do que dar desculpas agora.

Segundo conseguiu duas palavras mais antes de Adrian agir. Essas palavras, — Minha intenção...

Adrian mordeu o charuto entre os dentes e estendeu a palma da mão para cima, o fashion sinal de pare. Segundo voou no ar e bateu na porta, seu corpo preso à superfície de madeira, seus músculos e até mesmo suas cordas vocais congeladas. Adrian lhe permitiu respirar.

Mas por pouco.

Fazia muito tempo desde que passou a lembrar à segundo de quão potente eram os poderes de seu mestre. Agora, antes de colocar seus planos em jogo com os Cavaleiros Brancos, Adrian queria que Segundo recordasse. Para saber o quão doloroso Adrian faria seu fracasso. Ele queria que Segundo sentisse medo.

Com um piscar, Adrian brilhou para fora do quarto e reapareceu na frente de Segundo. Ele deu uma baforada de seu charuto e depois o retirou de seus lábios. — Eu amo essas malditas coisas —, disse ele olhando para a fumaça marrom fina entre os dedos e inalando o mofado cheiro. — Mas eu tenho alguns cubanos guardados para celebrar a destruição de Jaguar.



Por alguns segundos, ele olhou para o rosto de seu segundo. Ele respeitava Segundo mais do que a maioria em torno dele. Este animal foi um dos que cobigaram poder e controle como Adrian fez. Honrosas qualidades, enquanto eles foram mantidos em cheque. Adrian olhou para a cicatriz no rosto de Segundo e depois sorriu.

Sem aviso, ele enfiou o charuto aceso na ferida antiga. Uma ferida nascida de dias humanos de Segundo. Choque e dor de Segundo invadiram o corpo de Adrian, entregando uma corrente de puro prazer e Adrian riu com a elevação da mesma.

Ele empurrou mais duro o fumo, o enterrando na pele, brutalmente aberta agora. — Atrapalhe meus planos —, Adrian disse, — e eu vou queimar cada centímetro do seu corpo.

Ele prendeu Segundo em um olhar, em busca de seus olhos, para ter certeza de que seu segundo compreendida plenamente. Quando se certificou de que fez seu ponto, Adrian recuou, jogando o cigarro no ar. Um segundo depois, ele desapareceu.

Adrian manteve a palma da mão para cima novamente e Segundo caiu no chão.

— Levante-se —, disse Adrian, sentindo a raiva e derrota de Segundo carregarem o ar. Ele apontou para a cama, onde a serva nua deitava. — Use a garota. Ela é uma pequena cadela quente, ansiosa por agradar. Trabalhe isso fora de seu sistema, porque não vou lidar com isso no campo de batalha. — Adrian zombou. — Só não faça aqui. — Ele odiava intrusos em seu espaço. — Saímos em três horas.

E então, num flash tirou à besta e a mulher humana de seu quarto.



Marisol entrou na pequena estrutura da catedral que se situava no fundo das árvores ao oeste da casa principal. Ela a herdou do curador que serviu os Cavaleiros antes dela.

O Curador que ninguém falava, nem mesmo Salvador. Um pequeno detalhe que a incomodava de uma forma profunda. Tinha seu antecessor encontrado destruição ou salvação?

Decidida a controlar seu próprio destino, ela entrou na sala em forma de octógono que chamava de "Sala Verde", porque tudo dentro era algum tom de verde. As paredes, cortinas, até o tapete. A cor símbolo do renascimento e rejuvenescimento.

Era aqui que Marisol frequentemente encontrava isolamento. Não é uma coisa fácil de encontrar com os cavaleiros, e seus corpos grandes e atitudes maiores em cada turno.

Levando a vista sobre o quarto, Marisol já se sentia mais calma. Ela caminhou pelo tapete a um pequeno baú colocado ao lado da única peça real de móveis na sala, uma cadeira de tamanho grande.

Marisol não poderia chegar a Salvador, então ela tinha que encarar os fatos. Ela estava sozinha, seu dever como seu guia. Já, a alma de um humano ameaçava escapar. E não podia deixar isso acontecer. Não podia falhar.

Em muitas ocasiões, ela chamou almas de volta para os humanos, mas desta vez era diferente. Uma escuridão poderosa continha a alma de Eva em seu controle. Uma escuridão, que ela tinha que parar.



Com o Livro do Conhecimento na mão, Marisol afundou no conforto familiar da cadeira. Ela pressionou a palma da mão contra a sua superfície, sentindo uma sensação estranha, mas familiar de poder ao segurá-lo. Ela sentiu o peso onde ele descansava em seu colo, pesado, com a sabedoria que detinha. Sabedoria passava de curador após curador, século após século.

Com determinação para encontrar uma solução para salvar seu novo paciente, Marisol considerou seu livro. O livro que ela nunca teve um uso antes de agora, embora ela o estudou de capa a capa, porque até agora, a cura veio tão facilmente como canalizar sua energia.

Marisol levantou a capa do livro, determinação em sua mente. Ela ganhou seu lugar como Curador, a chance de fazer valer seu passado, e ela não falharia. Eva seria salva.

Capítulo Dez

Foi uma hora mais tarde, quando Jag se aproximou da catedral. Marisol sabia que era ele, assim como ela sempre fez. Magia rodeava sua presença, forte e vigoroso. Intocado, porque Jag se recusava a aceitar verdadeiramente tudo o que podia ser.

Por fora, um guerreiro que comandava os Cavaleiros. Por dentro, ela sentia o seu medo. Medo de si mesmo e do que havia se tornado. Ele foi entregue ao seu destino, enquanto ela escolheu a dela. Marisol entendeu suas lutas. Ela também se preocupava que seria sua morte.

Ela colocou o livro de lado, um plano formado para curar Eva. Assim quando ela se virou para a porta, empurrou-a Jag, sua expressão guardada como sempre. — Alguma ideia?



— Além de você encontrar a fera controlando-a e matando-o —, ela perguntou, mas não esperava uma resposta. — Talvez. Ou pelo menos uma forma de mantê-la neste mundo até que possamos encontrar outra.

Jag deu-lhe um olhar interrogativo, arqueando uma sobrancelha para cima.

Ainda assim, ela hesitou, sabendo que estava pisando em águas agitadas. — Eu deveria ser capaz de usar o amor de sua irmã como um impulso para os meus poderes. Isto é, se eu puder levá-la a acreditar nas Darklands e em minhas habilidades de cura.

— Ela já sabe a verdade. Ela só não aceitou isso. — Seus lábios comprimiram. — Use-a. Ela está com a irmã agora.

Esta notícia veio como uma surpresa. Poucas horas antes, ela expressou sua preocupação com o confinamento da irmã apenas para ser friamente cortada. Estas mulheres foram vítimas, mas Jag agiu como se fossem inimigos.

— Eu deveria estar lá também —, disse Marisol, de partida para a porta, mas se forçado a parar novamente.

Jag ainda bloqueava a entrada. Ele não se moveu. Não falou. No entanto, o ar crepitava com uma corrente elétrica. Com palavras não ditas.

— O que é isso? — Marisol disse, sentindo sua tensão, desejando entender o que estava acontecendo.

— Alguém está brincando com meus sonhos. — Ele hesitou. — Não é apenas os meus. Karen, também. Eu preciso que você encontre uma maneira de fazê-lo parar.

Marisol estreitou seus olhos sobre ele. — Estou confusa. Que tipo de sonhos?

Um músculo em sua mandíbula saltou. — Basta fazê-los parar, Marisol.

— Eu não sei se posso —, disse ela. — Salvador...

— Não está aqui —, ele terminou por ela. — Você está.



Isso era muito sobre sua cabeça. Ela não sabia informações suficientes para começar a trabalhar nisso e Jag não parecia querer dar mais, também.

— Só mais uma coisa —, disse ele. — Preciso saber que Karen entende o que vai acontecer se ela correr.

Marisol estreitou os olhos nos dele, procurando nas profundezas negras de seu olhar indecifrável. Ela também observou o uso do nome da mulher humana. — significa que as Darklands vão caçá-la e matá-la.

— Significa que Eu vou atrás dela.

Essa não era a resposta que esperava, e tentou esconder a surpresa, sabia que estava registrada em seu rosto. Quem era esta mulher e, o que ela significa para Jag?

— Porque as Darklands irão após ela, certo? Você vai atrás dela para salvá-la —, ela disse, a declaração final não se entendia como uma pergunta... mas era. Por que havia uma sugestão de ameaça em sua voz?

Mas Jag não respondeu. Ele já estava indo embora.

Marisol não tinha opção. Ela precisava falar com Karen.



Karen caminhou pelo quarto novamente, precisando de algum lugar, qualquer lugar, para colocar toda a confusão e emoção queimando por dentro.

A ordem de Jag para “ficar longe” repetindo em sua cabeça, mais e mais, uma provocação alta no silêncio no quarto. Por que as palavras incomodavam tanto? E se ele a queria “longe”, por que a trouxe aqui e trancou-a em primeiro lugar?



Sua alegação de que “monstros” caçariam, ela e Eva e as matariam tocava como um aviso sinistro em sua mente. Karen viu as marcas na pele da irmã. Ela ouviu as histórias, as que afirmavam que o Rancho Jaguar seria a casa dos caçadores de monstros. Ela veio aqui para curar sua irmã, para encontrar ajuda e até mesmo proteção.

Proteger alguém não significava torná-lo um prisioneiro. Ela ficaria feliz em sair assim que pudesse.

Mas também, havia uma complicação, e ela sabia disso. No fundo, Karen não tinha tanta certeza que realmente queria sair. Por alguma razão, vir aqui parecia a escolha certa. Estar aqui agora, apesar da loucura do desdobramento dos eventos, parecia certo, também. Mais do que certo. Parecia o caminho para salvar sua irmã... e talvez a si mesma.

Karen orou pelo significado das palavras de Jag, que ela agora estava livre para sair do quarto e ver a irmã. Ver a prova, que sua irmã estava bem, iria ajudá-la a solidificar suas escolhas. Ela devia estar com Eva, ajudando-a a passar por isso. Certamente Jag entendia isso.

Como facilmente ela usava o nome dele, Karen percebeu.

Uma repetição sensual do sonho se formou em sua mente, envolvendo-a com perguntas, e a necessidade de respostas. Como ela poderia ter sonhado com Jag no passado, antes de conhecê-lo? E por que não podia lembrar-se deles até agora? E então, havia a grande pergunta, por que ela ardia quando ele a olhava e derretia totalmente com seu toque?

Ela conhecia Jag antes de encontrá-lo no aeroporto?

Talvez sim.

De alguma forma. De algum modo. Sim. Ela pensava que devia ser o caso. Talvez a memória foi suprimida, escondida em sonhos que enterrou profundamente na noite. Talvez vê-lo, estar aqui, trouxe-os para a superfície. Parecia a única resposta lógica.



As pessoas não sonhavam com estranhos que nunca viram. Ela riu, mas não com humor, afundando no colchão quando sentiu as pernas balançarem um pouco, exaustão sempre presente.

Se ela não conhecia Jag antes de hoje, depois de conhecê-lo em seus sonhos tinha que ser... o quê? Ela riu de novo, sentindo-se um pouco louca enquanto formava uma explicação.

Mágica?

A palavra fez deu um solavanco no estômago, como se seu corpo soubesse uma verdade que ela não havia aceitado. Monstros e caçadores de monstros... se ela veio aqui, a ousava acreditar que monstros podem ser verdadeiros, então por que não mágica?

Passando a mão áspera através do cabelo desgrenhado, as narinas de Karen queimaram com um cheiro picante de macho. Cheiro Jag estava todo sobre ela, provocando-a com sua presença. Lembrando-a de seu beijo. De seu gosto.

Karen andava mais rápido, apertando os olhos fechados, e tentando bloquear a imagem da mão de Jag em seu cabelo. Em seu corpo. Em seus sonhos.

Olhar de Karen apontou para a porta enquanto ela a ouvia ser desbloqueada. Um segundo depois, ela lentamente se abriu. Um dos homens que a trancou estava na porta.

Alto e largo, com ultracurtos cabelos, um queixo quadrado e um chapéu de cowboy, este homem não era nada como o seu patrão. Nada como Jaguar. Não, este homem parecia e descrevia-se mais como "American Pie" misturado com "Bad Boy", como se ele fosse um bom rapaz tentando se esconder atrás de formas selvagens. Jag não se escondia. Sua aparência exótica falava alto da verdadeira escuridão. Ele destilava perigo. Trevas. Poder sensual.



— Meu nome é Rock, senhora —, disse o visitante, seus ombros largos ocupando toda a largura da porta. — Estou aqui para levá-la para ver sua irmã.

Alívio caiu sobre ela. Chegar a Eva era tudo que importava agora e saber que sua irmã estava segura. Empurrando os pés, Karen não estava disposta a discutir. — Ótimo. Onde ela está?

— Do outro lado do corredor —, disse ele, apontando para ela o seguir. Ele começou a se virar, e hesitou, inclinando o chapéu para trás com o dedo indicador. — Desculpe, tivemos um mau começo. Eu, hum, sei que esta coisa com sua irmã deve ter-lhe deixado muito sensível.

Suas palavras a surpreendeu. Karen procurou seu rosto, com foco em seus profundos olhos castanhos, pela sinceridade que ela ouviu em sua voz. E a achou lá. Encontrou sinceridade e muito mais. Por um instante, apenas um, ela viu a dor compartilhada.

Rock entendia seu medo por sua irmã.

Ele perdeu alguém que amava muito profundamente antes do tempo da pessoa.

Sem outra palavra, ele se moveu para o corredor, e ansiosa para encontrar Eva, para ver que ela estava segura e bem, Karen o seguiu.

Alguns momentos mais tarde, com Rock em seus calcanhares, Karen entrou em uma sala mal iluminada, uma sombra branca lisa cobrindo uma janela solitária. Ajustando a iluminação, Karen trouxe a cama individual em foco.

No instante em que viu a irmã, frio passou por dentro de Karen, o peito apertou.

Foi-se a mulher vibrante que conhecia como sua irmã, uma tão cheia de vida e de amor, assim como os medos. Em seu lugar descansava uma estranha, pálida imóvel, olheiras sob seus olhos fechados. Cílios castanho-



escuros emolduravam seu rosto. Karen engoliu contra uma onda de emoção, mal conseguindo respirar enquanto o medo tentava tomar posse.

Ela forçou a pergunta que precisava respondida, mas tinha medo de perguntar. — Ela está... morta?

— Dormindo, — Rock disse.

Alívio caiu sobre ela. Karen deu um passo adiante, facilitando para a borda do colchão e alcançando a mão de sua irmã. — Eva?

Nada. Nem mesmo uma sugestão de resposta.

Karen se inclinou para frente e roçou os nós dos dedos sobre sua bochecha. — Eva, querida. Volte para mim. — Lágrimas queimavam no fundo de seus olhos. — Por favor, volte para mim, bebê.

Golpeando a gota solitária que deslizou de seu olho, Karen olhou para o quarto. Não havia nenhum sinal de instrumentos médicos ou máquinas. Sem esperança de suporte de vida. Ela era louca por estar aqui. Louca.

— Onde está o Curador?

— Eu sou Marisol.

Karen voltou-se para encontrar uma jovem mulher não-mais de vinte e quatro ou cinco com o cabelo longo e escuro de pé dentro do quarto. Vestida para se misturar com o ambiente, ela usava jeans desbotados, botas e uma camiseta. Com o rosto em forma de coração, queixo pontudo e olhos luminosos, ela parecia quase angelical. Sua aparência jovem deu-lhe uma aparência infantil.

Karen riu, mas não com humor. Com descrença e um pouco de pânico com o bem-estar de Eva. Ela ficou de pé, de frente para a nova visitante. — Diga-me que você está brincando.

— Estou cuidando bem de Eva, Karen —, a mulher disse em voz baixa. — Prometo que vou fazer tudo ao meu alcance para trazê-la de volta para você. Você tem que confiar em mim.



— Certo. — Karen levantou as mãos para o quarto. — Você não tem nenhum suprimimento médico.

— Porque isso não vai ajudar a sua irmã, e eu acredito que você sabe disso. Você veio aqui por uma razão. Você veio porque sabia que ela precisava de ajuda, ela não poderia conseguir em qualquer outro lugar.

Karen rejeitou suas palavras e olhou para as feições pálidas de Eva, observando novamente os círculos escuros em sua pele pastosa branca. Era hora de parar esta loucura. Eva havia ficado pior, não melhor, desde a sua chegada.

— Eu quero falar com Jag, e quero falar com ele agora. — Sua voz tremeu de emoção, com medo e raiva. — Eu não vou ficar aqui mais um minuto.

Ela mal terminou a frase quando Rock moveu-se. Ele puxou uma faca de Senhor só sabia onde, e em um flash de movimento cortou sua palma profundamente. Ele estendeu-a, o sangue escorrendo para o chão, o corte da ferida evidente.

Karen suspirou, sentindo como se tivesse sido chutada no peito. Ela afundou de volta na cama, chocada e com medo do que ele faria em seguida.

A Curadora olhou Rock com indignação. — Você está tentando assustar o inferno fora dela?

Em resposta, Rock aproximou-se da Curadora, seu grande corpo superando o dela minúsculo. Ele estendeu a mão para a Curadora, a faca ainda na outra. — Me cure.

Com uma respiração profunda, ela agarrou seu pulso. — Segure-o aberto.

Karen assistiu com espanto quando a Curadora colocava a palma da mão de Rock para cima, derramando um brilho de sua mão para a dele. Um minuto



depois, a Curadora deixou ir seu pulso. — Não faça isso de novo —, disse ela em repreensão.

— Tudo o que você disser, Marisol —, disse ele, em voz baixa. Então, ele olhou para Karen e levantou a palma da mão para ela inspecionar.

Piscando, Karen olhou para frente dela. Não podia ser. Ela piscou novamente. A ferida foi curada. A fenda enorme em sua mão estava completamente selada. Restos de sangue manchavam a mão como prova de que a ferida existiu, mas não havia nenhuma outra prova em tudo.

Dedos cavando no colchão, Karen digeriria o que acabara de acontecer. Ou ela estava completamente louca, ou acabava de ver a prova de que mágica, milagres, existiam.

Lentamente, seu olhar se voltou para Eva, observando sua irmã com um sentimento doentio de perda. Se existia magia, monstros existiam, também. No fundo, ela já sabia que era verdade. A Curadora estava certa. Karen veio aqui por uma razão. Ela sabia que este lugar, essas pessoas, eram a sua única esperança de salvar sua irmã.

— Vou precisar de sua ajuda para salvá-la —, a curadora disse, sua voz próxima.

Karen olhou para cima para ver a mulher que estava ao seu lado. Ela respirou fundo e chegou lá no fundo de sua resposta.

E então ela deu um salto de fé. — O que eu preciso fazer?



Capítulo Onze

Jag era o líder de um grupo de caçadores de monstros imortais. Não.Bestas. Marisol chamou de bestas.

A partir do que ela entendeu, havia cerca de 20 “estagiários” na propriedade, e um grupo de cinco cavaleiros que trabalhavam diretamente com Jaguar. Homens que mantinha perto, que o ajudava a treinar e colocar outros Cavaleiros fora de suas instalações. Todos esses anos crescendo próximo a esse local, ela pensava que era um rancho de cavalos, pensou que os rumores dos caçadores de monstros que viviam aqui fosse bobagem.

Karen sentou-se em uma mesa de cozinha em madeira de aparência muito normal, situada na esquina de uma cozinha aparentemente muito normal. Em frente a ela estava uma tigela de macarrão com queijo.

Uma refeição completamente normal.

Mas era uma fachada.

Esta sala de aparência normal estava no meio de um centro de treinamento para o que ela já sabia ser os “Cavaleiros Barncos”. Depois de horas de conversa com Marisol, ouvindo sobre as “bestas”, Karen estava absolutamente certa de que nada na vida jamais seria “normal” de novo.

Especialmente Eva.

Marisol trabalhou duro, com a ajuda de Karen para reviver sua irmã. Os resultados foram sombrios na melhor das hipóteses. Eva revirasse enquanto Marisol tentava curá-la. E não importou o quão duro Karen tentou acalmar a irmã, ela não foi capaz de ajudar.

Eva parecia perdida, ido para sempre.



Marisol colocou um copo de refrigerante na mesa e, em seguida, sentou-se no assento ao lado de Karen. — Eu posso sentir o seu esgotamento.

Karen teria respondido, mas ela acabava de enfiar a colher na boca. No minuto que a comida bateu em seu paladar, seu estômago roncou. Era como se tivesse entrado em hibernação e acabado de acordar. — Deus. Eu estava com mais fome do que pensava. Faz uma eternidade desde que comi.

— Faz macarrão com queijo paracer como lagosta, não é? — Marisol perguntou, com um sorriso.

— Adoro essas coisas —, disse Karen. — Eu comeria macarrão com queijo como lagosta qualquer dia. — Ela mencionou seu relatório de viagem durante suas conversas anteriores. — Minhas viagens não são nos Estados Unidos, por isso não é fácil de obter algumas das coisas que gosto. A última vez que estive nos Estados Unidos, eu embalei Kraft Easy Mac² para enfrentar a estrada.

Marisol terminou uma mordida de comida. — Deve ser divertido ver lugares e ser pago por isso.

Karen deu de ombros, culpa esfaqueando seu intestino e granpeando seu apetite novamente. — Eu acho. Talvez. — Ela hesitou, precisando de um amigo. Já se sentia confortável com Marisol. Quase familiar. Muito parecido com Jag... bem, não, como Jaguar, mas familiar tudo a mesma coisa. — Ele também me levou para longe da minha irmã quando ela obviamente precisava de mim.

Marisol colocou a colher para baixo. — Você não fez isso para Eva. Os Darklands fizeram.

— Mas...

² [Kraft Easy Mac](#) - **Kraft Dinner** (Canadá), conhecido como **Kraft Macaroni and Cheese** ou **Mac Kraft e Cheese** nos Estados Unidos, e **macarrão com queijo** ou **Cheesey Pasta** no Reino Unido, é um [macarrão e queijo alimentos de conveniência](#) que exige o mínimo de preparação por parte do consumidor. O produto original, um [macarrão empacotado seco e mistura de queijo](#), foi introduzido em 1937 pela empresa hoje conhecida como [a Kraft Foods](#). Ela agora está disponível em várias outras formulações. ^[2]



— Não há mas. Você sente culpa, porque você a ama, não porque merece. Além disso, não paramos de luta. Se eu não puder corrigir isso, Jag pode.

Karen tomou um gole, tentando esconder a forma de como só de ouvir o nome Jag a afetava. Por hora, ela esperava vê-lo. Ela disse a si mesma que era para amaldiçoá-lo por tratá-la como fez, mas era mais do que isso. Até mesmo seu nome seduzia seus sentidos. Jag... fazia coisas com ela.

— Falar sobre Jag a deixa nervosa.

Os olhos de Karen dispararam para Marisol, surpreendida com sua intuição. — Ele me trancou em um quarto. Nervosismo é de se esperar, não é? — Ela não deu tempo para a Curadora responder. — O que Jag pode fazer para ajudar Eva?

— Se ele puder encontrar o animal controlando sua irmã e matá-lo, então, Eva será livre. — Ela hesitou. — Karen, precisamos conversar sobre algumas coisas e elas precisam ficar entre nós.

Os olhos de Karen se estreitaram em Marisol. — A quem iria falar?

— Eu sei de coisas que Jag ainda não sabe que sei. Coisas que me permitiram chegar a algumas conclusões eu acho que você tem o direito de saber.

— Como? — Karen perguntou, esperando por respostas para perguntas que não tinha certeza se ela sabia perguntar.

— Jag teve uma mulher uma vez. A maioria sabe disso, mas não sei o nome dela.

— Ele me disse —, disse Karen. — Caron. O mesmo que o meu.

Surpresa registrava-se no rosto de Marisol. — Eu não sei de ninguém que ele já compartilhado isso.

— Ele só me disse porque queria que eu entendesse por que alguém está me usando para chegar até ele.



— Através de seus sonhos —, disse Marisol, mas parecia já saber.

— Certo —, disse Karen, girando o garfo em seus dedos, um pouco desconfortável. Ela gostava de Marisol, até sentiu confiança instantânea com ela, mas isso era confuso, e honestamente, ela não queria compartilhar a natureza dos sonhos. — Você pode fazê-los parar?

— Eu não sei —, disse Marisol, sua resposta um pouco lenta. — E não tenho certeza se deveria, mesmo se eu puder.

Karen ficou tensa. — Por quê? — exigiu, sua voz um pouco áspera e ela sabia disso. — Eu não entendo?

— Aposto que você não sabia que o pai de Caron foi um explorador. Ele viajou o mundo e Caron queria fazer o mesmo. Ela recolheu revistas dele e de outros exploradores. Ela costumava lê-las para Jaguar.

As palavras acariciaram algo distante em sua mente. Algo enterrado. Karen balançou a cabeça, querendo que toda essa confusão acabasse. — Eu não vejo o que isso tem a ver com os sonhos.

— Você escreve para uma revista de viagens —, disse Marisol. — Você viaja o mundo.

Karen riu, mas não com humor. As palavras bateram em casa, recusando-se a serem ignoradas. — Certamente você não está sugerindo que há uma conexão entre Caron e eu?

— Eu simplesmente estou sugerindo que você abra sua mente para possibilidades, — Marisol oferecia. — Antes de tentar se livrar dos sonhos, verifique se eles não possuem respostas que precisamos. — Ela considerou um momento e então acrescentou, — Você precisa. E se esses sonhos representam o caminho para salvar tanto a sua irmã e Jag?

Antes que Karen pudesse responder, vozes masculinas, seguidas pelo riso, encheram o ar. — Estou passando fome. — Outra gargalhada. — Primeiro comida. Em seguida, uma loira de pernas bem longas, eu acho.



A resposta não tão educada seguido, e então o riso pareceu desaparecer. Karen e Marisol trocaram um olhar. — Desculpe —, disse Marisol. — Viver com uma casa cheia de homens você consegue isso.

Um assobio encheu o ar, uma melodia familiar que Karen não conseguia localizar. Ele terminou abruptamente quando um macho sem camisa apareceu na cozinha. Os olhos de Karen se arregalaram. Não era apenas um macho. Era um grande, incrivelmente sexy, macho meio vestido.

A testosterona neste lugar era quase irresistível.

Suor escorria abaixo por seus quadris, o recém-chegado exibia abdominais de aço, um peito largo, e definidos ombros. A toalha jogada sobre o ombro, o cabelo castanho na altura do queixo mal contido em um elastico na parte de trás do seu pescoço, sugerindo que ele acabava de terminar um treino.

— Estou interrompendo? —, Perguntou ele.

— Sim, — Marisol disse, — mas não é como se você se importasse. — Ela olhou conhecedora para Karen. — Conheça Des, o Cavaleiro com o maior ego.

Des piscou para as senhoras e abriu a geladeira, pegando uma jarra de leite e chutando a porta fechando-a novamente. — Confiança não é igual a ego —, ele respondeu, pegando um copo de um armário, flexionando o bíceps com o movimento.

Marisol revirou os olhos. — Por favor. — Ela olhou para Karen. — Ele é tão arrogante como eles chegam.

— E adorável, — disse ele. — Não se esqueça adorável. — Com um pedaço de pão, um pote de manteiga de amendoim e uma faca na mão, Des sentou frente a Karen. — Ela me ama. Você pode dizer?



Vendo mais de perto, Karen conhecia este homem. Conhecia a cicatriz na bochecha. Memórias de ser levada até as escadas por vários homens voltaram com uma mordida amarga. — Você ajudou a trancar-me embora.

— Culpado como acusado —, disse ele, pegando a manteiga de amendoim em uma fatia de pão. — Você foi demais para Rock e Rinehart, coitados. — Ele sorriu. — Nada pessoal. Só estava fazendo o que me mandaram.

— Por Jag.

Ele deu de ombros. — Ele é o chefe.

— E você faz tudo o que ele manda.

— Jag não faz nada sem causa.

— Ele me trancou.

— Ele tinha uma razão.

Ela queria gritar. — Que era?

— Você me diz —, disse ele, dando uma mordida no pão coberto com manteiga de amendoim e engolindo.

Karen se recostou na cadeira, enquanto se debatia. A verdade era que sabia por quê. Ela só não gostava. Que Jag a tratava como um inimigo, mesmo agora, a aborrecia profundamente. Mas, sim, ela sabia por que ele agiu como fez. Os sonhos... mas ela não os criou. Ela vivia tanto quanto ele fazia. Por tudo o que sabia, Jag foi o... não. Ela sabia que não era verdade. Ele temia esses sonhos. Talvez não dentro deles, mas mais tarde, depois. Karen não sabia o que pensar sobre tudo isso. Sua mente correu com as implicações das palavras de Marisol. Ela precisava de um tempo para pensar. Para processar. Isso tudo era muito grande.

— Adoro esse material —, disse Des, batendo mais manteiga de amendoim no pão. — Você sabia que só passaram cerca de 50 anos, e por muito tempo, não poderia obtê-lo no Texas. — Ele olhou para elas e uma luz



parecia continuar em seus olhos. — Quer um pouco? — Ele levantou o frasco para Karen e Marisol.

Marisol fez uma careta. — Não, nós não queremos nada. E pare de causar problemas. Se você tivesse me levado para um quarto e me trancado, eu ficaria furiosa. É um milagre que Karen está sendo tão compreensiva como está. Pobrezinha tem sido um inferno.

— Como está a irmã? — Des perguntou, sua atenção em Marisol, seu humor repentinamente sério.

Karen respondeu antes que Marisol pudesse, não gostando do jeito que falava sobre Eva como uma “coisa”. — Minha irmã não está de todo bem.

— Não, ela não está de todo bem, — Marisol concordou. — Nós precisamos falar com Jaguar.

— Falar-me sobre o que?

Karen sentiu a voz antes mesmo de ver o homem. Jag estava parado dentro da cozinha, assim como Des fez apenas minutos antes, mas o impacto de sua presença rendeu cem vezes o valor da que Des teve. Ele assumiu o quarto, o assumiu, a aura poderosa como o fogo iluminando o ar com faíscas.

Des arrastou a cadeira ao redor para ver Jaguar melhor. Ao fazer isso, ele colocou Karen diretamente na linha de visão de Jag. Seus olhos se encontraram, e ela sentiu a conexão clara até os dedos dos pés. Bom Senhor, uma conexão para além deste momento. Uma conexão que duas pessoas compartilhavam quando se conheciam muito bem.

— É a irmã de Karen, — Marisol disse a Jag. — Ela está estável, mas longe de ser curada. Não sei quanto tempo posso ligar ela neste mundo.

Mas a atenção de Jag não estava na Marisol, era em Karen. Sua atenção tomou o controle dela, fazendo o pensamento coerente ou fala, impossível. O mundo estava perdido na profundidade do olhar pesado de Jag. Tanto é assim que, por um momento, ela não conseguia nem respirar.



Ela cortou o olhar do dele, tentando obter um controle sobre sua reação a ele. Tentando rejeitar o que Marisol sugeriu, o que sua mente queria transformar em verdade. Ela não era Caron, a esposa Jag há muito morta. Era uma loucura. Mas também eram monstros e caçadores de monstros, ela se lembrou.

— Esta besta quer Eva e é poderosa o suficiente para levá-la, eu temo, — Marisol acrescentou. — Mais do que qualquer outro que eu já encontrei. Eu não entendo por que ele está lutando por ela como ela está. Porque não basta escolher um novo ser humano?

— Karen?

Jag falou o nome dela, querendo que ela olhasse para ele, e cheio de acusação. — O que? — Ela apertou os dentes com as implicações no ar, seu olhar aquecido, uma vez que lançou ao dele. — Você está perguntando se eu sei por quê?

Silêncio misturava-se ao ar enquanto eles se defrontavam, olhares guerreando confirmando sua suposição. Ele ainda não confiava nela. Ele estava acusando-a de só o Senhor sabia o que. Ali estava ela, tendo tudo sagrado em seu mundo ameaçado, mesmo a existência dela, e não podia obter um pouco de confiança.

Frustração rapidamente aumentou, Karen bateu as palmas das mãos sobre a mesa. — Como eu poderia saber por que essa coisa quer ela? — Ela exigiu. — Até algumas horas atrás, eu nem sabia que esses 'bestas' existiam. Eu não sou o inimigo aqui. Preciso salvar minha irmã. Você vai me ajudar ou não?

— Nos estamos tentando ajudar —, disse Marisol, sua voz baixa. — Encontrar a pessoa que controla sua irmã não é uma tarefa fácil. Talvez se você recapitular os eventos que a trouxeram para a fazenda em detalhe.

Karen respirou fundo e lembrou as últimas vinte e quatro horas, começando com o telegrama. Quando ela terminou, uma memória



apresentava-se em sua mente fora de seu alcance. Karen deixou a cabeça aliviar para a frente, exaustão e emoção, ameaçando tomar o controle. — Eva chamou a coisa... a besta por um nome. — Ela fez um som frustrado. Por que não podia se lembrar?

— Qual o nome? — Des e Marisol pediram em uníssono.

Karen levantou a cabeça, os dedos cavando o tampo da mesa, sua mente doendo com o esforço para lembrar. Ela estava tão cansada. — Eu não consigo me lembrar. Eu não posso. Nunca me esqueço de coisas. Eu... só... eu não posso.

A mão de Marisol deslizou sobre Karen. — Eu posso sentir a sua necessidade de dormir. O resto vai clarear em sua mente. Aposto que você gostaria de roupas limpas e um chuveiro também. Vou pegar algumas das minhas coisas para você e trazê-las para o seu quarto. Rock está com Eva. Ele vai nos alertar se houver qualquer alteração. Ela está segura.

Karen balançou a cabeça, descartando a sugestão e procurando profundamente para o nome. Estava tão perto da superfície das suas memórias. Tão perto, mas fora de alcance. — Você disse que não pode proteger Eva muito mais tempo.

— Vá descansar —, disse Des. — Marisol está certa. — Sua voz se suavizou. — Eu não quero ser um idiota, por sinal.

Ela ficou surpresa com o pedido de desculpas, mas não tentou responder. Estava muito ocupada lutando contra o cansaço tomando conta, querendo recusar a sugestão de descanso. Mas seu corpo estava começando a fechar, e ela sabia disso. Ela tinha uma memória incrível. Quase fotográfica. Esquecer um nome em uma situação tão importante não parecia certo.

— Por favor —, pediu Marisol —, vá dormir um pouco. Vou manter Eva neste mundo, eu prometo. Ela está estável.

Karen olhou diretamente para ela. — Você vai me acordar em uma hora?



— Duas —, rebateu Marisol.

— Tudo bem —, disse Karen derrotada. — Eu... minhas roupas. Eu tenho uma mala no meu carro.

— Nós vamos conseguir isso para você —, disse Jag.

Karen não olhou para ele enquanto ficava de pé. Suas pernas pareciam gelatina, seus músculos doloridos. E agora, quando ela sentia que não aguentava mais, ela tinha que andar passando por Jag. Pior, ele traria a bolsa para ela. Ou ainda mais perturbador, talvez ele não o faria. Talvez ele realmente não queria vê-la. Deus, ela precisava de descanso, porque ela estava insanamente em conflito.

Apenas enfrentar Jag aqui, com outros ao redor, parecia esmagador. Ele lhe disse para ficar longe dele, mas agora ele aparecia e resolvia ficar em seu caminho, talvez porque Marisol e Des estavam observando.

Ele a confundia, este homem, este líder dos Cavaleiros Barncos. Ela não sabia por que estava tão atraída por ele, ou ele a ela. E ele estava atraído por ela. Ela sentia. Mesmo completamente exausta, ela sentia. Será que eles poderiam ter sido amantes no passado? Talvez até casados? Uma parte dela gritou com o impossível, dizendo-lhe, sim, eles foram. As palavras de seu sonho voltaram para ela, mal capaz de recuperar o fôlego com o impacto delas jogando em sua cabeça.

Ele deve aceitá-lo.

Reivindicá-lo ou inclinará ao lado mais sombrio.

Você é sua salvação.

Ela manteve o olhar ao nível do peito enquanto atravessava a cozinha, mas quando estava diretamente na frente dele, parou de andar e olhou para ele. Karen abriu a boca para falar, querendo respostas, mas depois reconsiderou. Ela estava cansada. Havia uma audiência.



Não, não era tempo ou lugar. Ainda assim, uma memória brilhou em sua mente. Uma que Marisol acendeu com sua recontagem do passado. Karen estava deitada debaixo de uma árvore com um livro de algum tipo em sua mão, só que não era ela em aparência, era outra. Era Caron. Tinha que ser. No entanto, Karen sentia como se fosse ela. Conhecia o momento como se o houvesse vivido.

Sua cabeça estava no colo de Jag enquanto lia para ele, seus dedos acariciando seus cabelos. Um toque suave cheio de amor. Ele sussurrou algo para ela e ela olhou para ele, surpresa com o amor em seu olhar. Tanto amor. O tipo de amor que ela nunca sentiu nesta vida. Era uma memória. Oh bom, Deus. Louco como poderia ser, ela era, de fato, sentia-a como uma memória. Sua memória. O peito de Karen apertou as imagens escapando. Enquanto elas partiam queria chamá-las de volta. Era como se algo doce estava sendo roubado, arrancadas sem consideração.

Ela procurou o rosto de Jag, sentindo o calor começar a inunda-la enquanto ela reconhecia os olhos como os de sua memória. Desta vez, o calor não era de desejo, mas de algo muito mais sincero e terno.

— Oh, Deus —, ela sussurrou. — Eu acho que... é verdade.

Jag estreitou seus olhos nela. — O que é verdade?

Karen abriu a boca e fechou-a, tornando-se consciente do seu público novamente. Um pouco feliz por ele, na verdade. Dormir um pouco iria ajudá-la a lidar com isso, certificar-se que não estava simplesmente delirando. Que o que parecia real, realmente era.

A mão de Jag serpenteou e algemado seu pulso, sua voz dura. — O que é verdade? —, Ele exigiu em uma voz dura que contrastava com a maneira gentil que segurava seu pulso.

Ele fazia um show difícil para os outros, mas ela sentia o cuidado de seu toque. Jag nunca faria mal a ela. — Que eu preciso dormir —, disse ela, sentindo o desejo mais inacreditável para pegar sua mão e puxá-lo com ela



para um lugar tranquilo e reproduzir sua memória. Ela cortou seu olhar, com medo de ver que havia mais na sua declaração de que suas palavras deram como razão. — Eu só preciso dormir.

Ela o sentiu estudá-la, e sabia instintivamente que ele não acreditava nela. No minuto que a soltou, ela evitou-o, e fez seu caminho para o quarto. Mas, mesmo em seu retiro, ele a perseguiu, a masculinidade picante de seu perfume atrás dela, assim como a vivacidade de sua memória.

Nesse momento, ela jurou descobrir a verdade sobre seus sonhos e como eles ligavam ela e Jag ao passado. Porque eles faziam. Ela conhecia Jag antes deste dia. Ela sentiu-o com todo o seu ser. Se a memória fosse verdade, que uma vez foi seu amor.

Isso não aconteceria mais porque ele lhe disse para “ficar longe”. Nem de longe. Ela não obedeceria quando requisitada. Se a Caron de seu passado havia simplesmente ouvido quando ordenou, Jag teria uma surpresa vindo ter com ele. Sentar e esperar que alguém agisse não era seu estilo.

Karen encontrou seu caminho no topo das escadas e tinha que escolher seu quarto ou de Eva. Ela escolheu sua irmã. Se teria que dormir, ela faria lá. Se Eva acordasse, ela precisava saber que Karen estava próxima.

Karen encontrou Rock sentado em um canto do quarto de Eva em uma poltrona que não havia notado até agora. Ele enrijeceu quando ela entrou e ficou de pé.

— Eu posso vigia-la por algum tempo —, disse Karen.

Rock deu-lhe um aceno rápido. — Estarei fora se precisar de mim. — E dirigiu-se a porta.

Por que ele precisava tanto ficar, ela não sabia, mas não discutiu. Em vez disso, se aproximou da irmã, e pressionou a palma da mão em sua bochecha fria. Quando ela não se moveu, Karen tocou dois dedos no pescoço de Eva, sentindo o pulso. Ela soltou um suspiro pois batia sob seu toque.



Aliviada, ela roçou os nós dos dedos sobre a bochecha da irmã e deixou a mão cair.

Karen tomou o lugar de Rock na cadeira de canto. A cadeira estofada marrom era muito confortável, ou talvez Karen estava simplesmente muito cansada. Ela tirou os sapatos e colocou as pernas de lado.

Uma vez que dormisse um pouco, e se certificasse que sua mente estava clara, ela iria falar com Jaguar. Eles iriam ter uma cara-a-cara e descobrir o que esses sonhos eram realmente, tudo.

Instinto lhe dizia que precisava chegar perto de Jag e rápido... antes que fosse tarde demais. Pousou a cabeça na almofada, com os olhos fechados à deriva.

E minutos depois Rock dizia a Jag que Karen não estava em seu quarto, ele entregou a mala a Rock, xingando baixinho. Karen estava acordada durante 24 horas agora, e a única maneira de salvar Eva pode estar bloqueado na suas memórias. Ela precisava de descanso, puro e simples. A salvação de Eva pode muito bem depender de um nome que Karen estava muito cansada para lembrar. Se Jag sabia o nome desta besta, se era reconhecível, podia ajudá-lo a rastreá-lo e matá-lo.

Sem permitir-se tempo para pensar, Jag agiu, ignorando seu próprio voto silencioso para ficar longe de Karen.

Entrando no quarto, ele parou em seu caminho quando encontrou Karen dormindo na cadeira, com a mão enfiado sob o queixo. Tudo dentro dele ficou imóvel e depois aqueceu. Tão bonita, tão inocente.

O cabelo loiro emoldurava seu rosto numa selvagem desordem. Cílios escuros descansavam em sua pele de porcelana perfeita. Seu coração se apertou com a visão de beleza. Na ternura que o fazia sentir. No entanto, ele sabia dos sonhos, ela poderia fazê-lo sentir muito mais escuro, até mesmo



perigoso. Ela poderia facilmente trazer a besta nele. Trazer exatamente aquilo com que lutava por várias vidas agora.

Como poderia uma mulher trazer tal suavidade nele, mas ainda seduzir seu lado mais sombrio como nenhuma outra?

Mas agora sabia que Karen era uma vítima, e não o inimigo. Esses sonhos eram avisos: não apenas para ele, mas para ela, também. Ele temia a sua mensagem. Temia que poderia ser uma premonição do que viria se ele ousasse ceder à tentação que Karen representava.

No entanto, de pé na cozinha, a olhando enquanto ela interagia com o seu povo, ele sentiu seu tormento e dor sobre Eva. Ele queria acalmar e protegê-la. Tranquilizá-la. Que não se ferisse. Foi quase impossível controlar os impulsos. Mas ele não se atrevia a deixá-la perto. Os sonhos foram claros. Karen conduziria à besta.

Ele deve ficar longe dela.

Seu peito apertou enquanto seus olhos percorreram as belas feições dela. Por que, então, surgia a ideia de que se deixá-la fora de sua vista e atendimento direto assustava-o como o inferno?



Capítulo Doze

Salvador brilhou no quarto onde Eva dormia. Ele se levantou, invisível aos olhos humanos, na frente da cadeira onde Karen descansava, e olhou para a mulher que, sem saber, carregava o destino de tantas pessoas a seu alcance.

Ela era a salvação de Jag, se ele aceitasse. E ele, por sua vez praticava profunda influência sobre seus homens, uma influência que acabaria por afetar essa guerra do bem sobre o mal.

As coisas estavam se movendo mais rápido do que o esperado, com as Darklands próximas e prontas para atacar. Ele esperava dar tempo de Karen e Jag se encontrarem outra vez, encontrarem o seu passado, de sua própria vontade. Mas temia permitir que as coisas progredissem muito lentas.

Seus Cavaleiros precisariam de mais poder, mais habilidade.

Para recebê-lo, Raphael exigiu que os Cavaleiros fossem equilibrados com outra alma pura, e que cada cavaleiro devia aceitá-la de bom grado. Karen seria a primeira de seu tipo; das companheiras que iriam equilibrar o lado escuro da besta em seus Cavaleiros e prende-las com a luz. Que Adrian alguma forma encontrou Karen primeiro e planejou usar sua existência contra Jag, Salvador não se surpreendia.

Na verdade, Salvador suspeitava que foi Rafael que permitiu tal coisa acontecer. Rafael fez a sua posição clara. Grandes potências aguardavam os Cavaleiros Barncos como recompensas para provar sua lealdade. Seria muito fácil para Jag simplesmente satisfazer sua companheira e se apaixonar por ela de novo, como fez em uma vida anterior. Jag tinha que ser testado. Ele tinha que provar o sangue de sua mulher e por uma vez permitir que sua besta emergir, reivindicá-la e, em seguida, assumir o controle.



Salvador achou o plano de mau gosto. Ele entendia o raciocínio, só não o método. Esses homens que perderam suas famílias, tudo o que era precioso para eles, não obtiveram tortura suficiente?

Agora Adrian jogava com a mente de Jag, o sonho claramente um trabalho de sua criação. Adrian queria Jag tão confuso que ele iria provar o sangue do sua companheira e enlouquecer, devorando-a e sua própria alma, ao mesmo tempo.

Mas não tem que ser assim. O amor mostraria a Jag a maneira, se ele ousasse sentir. Karen sabia o que eles compartilhavam para entregá-lo lá. Ajudar Jag diretamente nessa missão era proibido, então Salvador teve que encontrar uma outra maneira.

Salvador acenou com a mão na frente do rosto de Karen. — Desperte seu passado e deixe as lembranças preencherem o presente. Deixe a luz do dia guiar o caminho.

Deixou a mão cair para o lado, satisfeito enquanto Karen murmurava o nome de Jaguar, ele alcançou seu objetivo.

Ele sorriu e brilhou na sala em busca do livro do Conhecimento de Marisol. Se tudo correr como o planejado, ela precisava entender o acasalamento a marca que Jag logo daria a Karen.

Uma vez que ele tomou conta dessa matéria, ele se moveu para um negócio mais sujo. Para os arredores da fazenda onde Adrian e suas bestas preparavam-se para atacar.

Era hora de ensinar Adrian uma pequena lição de jogar limpo.





Segundo ordenou que suas tropas se escondessem na grama alta saindo dos limites do Rancho Jaguar.

Uma vez que eles assentaram-se confortavelmente na posição, ele deslizou ainda mais na noite, mais perto do rancho, vigiando. Abaixando-se no chão de quatro, Segundo deslizou para a frente, em busca de qualquer sinal de problema.

Ele não encontrou nada, mas, ainda assim, na noite negra. Até o vento parecia ter desaparecido, as estrelas passaram a se esconder. A conversa dos grilos dispersos e uma coruja solitária eram os únicos sinais de vida.

Segundo normalmente teria enviado outra besta para fazer este trabalho. Mas não esta noite. Não quando sua liberdade estava em risco. Não. Mais como existência. Se esta missão falhasse, Adrian iria cremá-lo. Literalmente. Tal como transformá-lo em cinzas.

Ele era escravo daquele bastardo, e Segundo odiava.

Um dia, de alguma forma, ele iria encontrar uma maneira de contornar Adrian. Encontrar seu caminho diretamente para Caim. Mas ele também não era estúpido, como o último Segundo que literalmente perdeu a cabeça por opor-se a Adrian.

Segundo encontraria a fraqueza de Adrian, ele tem uma, todos tem uma, e então ele a usaria para sair por cima. Para encontrá-la, Segundo sabia que precisava ficar firme com Adrian. Ser o unico em que Adrian confiasse para produzir resultados. Então Adrian baixaria a guarda, e Segundo descobriria como derrubá-lo.

Tomando seu tempo, procurando os parâmetros, Segundo garantia conhecer todos os pontos de entrada. Mentalmente ajustava seu plano de ataque sempre tão rapidamente, notando uma cerca que descobriu, no lado oeste da propriedade.

Foi quase trinta minutos depois, quando voltou para o ponto central de comando, onde vários de suas bestas mais confiáveis estavam. Mas antes que



pudesse emitir a ligeira mudança de planos que sua vigilância fazia necessária, um flash de fogo encheu o ar, e Adrian se materializou.

Os longos cabelos loiros de Adrian fluíam em torno de seus ombros como se o vento parecesse voltar, como se fazendo seu lance. A justa cor de seus cabelos era um contraste drástico com o traje de batalha preto vinil como calças e um colete correspondente: a mesma roupa que todos os soldados Darkland usavam. Roupas feitas para proteção na guerra, magicamente tocadas por Caim.

Bestas não podem morrer facilmente, mas os Cavaleiros sabiam bem como deixá-los feridos.

Uma espada florete de 24 polegadas, revestida por uma bainha, pendurava de cada um dos quadris de Adrian. Curta e letal, ele poderia facilmente decapitar homem ou besta com apenas um golpe. Adagas foram instaladas perfeitamente dentro do colete de Adrian, facas amarradas nas coxas.

No entanto, nenhuma vez Segundo viu Adrian matar com essas armas. Não. Adrian matava com o flash de fogo de sua mão. Ele simplesmente usava seu arsenal para tortura e seu próprio entretenimento.

Adrian não levaria as Darklands para a batalha. Ele não queria levantar a mão contra quem estava tão abaixo dele como os Cavaleiros.

— Estamos atrasados —, disse Adrian, cruzando os braços na frente do peito largo, fixando em Segundo um olhar tão escuro como carvão, tão profundo como o fogo do inferno. — Há um problema?

Segundo gesticulou para duas bestas que estava direcionando para ficarem de prontidão. Eles se virou e olhou Adrian, as mãos cruzadas em frente a seus corpos.

— Não, Mestre, — Segundo ofereceu, avançando, na esperança de limitar a sua exposição ao menosprezo de Adrian na frente de suas tropas. —



Há uma cerca no lado oeste que tive que ajustar. Estamos prontos para nos mover.

— Confio que seus homens estão bem versados nos critérios objetivos de hoje à noite?

Segundo sentiu profunda frustração em seu intestino e esperava que Adrian não o sentisse, também. Quantas vezes ele fez essa pergunta? Por mais de cem anos que ele liderou o exército das bestas. Ele treinou e dirigiu as Darklands com precisão e habilidade.

— Sim, Mestre.

Adrian caminhou em direção a uma das bestas em pé a direita de Segundo. Rangendo os dentes, Segundo prometeu um dia deixar este papel submisso. Ter os seus homens questionados era o pior insulto que poderia receber, pior do que qualquer dor física que Adrian já havia colocado sobre ele. E havia muita.

— Declare o objetivo da missão —, Adrian ordenou a besta.

A besta respondeu: — Encenar tentativa de sequestro, sem prejuízo para as mulheres humanas. Matar os cavaleiros, apenas não Jag.

Adrian olhou para a besta, passaram segundos, o ar denso e quente, com seu escrutínio. — Como se você pudesse matar Jag —, disse ele, o riso em sua voz. Então, abruptamente, ele se virou em seus calcanhares, girando para enfrentar Segundo. — Eu não espero nada menos do que a perfeição.

As palavras pareciam levantar no ar e descansar. Como se convocado, um flash de luz de outro homem apareceu, o ar encheu com o cheiro de alguma especiaria ou incenso que deflagrou as narinas de Segundo.

— Salvador —, Adrian disse, sua voz baixa, meio rosnando. Sua besta surgiu quase instantaneamente, o rosto virando animalesco.

Segundo ouvira sobre Salvador, o equivalente a Adrian em poder, mas não em habilidade, ou assim Adrian alegou-o, o outro lado da guerra. Mas ele



nunca viu o homem e muitas vezes se perguntou sobre sua verdadeira existência. O guerreiro de olhos verdes, como o chamavam no mito, nunca se mostrou antes.

Por que agora?

Um pensamento veio forte e rápido. Não haveria tempo melhor do que este, Segundo percebeu, para ganhar o seu respeito legítimo com Adrian. Derrubar Salvador seria o seu bilhete para confiar.

Ele acenou para as duas bestas atacarem. Instantaneamente elas obedeceram, metade de cada um dos seus rostos contorcendo em figuras bestiais, estendendo as presas.

Salvador fechou os punhos, estendeu os braços na direção dos dois atacantes, então fez um gesto com os dedos para as duas bestas. E assim, ambas foram congeladas, imóveis, como se viradas em estátuas.

Segundo mal podia acreditar em seus olhos. Ele piscou e reorientou. Ainda assim, suas bestas estavam totalmente, completamente imóveis. De repente, ele percebeu que Salvador não usava armas. Nenhuma armadura. Jeans preto. Camisa preta. Não havia lugar para ocultar a artilharia.

E parecia que ele não precisava de nenhuma. Ele parou as bestas de Segundo com uma onda de suas mãos.

Salvador lançou-se no centro das tropas inimigas e ele fez desarmado. Sem medo. Havia pelo menos 30 bestas dentro de uma milha, mas Salvador parecia ser destemido, mesmo à vontade.

— Vejo que você não avisou este novo segundo de meus poderes —, comentou Salvador.

— Por que eu? — Adrian desafiou.

— Ou melhor, por que não você? — Salvador perguntou, com um sorriso nos lábios. — Talvez você tema que meu poder exponha fraquezas em você, Adrian.



Salvador virou-se para Segundo e estendeu a palma da mão. — Mostre sua besta —, ele ordenou.

Para sua decepção, Segundo sentiu o controle escapar. Seu rosto se contorceu sem sua decisão consciente de o permitir, seu coração batia com o fluxo de adrenalina que causava. Com sua besta emergindo para a vida em forma física.

— Assim é melhor —, disse Salvador a Segundo. — Não se pergunta por que Adrian está mostrando sua besta? Nós dois sabemos que ele é muito arrogante para tal forma primitiva. Então, por que agora, na minha presença, ele mudou?

A mente de Segundo disparou com as implicações dessa questão. Salvador foi direto: Adrian nunca expôs sua besta.

Salvador continuou como se não esperasse uma resposta. — Embora na minha presença, eu exijo que você mostre o seu verdadeiro eu. — Ele olhou para Adrian. — Seu “mestre” não queria me forçar a sua superfície. Isso teria lhe mostrado o poder que tem sobre ele.

Em um flash de movimento, Adrian desapareceu e reapareceu na frente de Salvador. Ele rosnou. — Você não tem negócios aqui, Salvador.

— Você está prestes a atacar meus cavaleiros —, comentou Salvador, parecendo mais divertido do que ameaçado. — Eu diria que é meu negócio.

— E você não pode interferir —, disse Adrian, mandíbula apertada, dentes expostos.

Salvador brilhou fora de vista e reapareceu ao lado de uma das bestas congeladas, uma espada de sabre de repente em sua garganta. — Pergunte ao seu “mestre” por que eu não mato “isso” agora.

Adrian virou-se para Salvador. — Porque você é um covarde que se esconde por trás de regras.



— Regras que você está vinculado, também, — Salvador lembrou. — Se você não... nós dois sabemos o que acontece.

Em um piscar de olhos, a espada desapareceu e Salvador deu um passo para o lado da besta congelada. Ele se inclinou em seu ombro largo, como se fosse uma parede, cruzando os braços na frente do peito e colocando o pé sobre a outra.

— Você vai para o inferno, mesmo o mais poderoso das bestas iria implorar misericórdia, — Salvador disse, e então os olhos verdes fixaram em Segundo um olhar, que de repente parecia brilhar e embranquecer. Segundo sentiu uma sensação de esmagamento em seu peito, e então a estranha sensação de ter sua alma rasgada de dentro.

A sensação rastreava dentro dele e viajava para o exterior, sua pele formigando e cocando.

Estava pirando insanamente. Tinha desistido há muito tempo de sua alma.

— Os poderes do bem permitem que o mal exista neste plano de existência, pois ele serve a um propósito. Bem verdade que deve vir de livre vontade. Mas há regras a este subsídio. Regras que até mesmo o seu “mestre” não pode quebrar. Uma que você vai desfrutar ao máximo, Segundo, é a que te faz tão necessário. Veja — ele ergueu um dedo — seres superiores ou inferiores que não nasceram neste reino não podem levantar a mão na batalha. Seu chefe, Segundo, não pode acompanhá-lo na batalha.

Uma bola de fogo disparou pelo ar e direto para o peito de Salvador. Um flash de movimento e Salvador a pegou. Um instante depois se dissolveu.

— Temperamental, temperamental, — Salvador disse a Adrian. — Tiro de fogo durante a noite tende a tirar a vantagem da surpresa. Talvez você devesse chamar Jag no telefone e anunciar sua presença.

— O que —, disse Adrian, punhos cerrados em seus lados, cabelo selvagem em torno de seu rosto distorcido, — você quer?



— Eu simplesmente queria que o mais recente 'Segundo' soubesse as regras —, afirmou Salvador, nenhuma hesitação. — Agora ele faz. Você não pode ganhar sua guerra sem ele.

Adrian tirou suas espadas. — Você quer uma luta, Salvador. Lutar.

Salvador empurrou-se fora da besta congelada, mas não fez nenhuma tentativa de se armar. Ele estendeu as mãos para o seu lado. — Se lutarmos, quem irá substituir a batalha de hoje à noite.

— Não se esconda atrás de seus cavaleiros. Se você acredita que eles são fortes, deixe meus Darklands enfrentá-los. Nosso combate é apenas nosso.

— Esse é o negócio, Adrian. — Ele caminhou na direção dele. — Leve-o ou deixe-o. — Salvador parou quase de igual para igual com Adrian, e com um flash, espadas apareceram em suas mãos. — O que é que vai ser?

Segundo mal podia respirar, o ar cheio de eletricidade tal o poder. As implicações do momento, e da informação que ele aprendeu, foram embaladas dentro da espessura em torno deles. Adrian rosnou baixo em sua garganta e em seguida, jogou as espadas no ar. Eles desapareceram como se engolidos pela escuridão acima.

Salvador deu um arco pequeno de sua cabeça. — E com isso está decidido. A batalha não será nossa nesta noite.

— Não esta, mas em breve, — Adrian respondeu.

— Congratulo-me com o desafio —, disse Salvador, e então ele se foi.

As duas bestas congeladas vieram à vida como se não perdessem tempo, cobrando o espaço vazio que sustentou Salvador.

Segundo voltou sua atenção para Adrian, não mostrando sinais de que aprendera. Ele precisava de tempo para processar. Para considerar o que isso significava para ele. Lhe deram o dom do conhecimento, emitido pelo inimigo.

Como usá-lo era a questão. Um, Segundo logo descobriria.



Um segundo depois, um dardo de dor brilhou em seu peito, um fogo disparado pela mão de Adrian. — Você não é Besta o suficiente para me tocar, Segundo. Me teste, mesmo em sua mente, e na próxima você virará cinzas.

Segundo estabeleceu uma respiração instável, percebendo que estava preso. A verdade foi falada, ele não era Besta o suficiente para derrotar Adrian. Ele repetiu o fato mais e mais, temeroso que Adrian ouvisse se ele permitisse um outro pensamento e como prometido o transforma-se em cinzas.

Ele estava agora mais determinado do que nunca em derrotar Jag, para ganhar de volta as boas graças com o seu líder todo-poderoso... Adrian.

Capítulo Treze

Jag trouxe Diablo a uma parada na região do extremo norte do rancho, a quilômetros de distância da casa principal.

Avançando, ele acariciou a crina do cavalo, murmurando seu apreço. Ele o montou muito duro e longo prazo, impulsionado pelo desespero de colocar distância entre ele e todos os outros. Precisando de espaço para pensar e se recompor. Karen estava lá apenas um dia, mas ela teve um profundo impacto sobre ele. Algo havia mudado dentro dele e ele não entendia o que.

A besta dentro estava arranhando-o, arranhando seu caminho para a superfície. Não importava o quanto ele tentasse negar a sua presença, afastá-lo, ela vivia. Ela respirava.

Embora seus cavaleiros entendiam esses sentimentos, eles esperavam que seu líder seja o mais forte, aquele que vencia a besta e mostrava-lhes



como, também. No entanto, a cada dia que lutava, parecia tornar-se mais difícil.

A mandíbula de Jag apertou, uma mão segurando as rédeas com um aperto de torno enquanto ele lutava contra o impulso de gritar. Por que ele lutava, não sabia. Algo dentro silenciava sua necessidade de deixar a sua raiva para a escuridão de seus sentimentos. Algo lhe dizia para manter sua presença aqui tão discreta quanto pôdia.

Nesse momento, se apenas naquele momento, possuísse o poder de convocar Salvador, ele teria. Ele precisava de respostas. Se seu destino era ser engolido pela escuridão, queria saber e queria saber agora.

E é por isso que veio aqui, longe de todos. Longe da tentação, onde ele não faria algo que pudesse se arrepender. Longe de Karen.

Ele se inclinou para trás, apoiando as mãos enluvadas no corno da sela e, sentiu um mal-estar súbito além de seus próprios pensamentos conturbados. Seus olhos se estreitaram, a scanear a escuridão. Ele observou os arredores, com novo interesse, e percebeu o vento, ou melhor, a falta de vento.

Inalando pelo nariz, usou seu apurado olfato para procurar o inimigo, mas não encontrou nenhum cheiro de uma besta. No entanto... com o vento tão manso, quão perto as Darklands chegariam antes de ele saber?

Abaixo dele, Diablo começou a ficar inquieto, deixando escapar dois bufos irritado. — Shh, — Jag sussurrou, acariciando o pescoço do animal e depois esfregando. — Você sente, também, não é, garoto?

Ainda correndo a mão sobre Diablo, acalmando-o, Jag varreu a área e depois inalou novamente. E encontrou a sugestão de um cheiro. Um pequeno cheiro de uma Besta Darkland.

Nunca antes o rancho foi atacado, mas esta noite isso mudaria. Jag não tinha dúvidas.



Agarrando as rédeas de Diablo, Jag cutucou o cavalo com os calcanhares, e estendeu a mão para o celular que dobrava como um rádio em seu cinto. — Des. — Nada. — Des —, Jag disse mais alto.

Um pequeno som e, em seguida, — Estou aqui, chefe. O que há?

Alívio no contato, em saber que ele estava recebendo o aviso para os seus homens, invadia Jag mesmo com o ritmo acelerado de Diablo sob ele oferecendo mais conforto.

— Soe o alarme —, Jag ordenou, num tom cortante, — e bloqueie a casa. Vou estar lá em cinco minutos.

Um segundo. Dois. Embora o silêncio breve avolumou-se. Des estava tão surpreso com o ataque à fazenda como Jag esteve.

— Entendido, — Des disse.

Jag empurrou o telefone de volta no aro do cinto, tomando as rédeas com ambas as mãos, e instando Diablo em um ritmo mais rápido. A qualquer momento, silenciosas luzes vermelhas piscando se apagam dentro de cada estrutura na propriedade. Alguns de seus cavaleiros lutaria pela primeira vez. Muitos não estavam prontos para este tipo de desafio.

— Droga, — Jag murmurou, sentindo o vento elevar em torno dele. Conhecendo as bestas sabia que ele iria descobri-los e não mais iriam mascarar sua presença.

Eles estavam aqui por Karen e Eva. Cada fibra do seu ser lhe dizia. A pergunta era por quê?





Banhada e vestida com uma Levi's azul clareado, uma camiseta vermelha com o logotipo do hotel do qual obteve por causa de uma de suas muitas viagens, e um par de tênis vermelhos, Karen se sentia um pouco menos exausta. Claro, as duas horas que ela dormiu na cadeira ao lado da cama de Eva ajudaram, também, como fez o sanduíche que Marisol a forçou comer depois de constatar que seu macarrão com queijo ficou praticamente intocado. Não era uma tarefa fácil quando seu estômago estava em nós e não apenas sobre se preocupar por Eva. Ela emergiu do repouso com sua mente clara sobre a Jaguar. Com uma forte sensação de que seu flashback do dia deles juntos foi apenas isso, um flashback.

Ela não se deixou digerir as implicações. De alguma forma parecia muito assustador e intimidante para se aprofundar. Precisava de um pouco de tempo para processar. Para se certificar de que não estava perdendo a cabeça.

Agarrando seu celular, Karen plugou no carregador que cavou da bolsa. Ela estava prestes a ir para a porta quando uma luz vermelha veio a vida piscando logo acima no quadro.

Enrijecendo, Karen preparou-se para o barulho que se seguiria, mas ele não veio. Mas então, não era preciso. A luz intermitente disse muito. Ou havia um incêndio, ou pior. De qualquer maneira, o problema tinha chegado.

— Eva —, Karen sussurrou, e partiu para a porta.

Arremessando a porta aberta, Karen entrou no corredor encontrando Des em seu caminho. Luzes vermelhas passavam no teto, lançando-o um brilho enquanto ele olhava para ela, um fio de cabelo escuro escondia sua expressão de sua vista. Ela fez uma rápida análise de Des e sabia que problemas definitivamente estavam chamando. Uma longa espada de sabre pendurava de cada um de seus quadris, e facas estavam amarradas a seus flancos.

Ela observou a visão e seu significado com calma surpreendente. É verdade, seu coração batia no triplo tempo e seu sangue parecia como fogo



em suas veias. Talvez, porque já soubesse a verdade. O alarme silencioso não era sobre um incêndio. Era sobre a guerra.

Expectativamente ela observava o ágil, quase de forma predatória, o grande corpo de Des mover-se enquanto ele abria um interruptor de luz e apertava um botão previamente escondido. Este não era o mesmo cara, brincalhão que ela conheceu na cozinha. Ele foi enterrado e substituído por este... e, instintivamente, Karen sabia que este era absolutamente letal.

Sua atenção foi para a foto na parede quando deslizou para o lado e expôs um armário. Des avançou e apertou outro botão na superfície de aço. Uma porta se abriu, revelando um arsenal de armas, principalmente espadas.

— As bestas estão vindo, — Des disse, como se confirmando seus pensamentos, deslizando um coldre de ombro no lugar e puxando-o firmemente a sua estrutura muscular. — Quando você ouvir o som do alarme que você saberá que elas cruzaram os perímetros internos da fazenda. — Ele pegou uma arma do armário. — Você sabe como disparar uma arma?

— Eu sei —, Karen disse, aliviada que sua voz saiu meio caminho estável. Fechou a distância entre ela e Des, mais do que disposta a aceitar a arma. Desamparada era algo que ela não queria nunca ser. Não durante uma viagem. Especialmente não agora. Não com a vida de sua irmã na linha.

Com um deslize rápido da mão, Des carregou um cartucho de munição na arma, e então fixou Karen em um olhar tão duro como o aço em sua mão.

Ele ofereceu-lhe a arma. — Esta é uma Glock 36/45 mm. Você tem uma arma de seis disparos e uma bala na câmara.

Karen aceitou a arma, sentindo o conforto de peso em sua mão. — E coice bastante forte para ser considerada um canhão de mão —, ela adicionou enquanto colocava a mão dentro do armário, pegando outra arma e empurrou-a em sua cintura.



— Por que você não está carregando uma arma —, ela perguntou, notando a ausência de uma em sua pessoa. De fato, havia apenas uma outra no gabinete.

Des cortar-lhe com um rápido olhar, ignorando sua pergunta enquanto ele recuava e, em seguida, apertava o botão para retornar o quadro de volta no lugar.

— Atire em suas cabeças —, disse ele. — Em qualquer outro lugar será desperdício de munição.

Seus olhos se arregalaram de incredulidade. — Você está brincando, certo? Porque esta arma vai bater na minha bunda disparando um tiro. — Ela franziu a testa, percebendo que ele não respondeu sua pergunta sobre o porquê de ele não arrumar uma arma ou duas, ou talvez até três, ele mesmo. — Com o que exatamente estamos lidando aqui?

— Isso é o que nós gostaríamos de saber, Karen. — A voz veio das escadas enquanto Rock aparecia e caminhava em direção a eles, seu cabelo curto fazendo com que o olhar duro no rosto, de alguma forma mais intenso. — O que estamos lidando? — Ele exigiu. — Por que as Bestas Darkland querem você e sua irmã tanto assim?

Como Des, Karen notou, Rock estava armado até o punho, um arsenal ambulante de prata. Facas agarravam-se a suas coxas grossas, lâminas em sua cintura e corpo, mas ele não carregava uma única arma.

— Não agora, Rock, — Des disse, autoridade em suas palavras, uma repreensão no olhar severo que atirou no outro homem antes de reorientá-lo para Karen. — Faz o que eu disse. Fogo em suas cabeças.

— Mesmo assim, eles não vão morrer —, disse Rock, parando a poucos passos dela, a acusação em suas palavras. — Bestas não morrem.

— Não é fácil —, Des corrigiu.



Rock fixou-se em Karen, ignorando Des. — Temos novos recrutas que não estão prontos para isso. Os homens que vão morrer esta noite. Homens que morreram por causa de você e sua irmã.

— Cale-se, Rock, — Des disse, sua voz acentuada uma fatia de advertência.

Marisol apareceu na porta do quarto, com uma arma na mão. A Curadora acenou para a frente, a visão de outra arma de fogo imensamente reconfortando Karen, por alguma razão desconhecida.

— Vem, Karen, — Marisol insistiu. — Depressa.

— Oh, não —, disse Rock, interceptando Marisol com a velocidade que uma pantera intercepta sua presa, sua mão acorrentando o braço de Marisol. — Pense de novo. Você ficara bem longe dela e de sua irmã.

Marisol tentou se afastar dele sem sucesso. — Vamos lá, Rock. Tenho um trabalho a fazer e você também.

Karen sentiu uma onda náuseante ante a interação. Ela já imaginava que Rock tinha uma coisa por Marisol. Agora, ficou claro que ele se sentia protetor dela, e via Karen como o inimigo. Ela não queria que as pessoas morressem por causa dela.

— Eu vou ficar com Eva —, disse Karen. — Marisol, por favor, vá. Fique segura. Deixe Rock protegê-la.

Rock acenou aceitando e começou a andar, Marisol no reboque. O rosto de Marisol brilhava com raiva. De repente, ela brilhou. Luzes piscaram ao redor de seu corpo e ela desapareceu.

Rock amaldiçoou.

Karen piscou. Ela piscou novamente. Qual será a próxima? Que outros poderes estas pessoas possuem?



Marisol reapareceu ao lado de Karen, a fazendo saltar. — O que... aconteceu? — Karen perguntou, tentando entender este mundo novo que havia se tornado uma parte.

Marisol ignorou a pergunta, o que parecia ser um método de evasão deste grupo. — Nós vamos vigiar Eva juntos —, ela disse, e então olhou para Rock. — Eu posso cuidar de mim mesma. Proteja a fazenda. Proteja a causa. — Ela fez um gesto em direção ao quarto de Karen. — Vá agora. Nós não temos muito tempo.

Rock deu um passo adiante, como a intenção de bloquear seu caminho. Des interveio, cortando Rock e dando passagem as senhoras atrás dele. — Não faça isso, o homem, — Des disse em uma voz misturada com aviso. — Não faça disso uma batalha entre irmãos, quando temos uma verdadeira guerra para lutar. Jaguar quer as mulheres protegidas. Elas são parte da causa.

— Nós não sabemos o que, — disse Rock entre dentes, mordendo a sua ira através das palavras.

— Nós sabemos o que Jag quer, e isso é o suficiente. Quando você parar de confiar nele, você não deveria estar aqui.

Os dois homens olharam um para o outro, um impasse em andamento, a tensão tão grossa quanto o perigo no ar.

Um guincho alto soou... o alarme. O fim de um impasse entre amigos. O início de uma batalha com os inimigos.

As Bestas chegaram.



Capítulo Quatorze

Em uma debandada de movimento, Karen seguiu Marisol para o quarto, e Marisol fechou a porta com um baque retumbante. Karen olhou para Eva, notando que ela ainda descansava, sem saber do inferno que se desdobrava.

— Me ajuda a mover essas coisas na frente da porta —, disse a curadora, enfiando a arma na cintura das calças e depois empurrando os itens em cima da mesa de cabeceira para move-lo.

Karen olhou em torno do quarto. Até agora, ela não dera ao ambiente tanta atenção como para a irmã. Era grande o suficiente para ser dois quartos, mas estava quase vazio senão pela cama e uma cadeira.

— Não há nada para mover —, disse ela, desejando que não fosse verdade. Karen era tudo para bloquear a porta.

Marisol enfiou as mãos nos quadris, abrindo a boca para responder quando o vidro da janela quebrou.

Um homem rolou para o chão, caindo de pé, em um movimento ágil que o deixou agachado. Não. Não era um homem, Karen percebeu, sentindo-se abalada pelos malignos olhos amarelos olhando para ela.

Se ela pudesse respirar, poderia ter encontrado a voz, Karen teria gritado a realidade do mal no mundo, o mal desta criatura confirmava. O mal que ela enfrentava agora como seu próprio inimigo.

Mas espere... alguém estava gritando. O som estridente impregnava o ar de terror puro, e por um instante, Karen achou que era ela própria. Sacudiu-se, forçando a realidade além do choque de ver essa criatura, e perceber que era Eva gritando. Eva sentava-se na cama, finalmente acordada.



O problema era, Karen não era a única que virou a atenção para Eva. A criatura, a besta, olhou para Eva, um olhar primitivo em seus olhos amarelos, como se encontrasse sua presa. Karen assistia-o... esperando ele carregar Eva, mas ele não o fez.

Por quê? O que ele estava esperando?

Maldição. Ela não podia simplesmente ficar aqui e esperar por ele rasgar Eva em pedaços. Karen levantou a arma, consciente da luta de Marisol para acalmar Eva e preparando-se para o chute da queima.

Karen puxou o gatilho, sentindo o queixo sacudir com a explosão, enquanto a bala partia em direção a testa da criatura. Em resposta, a besta se inclinou tão rapidamente fora do alvo, o vinil brilhante da roupa que ele usava flexionando como uma segunda pele em muito muito amplos ombros. Seu grosso, musculoso antebraço estendeu-se entre suas coxas enormes o punho no chão equilibrando-o.

Ela disparou de novo e com um simples, quase lá, movimento novamente, a besta evitou o impacto. Mas desta vez ele não ficou focado em Eva. A criatura feia pra burro focou Karen com um olhar divertido que disse que não tinha medo dela ou de sua arma.

Deus. Ele estava brincando com ela, Karen percebeu. O riso se escondia nas profundezas de seus doentios olhos amarelos. Um amarelo que combinava com a grosseria de seu cabelo, selvagem em torno de seus ombros, e se assemelha a juba de um leão. Seu rosto, algo meio humano e meio... mais. A coisa tinha presas. Não dentes. Presas. E ambos os olhos não eram do mesmo tamanho. Um era muito maior do que o outro.

— Marisol —, ela perguntou, ainda visando sua arma, parecendo estar em algum impasse em silêncio com a besta. — O que diabos ele está fazendo?

— O que eu a tenho ordenado fazer —, respondeu ela, antes que Marisol pudesse. — Certificando-me de que você fique parada.



Eva choramingou como se as palavras, ou talvez a voz, a assustasse. — Por quê? — Karen exigia. — O que você quer da minha irmã? Basta deixá-la ser livre.

— Ela nunca estará livre —, disse.

Terror e determinação colidiam dentro de Karen. Esta besta não levaria sua irmã. Karen tinha que atirar novamente. Tinha que fazer. Não importava o quanto sua mão e queixo machusasse neste momento, isso era sobre sobrevivência. Ela disparou novamente, e desta vez ela planejou descarregar a arma e acabar com esta besta.

Ele levantou-se quando ela apertou o gatilho e a bala ricocheteou primeiro na coxa. A segunda no estômago. A terceira no peito. Os outros tiros foram para o ar.

Clique. Ela estava sem munição. Não que pudesse disparar novamente. Sua cabeça parecia que foi batida em uma porta.

A besta rosnou, arreganhando os dentes feios, não mostrando sinais de diversão. Ele estava em movimento, dirigindo-se para Karen e o rosnado baixo disse que estava chateado.

Marisol ofereceu apoio, disparando sua arma, dando a chance de Karen recuar. — Recarregue —, ela gritou para Karen.

Karen não precisava ser mandada duas vezes. Marisol esforçava-se em atrasar a besta, mas não por muito tempo. Com as mãos trêmulas, Karen usou seu polegar para descarregar o carregador vazio, desejando encontrar a força para puxar o gatilho quando chegasse a hora. Mas antes que ela pudesse terminar sua tarefa, uma segunda besta subiu pela janela.

Karen estalou o depósito no lugar, adrenalina e medo fazendo a dor em seu corpo desaparecer. Ela visou a besta mais próxima a ela para que Marisol pudesse incidir sobre uma nova chegada.



O tiro de Karen caiu em um golpe direto entre os olhos do alvo. Bingo. O animal tropeçou e caiu no chão. Apenas a tempo, também, porque a segunda besta estava vindo para Karen e rápido, e Marisol estava sem munição.

— Santo inferno! — Karen gritou, recuando e tentando obter um tiro, mas essa nova besta era mais rápida do que a outra, e o número de tantos disparos deixava mais lento. Ela conseguiu um tiro, mas perdeu a cabeça, a bala ricocheteou no peito do atacante.

Certa de que só tinha segundos de vida, Karen sentiu o peito apertar de emoção. Não podia obter um tiro na cabeça dela. A besta estava perto demais e muito rápida. Puro e simples, ela estava presa sem ter para onde ir. Não há maneira de se defender.

Um flash correu para ela. O tempo parecia ter parado. Uma memória encheu sua mente.

Ela estava em uma fazenda, correndo em direção a uma casa, longe de uma besta. Embora não conseguia imaginar-se, ela sentiu. A descarga de adrenalina, o terror da morte.

Mais ela correu. Mais difícil. Em direção a casa. A casa dela, ela percebeu. Sua casa. — Victor —, ela gritou. — Victor!

— Continue correndo! — Ouviu-o chamar por ela. — Mais rápido! Continue correndo!

E ela tentou. Ela tentou tão duro. Mas, de repente, um tiro de dor atravessou sua cabeça enquanto o cabelo dela era agarrado com tanta força que sentia como se alguém tivesse o arrancado de seu couro cabeludo. Ela foi arrancada contra uma forma dura, a respiração desagradável inundando seu rosto. Enquanto ela era girada ao redor, ela encontrou Jag, não ele era então Victor, correndo em sua direção. Esperança se formando enquanto aproximava, mas foi rapidamente perdida quando o que parecia uma besta surgir do nada e jogou Victor em seu porão.



A besta a segurando riu, profundo e feio. — Agora você verá sua mulher morrer.

Por um momento, apenas um momento, ela viu o tormento e dor nos olhos do homem chamado Victor, o homem que ela agora conhecia como Jaguar. Ela viu o fluxo de lágrimas de seus olhos. E então, por um longo doloroso segundo sentiu a nitidez dos dentes da besta em seu pescoço. Ela ouviu seu nome na boca do homem que amava, ouviu-o gritar.

— Eu te amo —, ela tentou sussurrar, mas tudo acabara... escurecido.

Karen rebateu para o presente enquanto a besta correndo para ela no tempo presente foi jogada longe dela, Jag seu salvador. Umidade agarrava-se a seu rosto quando percebeu que estava chorando. Lágrimas nasceram da memória.

Ela bateu nelas, reorientando-se para o que estava acontecendo aqui e agora, determinada a não morrer novamente na mão de um desses animais. Ela assistiu em choque como Jaguar, que aparentemente encontrou seu caminho na janela, empurrava o animal atravessando a sala e contra uma parede.

Grata pelo que Jag acabava de entregar, uma segunda chance em mais de uma maneira, Karen mudou sua atenção para Eva e Marisol, ansiosa para confirmar sua segurança. Ela encontrou as duas na cama, amontoadas, uma besta inclinando-se sobre elas. Ele arrancou a arma da mão de Marisol e jogou através da sala. Felizmente Rock apareceu na janela, rapidamente entrou na sala e pegou o animal, apenas para tê-lo girando fora de seu aperto.

Um momento depois, espadas eram cruzadas, uma guerra completa desenvolvia-se entre ele e a besta no caminho.

Karen apoiou-se contra a parede, tentando descobrir como ajudar. Assustada de Marisol ou Eva acabarem no meio de uma lâmina. Ela olhou para Jag enquanto ele cruzava lâminas com seu adversário. Havia muitos homens. Espadas demais. Estava com medo de se mover. Medo de respirar.



Um som gutural de dor atraiu seu olhar de volta para Rock, e Karen engasgou, cobrindo a boca com a mão. Uma lâmina entrou no estômago de Rock, penetrando profundamente. Ela viu seu atacante torcer e depois empurrar para fora da carne. Sangue jorrou do ferimento como uma cachoeira, manchando a sua blusa azul com uma cor mais escura.

— Rock! — o grito de Marisol rasgou o ar, uma mistura de dor e negação.

Naquele momento, tudo parecia ir em câmera lenta novamente. Karen se virou para Jag, sabendo que ele era a única esperança de Rock, provavelmente a única esperança que qualquer um deles possuía.

Jag parecia saber muito de si mesmo. Ele deu sua atenção para o atacante de Rock, virando as costas para a besta que lutou. Com um movimento rígido de seu pulso, a lâmina de Jag cortou o pescoço do inimigo. A cabeça bateu no chão como um peso de chumbo, um baque pesado soando com seu impacto. O corpo seguiu, caindo em cima de Rock, que foi forçado a empurrá-lo de lado.

Karen engoliu, tentando processar o que aconteceu. Isso não era real. Não podia ser. Bestas. Lutas de espada. Cabeças decepadas... mas era. Era. Ela viu seu passado em sua visão. Ela viveu isso antes.

Ela não queria perder a batalha mesmo agora.

Antes que pudesse processar outro pensamento, a última besta restante aproveitou-se para por trás de Jag se transformar, e com a espada cortou profundamente o ombro dele, apenas faltando o pescoço, e desceu abaixo por seu flanco. Karen gritou, cobrindo a boca com a mão, enquanto a camisa de Jag tingia de sangue. Mais ainda quando pensou em quão perto a lâmina chegou ao seu pescoço.

Se Jag se intimidou pela lesão, ele não mostrou. Com um movimento gracioso, mas mortal, ele girou ao redor para enfrentar o seu agressor, sua espada cortando o ar com o movimento, e tendo a cabeça do animal.



Então quando Karen começou a deixar escapar um suspiro, para permitir-se acreditar que iria sobreviver a isto, houve um incêndio sobre os corpos bestiais.

Karen suspirou, esperando que uma explosão de chamas consumisse o quarto. Esperando um outro tipo de batalha para lutar.

Mas, tal como isso... os corpos foram embora, uma substância como cinzas em seu lugar. Karen percebeu então que não houve sangue com a decapitação. Nem uma gota. Vinte e quatro horas atrás, ela não teria acreditado que nada disso era real. Mesmo agora, ela quase podia convencer-se de que tudo isso era simplesmente um pesadelo realmente longo.

Mas não era um pesadelo, nem estavam fora de perigo. Ela sabia disso. Um arrepio passou por ela, um aviso de mais por vir. As bestas foram embora, mas a guerra havia apenas começado. E seu papel aqui se tornara mais claro. Ia além de salvar Eva.

Karen estava aqui por Jag... por Victor.



Capítulo Quinze

Jag enfrentou a janela de espada na mão. Por alguns segundos, ele estava ali, esperando. Pronto para o próximo bastardo Darkland que ousasse entrar nessa janela. Ninguém falou, como se soubessem que ele precisava do silêncio. Ou talvez eles temiam o que ele poderia fazer.

Como lava quente, o calor da batalha corria em suas veias, rico com a sua raiva sobre o ataque e o dano ao Rock. Mas, ainda mais do que a raiva, ele sentia medo. O medo sobre o que o animal poderia ter feito para Karen, se não tivesse chegado quando ele fez.

Ele respirou fundo e soltou, obrigando-se a acalmar. Combater a adrenalina ainda assim em uma parte de seu corpo. Lutando contra o seu próprio animal, o que surgiu para a batalha e gritou por sangue e vingança. Vingança por tantas coisas. A lista era longa e continuava a crescer, às vezes era sentida com cada respiração que ele criou.

Um som estático encheu o ar. Então, — Jag.

Ele estendeu a mão e apertou um botão na lateral do seu telefone onde pendurava em seu cinto. — Sim, Des. Estou aqui.

— Eles recuaram, mas eles atingiram os dormitórios. Nós temos uma porrada de feridos. Eu preciso de Marisol.

Jag virou para olhar para Rock, seu estômago torceu com a palidez doentia de seu rosto. Marisol já deslizara em um transe de cura, absorta em sua tarefa. — Temos aqui feridos também —, disse Jag a Des, sem dar mais detalhes. — Vou levá-la para você assim que eu puder.

— Diga-lhe para se apressar. — Um segundo. Dois. — Jag, homem... perdemos três.



Ele não respondeu imediatamente, sentindo a notícia cotar mais que a lâmina que cortou através de sua carne. — Entendido, — Jag disse, porque foi tudo o que conseguiu. O que mais poderia dizer?

Ele deslizou sua espada em chamas lugar, a auto-censura em seu coração. Ele deveria ter sido mais preparado. Se ele tivesse treinado para isso, se ele tivesse ensinado os recrutas como se defender de um ataque de frente...

— Não é culpa sua. — Ad palavras suaves de Karen chamaram sua atenção. Ele evitou olhar para ela até este ponto, ainda abalado com o que sentiu ao lutar por sua vida. Por quão intensamente ele temia a morte. Não fazia sentido, no entanto, até agora, o quão perto ela veio a ele e sacudiu seu núcleo.

Um pouco mais sob controle, ele se obrigou a olhar para ela. Ela se sentou na cama ao lado de Eva, que havia caído em um sono, parecendo um anjo, que acabava de sobreviver ao trabalho do Diabo.

E ela tinha. Senhor, ajude-os todos, ela tinha.

Seus olhos eram suaves com compreensão, a voz dela uma carícia suave. Seu peito apertado de emoção. Droga, ele não podia lidar com isso agora. Não quando ele tinha cavaleiros feridos e talvez até mesmo mortos. Ele não sabia como Karen sabia o que ele sentia. Ele não sabia como Karen entrava em seus sonhos ou invocava tais emoções.

Não importava, tão pouco.

Neste momento, ele sentiu como merda de toda forma possível e, além disso, ela estava errada mesmo. Tinha a culpa. Os Cavaleiros eram sua responsabilidade. Isso não deveria ter acontecido aqui, na fazenda, o lugar que ele jurou que estavam protegidos. Ele tinha o fio colocado como Fort Knox, mas não foi o suficiente. Eles iriam, não, ele cresceu confortável aqui. Claro que isso representou uma zona de segurança, a única saída de uma guerra que vivia eternamente. Uma guerra da qual nunca poderia partir.



Jag se afastou de Karen, intencionalmente fechando-a, reorientando-se a Marisol. Ele observou as lágrimas escorrendo pelo rosto da curadora, apesar de sua partida em um transe de cura. Confirmação do que ele já suspeitava. Marisol estava apaixonada por Rock. Ela tinha medo que não poderia puxá-lo de volta do outro lado, com medo de que ele perdera muito sangue para ser curado.

As mesmas coisas que deram vida ao Cavaleiro tornava-se uma fraqueza na batalha. Os Cavaleiros tinham sangue a escorrer e almas para escurecer. As bestas não tinham nada.

— Seu ferimento precisa ser olhado —, disse Karen, mais uma vez invadindo seu mundo, recusando-se a ser rejeitada.

— Estou bem —, disse ele, cortando-lhe um olhar duro significativo dizendo-lhe para se afastar.

— Você não está —, Karen insistiu, empurrando-se fora da cama e começando a andar em direção a ele.

Jag levantou a mão, observando seus olhos se arregalarem quando ela parou em seus passos. — Eu tenho que verificar meus homens. — Ele olhou Marisol por um momento e então fixou em Karen um olhar duro. O ferimento precisava ser tratado, mas ele não diria isso. Ele curaria. Ele era um cavaleiro, o que significava que ele curava rapidamente de ferimentos leves. — Certifique que Marisol vá ao dormitório o mais rapidamente possível. Fique com Rock, para que ela não se preocupe.

— Você não pode sair —, disse Karen, a descrença em sua voz, como se ela não pudesse acreditar no que ele estava realmente pensando. — Você tem que ficar até que ela te cure.

Ele arqueou uma sobrancelha, desafiando sua insistência sem uma palavra, a expressão em seu rosto faria qualquer um se esconder. Receber ordens não era seu estilo, e, certamente, não vindas de Karen. Embora seus



sentidos gritavam que confiasse nela, seu desejo por ela o colocava em guarda, com medo de um truque.

As faces coradas, mas ela furou-o com argumentos. — Você está ferido, Jag.

Enquanto ele não estava disposto a ouvir Karen, muito menos fazer o que ela queria, ele sentiu uma parte dele que era normalmente distante e frio agitar a sua preocupação. Ele se confundiu, mas porém, assim como tudo sobre Karen. Ele empurrou de lado o sentimento, se concentrando no que era importante. A segurança de seus homens. Qualquer um dos seus poderia estar sangrando até a morte agora. Não permitiria que Marisol desperdiça-se sua energia limitada sobre ele. Nem ele iria explicar isso para Karen.

— Apenas certifique-se que Marisol faça o que eu digo —, disse ela, sua voz fria agora, nítida, mesmo. Ele precisava sair deste quarto, longe de Karen. Longe de Rock, deitado no chão, quase morto.

Ele dirigiu-se para a porta, andando e passado por Karen. O cheiro de morte e guerra desapareceu enquanto suas narinas dilataram-se com o cheiro dela, com a sua presença feminina. Ele foi tomado pela tempestade, um chamado primordial que o fez querer puxá-la para si e levá-la do perigo.

Em vez disso, ele se empurrou para frente, sentindo a urgência de atender seus homens. Mas sua fuga foi interrompida quando a mão quente de Karen agarrou seu braço, o toque como um choque elétrico ao seu sistema.

Seu olhar empurrado ao redor, olhando-a por cima do ombro, pronto para entregar palavras duras apenas para ser surpreendido com o que encontrou, pela preocupação no rosto de Karen. A preocupação por ele.

Seu estômago apertou com o impacto.

Droga, ele não quer reagir assim por Karen. Ele precisava lidar com sua lesão e, em seguida, limpar a cabeça e pensar sobre como lidar com as bestas.



Respirando fundo, ele disse, — Eu tenho que verificar meus homens. — Seu olhar foi para a mão antes de voltar para seu rosto. — Vidas estão em jogo.

Controlando a atenção, ela estudou suas costas e ombros, onde a lâmina da besta cortou até o osso. — É muito ruim, Jaguar. Por favor, fique e deixe Marisol ajudar você. Por favor.

Por um momento, ele queria aceitar a sua preocupação. Se permitir sentir conforto como ele teve uma vez com sua esposa há muito tempo. Mas ele não foi capaz de proteger sua esposa, e ele mal salvou Karen das bestas. Não importava qual seu papel em tudo isso, ela estava melhor longe.

— Eu não quero a sua ajuda, Karen, — ele disse, sua voz tão fria como a lâmina de aço que cortou sua pele. — Você não entende isso?

A raiva brilhou em seus olhos. — Droga, Jag —, ela mordeu fora com os dentes cerrados. — Pare com o ato machista. Você está ferido. Você não pode ir sem ser curado. — Ela baixou a voz. — E você precisa de mim.

Suas palavras eram mudas em seus ouvidos quando uma memória estalou em sua mente e seu coração remendado. Uma de Caron em pé na frente dele, seus cachos saltando em torno de sua cabeça, repreendendo-o por trabalhar com uma mão ferida.

Jag fechou os olhos, chocado com a nitidez da imagem em sua mente. Não! ele gritou em sua cabeça, rejeitando a memória. Ele não podia fazer isso. Ele não poderia enfrentar o fantasma do passado, enquanto ele enfrentava as bestas do presente.

Torcendo um pouco para alcançar o pulso de Karen, Jag mal contive um grunhido de dor que o movimento causou. Ele agarrou a mão de Karen e removeu de seu braço. — Eu disse para você ficar longe de mim, e eu quis dizer isso.



Karen assistiu Jag desaparecer no corredor, e lutou contra o desejo de o seguir. Ele precisava de ajuda. Homem teimoso, agia como se não precisasse de nada, nem ajuda, nem tratamento. Mas não era verdade. Ela viu o ferimento profundo nas costas, e ele precisava de atenção. Como é que ele espera cuidar de outros, se ele estivesse morto?

Ele pode não gostar de aceitar ajuda, mas ele ia ter que se acostumar com isso. Ela não conhecia o futuro deles juntos, mas ela conhecia o passado agora. Ou partes dele, pelo menos. O suficiente para dizer-lhe que ele foi seu marido, o amor de sua vida. Quanto mais ela se lembrava, mais ela sentia o amor, e mais claro o propósito ela se tornava. Ela viu o inimigo, passado e presente. Jag precisava de sua ajuda, e ele estava indo obtê-la.

Mais cedo ou mais tarde, ele aceitaria isso. Ela tinha certeza disso.

Lançando um olhar rápido para Marisol, Karen considerou sua próxima ação, e então suspirou profundamente. Ela não podia sair. Ela não podia ficar e oferecer qualquer tipo de ajuda, porém, e devia estar ajudando.

No entanto, Rock ainda não estava movendo-se, na verdade, ele parecia... Karen engoliu a bile formando em sua garganta... ele parecia morto. O pensamento tocou seu estômago e deixou-a com medo, um sentimento que piorava enquanto observava a tez branca e fantasmagórica do corpo imóvel.

— Por favor, deixe-a fazer isso —, Karen sussurrou, olhando para ele, esperando por algum sinal de vida.

Marisol se sentou no chão com ele, com a cabeça no colo dela, com a mão em sua testa. Karen esperava que a curadora pudesse salvá-lo, mas



temia que já fosse tarde demais. Quanto tempo seria para Marisol tentar puxar Rock de volta a este mundo antes de ir para os outros que precisavam dela?

Quanto tempo Karen devia esperar para interromper Marisol? Jag não disse, e Karen sentia o peso de outras vidas em seus ombros. Como muitos “recrutas” que estavam lá? Karen perguntou. E quantos foram feridos e esperavam Marisol?

Mesmo enquanto um milhão de perguntas tocavam sua mente, outras seguiam. Qual deveria ser a sensação de ser Marisol? Saber todos os dias de sua vida, que podia ser a única esperança de sobrevivência que outros teriam?

Irremediavelmente no limbo, Karen sentou-se na beira da cama, ao lado de Eva, acariciando seu rosto. Desejando que ela soubesse como fazer as coisas melhorar. Para Eva. Para Rock. Para os homens que esperavam ter Marisol visitando-os.

Tudo acontece por uma razão. As palavras de sua mãe, ditas muitas vezes durante a juventude de Karen, repetiam em sua mente. Ela pensou naquelas palavras durante o funeral de seus pais, querendo saber para qual propósito suas mortes serviria.

Ainda assim, essas palavras, tudo acontece por uma razão, repetia na mente de Karen. Com eles, a estranha sensação de pertencimento, nesta sala, neste rancho, neste momento, enchendo Karen. Ainda mais, o seu sentido de ter finalidade cresceu.

Ela pertencia aqui, uma parte desta batalha sendo travada. O peito de Karen apertou quando ela olhou para sua irmã, desejando que pudesse puxá-la de volta a este mundo. Será que Eva pertencia aqui ou era simplesmente uma vítima da associação, trazida a isto por causa de sua relação com a Karen?

O medo inundou sua mente. Medo de perder Eva. Com esse medo, Karen pensou em Jaguar. Se ele vivia com a dor de ver sua esposa morrer e não ser capaz de salvá-la? Que horrível que deve ter sido, ainda deve ser, de fato.



Ele lutou por Eva. Ele salvou os dois.

Karen soltou um suspiro profundo, ela nem percebeu que estava segurando. Ela não podia ignorar o seu sonho, ou os flashbacks, mais do que podia fingir que as bestas eram fruto da sua imaginação. Nada disso era normal, mas era real.

Se tudo acontecia por uma razão, então Karen acreditava que o sonho era uma mensagem. Que ela tinha que descobrir e rápido. Porque, neste momento, por tudo que Karen sabia, depois do que ela viu no dia de hoje, esse sonho possuía uma pista que poderá salvar vidas. Dela. Eva... talvez até mesmo de Jag.

— Karen.

O som da voz de Marisol chamou Karen de seu devaneio. Empurrando-se fora da cama, Karen correu para a frente, ajoelhando ao lado da Curadora. Rock agitava-se, tentando sentar. — Quantos estão feridos? —, questionou.

Espantada com a recuperação notável de Rock, Karen lutou para encontrar sua voz. — Eu não sei. Jag... ele está ferido, mas insiste que você vá para os homens. Ele diz que há muitos feridos. Mas Jag... seu ombro está rasgado. — Retratando a ferida, ela fez uma careta. — É ruim. Muito ruim.

— Quem sou eu para deixá-lo ferido? — Agitação brilhou no rosto de Marisol. — Proteger Jag é proteger seus homens. Ele é o seu guia. A sua força.

— Faça o que Jag diz, — Rock disse, com a voz fraca, mas com autoridade. — Eu vou para Jaguar.

Ele começou a se levantar e Marisol agarrou seu braço, no mesmo momento ele grunhiu de dor. — Você não vai a lugar algum, além da cama —, disse Marisol, seu tom firme. — Eu não posso arriscar curar você totalmente —, disse Marisol. — Eu preciso da minha energia para ajudar os outros. Você tem que dormir e fazer o resto por conta própria. — Seu olhar foi para Karen quando ela ergueu-se, e Marisol seguiu para uma posição ereta. — Onde está Jag agora?



— Eu acho que em seu quarto, — Karen disse, — mas eu não tenho certeza.

— Eu voltarei. — Marisol brilhou fora da sala.

Bem caramba. Karen agarrou o peito. Essa coisa de magia ia levar algum tempo para se acostumar. — Posso ajudá-lo a ir para o seu quarto —, ela perguntou a Rock, percebendo que ele estava de pé, a ferida que sofreu não mais sangrando, mas ainda um fosso profundo em seu intestino. — Isso parece doloroso.

— Eu estou bem —, disse ele, inclinando-se contra a parede. — Nossa espécie cicatriza rapidamente. — Descartando a lesão, ele acrescentou, — Marisol vai dar-lhe um gel para embalar na ferida de Jag. Não importa o quão ruim a lesão pareça só lembre que não somos como você. Assim que começar a coagulação nos curamos. O maior problema é parar o sangramento. O gel vai fazer isso melhor do que pontos ou qualquer medicina humana.

Marisol apareceu na sala, um pote de gel azul na mão, que empurrou na direção de Karen. — Este...

— Eu disse a ela, — Rock disse. — Ela sabe o que fazer. Karen tem tudo sob controle. Vá fazer a sua coisa. Salvar vidas.

Ainda assim, Marisol hesitou.

— Eu vou cuidar de Jag —, Karen garantiu a Marisol, reforçando as palavras do Rock.

Assim como ela sabia que Karen apoiava-se firme no frasco, Marisol foi. Rock deu a Karen um olhar expectante. — O que você está esperando? Vá. Encontre Jaguar.

Karen não precisava ser mandada duas vezes. Ela se dirigiu para a porta. As palavras de rock, “nossa espécie”, soando em sua cabeça, um lembrete das incógnitas. Da necessidade de ser cautelosa.



— Karen. — Ela virou ao chamado de Rock. — Ele é um filho da puta teimoso. Vai sangrar até a morte antes de admitir que precisa de ajuda. Sua casca é muito pior do que sua mordida. Basta ser forte.

Ela aceitou suas palavras, porque elas ecoavam o que ela sentia em seu coração. Depois de um rápido aceno, ela virou-se, já em movimento. Jag precisava dela. E por alguma razão, ela não entendia muito bem, sentia ser mais importante do que sua próxima respiração.

Capítulo Dezesseis

Fique longe de mim.

Incubindo-se um caminho pelo corredor em direção ao seu quarto, as palavras de Jag a Karen eram ácido em sua língua. Usando a última energia que seu corpo possuía, ele se trancou dentro do quarto e caiu contra a porta. Ele quis dizer o que disse a ela, no entanto, no mesmo segundo em que falou as palavras, ele queria trazê-las de volta. Tanto é assim que se afastou sem se atrever a olhar para aqueles lindos olhos azuis, temendo a dor que ele tinha a intenção de causar com suas palavras.

Mas por que haveria dor? Por que ela se importaria com o que ele disse ou fez?

Engolindo contra a extrema secura na garganta, Jag trabalhou a mão na fivela do cinto e empurrou o viva voz do celular.

— Des.

— Sim, chefe.



— Status —, ele ordenou, chegando ao seu lado, onde o sangue parecia despejar em uma repentina rajada, a espada escavou em linha reta através dele. Filha da puta. Isso explicava por que não começou a rápida coagulação que os Cavaleiros foram abençoados, ou talvez amaldiçoados. Eles não morrem facilmente. Em vez disso, vagavam e viviam o inferno na terra.

Às vezes, ele se esquecia de sua finalidade maior, a forma como os homens precisavam mesmo dele, e desejava a morte. Talvez hoje recebesse esse desejo.

— Estamos seguros aqui, mas preciso de Marisol. Onde diabos ela está?

As palavras de Des estalaram Jag de volta para o momento. — Ela estará lá —, disse Jag. — Ela tem um ferido também. Atualize-me em 20.

— Quem?

— Rock.

Silêncio. Des e Rock argumentaram como inimigos, mas não havia dúvida do vínculo que compartilhavam. — Quão ruim?

Des não gostaria de ser protegido, não que Jag teria considerado isso. — Mal.

Mais silêncio. Então, — Entendido. — Estática. Des registrou.

Ouvir a voz de Des e sentir sua luta para ajudar os outros cavaleiros, Jag encontrou nova determinação para agir. Ele precisava se enfaixar antes que tombasse. Um pouco de pomada de coagulação de Marisol, e ele deve ser capaz de melhorar para verificar os seus homens.

Empurrando a porta, Jag foi em direção ao banheiro. Embora apenas momentos antes ele pode facilmente ter desejado a morte, sabia, como sempre fazia, ele não podia aceitar isso. Não quando seus homens precisavam dele. Não quando Karen estava aqui, o que complicando o mundo como ele conhecia, e trazendo um monte de problemas com ela.



Puxando aberto o armário de remédios em cima da pia, ele empurrou as coisas ao redor, tentando encontrar o bálsamo azul de coagulação, sem sucesso. Esforços provando infrutífero, Jag amaldiçoou e pegou uma toalha de mão descansando na borda da pia.

Pressionando o pano em seu flanco, contemplou a necessidade de ir a catedral de Marisol onde guardava seu material, sabendo que estava muito fraco. A atividade só aceleraria o sangramento. Ele se sentia como um maldito inválido, nem mesmo capaz de cuidar de seus homens.

Jag fechou os olhos com o pensamento de que três de seus homens passaram, rezando para que tivessem, pelo menos, encontrado a paz em um lugar melhor. Ainda assim, ele mal conseguia engolir perguntando quais três que perdeu.

A memória da besta incubindo-se de Karen substituiu a dos rostos de seus homens. Se ele tivesse chegado até ela um segundo mais tarde... apenas um segundo... um flash de Caron em seus braços caiu em sua mente, seu corpo horivelmente imóvel, limpo.

Karen acabaria como Caron se ele não agisse, e agisse rápido. A percepção vestiu com clareza, e trouxe à vida os seus piores medos... seria a besta dentro de si responsável pela morte de Karen? Seus sonhos pareciam avisar da destruição dela em sua mão, mas ainda assim, neles, ela sempre o acolheu, incentivando seu lado primal a levá-la.

Ele não entendia seus sonhos, mas em algum lugar dentro deles estavam respostas que precisava. Como, como ele protegeria Karen das Darklands e ainda de si mesmo?

A toalha colocada em seu flanco começou a gotejar, e Jag rangeu os dentes enquanto a jogava na banheira. — Droga! —, Ele gritou para o quarto pequeno, a frustração tão viva como a dor mordendo suas terminações nervosas. Ele deveria estar com seus homens, lutando, protegendo, guiando. Em vez disso ele estava aqui sangrando como um porco. — Onde está você,



Salvador? — Mas mesmo quando ele chamou ao seu mentor, ele sabia que era uma tentativa inútil. Salvador não o responderia agora mais do que ele já fez.

À luz dos acontecimentos do dia, Salvador provavelmente não tinha nada a dizer a Jaguar. Afinal, como um líder, o esperado para proteger seus homens, para estar preparado para tudo, Jag falhou.

Dúvida batia nele, estimulando a raiva. De si mesmo. Dos anos que Salvador o manteve no escuro. Dizendo que Jag que tinha que encontrar as respostas, o caminho, por conta própria.

Por que era a curadora capaz de chamar Salvador, mas Jag, o único suposto a ser o líder dos Cavaleiros, incapaz de alcançar? Ele liderava os Cavaleiros em uma guerra contra o mal, mas era mantido à distância. Por quê? A questão veio a ele mais e mais, muitas vezes no fundo das noites sem dormir no século passado.

Ele se tornou uma besta naquele dia miserável dois séculos antes, quando seu mundo humano, sua vida feliz, foram tirados dele. E se Salvador o salvou, mas não destruiu o mal dentro? Com sua alma restaurada, o animal não foi posto de lado. O que do mal da besta? Talvez ela só poderia ser confinada e enterrada, nunca destruída. Temer sua própria natureza tornou-se o próprio inferno pessoal de Jag.

Os joelhos começaram a curvar, Jag desajeitadamente sentou-se ao lado da banheira, as armas ainda estão intactas. A perda de sangue começava a tomar seu pedágio, e Jag piscou os pontos diante de seus olhos. Ele descansaria um minuto e, em seguida, faria seu caminho para a catedral. Fechou os olhos só um minuto...

Abruptamente Jag voltou ao estado de alerta, um som fora de sua porta chamando sua atenção. Ele adormeceu, percebeu. Por quanto tempo? Lançou um olhar para o lado, tendo na poça de sangue pequenas alterações, indicando que ele esteve fora não mais que um minuto ou dois.

Dor irradiava através de seu corpo enquanto ficava de pé, usando a energia que jurava não possuir, a ferida doendo enquanto estendia a mão para a alça em couro pela lâmina embainhada em sua cintura.

Poderia morrer este dia, mas não sem levar mais alguns Darklands com ele. A concepção veio para ele, abrupta e violenta, conflitante com a de apenas momentos antes. Se ele, de fato, morresse, se ele encontrasse seu fim, Salvador viria e salvaria seus homens. E Salvador salvaria Karen.

Sim. O pensamento trouxe paz para Jaguar.

Talvez, apenas talvez, a morte se tornou sua.

Talvez sua batalha para viver era o errado. Talvez... ele precisasse aceitar a derrota. Não das Darklands. Mas de si mesmo. Uma onda repentina de adrenalina correu em suas veias e ele delizou na entrada, pronto para levar seu intruso para a escuridão com ele.



Karen esperou do lado de fora da porta Jag, segurando um frasco de pomada apertado os nós dos dedos brancos. Tendo batido duas vezes sem resposta, sabia que tinha que agir. Simplesmente parada ali não era uma opção. Por tudo o que sabia, Jag pode estar deitado no chão, semi-morto, ou pior, já morto.

Ela alcançou a maçaneta, e hesitou, seu coração chutando em duplo tempo. Intrrometer-se no espaço privado de Jag sem aviso vinha com mais do que um pouco de risco. Com sua insistência abrasiva a ela "fique longe", ele não era susceptível de receber uma intrusão de braços abertos.



Então, novamente, ele não se importava de se intrometer nela, ela se lembrou. Ele invadiu o quarto dela quando ela serviu a seu propósito. Ela poderia fazer o mesmo.

Endireitando-se, decisão tomada, Karen agarrou a maçaneta, abriu a porta e entrou na sala. — Jag. — O nome dele deslizou no ar em um suspiro, seu corpo puxado para trás em uma difícil respiração, hálito quente ao longo de seu pescoço, o frio de uma lâmina de aço em sua garganta.

Não havia dúvida que seu agressor era Jaguar. Ela podia sentir a sua presença como uma segunda pele, familiar. Segura, apesar da faca em seu pescoço. — Jag —, ela sussurrou, depois mais alto, — Jag. Sou eu, Karen. Eu vim ajudar. Eu trouxe a medicina de Marisol.

Por alguns segundos, ele abraçou-a, sem palavras. Por um momento, ela pensou que ele se inclinou e inalou o cheiro do seu cabelo, mas ela não podia ter certeza. Ela não se atrevia se mover, o deixando tomar o tempo que precisava. Esperando uma memória do seu passado poder vir a ele como a sua.

Mas então ela sentiu a umidade se infiltrando através de suas roupas, e sabia que tinha que agir. Ele estava sangrando muito. — Oh, Deus, Jaguar. Deixe-me ajudar. Temos que parar o sangramento.

Abruptamente ele a soltou, colocando-a longe dele. O som dele guardando a arma seguido de um grunhido encheu seus ouvidos antes que ela pudesse virar o rosto para ele. Ela teve apenas um momento para tirar a camisa manchada de sangue, antes dele pegar o frasco de sua mão. Ele moveu-se para a cama e sentou-se, amaldiçoando enquanto suas armas ficavam em seu caminho. Karen ficou olhando, sem saber o que fazer a seguir. Sem palavras, ele rejeitou a ajuda dela.

Ele deixou cair o frasco no colchão e soltou o cinto em torno de sua cintura, antes de deixá-lo cair no chão a seus pés. Ele caiu na cama, seu corpo batendo como um peso de chumbo.



Em seguida, ele precisava tirar a camisa. Deixe-me ajudá-lo. — Você tem tesoura? —, Ela perguntou. — Eu posso cortar a camisa.

Olhando para a frente, dando-lhe o seu perfil, ele não se virou, nem ele falou o que sentia uma vida inteira para Karen. Finalmente, — gaveta do banheiro.

Alívio tomou conta de Karen. Sucesso. Um pouco, pelo menos. Um passo a frente. Uma parede derrubada. Temendo que ele pudesse desenvolver um segundo pensamento, Karen correu para frente, correndo para a esquerda para entrar no banheiro, e então congelou, chocada com o chão manchado de sangue. Seu estômago revirou com a visão, seu intestino torceu em um nó, e estimulou-a a voltar a ação. Ele perdeu sangue demais.

Ela vasculhou a gaveta, encontrando a tesoura, e partiu para a porta, em seguida, dobrou de volta, decidindo que precisava de toalhas molhadas e secas para limpar a ferida. E curativos. Ela precisava de bandagens. Poucos segundos depois, armada com suprimentos, correu para ajudar Jaguar.

Quando ele apareceu, ela o encontrou sentado na beira da cama, com os braços repousados sobre os joelhos, com a cabeça inclinada entre os ombros, o cabelo escuro caindo para frente, protegendo o rosto.

Respirando fundo, ela caminhou em direção a ele, cautelosa enquanto se aproximava. Sua presença gritava com uma vantagem primordial, um guerreiro pronto para lutar. Quase como se seus instintos estivessem lá na superfície, segurando-o quando fosse cair. Um animal selvagem ferido tentando sobreviver.

Mas ela não o temia. Nem um pouco.

Parando na beira da cama, ela colocou o material no edredom marrom simples agora tingido com manchas mais escuras. — Vou deslizar atrás de você e cortar a camisa.

Ela esperou, mas ele não respondeu. Okay. Nenhuma objeção, pelo menos. Respirando, ela deslizou para o centro do colchão e pegou a tesoura,



levantando o material e se encolhendo quando o viu tremer como se em dor, moendo os dentes em simpatia pelo que ele devia sentir.

Olhando sob o primeiro pedaço de pano em sua pele, ela prendeu a respiração no corte longo e profundo em suas costas e abaixo em seu flanco. — Oh, Deus —, ela sussurrou. — Jag.

— Ele vai se curar —, ele conseguiu com a voz rouca, falando pela primeira vez em longos minutos. — Eu estou bem.

— Você não está bem —, disse ela, recusando suas palavras. Ela jogou o material que cortou longe da pele, eliminando o pano sujo em uma das toalhas que obteve. Voltando-se para averiguar a ferida, encontrou-a pior do que esperava, ela sussurrou suas palavras anteriores, — Você não está bem.

Embora ela realmente quisesse tirar o resto da camisa de seu corpo, ela se agarrava a ele, emaranhando-se como uma segunda pele. O gel a ser aplicado veio em seguida para que pudesse começar a funcionar. Se ele funcionasse. Ela não sabia o que pensar. Poderia algum gel azul ajudar uma ferida tão grande?

Ela pegou a toalha molhada colocada perto, decidindo novamente se explicar. Certificando-se que Jag soubesse o que esperar. — Eu vou limpar esta seção das costas e, em seguida, colocar o gel antes de lidar com o resto da camisa.

— Tudo bem —, ele disse em voz baixa e rouca.

Recebendo a aprovação dele, Karen limpou o sangue ao redor da ferida. Recuando, Jag pressionou as omoplatas juntas e depois gemeu com a ação.

As mãos de Karen caíram sobre seu ombro, um ato instintivo que pretendia confortar, moldando sua pele quente e tensa. Apesar das circunstâncias, ela não pôde deixar de notar a definição em seus braços. O poder que ele devia possuir. A força. Ainda...



— Facil —, ela insistiu. — Fácil. — Seus músculos relaxaram lentamente, ombros caíram para frente. — Isso mesmo. — Ela trabalhou rapidamente para limpá-lo um pouco e depois pegou o frasco, sentindo a frieza do gel através da superfície sólida. — Este será frio.

Ele acenou com a cabeça e depois se moveu sem aviso, arrancando o restante da camisa e rasgando-a, descartando-a no chão. — Você precisa ter certeza de que é dentro da ferida —, disse ele, com a voz mais forte agora, como se encontrado um segundo fôlego. — Não apenas na superfície.

— Tudo bem —, disse ela, tragando. Isso o machucaria. — Pronto?

— Basta fazê-lo —, ele disse com firmeza.

Percebeu que ele era um homem machão. — Tudo bem, então. — Ela mergulhou os dedos no líquido frio e arremessou um punhado dele sobre o corte.

Surpreendentemente ele nem sequer recuou desta vez, tendo claramente se preparado para o impacto. Considerando-se a dor que ele deve estar sofrendo, ela não sabia como ele conseguia manter-se tão calmo. Com um toque tão suave quanto possível, Karen trabalhou o gel sobre e dentro da ferida. Para sua surpresa, o fluxo de sangue pareceu instantaneamente diminuir.

Borboletas no estômago vibraram quando percebeu que teria de estabelecer-se em frente a Jag para medicar o resto da lesão. Ela teria que enfrentá-lo e olhar para aqueles olhos escuros e misteriosos. Parte dela queria fazer exatamente isso, para pesquisar a presença familiar do passado que sabia encontraria lá. Outra parte dela resistia. A parte que ainda não aceitava que ela era a esposa do Jag do passado. A parte que não conectou-se muito com o mundo do “tudo é possível” que ela conseguiu entrar.

Mas tinha que ser feito. A espada cortou para a direita através de seu corpo. Todo o caminho através. O pensamento de metal mordendo através de sua carne a fez cerrar os dentes.



Sem avisar Jag de suas intenções, com medo de que ele poderia objetar por algum motivo que ela não entendia muito bem, considerando que estava ajudando, ela arrastou os suprimentos para a borda do colchão onde pudesse alcançá-los do chão. Ele deveria receber qualquer coisa que ela estava fazendo. De alguma forma, com Jag, não duvidava que fosse curto e áspero.

Flexionando-se na cama, ela deslizou no chão a seus pés. Antes que ele pudesse se opor, ou ela poderia se acovardar nesse assunto, ela caiu as mãos nos joelhos dele com ela entre eles.

O toque de sua mão nas pernas dele disparou um calor por seus braços e através de seu corpo. O olhar dele disparou ao seu, uma reação à atração tão viva entre eles.

Como ela previu, os olhos escuros dele, tão intensos, tão potentes, olharam para o dela, extasiando-a com a profundidade do que eles agitavam dentro dela. O que ele agitava dentro dela. Abraçando-a com o calor do carinho familiar. Ela podia ver que ele sentia isso também. Ele pode não ter se permitido considerar que ela era sua esposa, ela era Caron, mas em algum lugar atingo longe de sua mente, ele sabia.

Nesse momento, seus olhares se encontraram. Não havia nada, ninguém, apenas os dois. O tempo parou. Ela sentiu Jag em um nível além do físico. Alma profunda. Era a única maneira de descrever a maneira como ele chegou além de sua superfície e tocou o âmago de sua existência.

Emoção agitava, a emoção que ela não podia tocar, não conseguia identificar, mas podia sentir claramente. Calor primal percorria seu corpo, excitação e desejo enganando ao longo suas terminações nervosas. Mas isso era mais do que simples luxúria. Muito mais do que desejo. Este era o produto de uma ligação que apenas duas pessoas poderiam compartilhar juntas.

Incomodada pelo clamor das emoções gritando dentro, Karen forçou-se de volta a questão urgente em mãos, chocada com sua distração da lesão de Jag. Ela pegou uma toalha, determinada a fazê-lo atendido e descansando.



Delicadamente, ela limpou a garganta, não certa de que pudesse encontrar a voz. — Você pode recuar para que eu possa limpar a ferida? —, ela perguntou com a voz rouca, suas palavras mal um sussurro.

Por alguns segundos, ele simplesmente olhou para ela, e ela pensou que ele poderia resistir. Então ele fez o que ela pediu, inclinando-se para trás para suportar seu peso em nos braços. A única maneira que ela poderia chegar ao corte era ficando de pé, na ponta dos dedos, inclinando-se sobre sua virilha, peito pressionado contra a parte íntima de seu corpo.

O som do seu baixo, gutural gemido a fez recuar. — Machuquei você?

Sua expressão se enfureceu com a descrença, que rapidamente se transformou em raiva. — Não —, ele disse, como se ela soubesse mais. — Você não me machucou. — Ele caiu de costas e cobriu o rosto com o braço.

Ela teria que voltar a minar com algo seu tom rude, mas agora não era o momento. Mas logo, ele teria que ter uma mudança de atitude. Karen pegou o material e um momento depois conseguiu gotejar uma boa parte do gel restante em sua ferida.

— Por que você está aqui? —, Ele perguntou, sem olhar para ela, com a voz fraca, como se ele estivesse mordendo a dor nas costas enquanto o gel trabalhava em sua ferida. — Eu lhe disse para ficar longe.

Lá, ele passou, precisando ajustar a atitude novamente. Talvez não pudesse esperar. Mesmo agora, enquanto medicava sua lesão, ele estava cavando razões para fazê-la o inimigo. Ele ia ter que deixar essa necessidade. Caso contrário, eles nunca descobririam o que enfrentavam e derrotá-lo em conjunto.

— Deixar você sozinho —, repetiu ela sem rodeios. — Certo. E deixá-lo sangrar até a morte.

— Eu não vou sangrar até a morte —, ele mordeu fora com os dentes cerrados.



Karen teria rido da ridícula declaração machista, se não tivesse encontrado na linha branca acima de seu lábio uma distração. Em contraste com sua quente pele marrom, advertia a fraqueza em seu corpo. Da grande perda de sangue que ele afirmava não ser preocupação.

— Certo —, ela disse novamente. — É por isso que a sua Curadora estava tão preocupada.

— Eu poderia ter esperado por Marisol.

Sua declaração, feita para ser dura, saiu com uma entrega fraca, com a voz embargada ligeiramente intensa. O fato de que ele usava a pouca energia que tinha para empurrá-la, chateava Karen. Uma nova emoção, uma misturado com dor, a amarrou antes que ela pudesse recuar.

— Você acha que eu quero estar aqui? —, ela exigiu. — Ajudando alguém que nem sequer aprecia isso? — Karen olhou carrancuda para ele por vários segundos e, em seguida, foi trabalhar. — Eu não, você sabe. — Ela limpou em torno da ferida, limpando o sangue perdido de sua pele quando o gel abrandou o sangramento. Os músculos de seus abdominais flexionando com a ação e ela mordeu o lábio inferior. Sua disposição podia precisar de uma reforma, mas seu corpo ondulava com perfeição. Um corpo danificado pela picada de uma lâmina. Sua voz suavizou quando ela percebeu o quanto este homem significou para ela uma vez e poderia mais uma vez, se ela o deixasse. — Você salvou a minha vida, no entanto. Eu devo a você.

Ele levantou o braço e olhou para ela, uma dica de choque em seus olhos, rapidamente mascarado com gelo de aço. Sem dúvida, ele intimidava a maioria das pessoas com esse olhar. Não ela. Ela foi ao inferno e voltou hoje. Viu muito pior do que a sua atitude desagradável. Coisas que não esqueceria tão cedo.

— Você não me deve nada —, disse ele, finalmente.

Ela eliminou o frasco de vidro agora vazio e passou as palmas das mãos em suas coxas. Coxas fortes. Ele era um homem poderoso. Uma força a ser



temida por muitos. Só não ela. Ele a fazia sentir um monte de coisas, mas não isso. Não temer.

Era hora dele colocar isso na sua cabeça dura. — Você não me assusta, não importa o quanto você queira —, ela proclamou, e depois mudou-se para o negócio. — Preciso envolver a ferida. Você pode sentar-se de novo?

Sem aviso, ele empurrou o corpo para cima, acorrentando-lhe os pulsos, os olhos encontrando os dela. — Você precisa ir embora.

Ele estava tão perto que ela podia ver a barba escura em sua mandíbula. Estender a mão e tocá-lo, mesmo que suas mãos estivessem livres. E ela poderia ter, se fosse capaz de fazer. O desejo era esmagador. Como algo que ela fez no passado. Um instinto nascido do hábito.

— Eu não vou a lugar nenhum até que Marisol chegue —, disse ela. — Você pode muito bem, deixar-me terminar o trabalho que comecei e enfaixando você. Então você poderá virar o seu eu teimoso e descansar.

Sua expressão era dura. Sua mandíbula apertada.— Você não tem ideia de com quem você está lidando.

— Na verdade —, ela declarou: — Eu sou muito malditamente determinada e você é o único que não sabe com quem está lidando. — Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou, — Você esteve longe de ser bom para mim. Você pode rugir alto e pode até morder. — Ela soltou um riso abafado em sua escolha de palavras. — Literalmente, eu acho.

— Exatamente por isso que você deve sair daqui. Eu sou como aqueles animais que só atacavam. Você já viu isso em seus sonhos. Não seja idiota. Fique longe de mim, enquanto você ainda pode.

— Eu não vi nenhum animal em você. Um homem ranzinza que me prendeu, gritou comigo e me acusou de coisas desagradáveis, sim, mas não uma besta.

— Os sonhos, Karen. Pense sobre o que acontece com eles.



— Oh, eu tenho —, disse ela. — E, francamente, acho que você está lendo tudo errado. — Ela balançou a cabeça. — Mas isso é um assunto para outra hora, depois de descansar. Deixe-me terminar de enfaixar suas feridas para que possa descansar. Então, podemos conversar. Depois que estiver curado. — Ele olhou para ela, imóvel, sem resposta. — Por favor, Jaguar.

— Não posso deixá-la ficar aqui. — Sua cabeça caiu para frente, os dedos soltando em torno de seus pulsos. — Não quero machucar você, Karen.

— Você não vai —, ela sussurrou, acreditando com toda a sua alma. — Você não vai.

Ele ergueu os olhos para ela, e seu olhar, disse um milhão de palavras, expondo sensações intencas de dor e emoção, até mesmo um toque de medo. — Como você pode ter tanta certeza, quando eu não tenho?

Desta vez, Karen instintivamente, estendeu a mão e puxou um fio de seu cabelo com os dedos. Ela meio que esperava que ele se afastasse, mas ele não o fez. Senti-se bem, tocá-lo, falar com ele. O calor e a ternura lentamente inundando seus olhos lhe disse que faziam a ele, também.

— Eu não sinto medo de você, Jaguar. Não nos sonhos. Não agora.

Ele pegou sua mão e apertou-a contra seu rosto, seus olhos fecharam por um momento, como se estivesse absorvendo seu toque. Fricção sexual veio com a suave raspagem do bigode contra a pele sensível de sua palma.

Quando olhou para ela novamente, ela viu o calor de seu olhar. — O que você sente, Karen?



Capítulo Dezessete

Quando Karen não respondeu imediatamente à sua pergunta, Jag repetiu, queimando por sua resposta mais do que ele fez pelo ferimento em seu flanco. — O que você sente, Karen?

Mais uma vez, suas palavras pairava no ar, provocando-o com suas possíveis respostas. Estar perto de la assim, experimentando o seu toque suave, esbanjando carinho em sua voz e olhos, estremeceu. Agitadas emoções de tempos há muito distantes. De uma vida perdida quando ele perdeu sua esposa.

Karen finalmente abriu a boca para falar, a expressão pensativa em seus olhos, indicando que ela deu grande consideração para o que estava prestes dizer. — Minha mãe amava usar o ditado, “as coisas acontecem por uma razão”.

Jag respirou, quase sem poder acreditar no que acabava de ouvir. Sua esposa usava essas palavras, frequentemente. As coisas também acontecem por uma razão. Possibilidades correram para ele, junto com uma onda de emoção. Ele ousava deixar sua mente formar os pensamentos tentando tomar forma?

— Há uma razão pela qual eu estou aqui —, continuou Karen. — A razão pela qual você e eu estamos juntos. — Ela inalou e deixou sair, como se quisesse que ele fizesse o mesmo. Como se ela soubesse que ele precisava respirar. — Eu sei que tenho que estar aqui. É... o destino.

Caron muitas vezes chamou ao seu casamento, o seu amor ‘destino’. Ela alegou que era por isso que a sua família se estabeleceu na terra ao lado do rancho da sua família. Ele olhou nos olhos de Karen, pesquisando as



profundezas de sua alma... de sua alma. E nesse momento, seus olhares se encontraram, ele sentiu algo dentro dele movendo, alcançando dela para ele, iluminando onde ele estava escuro antes. Ele conhecia a verdade desse sentimento. Sabia que não ousou pensar, muito menos falar. Ele sabia que esta Karen era a sua Caron.

— Eu preciso fazer isso —, disse Karen, colocando as bandagens.

Mal contendo a súbita vontade de puxá-la em seus braços, abraçá-la e nunca deixá-la ir, Jag levou alguns segundos para responder. De alguma forma, ele conseguiu um aceno de cabeça. Ele precisava pensar. Além disso, ele não queria assustar Karen. Não havia nenhuma garantia de que ela acreditaria nele, se ele lhe dissesse seus pensamentos, embora em algum nível ele pensava que ela sabia. Ele sentiu. Ainda assim, mesmo que ela fosse sua esposa de uma outra vida, as coisas mudaram. Ele mudou. Viu e fez coisas que o endureceram.

Por que isso foi acontecer? Por quê? Ele queria, no entanto, ele temia igualmente. Seu peito apertou quando uma nova preocupação tomou forma. Darklands iria destruí-lo se for dada uma oportunidade. Que melhor maneira do que entregar Caron a ele novamente e depois ver como ele a mata?

As implicações de Karen estar aqui, dele talvez vê-la morrer de novo, eram como uma faca cortando-o. Os dedos de Karen roçaram sua pele, arrepios seguiam seu rastro. Seus punhos fecharam enquanto ele lutava contra o desejo, a necessidade absoluta, de tocá-la. Não importa o que pode ter mudado em qualquer um deles, ela ainda agitava as coisas emocionais e intensas dentro dele.

Mas e se a machucasse? Os sonhos disseram que faria. Mostraram-lhe a terrível verdade de seu desejo virando-se para a condenação.

As mãos de Karen chegaram em seus ombros. Ela estava atrás dele agora, na cama, filmando o curativo. Como se tivesse lido sua mente, sua boca



parou perto de seu ouvido, seu hálito quente em seu pescoço. — Eu não tenho medo de você, Jaguar.

— Você deve ter. Você teve os mesmos sonhos que eu.

— Talvez eu interprete de forma diferente de você —, sugeriu Karen, mas não lhe deu tempo para responder. Em vez disso, ela disse, — deite e descanse. — Ela fugiu para o espaço ao lado dele e deslizou de volta no colchão. Ele não discutiu, evitando contato com os olhos, com medo do que poderia encontrar, por medo de que fosse ver o seu fracasso em seu olhar. Grunhindo com uma dor aguda, ele deslizou para trás e descansou a cabeça no travesseiro.

— Você está bem? —, Ela perguntou, a preocupação gravada em seu tom, permanecendo na cama ao lado dele, parecendo não ter pressa para colocar distância entre eles. — Há algo que posso dar para a dor?

A verdade era que ele de repente se sentia muito muito ruim. Sua visão enfraqueceu, seu estômago rolava. Obrigou-se a olhar para ela, forçou sua expressão para uma máscara em branco e suas pálpebras estavam pesadas. Ele não conseguia levantá-las acima da metade.

— Eu vou ficar bem quando sair —, disse ele, tentando levá-la a uma distância segura dele, então saberia que não poderia machucá-la.

— Não vou sair —, disse ela, sem hesitação na voz, cheia de certeza.

Ele estava desaparecendo e sabia disso. Mesmo a sua voz saiu num sussurro. — Saia. Eu não... quero te machucar.

— Eu vou me arriscar —, disse ela, girando para se deitar no colchão ao lado dele.

— Você não pode ficar... —, disse ele, mas não estava certo de que ela ouviu as palavras. Espera. Ele não tinha certeza de que realmente as disse. Tudo estava tão... escuro. Então preto. Em seguida, surgiu o sonho... primeiro doce, sensual. Karen fazendo amor com ele. As curvas doces de Karen

pressionadas a dele. Tão perfeito. Mas, então, o animal começou a arranhar suas entranhas, mordendo-o, querendo ela...



Karen levantou em seu cotovelo e olhou Jag, sentindo um torno frio em seu coração ante seus olhos fechados. — Jag —, ela sussurrou, a possibilidade horrível que ele podia não estar dormindo torcendo seu intestino.

Alívio caiu sobre ela quando ele murmurou algo incoerente. Ela deixou sair o ar de seus pulmões. Incapaz de se conter, ela fugiu para perto dele, inalando seu perfume masculino, calor enrolando no fundo de seu estômago. Flashes do passado começaram a chegar para ela, revelando o quão perto eles eram. A antecipação de um amor atemporal preenchendo-a. O tipo que ela nunca sentiu nesta vida, até agora.

Timidamente, ela estendeu a mão, os dedos à direita de sua mandíbula. Ele era um homem belo, robusto bonito, magnificamente esculpido. Suas maçãs do rosto eram altas, seus lábios cheios. Ela sempre pensou assim, percebeu. A partir do momento que o conheceu há muito tempo. O tempo parou enquanto Karen olhava para Jag, memórias enchiam sua mente.

Sem aviso, Marisol apareceu na sala, um brilho de luz em torno dela por um momento. Karen saltou, puxando a mão do rosto de Jag, como se ela fosse um garoto apanhado roubando no pote. Ela enrijeceu na posição sentada. — Bom Deus, você me assustou horivelmente.

— Desculpe —, disse Marisol, seus olhos se estreitando enquanto tomava a posição de Karen na cama ao lado de Jaguar. — Eu normalmente uso portas,



mas sob as circunstâncias o tempo parece importante. — Seu olhar foi para Jaguar e ela sentou-se ao lado dele. — Como ele está?

— Não está bom. Eu parei o sangramento, mas a ferida é profunda. Ele desmaiou cerca de dez minutos atrás. — Karen notou a palidez da pele de Marisol. Suas sobrancelhas arquearam. — Você está bem?

Marisol assentiu, mas não fazer contato visual com Karen. — Estou bem. — Ela segurou a mão acima do lado esquerdo Jag. — Ele ficará, também.

Karen assistiu com espanto enquanto um feixe de luz aparecia da palma. Bateram na porta, e Karen correu na direção, só para tê-la aberto antes de ela chegar. Rock e Des entraram, a atenção em Marisol e Jaguar. Karen não perdeu como Rock calmamente foi na direção de Marisol. O homem tinha um mau para a Curadora.

Juntos, os três observavam, à espera, a tensão no ar. Karen apertou a mão sob o queixo, preocupada além das palavras. De repente Jag sentou-se ereto, a respiração arfante de seus pulmões, seus traços distorcidos como se sentisse dor. Marisol engasgou, empurrado-a da cama. Rock correu para ajudá-la. Ele agarrou-a por trás e ajudou-a a levantar.

Os olhos de Jag viajou pelo quarto, descontroladamente caçando, e depois fixando em Karen. — Tirem-na daqui. Tirem-na aqui agora.

— Jag —, disse Marisol. — Deitar-se. por favor — Ela olhou para Rock. — Eu preciso dele deitado agora, antes que ele rasgue e abra a ferida. Eu não posso fazer muito mais. Eu simplesmente não posso. Estou muito cansada.

Rock olhou Des como se à espera de sua decisão. Com um aceno de cabeça, Des avançou.

— Volte —, Jag disse, apontando para Rock e, em seguida, Des. — Eu juro por Deus, eu vou fazer você sofrer se me tocar.

Os homens pararam em suas trilhas, olhando um para o outro. Jag olhou para Karen. — Você precisa ir embora.



— Eu não posso fazer isso —, ela disse, sua voz baixa, mas determinada. É evidente que ele sonhou novamente. Ele estava tão certo de que ele iria machucá-la. Ele estava errado.

— Karen, licença, — Des disse, virando-se para olhar para ela.

— Pergunte a ele por que ele quer que eu saia —, disse Karen. — Pergunte a ele! — Desta vez, ela gritou. — Ele acha que vai me machucar. Ele acha que... ele não vai. — Ela olhou para Jag. — Eu deveria estar aqui, Jaguar.

Marisol avançou, diretamente ao lado da cabeça de Jag. — Eu sinto muito —, ela disse a ele, com a voz tão baixa que era difícil de ouvir. Em seguida, a mão levantou e luz pulverizava sobre ele, engolindo sua testa. Um segundo depois, ele entrou em colapso. Imediatamente a palma da mão cobriu a parte ferida de seu corpo.

— Foda-se, — Des disse, movendo-se a seu lado novamente. — Ele é um espanhol teimoso, esse cara.

— Espanhol? — Karen perguntou, sobrancelhas erguidas. Des parecia tentar fazer com que ela se sentisse à vontade.

— Sim, — Des disse, sorrindo. — Autoritários, bastardos arrogantes que gostam de dizer a nós mexicanos o que fazer.

Ele deu-lhe um olhar inquisitivo e ela recebeu-o de frente. Ela não tinha certeza do que estava buscando enquanto olhava para ela, mas ela era um livro aberto. Não havia nada para esconder. Ele tinha os olhos mais originais, ela percebeu, com manchas de amarelo. Uma indomável qualidade permanecia neles, selvagem e potente, insinuando perigo.

Mas ela não estava com medo dele ou de qualquer destes homens por mais tempo. — Eu não posso deixá-lo —, disse ela, incapaz de tomar o silêncio por mais tempo.

Seus lábios comprimiram, a cicatriz acima de seu lábio superior traçada até seus olhos, fazendo-a imaginar o que este homem sofreu. Se ele perdeu



alguém que amava como Jag tinha. Com certeza, se ele tivesse, ele iria entender. Talvez devesse dizer-lhe que ela era, essa Caron.

— Ele quer que você saia —, disse Des. — Se ele acordar e você estiver aqui, eu vou estar na merda.

— E você sempre faz o que ele diz —, ela comentou, repetindo o que havia dito na cozinha, sentindo uma súbita onda de medo. Jag deixava parecer como a coisa errada a fazer.

Ele inclinou o queixo ligeiramente. — Sim, mas talvez não agora.

Surpresa endureceu sua espinha, esperança encheu seu coração. — Quer dizer, você me deixará ficar?

— Talvez —, ele comentou. — Mas como eu disse. Eu vou pagar por isso. — Ele pareceu considerar seu próximo movimento. Então, — eu sei sobre os sonhos, Karen. Marisol me disse. — Algo brilhou em seus olhos escuros. Seu olhar foi para a cama. — Ele está sozinho há muito tempo.

Algo na maneira que Des falou as palavras lhe disse que estava pensando mais em Jaguar. Ele entendia estar só, porque ele também estava. Ela estava feliz que Marisol lhe disse. Na verdade, estava aliviada. Se ele sabia de tudo, e Des acreditasse no era, que ela era Caron, então talvez ele entendesse. Talvez ele a ajudasse.

— O que mais disse Marisol —, ela perguntou, tentando decidir o que dizer agora. Como certificando-se que ele realmente entendeu o quanto ela precisava ficar aqui com Jaguar.

— Que ela acredita que você tem alguma conexão do passado com Jaguar. — Ele considerou suas próprias palavras um momento. — Houve um tempo em que eu teria chamado isso besteira. Uma coisa que a minha longa vida me ensinou é que tudo é possível. Estou vivendo, andando a prova disso. — Ele inclinou a cabeça para considerá-la. — A questão é... o que você acha?



— Eu tenho que estar com Jag —, disse ela, sem hesitar. A cada segundo que passa, ela acreditava em suas palavras ainda mais. — Ele acha que vai me machucar, mas eu sei que ele não vai.

Antes que ela recebesse a decisão de Des, Marisol ficou de pé. — Ele vai ficar bem. Basta deixá-lo... — Suas palavras foram perdidas enquanto sua mão lhe subia a cabeça. — Oh.

Rock amaldiçoou enquanto correu em direção a ela, levantando-a em seus braços. Karen começou ir em direção a eles, mas Des pegou o braço dela. — Ela está bem. Só está exausta. Nós lhe dissemos para não vir aqui, mas ela insistiu. Ela só precisa de descanso. O mesmo com Jaguar.

Karen cruzou os braços na frente do corpo, confusa, frio de uma forma não natural. — Quantos ela curou?

— Nem todo mundo. — Ele balançou a cabeça. — Perdemos bons homens hoje.

— Sinto muito —, disse ela. — Eu... eu não teria vindo se eu soubesse que traria isso para você. Eu juro, eu não teria.

— Se você está se referindo às acusações de Rock, ignorá-o. Você não trouxe isso em nós. Meu instinto diz que as Darklands está usando você para chegar a Jaguar, e eu sempre confio no meu instinto. — Seus olhos escureceram. — Estou contando com você para ficar com ele antes delas. — Então, ele cortou seu olhar, apontando para Rock andar.

Karen ficou ali, sentindo-se sobrecarregada com as emoções. Des aceitar seu passado com Jag alguma forma o validava. Antes que ele pudesse sair, ela se virou. — Des?

Ele girou para encará-la enquanto Rock retirava Marisol da sala, ergueu a sobrancelha em silêncio pergunta. — Cuide da minha irmã —, disse ela, precisando da segurança de ouvi-lo dizer que iria.

— Você tem a minha palavra —, disse ele.



Ela soltou um suspiro que não sabia que ainda estava segurando, afastou-se de Des, e ouviu a porta se fechando atrás dela. Com o voto de Des, ela sentiu que poderia se concentrar em Jag. Ela sabia que Eva estava segura. Ela deixou sua irmã uma vez, ela não faria isso de novo.

Assim como ela não deixaria Jag novamente. Ela olhou para a cama, para o homem dormindo pacificamente. Mas não havia nada pacífico sobre Jag e ela sabia disso. Lágrimas queimavam na parte de trás de seus olhos, as emoções à tona, o peito apertado com força esmagadora. Sem ele dizer isso, Karen sabia que Jag sentia que falhou, mas ela podia ver que era o oposto. Ela o deixou sozinho, uma vida eterna de sentir culpa. Se ao menos ela corresse mais rápido. Atuasse de algum modo diferente. Se apenas... espera. Pensou nos sonhos. Pensou no que ela sentia neles. Jag era o único que teve medo. Ele temia a si mesmo.

As coisas acontecem por uma razão. As palavras surgiram em sua cabeça e, com elas, uma sensação de paz começou a se estabelecer dentro. O aperto no peito diminuiu. Era claro que Jag era um líder, que lutava uma batalha maior do que a vida dela ou até mesmo a sua própria. As coisas acontecem por uma razão. E ela estava de volta aqui, para ele, por uma razão. Jag precisava dela. Ele precisava deixar ir a culpa e o medo. Ele precisava ser amado.

Não disposta a perder mais um minuto, ela se arrastou para a cama, e aconchegou-se a seu lado. Quando ele acordasse, ela estaria perto e planejava ficar perto. Muito perto para ele ignorar. Ela sorriu enquanto seu rosto se acomodava em seu ombro. Karen sentia a coisa mais incrível nesse momento. Sentia que encontrara o que esteve procurando por todos esses anos. Ela encontrou o seu propósito. Encontrou Jaguar. Havia uma guerra sendo travada em torno deles e que estavam destinados a combatê-la juntos.

Quando Jag acordasse ela se certificaria que ele soubesse que não estava mais sozinho. Ela estava aqui para ficar.



Jag piscou acordado, olhando para o teto, tentando limpar a neblina pesada de um sono de cura. A pouca iluminação falou do anoitecer, o que significava que ele dormiu por algum tempo. Normalmente ele tinha um sono leve, sempre consciente de possíveis problemas. As necessidades de cura de seu corpo superaram tudo.

Lentamente, a consciência e o calor se apoderou dele, suas narinas dilataram com um suave feminino aroma. Karen. Ele inclinou a cabeça para baixo, inspirando o perfume mais plenamente, seu cabelo roçando-lhe o rosto, um sussurro de um toque que lhe garantia a realidade de sua presença. Prazer o encheu com a sua proximidade, antes que ele pudesse pensar em se sentir de outra forma. Na verdade, por apenas alguns momentos, ele não queria deixar-se sentir mais nada. Ele simplesmente queria absorver sua presença.

Ela não deveria estar aqui. Lembrava-se de dizer aos seus homens para levá-la embora. Naquele momento, ele estava agradecido que eles não tinham. E ele não estava disposto a pensar nas consequências dela estar aqui. Do que poderia dar errado se ele se permitia esquecer os avisos em seus sonhos.

Não é uma tarefa fácil de conseguir quando ele podia sentir as curvas suaves de seu corpo se fundirem para o seu lado, o peso suave de sua cabeça descansando em seu ombro. Incapaz de se conter, ele estendeu a mão e acariciou o cabelo dela, a vontade de tocá-la era grande demais para ignorar. Os fios de seda brincavam com os dedos, e seus olhos fechados enquanto ele inalava o momento, tendo-o como se fosse uma respiração, deixando-a agitar-lo profundamente.



Ele a sentiu mexer um momento antes de falar. — Jag? — Sua mão firmou-se em seu peito enquanto ela girou para olhar para ele. Seus olhos fechados, a consciência carregando o ar com corrente elétrica. — Oi —, ela sussurrou, seus cílios esvoaçantes quase tímidos.

— Oi —, disse ele, sabendo que deveria dizer mais, sabendo que devia exigir que ela saia. De alguma forma, ele simplesmente não conseguia.

— Como você está?

Uma pergunta carregada com certeza. A mulher que ele queria, mas não podia ter estava em seus braços. Como estava ele? Ele estava tanto no céu e no inferno, no momento, muito obrigado.

— Melhor —, ele finalmente conseguiu, e depois chegou sagaz para a disciplina, obrigando-se a dizer o que não queria. — Você não deveria estar aqui.

— Eu me lembro, Jag. — Cílios vibraram um momento diante de seus olhos, mais uma vez encontrando o seu. — Lembro-me de Victor.

Tudo dentro dele ficou imóvel. Seu coração parecia parar de bater, sua respiração alojada dentro de sua garganta. — O que? —, Perguntou ele, com certeza ele tinha ouvido errado. Certeza de que isto não poderia estar acontecendo. — O que você disse?

— Esta voltando em pedaços, mas eu me lembro. Eu... me lembro como éramos apaixonados. — Ela estendeu a mão e tocou-lhe o queixo. — Você costumava ter um cavanhaque. Eu gostei.

Jag podia a ter questionado, se ela não tivesse acrescentado a parte sobre o cavanhaque. Ninguém sabia disso. Ele raspou-o, assim como raspou fora seu passado. Raspou-o porque sua esposa adorava-o e lembrava dela.

Em um movimento, ele girou o corpo e colocou-a na cama, com as mãos sobre a cabeça, os joelhos presos entre os seus. Fúria e dor queimando dentro



dele, uma raiva da dor, das memórias. — Quem disse isso à você? — Ele exigiu. — Quem?

Ela olhou para ele com calma, não afetada por sua raiva. — Não é assim e sabe disso. Olhe dentro do seu coração e você saberá quem sou eu. Você sabe. Você sabe como eu sei.

Ele sacudiu a cabeça, lutando contra a onda de emoção o superando. Seu cabelo estava mais claro, sua pele pálida, mas seus olhos... eles eram os mesmos. Quando ele olhou em seus olhos, ele sentia o mesmo. — Isso não pode ser.

— No entanto, é. Eu não sei como. Só sei que as memórias... elas estão vindo para mim. Eu sei quem é você. Eu reconheço-nos.

Lentamente, ele afrouxou o aperto em suas mãos, enterrando o rosto em seu pescoço, e ele estava tremendo, ele percebeu, tão abalado como o dia em que ela foi tirada dele. Sentia-a tão incrível em seus braços, tão perfeita. Ele a puxou para mais perto, envolvendo-a com o seu corpo, com medo de que fosse outro sonho e ela iria embora.

Suas mãos acariciaram suas costas, os ombros, o pescoço. Ela emaranhou os dedos em seus cabelos, acalmando-o com as carícias, acalmando-o com a sua presença. Ele não conseguia olhar para ela. Não sabendo que falhou com ela naquele dia há muito tempo. — Eu sinto muito —, ele sussurrou.

— O que você lamenta? —, ela perguntou. — Jag, por favor. Olhe para mim. — Sua mão foi para seu rosto. — Por favor.

Com uma respiração profunda, ele se obrigou a levantar o olhar para o dela. — Eu não cheguei até você a tempo.

— Você já pensou que talvez você não deveria? Eu fiquei na cama por um longo tempo, enquanto você descansava, pensando sobre isso. Fazendo as mesmas perguntas que estou certa que você fez por anos. Realmente uma



questão. Por quê? — Seus dedos roçaram seu queixo. — E uma resposta veio para mim. As coisas acontecem por uma razão.

Ele balançou a cabeça. — Não. Não há razão no homem ver a sua esposa morrer. Você sabe quantas vezes aquele dia brincou na minha cabeça?

— Eu gostaria de poder tirar isso. Dói-me saber que lhe causou tanta dor, mas estou aqui agora. Nós estamos juntos.

Se fosse assim tão fácil. — Nós não podemos voltar atrás. — Ele descansou a testa contra a dela. — Eu não sou o homem que conhecia. Eu não sou mais Victor.

Ela apertou as mãos ao rosto e depois roçou os lábios sobre os dele, e ele sentiu o toque, que mal há em acariciar cada centímetro do seu corpo. Ele estava excitado e crescente fome. Não era uma coisa boa. Ele já viu a facilidade com que se tornava primal e fora de controle com ela. Mas, mesmo sabendo disso, a necessidade o levava para frente. A necessidade de descobrir se ela ainda o amava, apesar de tudo que aconteceu, apesar de tudo o que ele se tornou. Deus, como ele precisava dela, também.

— Eu vivi uma vida sem você, assim como você teve sem mim —, disse ela, seus lábios ainda próximos. Tão perto que ele ainda podia sentir o gosto dela. Tão perto que ele mal podia conter sua necessidade de sentir seu toque novamente. Ela continuou, e ele freou com força seu desejo. — Não sou a mesma pessoa que era, também, mas o vínculo que nós compartilhamos então, ainda está vivo dentro de mim. Podemos descobrir um ao outro mais uma vez. Eu sei que nós podemos.

Sua contenção quebrou e ele a beijou em seguida, reivindicando sua boca sem a ternura que ele gostaria de ter. Mas não havia outra maneira que ele poderia lidar com isso agora. Era um beijo significativo saciando cem anos de fome. Um beijo significativo dando-lhe paz. Mas à medida que sentia sua língua deslizar contra a dele, provava a doçura de sua paixão pura, ele queimava dentro com a verdade. Ele queimava dentro com o perigo que



representava para ela. Ele era uma besta, um monstro, um homem não mais digno dela.

Puxando a boca da dela, ele rolou de cima dela, sua respiração saindo pesada, o braço cobrindo o rosto. — Você não tem ideia do que eu me tornei.

— Eu sei que você tem medo —, disse ela suavemente. — Eu o senti em meus sonhos. Você acha que é um deles.

Ele deixou cair o braço, virando-se para olhar para ela, chocado ao ouvir as palavras que ele pensava tantas vezes falar em voz alta. — Porque é verdade.

Ela não se moveu, não tocou-o. Ela parecia entender, pelo menos, por um momento, que ele precisava de seu espaço. — Eu não acredito nisso —, disse ela.

— Eles me transformaram em um deles, Karen. Eles roubaram a minha alma e me transformaram em um deles.

— Agora eu sei que você está louco.

Seus olhos se estreitaram. — Por que isso?

Ela se sentou, determinação queimando em seus olhos. — Pense nisso, Jaguar. Pense sobre o que nós compartilhamos. Eu conheço você e sei que você é um bom homem. Você ajuda as pessoas. Você não é como aquelas coisas que vi você lutar.

Se fosse como ela diz, mas ela não sabe tudo. Jag tinha que olhar para longe dela enquanto lhe dizia o resto de sua história, como ele destruiu seu quadro róseo. — Quando você morreu —, ele disse, com a voz um pouco rouca, mesmo para seus próprios ouvidos —, as bestas me atacaram depois. Eu não lutei. Eu queria morrer. Enquanto elas bebiam o meu sangue, eu ficava pensando, apenas faça-o. Basta me matar. Mas não. Isso teria sido muito simples. Também indolor. Quando eu finalmente pensei que poderia acabar em breve, que eu estava perto de sair, meu peito começou a queimar. — Sua mão



foi para o seu coração, ainda sentindo a dor como se acabasse de acontecer. — Eu senti minha alma arrancada do meu peito, como se fosse meu coração. Foi inacreditável dor que não posso começar a explicar. Então, como que — ele estalou os dedos — nada. Sem dor. Minha alma se foi e assim foi toda a emoção humana que eu já conheci. — Ele fechou os olhos. — O que foi tão ruim sobre isso foi... — Ele não sabia se poderia mesmo dizer em voz alta. — Foi que eu...

Ela estendeu a mão e tocou-lhe o braço. — O que? —, Ela cutucou delicadamente.

— Senti-me bem —, disse ele, a verdade como o ácido em sua língua ainda libertadora ao mesmo tempo. Ele nunca admitiu isso para ninguém. Jag virou a cabeça e olhou para ela. — A dor de perder você se foi. Nada importava. Eu odeio o bom momento que senti. Como se perder a minha alma libertava-me da perda. Isso me assombra a cada segundo de cada dia.

Ela chegou mais perto dele, seus dedos roçando o cabelo de seus olhos. — Não deveria. — Sua voz suave segurava uma carícia. Ela segurava conforto. — Quem não gostaria de ter sentido o mesmo?

A compreensão de sua voz roçava suas terminações nervosas, acalmando-o quando ele não teria imaginado que fosse possível, mas não perto o suficiente. Seu auto-ódio era uma coisa viciosa, algo que amadureceu a uma ferida desagradável.

Como ela poderia perdoá-lo pelo que ele não poderia perdoar a si mesmo? Mas então, ela não tinha ouvido tudo. Ele se afastou dela novamente. — Um homem apareceu em seguida, lutando contra as bestas. Lembro-me da sede de sangue, o desejo de tirar sua vida antes que ele tirasse a minha. Eu tentei atacá-lo e, com um aceno de sua mão, minhas pernas estavam pesadas, quase congeladas. Em seguida, a dor no meu peito me balançou, me deixou de joelhos. E então a tristeza por ter perdido você pegou novamente. Pedi-lhe para levá-la de volta. Implorei como eu nunca pedi na minha vida.



Um som rouco chamou sua atenção. Jag virou-se para encontrar Karen chorando. — Eu sinto muito, Jaguar. Eu odeio... que você passou por isso. Eu não queria deixá-lo.

Ela estava se desculpando com ele? Ele nunca sentiu nada parecido com o que ele sentia naquele momento. Nunca sentiu o tipo de amor. Nem mesmo em sua vida passada. Lá estava ele, preocupado que ela ia pensar nele como um monstro, e ela estava se desculpando. Tudo que importava era a sua dor, não ela própria.

Jag sentou-se e puxou-a em seus braços, usando o dedo para afastar as lágrimas. — Shh, — ele disse. — Não chore, cariño. Por favor. Eu não quero causar mais dor.

— Eu não sou a única que viveu tudo isso, Jaguar. Basicamente, eu dormia com a dor. Como você —, disse ela, fazendo uma pausa para respirar instável —, você já passou por um inferno. Eu estou aqui agora, no entanto. Você não está mais sozinho.

As palavras dela o aqueceu, encheu-o com tal alegria que ele queria gritar. Ao mesmo tempo, verificou-se, a realidade difícil de vender contra tais ações. — O sonho...

Os lábios de Karen roçaram os seus, cortando suas palavras. — Eram sobre o seu próprio medo. — Sua boca tocou novamente. — Beije-me, Jaguar. Faça amor comigo e me mostre o quanto você sentiu minha falta.

— Você não sabe o que está pedindo —, disse ele, mas ele mal podia conter a necessidade de tomá-la como sua. — Eu não verei você ser machucada de novo.

Sua mão foi para sua bochecha. — Você não vai. Eu sei que não vai.

— Desejava poder sentir tanta certeza.

— Confie em mim, em nós, e você vai ter.

— Eu quero —, ele sussurrou.



— Ninguém está impedindo você, apenas você —, respondeu ela. —
Beije-me, Jaguar.

Mas ela não esperou por sua resposta. Ela encontrou sua boca com a dela e ele se perdeu. A provocação suave de seu beijo rapidamente alagou-o com a tentação. Ele lutou centenas de batalhas ao longo dos anos, mas esta, ele não poderia ganhar. Sua mulher, sua vida, ela tinha poder como nenhum outro sobre ele.

Estava perdido e foi encontrado de uma só vez.

Capítulo Dezoito

Karen tinha gosto de mel e baunilha envolta em tentação, assim como ele se lembrava, tão doce e perfeita.

Jag saboreou o sabor, ternamente roçando o queixo com os dedos, dobrando para que ele pudesse aprofundar o beijo. Sem dúvida, ela era linda. No entanto, sua atração por ela era muito mais profunda do que o físico. Era o jeito que ela tocou no interior que o fez queimar por ela. A vida que ela soprou em sua existência. Seu exterior abrigava somente o que estava dentro. A alma que o chamava. A mulher que ele amava, e pensava perdida para sempre.

Suas emoções se enfureceram com intensidade, uma mistura de amor do homem e da concupiscência da besta. A parte primal dele arranhava seu núcleo, implorando para tomar Karen. Queria reclamá-la, tanto quanto o homem fez. E Senhor o ajude, não tinha certeza que tinha vontade de dizer não. Ele precisava muito disso. Ele precisava de Karen como não se lembrava de precisar de nada em sua vida. Não desde o dia que Caron morreu. Não,



desde que ele quiz voltar no tempo e correr mais rápido, lutar mais, fazer de tudo para trazê-la de volta à vida.

Karen gemeu em sua boca e ele engoliu o som, avidamente afirmando-o como prova da realidade impossível de sua presença. Da impossibilidade de ela estar em seus braços, em sua vida. Ele entrou em uma névoa de desejo com a força de uma colisão de frente. Lógica e cautela dissolvidas em uma explosão de pura demanda.

Jag caiu da posição sentada para se deitar no colchão, puxando Karen com ele, para que eles descansassem lado a lado. Beijando-a. Tocando-a. Com seu corpo e mãos, ele moldou-a contra ele. Ele queria tudo dela, sentir seu corpo nu contra o dele. Beijá-la da cabeça aos pés. Tanto que ele nem sabia por onde começar.

Mão na parte inferior das costas, os quadris Jag pressionado ao dela. Cada centímetro dele queimava com o toque, cada terminação nervosa gritando com vida. Sim. Isso era o que ele precisava, o que ele sentia falta.

Era dela que ele precisava.

Seu braço deslizou sob seu ombro e ela se aconchegou mais perto, como se ela, também, não pudesse obter o suficiente dele. Suas pernas entrelaçadas, quadris paralelos. Ele podia sentir seu calor, seu corpo despertou estabelecendo-se no V de suas pernas. Devagar, ele lembrou a si mesmo. Saboreie isto.

Mas a besta estava clamando com a demanda, o homem caindo nas sombras de sua existência. Ele foi além do medo de que isso podia significar, além do pensamento. Essas coisas já não guiavam.

Ele só sabia o que sentia, o que ele desejava, agindo sobre ele sem hesitação, agindo por puro instinto. — Eu senti tanto sua falta —, ele sussurrou, correndo os dedos pelos cabelos, deslizando a cabeça para trás o suficiente para olhar em seus olhos. Ele queria que ela visse o fogo ali, para que fugisse antes que fosse tarde demais.



Mas ela não fugiu nem ela hesitou. — Prove —, ela respondeu, com a voz carregada de emoção, seus lábios avidamente em busca do seu outra vez.

Ele não precisava de mais insistência. Jag deu o que ela procurava, sem palavras, tendo sua boca e beijando-a, quente e com fome, profundo e cheio de demanda. Seu desejo de reclamá-la, corpo e alma, se tornando rapidamente uma força motriz, empurrando-o para frente. Tomando o homem e deixando a besta, assim como ele queria levar a mulher.

Mãos corriam debaixo de sua camisa, pele macia se tornou a sua recompensa. Ela moveu-se, sentando-se e a puxando pela cabeça. Jag mal podia respirar enquanto a observava despir-se. Pendurado por uma corda, ele mal continha seu desejo de simplesmente rasgar as barreiras longe.

Ele simplesmente olhava. Querendo. Queimando.

Após a camisa veio seus sapatos, mas seus olhos pousaram no marfim suave de sua pele, ela deu-lhe as costas. Seu longo cabelo loiro pulverizado sobre seus ombros, lembrando-o dos sonhos, onde os fios sedosos brincavam no peito e rosto. O quarto estava escuro, mas uma pequena luz ao lado da cama, lançava o quarto em um feitiço sensual, seu pau duro enquanto ele devorava a beleza de sua presença. A expectativa, a espera, enquanto se despia, o havia hipnotizado, mas, oh, tão no limite.

Forçando-se a desviar o olhar, ele foi trabalhar, tirando suas próprias roupas, de pé ao lado do colchão, empurrando para baixo a calça e rasgando as ataduras desnecessárias no processo.

Antes que ele pudesse se virar, antes que pudesse encontrar Karen novamente, sentiu o toque de sua mão em suas costas. O toque suave, erótico e gentil, chiou em sua pele, acalmando suas ações. Jag sentiu sua excitação espessa com a promessa do que estava por vir, seu sangue bombeando com o fogo do desejo.



Os dedos de Karen arrastavam sobre sua pele, sobre o local de sua lesão, uma carícia delicada deixando para trás chamas queimando. — Eu não posso acreditar que está curado —, ela sussurrou.

Seu corpo tinha, de fato, curado da lesão, mas nem a magia nem a medicina pode curar o que ainda precisava de cura. Apenas Karen poderia fazer isso. Só que ela poderia tirar o vazio que comia suas entranhas.

Ele se virou para ela, com a intenção de lhe agradecer por tudo que ela fez por ele anteriormente, mas suas mãos estavam em cima dele, tendo suas palavras com suas ações. Tocando-o enquanto ele girava, seu corpo pressionado ao dela, logo que ele a enfrentou.

— Oh, meu Deus, sentir você é tão bom —, ele murmurou contra seus lábios, os braços de Karen envolvendo seu pescoço prendendo, mamilos provocando os pelos no peito dele.

E então eles estavam se beijando, devorando um ao outro com suas bocas e mãos. Ele encontrou um de seus seios, moldando-o com a palma da mão e aprimorando o mamilo, roçando a outra em seu traseiro perfeito e, em seguida, puxando-a mais contra ele.

Ele pôs sua virilha entre suas coxas, e juntos gemeram com o prazer da união. A cabeça inclinada de prazer, expondo o pescoço, as mãos em seu bíceps. Mas eram os seios que chamavam sua atenção, mamilos rosa avermelhados enchiam seu olhar, implorando por sua boca.

Quando ela encarou-o em um olhar quente, seus olhos eram escuros com paixão. — Eu quero você dentro de mim, Jag —, ela sussurrou, as palavras um apelo. — Eu quero nos sentir como antes.

Um grunhido baixo escapou de sua garganta no jogo erótico de suas palavras em seu corpo. Jag mal se lembrava agindo então. De alguma forma eles estavam sobre o colchão, Karen debaixo dele. Jag usou seus joelhos para pressionar as pernas mais distantes, estabeleceu-se entre elas com uma urgência criada pela besta. Uma urgência que ela alimentava com seu toque.



Suas mãos estavam em seu cabelo, no rosto, envolvendo seus seios enquanto ela arqueava os quadris para recebê-lo. Ela o queria. E Jag nunca, jamais negou a esposa qualquer coisa que queria.

Ele não pretendia começar agora.

Levado para satisfazer o anseio entre eles, ele afundou no calor úmido de Karen. Mas quando ele pensou em conduzir e pressionar para a frente, ele parou, com o rosto enterrado em seu pescoço. O impacto de sua união deslizando sobre ele, esmagando em sua potência.

Jag recostou-se, olhando em seus olhos, confirmando se sentia o que ele fez. O suave calor de seu olhar afirmava que ela fazia. Com essa confirmação, a paz veio sobre ele, afogando-o na justiça deles estarem juntos, na perfeição dos sentimentos que atravessaram mais de uma vida para a próxima.

Por longos momentos, tudo o que ele podia fazer era olhar em seus olhos, perdido em sua adesão, sentindo sua intimidade em torno dele, dentro e fora. Foi Karen quem se moveu primeiro, suas mãos acariciando sua pele, sua voz suave sussurrando seu nome.

Abruptamente, seu humor mudou, e ele podia sentir o lado primitivo dele tomando conta. Sua mandíbula apertou, seus músculos tensos com a necessidade de mover, de tomar. Ele olhou para ela, estendendo a mão para as palavras, mas incapaz. A súbita fúria luxúriosa era muito feroz. Ele lutou contra ela, sentindo o perigo de sua primal concepção. Sentindo a mudança simples primitiva para a necessidade da bestial exigência.

Ele apenas pensava que estava fora de controle antes, mas não era nada comparado ao que explodiu dentro dele. Karen parecia impassível, olhando para ele, os olhos ternos, também apresentando o que devia ser ardente no sua. Seus dedos roçaram a mandíbula, um gesto tão familiar que ele condenadamente sentiu muita falta.

— Leve-me —, disse ela, como se reagisse ao que o pressionava a frente. Como se soubesse que ele precisava ser incitado. — Leve-me agora.



Em sua cabeça o monstro que era ele mesmo, não importava o quão duro ele negou, gritou a obedecer. Obedeça Karen. Obedeça a besta. Leve-a... devore-a...

Fogo correu em suas veias e ele puxou para trás e empurrou nela, bombeando para frente e para trás, dentro e fora dela, não segurando, sem hesitação. Seu calor úmido acariciava, silenciosamente, dizendo-lhe para dar-lhe mais. Mais duros, mais profundos, golpes mais longos. Ela o encontrou com cada estocada, cada golpe, balançando os quadris ao encontro de seu.

Os seios de Karen saltavam com os movimentos, agradando seus sentidos visuais, assim como seu escorregadio, calor úmido satisfazia seus entes físicos. Cada centímetro de sua pele chiava. Cada terminação nervosa gritava com a vida. Ele acendeu, incendiando com uma fúria passional como nenhuma que já conhecera, nem mesmo com Caron.

Mais ele empurrou. Mais rápido. Seu rosto acariciando seu pescoço novamente, suas narinas dilatadas com seu perfume doce. Assim sintetizava sua presença, assim, em sintonia com tudo o que ela era, ele podia ouvir seu coração batendo, ouvir seu sangue correndo por suas veias. Sua mão estava na parte de trás de sua cabeça, seu corpo acariciando seus cabelos, gemidos de prazer de provocá-lo, agradá-lo. Ele se perdeu no momento... perdido.

E então, outra mudança de humor, outra mudança que ele não podia controlar, antes que Jag soubesse o que estava acontecendo seus caninos se estenderam.

— Não! —, Gritou ele, mas não se atrevia a levantar a cabeça. Ele deixou a lógica apenas o suficiente, apenas o suficiente para o pensamento consciente não querer que ela veja seus dentes. Isso nunca aconteceu com ele, exceto em seus sonhos. — Isso não pode ser real.

Karen respondeu, levantando-se da cama, inclinando seus quadris para cima, tentando-o a mover-se contra ela. Ela derrubou suas defesas mentais, necessidade física tomando o controle enquanto Jag investia nela. Ele



esqueceu sobre os dentes, esqueceu-se do perigo. Ele afundava em seu núcleo, a besta gritando em sua cabeça, em seu corpo.

Karen gritou de prazer, enrijecendo antes de gritar o orgasmo. Seus espasmos tomaram conta dele, ordenhando-o por sua própria liberação e entrega de êxtase além de qualquer coisa que ele já tinha conhecido, jamais sonhou.

Empurrando uma última vez, Jag tremia quando derramou-se dentro dela. Mas o orgasmo desencadeou uma outra necessidade, poderosa e fora de seu controle. Seus dentes afundaram no ombro de Karen, doce sangue acobreado cortava suas papilas gustativas, alimentando sua fome.

Karen se esticou, apertando os dedos em seu cabelo, mas ele mal sentia. O gosto do seu sangue em sua língua estimulava a fome por mais. Jag rosnou baixo em sua garganta, um som familiar mais da besta do que do homem, nascido de batalha de não fazer amor. No entanto, ao mesmo tempo, não sentia desejo de destruir. Nenhum desejo de machucá-la. Simplesmente tinha que prová-la, conhecê-la no mais íntimo dos níveis.

O corpo de Karen começou a relaxar, os dedos soltando seu cabelo. — Jag —, ela suspirou, e então, — eu... Jag... eu te amo.

As palavras alcançaram dentro de sua cabeça, foram para além da sensação do ato que ele cometia. Esta era Karen. Caron. Ele a amava. Ele balançou a cabeça, tentando limpar o anseio para roubar apenas um gole mais, piscando enquanto tocava as marcas perfuradas no ombro dela. Oh, Deus. O que ele fez?

Ele tentou recuar mais cedo, tentou atrair a besta. E se ele tomou muito sangue? Ele tinha que levar Karen para Marisol. Então, ele ficaria bem longe dela, ficaria longe.

Então, ela estaria segura.

Num minuto Karen estava abaixo Jag, o seguinte, ele a tinha em seus braços, fazendo um caminho rápido para sair do quarto. — O que você está



fazendo? —, Ela gritou, o pânico em sua voz. — Nós estamos nus! Não se atreva a me levar por aquela porta.

— Você vai sangrar até a morte —, disse ele ignorando-a, ainda se recuperando do impacto do que ele fez com ela. Ele poderia a ter matado. — Eu tenho que levá-la a Marisol.

Karen empurrou a porta, usando o pé, a mão, qualquer coisa que ela podia colocar na superfície dura, esforçando-se para ser impossível Jag chegar a maçaneta.

Ele resmungou. — Droga, Karen. Eu estou tentando salvar sua vida.

— Se você me levar para fora desta sala sem roupa, você é o único que precisará ser salvo.

— Você está ferida —, ele insistiu.

— Não doi! Você, por outro lado, sentirá se você não me por no chão!

Ele considerou jogando-a por cima do ombro, desespero tomando conta. Ela morreu uma vez por causa dele. Jaguar não iria deixar que isso acontecesse novamente. Ele foi para o botão de novo.

Ela fez um som frustrado as penas duramente na porta. — Quer fazer o favor de me ouvir — as palavras vieram entre os dentes cerrados, mas virou um grito de novo — apenas me escute — Ela respirou, baixando a voz — Por favor. — Seus olhos se encontraram com os dele. — Por favor, Jaguar. Eu juro para você. Eu não estou ferida.

Ele balançou a cabeça, rejeitando a ideia. Ele sabia o que fez com ela. — Coloque-me no chão e veja por si mesmo —, ela desafiou.

— Você acha que está bem, mas você não esta bem. Você está em choque. Pelo amor de Deus, eu só mordi fazendo um furo em seu ombro. — Vergonha ardendo em seu intestino e se misturava com suas palavras, incontrolável. Derrotado, ele deslizou para os pés, cortando seu olhar, incapaz de olhar para ela. — Eu voltarei. Vou buscar Marisol.



Ela estendeu seu corpo nu amplamente na frente da porta. — Não, nu você não vai.

Ele estendeu a mão para ela enquanto a movia de lado e ela não foi páreo para sua força. — Cariño, estou buscando ajuda e estou indo agora, se eu tiver que jogar você sobre meu ombro e levá-la farei.

Isso pareceu chamar sua atenção, seus olhos arregalando-se. Ainda assim, teimosa como era, ela ficou na frente da porta. — Eu acho que nem mesmo está sangrando. — Sua mão foi para a ferida e depois ela a segurou para fora para sua inspeção. — Veja. Sem sangue.

Suas sobrancelhas arquearam e ele empurrou o cabelo de lado, inspecionando seu ombro. — Impossível. Está quase curado.

Ele tocou as feridas, espantado com a realidade do que encontrou. Ela não estava sangrando. Mas... ele tinha mordido. Ela pegou seu pulso, seu toque acalmando-o. Reconfortante quando deveria estar disparado.

— Veja —, disse ela, seu olhar movimentando bruscamente, — eu realmente estou bem. O que aconteceu entre nós, não me machucou. E qualquer coisa de ruim que acha que fez, você não fez. Você não é mal, Jaguar. — Ela procurou seu rosto como se procurasse a aceitação. Ela repetiu suas palavras em um sussurro. — Você não é mal.

Durante vários segundos, ele olhou em seus belos olhos azuis, esquecendo a urgência de ajuda, repetindo o momento em que mordeu. A força da necessidade pulsando em seu corpo. Mas então algo aconteceu. Algo mudou. A besta sucumbiu ao homem quando Jag só pensava o contrário ser possível.

Seria possível que todo esse tempo, a besta só o controlou porque ele o permitiu?

— Eu não entendo nada disso —, disse ele, estudando a pele novamente, em busca de confirmação que ela realmente não estava sangrando uma última

vez. Era quase como se não tivesse mordido em tudo, a mordida estava encolhendo tão rapidamente. — Eu ainda quero que Marisol a examine.

— Isso não é necessário.

Ele lançou-lhe um olhar que dizia que não a ouviria.

— Tudo bem, então —, disse ela. — Você pode pelo menos colocar uma calça antes de ir buscá-la?

Ele queria discutir, ainda com medo que poderia ter lhe causado sérios danos, mas fez o que ela pediu. Ilógico, pois considerava o tempo, uma parte dele até gostou da insistência dela, para ele se vestir. A ideia dela o reivindicando, que ela não queria que o resto do mundo o visse como ela, esquentou um pouco. Ainda assim, ele fez um rápido trabalho de empurrar o jeans sobre as pernas, sem se preocupar em fechá-lo, antes de estar fora da porta.

Quanto mais cedo Marisol verificasse Karen, melhor ele se sentiria.

Uma vez que ele sabia que Karen estava segura, então e só então, ele iria descobrir o que tudo isso significava.



Karen observou Jag partir antes de correr para o armário.

A ideia de ser pega com uma perna na calça e uma fora não atraía. Por mais que quisesse ir ao espelho e olhar o ombro, ela teve que ficar decente antes que acabasse com uma sala cheia de homens arrogantes. Em torno deste lugar, nunca se sabia o que esperar.



Ela precisava falar com Jaguar, mas ele tinha que se acalmar um pouco antes. A verdade era que ela realmente estava bem. Mais do que bem, na verdade. A primeira mordida dos dentes de Jag sobre sua pele a chocou mais do que feriu. Depois disso, a intimidade do ato foi incrivelmente erótico. Não havia nada violento em sua ação. Como nos sonhos, sentia como se tivesse de ser. Como se isso fazia parte de seu destino.

Saudada com uma fila de camisas penduradas ordenadamente, ela tirou uma camisa e rapidamente puxou sobre ela. Ela ia até os joelhos, cobrindo-a suficientemente, graças a Deus. Ela conseguiu abotoar quase todo o caminho até que Jag e Marisol apareceram na porta.

— Você está bem? — Marisol pediu apressando-se para a frente.

— Eu disse a Jag estou bem —, disse Karen, olhando-o onde ele estava ao lado da porta, como se com medo de chegar perto dela. Apenas de falar com ela. Eles precisavam ficar sozinhos. Ele estava tentando transformar-se em um monstro de novo, e ela não podia deixar isso acontecer.

— Deixe-me ser o juiz, — Marisol disse, apontando para Karen se sentar.
— Ele mordeu você?

Karen suspirou. — Sim, mas não é nada. — Ela se acomodou na ponta da cama enquanto Marisol parava em frente a ela. — A mordida. Ele está pirando como se quase me matou ou algo assim. — Karen olhou para a curadora. — E você? Como você está? A última vez que te vi, Rock carregava você para fora daqui.

Marisol cortou o olhar, como se estivesse escondendo sua expressão. — Mostre-me o ombro.

Karen abaixou um pouco a camisa dos ombros, não ausentando como Marisol evitou a pergunta. — Nem mesmo está sangrando.

Marisol olhou sua pele e, em seguida, passou o dedo sobre ela. — Não há nada aqui. — Ela olhou para Jaguar. — Nada além de uma tatuagem. — Seu



olhar deslizou entre os dois. — Tem certeza de que ambos não estavam sonhando outra vez?

— Não foi um sonho —, Karen disse, olhando seu ombro, ou tentando, sem sucesso. — Eu não tenho uma tatuagem.

— Claro que sim —, insistiu Marisol. — Uma estrela.

— Não —, Karen disse: — Eu não.

Jag apareceu e olhou seu ombro antes de trocar um olhar com Marisol, balançando a cabeça como se estivesse em descrença. — Eu não sei o que está acontecendo. — Ele passou a mão pelo cabelo, confusão e preocupação gravando suas características enquanto suas mãos foram a seus quadris. — Eu mordi e eu não estou falando uma picada. Eu mordi ela. — Sua atenção estava em Marisol e Karen teve a nítida impressão de que ele tinha vergonha de olhar para ela. — Eu gosto de sangue.

— Tem que ter sido um sonho —, disse Marisol, rejeitando suas palavras.

— Não foi. — Karen e Jag falaram ao mesmo tempo.

Seus olhares capturados e detidos, a culpa piscando no dele. — Mas está curado, Jag —, disse Karen, tentando fazê-lo abrandar em si mesmo. — Você não me machucou.

Ele inalou e virou o foco de volta para Marisol. — Algo estranho está acontecendo. Essa estrela em seu ombro. Não estava lá antes de eu mordê-la. Descubra o que fiz para ela antes que tenha algum efeito permanente.

Karen tocou sua pele, tentando encontrar alguma prova da estrela que alegavam estar lá, mas não havia nada lá para sentir. Nem mesmo a marca de uma punção. Jag estava certo. Ele a mordeu profundamente, mas ela podia ver por que Marisol pensava ter sido um sonho.

Ela queria ver a estrela por si mesma. — Eu preciso de um espelho.

— Eu vou verificar meu livro do Conhecimento, — Marisol disse, e transportou-se do quarto.



Adrian estava embaixo de uma árvore, do lado de fora do rancho nas linhas fronteiras, e sorriu. Ele soube o minuto que Jag acasalou com Karen, em vez de destruí-la. Salvador deve ter ajudado Karen puxar Jag da besta. Ele tinha que ter.

Previsível.

Ele adorava estar certo. O grande Salvador jogou direito em suas mãos. E ele subestimava Adrian se achava que isso tinha acabado. Adrian aprendeu séculos antes, que o ataque frontal nunca tinha êxito como o que deslizava sob o radar, inesperado.

Depois de todo esse trabalho, todo o planejamento perfeito para manter Jag na borda, com fome de sangue, perdido entre a escuridão e a luz, ele planejava ter o que veio buscar.

Ele planejou ver Jag destruído.

O segundo nível de seu plano já estava em andamento. Seria conveniente se Jag tivesse devorado Karen e aceito sua besta. E certamente que poderia ter acontecido. Adrian tinha certeza que fez Jag questionar Karen o suficiente para suspeitar que ela era má.

Mas no final, ele não contava com isso.

Agora que Jag sabia de sua companheira, de seu passado, ele faria qualquer coisa para salvar Karen. Para salvá-la, onde ele falhara antes. E lá estava o seu verdadeiro plano. Desdobrando-se mesmo enquanto ele estava aqui.



Esse pensamento o excitava. Sorriu, pensando em como desonesto e perfeito tudo era. Salvador e Jag pensavam que isso acabou. Eles têm a guarda baixa.

Segundo ainda estava à espreita no rancho monitorando, como estava uma pequena força de suas bestas, dentro da gama dos alarmes. Se Segundo não fosse chamado de volta em um certo tempo, ele raptaria Eva e Jag viria atrás dela. Afinal, Jag não gostaria que sua pobre querida esposa ficasse triste.

Um riso baixo escapou dos lábios de Adrian.

Sucesso com valor de entretenimento. Ele não podia esperar para começar o confronto final no jogo.

Capítulo Dezenove

Várias horas depois dos ataques, Des caminhou em direção à casa principal, depois de ter acabado uma rápida verificação nos aprendizes. Graças a Marisol, os homens estavam curando bem. Ele restaurou os alarmes que protegiam a fazenda, tudo sem uma palavra de Jaguar. Esperamos que isso significasse que ele e sua mulher estavam a caminho de um final feliz. Des gostaria de pensar que realmente acontecia em seu mundo, mas ele era cético.

As dores em seu corpo exigiam atenção sobre seus pensamentos. Ele não tinha dormido, nem comido, nem ele tem tempo para tanto agora. Agora, seu destino era o quarto de Eva, onde planejava acampar e viver de acordo com sua promessa a Karen. Não que pensava que ela estava no tipo de perigo que ele poderia defendê-la, mas faria o que pudesse.



Um grito vindo da casa chamou sua atenção. Des respondeu instintivamente, decolando em uma corrida, examinando enquanto se movia, a mão em uma arma. Praguejando baixinho, ele avistou uma figura no telhado. Algumas das bestas devem ter voltado quando o radar estava desligado, esperando para atacar novamente. Um pedaço de culpa e auto-repreensão veio para ele. Isso era sua culpa. Ele estava no comando sempre que Jag saia. Ele deixou isso acontecer.

Rock saiu da casa, logo que Des chegou, seu lábio tingido com sangue, as lâminas em suas mãos. — Eles levaram Eva —, disse ele, já descendo as escadas da varanda para ficar na frente de Des.

A notícia veio como um golpe, mas Des não mostrou-o. Não havia tempo para fazer nada além de agir. Ele prometeu a Karen que protegeria Eva e não podia falhar. Se Marisol estava certa, se Karen era a esposa de Jag, então isso ia ter um enorme impacto nele. Neles como um grupo. As bestas devem saber disso. Elas devem planejar usar Eva contra Jag com Karen, de alguma forma.

Rinehart empurrou a porta da frente para ficar na varanda, seu marcante chapéu de cowboy faltando, perdido em algum lugar na zona de guerra. — Onde está o seu maldito rádio —, ele gritou para Des.

— Eu dei a um dos homens. Achei que vocês dois poderiam lidar com as coisas nos três minutos que eu estava fora de contato. Aparentemente, eu estava errado.

— Não comece comigo, cara —, Rinehart disse entredentes, com os dentes cerrados. — Eu realmente não estou de bom humor.

— Sim, bem, isso faz com que sejamos dois. Eles não podem estar muito à frente. Vamos sair e pegar a garota de volta antes que deixem a propriedade.

— E se for uma armadilha? — Rock perguntou, empurrando suas armas de volta nos coldres. — Todos nós sabemos que há outras centenas de bestas esperando por nós.



— Pendejo, — Des disse, chamando-o de idiota em espanhol. — Deve sempre discutir? Há mais acontecendo aqui do que você sabe. Armadilha ou não, temos que trazer Eva.

— Sem armadilha —, Rinehart disse, apontando para trás de Des com o queixo. — Nos podemos morrer no confronto. Talvez seja melhor você encher-nos e rápido.

Des se virou para ver dez bestas de pé alinhadas, não mais de três metros e meio de distância. A besta no centro segurava Eva na frente dele. Des amaldiçoou enquanto tirava a vista, voltando-se para seus companheiros cavaleiros, dando-lhes um rápido resumo das suspeitas de Marisol sobre Karen.

— É evidente que eles planejam quebrar Jag através de sua mulher —, comentou Rinehart.

Des assentiu. — O que quer que seja que eles estão aqui, pode apostar que não vai ser bom.

— Sem brincadeira, — Rock disse, fazendo um som de nojo.

Os lábios de Des comprimiram. — Vamos descobrir o que querem antes que Jag faça.

Todos eles compartilharam um olhar e um acordo silencioso. Os cavaleiros tinham que estar lá para Jag desta vez, como ele sempre esteve lá para eles. Des, Rinehart e Rock alinharam-se e começaram a andar.

Se as bestas queriam jogar um jogo com o seu líder, eles teriam que passar por seus homens primeiro.





Em pé no banheiro, Karen abaixou a camisa do ombro e inspecionou por uma tatuagem. E lá estava ela. Uma estrela de cinco pontas. Ela a tocou, espantada com a sua presença. O que poderia dizer?

Esperemos que Marisol encontre a resposta. Karen estava ansiosa para que ela voltasse da verificação de seu diário, o que fosse que isso significava. Ela concluiu que era algum tipo de livro resposta. Havia ainda tanto que ela não entendia. Tudo que sabia com certeza era que Jaguar, e este lugar, mantinham seu destino.

— Eu sinto muito —, disse Jag, aparecendo na porta, seus ombros largos consumindo a entrada. Ele chegou vestido, mesmo amarrado em armas como se esperasse alguma nova batalha além da que eles estavam lutando emocionalmente. — Eu não sei nem o que dizer. Um minuto eu estava... eu quero dizer, nós éramos...

Ele nunca terminou a frase. Karen certificou-se. Ela se virou para ele, esquecendo-se da marca gravada em sua pele, a mão indo para seu peito enquanto ela pressionava os dedos dos pés e o beijava. — Você não tem nada que se desculpar. Quer saber um segredo?

Suas sobrancelhas mergulharam então ela colocou os braços em volta da cintura, satisfeita quando ele devolveu o abraço. — Eu meio que gostei —, admitiu ela.

— O quê? — Seu tom estava cheio de incredulidade.

Ela assentiu com a cabeça e sorriu. — Foi meio sexy.

— Eu poderia ter matado você, Karen.

— Eu não penso assim —, disse ela. — Foi exatamente como nos sonhos. Eu me senti como se você devesse fazê-lo. Parecia certo de alguma forma.

— O que pode estar certo sobre um homem mordendo a mulher que ele ama?



— Você me ama? —, Perguntou ela, seu coração inchando com as palavras. Ele não tinha dito até agora, mesmo quando ela fez, e um pouco de preocupação começou a se formar. Ele poderia amar e aceitá-la como ela havia decidido que podia a ele? Ela tinha a vantagem de sentir o fechar de um destino que ela sentia que procurava por toda sua vida. De alguma forma, as coisas pareciam mais complicadas para ele. Ele tinha passado por tanta coisa.

— Você acha que pode me amar como você fez com Caron?

— Eu já faço —, disse ele, a expressão suavizando instantaneamente. — Você sabe disso.

— Não. Eu acho que não. Ainda não. Eu realmente preciso saber que você me ama. Como a pessoa que me tornei agora.

Jag acariciou seus cabelos, ternura brilhando em seus olhos. — Se há alguma coisa que os últimos dias tem provado, é o meu amor por você. Você é minha alma gêmea, Karen. Nada vai mudar isso. Não nesta vida ou em qualquer outra. Mas, Karen, eu... — Ele olhou para baixo e deu um suspiro antes de olhar para ela de novo. Dor substituiu a ternura. E tormento. — É porque eu amo você que tenho medo de estar perto de você. E se eu te machucar?

Ela descartou a preocupação sem hesitação. — Você não vai. Você não fez. Pense nisso, Jaguar. Você já enfrentou a tentação e se virou. Você poderia ter me matado, mas não o fez. — Seus lábios firmando. — E você não vai.

Ele rejeitou a resposta dela, mas ela viu um brilho de esperança nos olhos. — Você não sabe disso

— Eu faço. Eu sei. No fundo, você também. Se você realmente acredita que somos almas gêmeas, então confie no que nós compartilhamos. Essa coisa entre nós é suposto acontecer. Nós só não entendemos por que ainda.

— Ela está certa. — Foi Marisol que falou por trás, no quarto.

Karen e Jag seguiram sua voz, para encontrar-la sentada no fim da cama, seu livro na mão. — A estrela é uma marca de acasalamento.



Ela virou uma página e começou a ler.

O homem deve controlar o animal, para provar que ele é o mais forte dos dois. Sua recompensa será sua companheira. Ela será abençoada com a imagem de uma estrela em seu ombro, um pentagrama de cinco pontas. Com esta estrela ela vai escravizar o demônio, de modo que ele não pode mais roubar o homem, a mulher é eternamente ligada ao Cavaleiro Branco. Trevas serão substituídas com a luz e com esta luz, grandes potências será concedido ao cavaleiro.

— Oh, meu Deus —, Karen disse, virando para Jag, reunindo lágrimas em seus olhos. Ela sabia o que isso significava para ele. O que significou para eles. Ela entendeu os sussurros em seus sonhos e a razão dele ter que mordê-la.

— Agora tudo faz sentido —, ela sussurrou. — Você está livre.

Jag parecia atordoado, mas não o impediu de reunir Karen em seus braços. Seus olhos estavam cheios de emoção enquanto eles encontravam os dela. — Não ousa acreditar que é verdade?

— Acredite, — Marisol disse. — Meu livro do Conhecimento não fala nada além da verdade.

Mas a atenção de Jag estava em Karen, com as mãos emoldurando seu rosto. — Você acreditou em mim quando eu não fiz —, disse ele, em voz baixa e intensa. — Eu não sei como ou por quê. Você só aprendeu apenas do passado.

Ela entendeu completamente. Sorrindo, com as mãos colocadas em sua cintura. — Eu perdi todos nessas vida, Jaguar. Viajei ao redor do mundo, em busca de algo que encontrei quando nos reunimos novamente. O vazio que eu sentia dentro se foi.

Um alarme soou, um aviso estridente destruindo o momento suave de felicidade.

Marisol fechou o livro e ficou de pé. Ela abriu a boca para falar, mas os instintos de Karen disse a ela exatamente o que estava acontecendo, a emissão de um aviso. — Eva! — Karen gritou. Ela agarrou o braço de Jag. — Eu tenho que verificar Eva.

— Eu vou fazer isso —, ele disse a ela. — Você fica aqui, então eu saberei que você está segura.

Ela quis argumentar, mas ela queria mais que ele fosse salvar Eva. — Eu vou. Okay. Só não deixe que nada aconteça com ela, Jaguar. Por favor.



Jag correu para o quarto de Eva para encontrá-la ausente. Seu coração afundou para o estômago quando ele se virou voltando para o corredor. Como diabos ele vai dizer a Karen que sua irmã foi embora? Ele falhou com ela uma vez antes. Ele não poderia fazê-lo novamente.

Sua mão foi para o rádio na cintura enquanto se dirigia para as escadas. — Des. Onde diabos você está?

Nada. — Des!

A falta de resposta disse-lhe tudo o que ele precisava saber. Seus homens estavam de frente com problemas. Jag tirou duas lâminas enquanto chegava à porta da frente. Ele foi para a varanda e parou em suas trilhas. Rock, Rinehart e Des estavam a vários metros de distância, em um confronto com um grupo de Darklands. Como diabos as bestas chegaram de volta na propriedade sem os alarmes sair ele não sabia. A não ser que, eles nunca deixaram. Droga, ele deveria ter verificado em coisas mesmo. Isso precisava acabar, e precisava acabar agora.



Jaguar começou em frente, preparando-se para se juntar aos seus homens. Enquanto ele se movia algo dentro dele torceu e virou. Era como se o mal arrastando debaixo de sua pele e zombasse dele com a sua presença.

Aqui é onde a merda bate no ventilador e ele sabia disso. O que quer que estava caindo era sobre Karen, sobre ele. E nesse momento, ele sabia por quê. Ele sabia com toda a sua alma que as Darklands estavam usando Karen contra ele. Usando-a como uma fraqueza. Ele estava sendo testado. Um teste com a intenção de destruí-lo e, provavelmente, Karen junto com ele.

Os cavaleiros se separaram para permitir a entrada Jag em sua programação, instintivamente se movendo como se sentissem sua abordagem. Instintos nascido de sua existência única, não muito humana. Os mesmos instintos que mesmo agora gritavam avisos na cabeça de Jag.

Como Jag entrou para o centro de seus homens, um de seus inimigos encontrava-o quase de igual para igual. Um homem de aparência, nenhum lado bestial exposto. Ah, mas ele era besta, e uma poderosa, com certeza. Jag apostava que ele era o único que controlava Eva, também. Sua presença exalava das trevas, do mal. De poder. Seu longo cabelo loiro um contraste com a escuridão que sua presença escorria.

— É tão bom finalmente conhecer o grande líder dos Cavaleiros Barncos —, disse o homem. — Nunca entendi esse nome. “Cavaleiros Barncos”. Fala de pureza e bem. — Ele se inclinou um pouco como se partilhando um segredo. — Mas nós dois sabemos que você está longe de puro, agora, não é, Jag?

— Quem é você? — Jag perguntou, mão coçando para colocar em uso uma de suas armas.

— Eu sou Adrian —, disse ele. — Certamente você já ouviu falar de mim. Oh, espere. Salvador gosta de mantê-lo no escuro. Talvez você não tenha ouvido falar de mim.

Mas Salvador, de fato, advertiu Jag sobre Adrian, a besta que servia diretamente sob Caim, o caído. Não que Jag planejava contar a Adrian que



sabia. Jag deixou Adrian continuar seu ditado egoísta. — Deixe-me conduzi-lo rapidamente. Eu governo o mundo dos demônios, e Salvador finge que pode me parar. Foi um pequeno desvio de diversão por um tempo, mas eu amadureci e cansei disso. Decidi que isso tem que acabar.

— Jag!

A voz de Karen rasgou o ar, o medo foi evocado em Jag tão real quanto o aço da adaga que cortou sua carne. Ele se forçou a ficar firme, não se mover, sabendo que seus homens fariam o mesmo até que ele indicasse fazer o contrário. Se qualquer um deles agia precipitadamente, com a desvantagem que eles estavam, bem poderia ser uma sentença de morte.

Tanto quanto Jag queria tirar a cabeça de Adrian, agora, ele precisava saber com o que lidava. A besta tinha um plano ainda a ser revelado. Jag ia pressionar para encontrar esse plano e faria-o agora.

— Você não pode lutar no um-a-um, eu vejo —, disse Jag ao invéz. — Você tem que se esconder atrás das mulheres.

— As mulheres tornam a vida muito mais interessante —, disse Adrian, estalando os dedos. — Segundo.

A besta Segundo avançou, Eva se envolveu em seus braços. Ela estava acordada agora, agarrando-se à besta, apalpando-o como se ele fosse uma jóia preciosa. Sorrindo como se ela foi trazida à vida com ele como um presente.

— Ela quer dar-se a mim —, disse Segundo. — Devo levá-la?

— Não!

Foi Karen que gritou a palavra. Ela estava sendo arrastada para mais perto de Jag, e ele sabia que sua presença era para atormentá-lo. Marisol estava ao seu lado, uma besta segurando-a, também, mas ao contrário de Karen, ela não lutava. Os cavalheiros todos sabiam que Marisol pode transportar-se para fora do cativeiro, mas ela não o faria. Não sem Karen. E



cabia aos cavaleiros ajudá-la a libertar-se tempo suficiente para obter as duas fora de lá.

Jag não se atreveu a fazer contato visual com Karen, com medo de perder a sua concentração. Ele se concentrou em Adrian. — Deixem as mulheres ir. Lute como um homem.

— Mas eu não sou um homem, Jaguar. Sou um demônio e luto como um. Mas não se preocupe. Eu não vou prejudicar a sua querida esposa, Caron, hoje. — Ele foi até Eva e acariciou seu braço nu. — Eva aqui é outra história.

— Filho da puta —, Karen gritou. — Deixe-a em paz!

Adrian riu e beijou Eva. Soluços de Karen chamou a atenção de Jag. E, embora ele sabia que era um erro, ele olhou para ela então, as lágrimas riscando seu rosto, a sua dor envolvendo em torno dele como um torno, sufocando a vida nele. Ele não poderia levá-la. Ele não podia suportar a dor dela. Adrian iria pagar por tudo o que ele e sua espécie tinha feito a Karen. Jag ergueu as armas e começou a cobrar.

Des e Rinehart estenderam a mão e agarraram seus braços, embora nem assumiram olhar as bestas. — Fácil, patrão, — Rinehart sussurrou.

— Sim, — disse Adrian, caminhando para ficar diretamente na frente do Jaguar. — Acalme-se, meu querido Jaguar. Alguém pode se machucar se você não for cuidadoso.

Seu olhar bloqueado com Jag, um desafio queimando neles. Jag apertou os dentes. — O que você quer? —, Ele cuspiu na besta.

— Eu quero você, Jaguar. — Ele deixou as palavras laçar o ar, letais nas implicações do que estava por vir. — Eu vou dar-lhe Eva, mas eu quero a sua alma em troca.

Mal estar correu por Jaguar. E aqui estava. Ele podia ouvir o choro de Karen, ouvir seus homens sussurrar sua desaprovação, sua rejeição a esta proposição.



Mas o que ele estava fazendo?

Ele viu sua esposa morrer uma vez. Como ele a olharia nos olhos todos os dias por toda a eternidade tendo falhado com ela mais uma vez? Depois de deixar sua irmã morrer?

Ela ia culpa-lo. Talvez até mesmo odiá-lo. Ele não podia viver com isso. — As mulheres vão livre. — Não era uma pergunta, mas uma confirmação. Ele aceitaria os termos que Adrian ofereceu.

— Não —, disse Des. — Eu não vou deixar você fazer isso.

— Ele está certo, Jaguar, — Marisol chamou. — Nem mesmo Salvador pode trazê-lo de volta neste momento. Não, se você se dá livremente.

Jag olhou para Karen, os lábios tremendo. — Não —, ela sussurrou.

Mas mesmo quando ela disse a palavra, ele sentiu o terror de perder sua irmã. Sentia sua dor. Ele não poderia se escolher sobre Eva. Ele não podia.

Ele abriu a boca para dizer o mesmo quando o ar expulsou em uma corrida repentina, sujeira levantou. Em um flash de luz, Salvador apareceu a direita de Jag. Adrian rosnou, o rosto contorcido em fúria antes de sua besta se mostrar. Ele já não se escondeu atrás da concha de um homem.

— Basta, Adrian, — Salvador ordenou. — Isso já foi muito além do aceitável.

Adrian se voltou para ele, e os dois seres poderosos ficou de igual para igual, no centro de cavaleiros e bestas. — Você não tem permissão para interferir, Salvador.

— Nem você, mas ainda assim, você está aqui, — Salvador respondeu. — Estou simplesmente nivelando o campo de jogo. Este é entre o Segundo e Jaguar.

— Estou aqui para fazer o que Segundo não pode. Para levar a alma do Jag.

— Você não pode tirar o que ele não dá livremente.



— Eu sei as regras —, disse Adrian. — Estou bem dentro dos meus direitos.

— Ao usar manipulação.

— Isso não é nada novo —, disse ele, com um sorriso sarcástico deslizando em seu rosto. — Eu sou o mal, Salvador. Esta decisão é de Jag para fazer, não sua.

— Então você não vai se importar se eu compartilhar alguns pequenos detalhes com ele para que possa fazer uma escolha informado.

Salvador virou-se para Jag, mas Adrian não estava satisfeito. — Ataque —, ele gritou. As bestas começaram a frente, e Jag e seus cavaleiros preparados para a batalha. Os olhos de Salvador iluminaram com luz branca e ele virou-se para enfrentar seus atacantes. Sua mão acenou sobre eles, formando uma barreira, empurrando as bestas de volta. Apenas algumas poucas bestas permaneceram no lado da barreira dos cavaleiros, aquelas que seguravam as mulheres, junto com Adrian.

Adrian rugiu com raiva, fechou os punhos na frente dele. — Você não pode interferir.

Salvador ignorou, voltando sua atenção de volta para Jaguar. — Sabe, meu amigo. Eva vai ter outra vida. Se você fizer isso, você não vai. Este vai ser o fim para você. Eu não posso puxar você de volta.

Jag absorveu as palavras, tentando descobrir o que fazer. Tentando entender o significado de tudo isso. Mas havia só a dor do que viria enfrentá-lo amanhã. De saber que ele tinha falhado com Karen mais uma vez.

Adrian estalou os dedos para Segundo que empurrou o cabelo do pescoço de Eva. Ele, então, mostrou os dentes longos. Jag olhou para Karen, tormento em sua face, medo em seus olhos.

— Faça a sua escolha, cavaleiro branco —, disse Adrian. — Você vai escolher a sua própria vida sobre a mulher? — Ele estreitou os olhos em



Jaguar. — Melhor ainda, vamos permitir que sua esposa decida quem morre hoje. Qual que vai ser, Karen? Eva ou Jaguar? Quem vive e quem morre?

Fúria rasgou Jaguar. — Pare com isso —, ele gritou, cravando sua espada no chão e caindo de joelhos. Ele não permitiria que Karen vivesse com a culpa de tal escolha. Ele sentiu a mancha de culpa muito tempo em si mesmo. Era um veneno que sua esposa nunca iria suportar.

— Leve minha alma —, Jag disse, baixando a cabeça entre os ombros, derrotado. — Dou-a livremente.

Adrian caminhou até ficar na frente do Jaguar. — Olhe-me nos olhos e me dê sua alma, cavalheiro branco.

Jag tremia da cabeça aos pés, frio com o momento, com a realidade do que ele estava fazendo. Ainda assim, ele se obrigou a fazer como ordenou. Obrigou-se a não olhar para Karen, não responder a seus gritos para ele.

— Leve minha alma —, disse ele, olhando para as covas profundas do mal que eram os olhos de Adrian. — Dou-a livremente.

Capítulo Vinte

Segundos que pareceram horas passavam enquanto Salvador assistia Adrian estender a mão, seu aperto invisível atingindo a alma de Jag. Jag agarrou o peito, o rosto contorcido de dor.

E Salvador sabia que tinha que acabar com isso.



Ele hesitou, preocupado com o preço que pagaria. Segundos já tinha passado. Demais. Salvador teve que fazer uma escolha.

Mas não houve um verdadeiro debate. Ele pagaria o preço causado a ele, o mais provável uma sentença mais longa ao seu dever neste reino de existência. O que era mais um século em seu mundo?

Ele iria viver com ele para que Jag poderia viver, também. Jag tinha abnegadamente se oferecido no lugar do outro e merecia uma recompensa. Ele também revelou o que Salvador sempre soube. Jag era um líder digno. Uma parte importante desta guerra. E a forma do mal de Adrian não poderia ser permitida sobreviver.

Decisão tomada, Salvador levantou a mão e disparou uma luz branca em Adrian, derrubando-o. Jag caiu no chão enquanto Salvador olhava para os cavaleiros. — Leve-o para casa e amarreo. E fazê-o bem.

Ele enfrentou as bestas segurando Karen e Marisol cativas, preparado para transformá-las em pó, mas elas já jogado as mulheres no chão, fugindo. Sua atenção foi para Segundo, que ainda mantinha Eva.

Adrian ficou de pé. — Deixe-a ir —, ele disse ao seu segundo antes de enquadrar-se com Salvador. Marisol correu para Eva puxando-a longe de Segundo.

— Tire suas bestas e saia antes de eu transformá-las todas a cinzas, — Salvador ordenou.

— Surpresa, surpresa, — disse Adrian, o mal em sua voz, em seus olhos, até mesmo em seu sorriso. — O grande Salvador quebrou as regras. Pena que você hesitou. Ele está muito longe. Ele vai ser meu em outro nascer do sol de qualquer maneira.

— Vamos ver —, disse Salvador.

— Sim, vamos, — disse Adrian, e desapareceu.



Segundo ordenou a retirada das Darklands, mas não sem uma longa pausa. Ele olhou para a Salvador, seus olhos se estreitaram, ganância irradiando de seu núcleo. Nesse momento, Salvador sabia que Segundo havia mordido a isca que deu a ele naquele dia. Segundo sabia agora que Adrian precisava dele e ele estava queimando um buraco nele, fazendo-o com fome de poder. O tipo de poder que Adrian possuía.

Boa notícia no meio de um monte de ruim. Salvador não queria nada mais do que ver o exército de Adrian se desfizesse de dentro para fora, e Segundo era a chave para isso.

Salvador virou-se para encontrar Karen se aproximando, e ele a encontrou na metade.

— Olá, Karen.

Seus olhos se estreitaram. — Eu conheço sua voz. — Sua expressão registrando consciência. — Você é quem me sussurrou nos meus sonhos.

— Sim —, disse ele. — E você fez bem. Jag pode não perceber isso ainda, mas a sua união, os torna companheiros, ele aprendeu muito sobre si mesmo. Ele agora sabe que a besta não controlá-o. Ele controla a besta.

Eva gritou e Karen se virou para ver Rock levando-a para casa. — Sua irmã vai viver —, disse Salvador, antes que ela pudesse perguntar, chamando sua atenção de volta para ele. — Mas ela não vai ser como ela. Ela vai ser como esses homens, um cavaleiro em uma guerra contra o mal. Ela é especial, sua irmã, forte além de sua compreensão dela. Confie em mim para salvá-la. Agora, você deve se concentrar em Jag. Ele precisa de você. Eu só lhe ofereci uma chance de salvá-lo. Ele ainda está em perigo.

A expressão dela brilhou com surpresa e renovado medo. — Eu não entendo.

— Sua alma está presa entre mundos e recuperá-la significa recuperar cada emoção, cada pequena dor que ele já experimentou. Ele não vai querer fazer isso. O amor suficiente para trazê-lo para casa é você. — Ele tocou seu

ombro. — Você é sua companheira por toda a eternidade, Karen, imortal como a sua irmã em breve será. Como Jag já é. Seja a luz que irá guiá-lo. Ele é necessário nesta guerra. Traga-o de volta, Karen.

— Eu vou —, disse ela, a determinação em seu rosto.

— Não vai ser fácil. Ele vai... — Salvador hesitou, tentando escolher as palavras com cuidado, para não assustá-la. Por outro lado, ele tinha que prepará-la para o que enfrentaria. — Ele não vai ser ele mesmo. Ele vai dizer e fazer coisas para prejudicá-la. O lado escuro pode ser persuasivo. Adrian vai lutar muito para possuir a alma de Jag.

Seus lábios se firmou. — Ele pode lutar, mas ele não vai ganhar. Esperei muito tempo para encontrar Jag novamente para entregá-lo agora.

Ele estudou-a por um momento. Ele acreditava que ela seria, de fato, a derrota de Adrian. — Vá até ele e deixe Eva para mim. — Ele deu-lhe um aceno curto. — Desejo-lhe boa sorte.



Karen foi até a casa, o vento soprando a camisa em torno de suas pernas. Camisa de Jag. O homem que ela amava mais neste momento do que ela já pensou possível. Ele deu a sua vida para protegê-la. Disposto a desistir de sua alma para salvar Karen de uma perda. Mas o que ele não entendia era que viver sem ele teria sido insuportável. Ela precisava dele.

E agora ele precisava dela mais do que nunca, e ela não iria deixá-lo cair.



Seus passos aceleraram quando ela fez seu caminho para o quarto, encontrando Rinehart no topo das escadas, guardando a porta. Des saiu do quarto. — Karen —, disse ele com um aceno de cabeça.

Outra vez, seu traje simples teria incomodado. Agora, ela não se importava. Estes homens eram irmãos de Jag na batalha. Eles se tornaram para ela, também. Hoje, eles compartilhavam uma causa comum, e ela iria estar lá com eles todo o caminho, até que esta guerra acabasse.

— Como ele está? —, Ela perguntou, parando na frente dos dois cavaleiros.

Des hesitou. — Ele está... descansando.

Ela dirigiu-se para a porta. Des entrou na sua frente. — Você não pode ir lá, Karen. Ele não é ele mesmo. Uma vez que Salvador...

— Salvador enviou-me a ele —, disse Karen, cortando-o. — Eu tenho que vê-lo. — Ela começou a passar por ele.

Des pisou em seu caminho novamente, balançando a cabeça. — Salvador não deve saber como esta ruim. Eu não posso deixá-la lá.

— Salvador sabe. Eu sei. — Ela deu-lhe um olhar direto, deixando-o ver como ela estava firme em sua decisão. — Eu aprecio sua preocupação, mas tenho que fazer isso. Ele precisa de mim, Des.

— Então eu vou com você.

— Não —, disse Karen, rejeitando a ideia. — Eu tenho que fazer isso sozinha.

Des olhou para ela, sua expressão em causa. — Estarei aqui se precisar de mim. Apenas grite. — Ele saiu do caminho.

Rinehart falou. — Nós estaremos bem aqui.

Não é um homem de muitas palavras, quando ele escolhia ser vocal, Karen já imaginava, ela deve tomar suas palavras ao coração.



Sua proteção significava muito para ela, como ela sabia que seria para Jag quando fosse ele mesmo novamente. Karen deu a ambos um aceno e então inaladas. Tempo para entrar no quarto de Jaguar.

Karen entrou no quarto, fechando a porta atrás dela, para encontrar que Jag foi amarrado na cama. Trancar Jag no quarto era uma coisa. Amarrá-lo era outra. Indignada, ela começou a se virar, determinada a encontrar Des e exigir uma explicação.

— Minha mulher veio para me salvar, eu vejo, — Jag disse, sua voz uma provocação. — Meu puro, precioso cariño. — O riso borbulhava de sua garganta.

Embora Salvador advertiu que Jag seria diferente, ela não tinha realmente acreditado. Ela virou-se em direção a ele, de repente, tudo bem com seu atual estado de submissão.

— Eu sou sua mulher —, disse Karen, andando em direção a ele, e parando ao lado da cama. — Aquela que ama.

— Se você me ama, você me solta.

— Porque eu te amo, eu não posso. Não até que você esteja de volta ao seu estado normal.

— Eu sou eu.

— Então me diga que você me ama.

— Eu vou dizer-lhe qualquer coisa que você queira que eu diga se ficar nua primeiro. — Seu olhar passou em seus seios.

Ela respirou fundo, a dor em seu coração difícil de ignorar. Tendo mágoa dele tratá-la de uma maneira desagradável, independente do motivo. — Eu te amo, Jag —, disse ela, querendo dizer tantas vezes quanto fosse necessário para chegar até ele.

— Ahhh. Tão doce. Deixe-me provar o quão doce. Dê-me um beijo.



Embora ela não gostou de como ele pediu o beijo, parecia uma boa ideia. Ela ligou-se com ele além da simples conversa. Ela se inclinou sobre Jag, parando pouco antes de seus lábios se tocarem. — Eu não vou deixar você me deixar. — E então ela apertou a boca na dele.

Durante vários segundos, eles permaneceram assim, respirando juntos. Ele parecia absorver como ela lhe fez. Ele parecia realmente sentir o que ela fez, a proximidade, a perfeição de sua união.

Mas durou pouco o sucesso quando algo mudou. Risos borbulhavam de sua boca. Mal. Ameaçador.

Ela se afastou para olhar em seus olhos, seu estômago girando quando viu a escuridão lá. Ela tocou seu rosto. — Volte para mim, Jag —, ela sussurrou. — Eu sei que você está aí.

— Se você me quer, cariño, venha me pegar, mas tire a roupa primeiro. Eu quero você nua ou nada.

Ele ainda a chamou por carinho, e ela agarrou-se a isso. O homem debaixo do monstro ainda a conhecia como alguém especial.

Ela enrijeceu a espinha, alcançando coragem. Despir para o homem que ela amava e se despir para o monstro desalmado tentar controlá-lo eram duas coisas diferentes. Mas fazer amor parecia a melhor maneira de agitar as emoções que ela precisava nele.

Lentamente, Karen estava diante dele, desfazendo os botões na parte da frente da camisa. Quando ela caiu no chão, o ar-condicionado refrigerou sua pele, o calor do seu olhar aqueceu-a de volta. Ele devorou com os olhos, varrendo-os sobre ela com uma fome primitiva. Madura. Potente. Acusado de luxúria. Despertando ela, o que ela encontrou um pouco assustador. Como poderia o seu lado negro transformá-la? Mas, então, lembrou-se, não importa o que, este era seu homem, seu companheiro. Onde ela deveria estar.

— Essa é uma boa menina —, ele ronronou, sua voz suave e sedosa e tortuosa. — Agora, me solte para que eu possa tocar em você.



— Não —, ela disse, oferecendo nada mais. Caminhando para o final da cama, ela puxou as botas. — Eu sou a única a tocar. — Karen rastejou sobre a cama e pegou a calça.

— Nós dois desfrutaremos disso mais se você me livrar dessas cordas. — Sua voz suavizou-se, tendo um suave tom. — Liberte-me, cariño.

Seus olhos foram para o dele, e por apenas um segundo, ela viu um flash de Jaguar, do homem que era seu companheiro. Ele chamou-a, ainda se fez culpada pelas cordas. Ela gostaria de poder dizer sim para libertá-lo, mas era muito cedo. — Eu não posso. Ainda não.

E, assim quando o mal voltou. Um flash de raiva cruzou seus traços antes dele puxar a corda em seu pulso. — Desate-me! — Então, ele levantou a cabeça e fixou seu olhar em raiva. — Eu juro, eu vou fazer você arrepender-se disso.

Ela pulou, surpresa com a explosão; mais surpresa com o crepitar sinistro no ar. Tremendo contra a escuridão pura fechando em torno dela, Karen sabia que eles não estavam sozinhos. Que o homem, a besta Adrian, estava aqui. Talvez não no corpo, mas de alguma outra forma. E ele estava alimentando a raiva de Jag. Alimentando seu desejo de afastá-la.

Bem, Adrian não poderia ter Jag. Nem agora e nem nunca. Sua determinação retornou enquanto ela trabalhava para terminar de despi-lo. — Você não pode me assustar. Você pode tentar, mas não vai funcionar.

— Mas você está com medo —, disse ele, a certeza em seu tom. — Eu posso sentir o cheiro.

Ela ignorou a provocação no momento, deslizando para o final da cama e trabalhando a calça nas pernas. Então ela se arrastou de volta e montou ele. Ele estava excitado e ela também. Sua mão se fechou em torno de sua largura, guiando-o dentro de seu corpo, assim como ela esperava que poderia guiar sua alma.



Jag gemeu quando ela o levou plenamente, suas pálpebras pesadas, seus lábios meio separados enquanto ele olhava para ela. Então, sabendo que aparentava controle ela dirigiu sua provocação.

— Você estava certo —, disse ela, inclinando-se para pressionar as mãos ao lado de sua cabeça. Seu olhar quente foi para os seios dela, e ela sentiu como um toque, seios doloridos, pesados. Sua voz era rouca quando ela chegou para ele, tentando soar mais forte do que se sentia. — Estou com medo.

Seu olhar levantou ao dela como se ele não esperava tal confissão. — Estou com medo de te perder —, ela sussurrou, olhando em seus olhos, rezando para que ele pudesse ver a verdade lá. Orando para que ele pudesse sentir o quanto ela se importava.

Mas nada registrado em seu rosto, sem reconhecimento, sem emoção.

Seu peito se apertou, maduro com o medo que ela tinha apenas falado. — Não me deixe —, ela implorou, e depois roçou os lábios sobre a seu. — Devemos estar juntos.

Ela beijou-o, em seguida, sua língua deslizou em seus lábios, desenhando uma resposta. Ele fez um som no fundo da garganta e depois avidamente reivindicou sua boca, saboreando-a como se ela fosse um afrodisíaco que ele não conseguia o suficiente. E ele queria mais. Ela podia sentir isso em cada golpe de sua língua, gosto dele em seus lábios. Ela queria mais, também. Ela queria muito mais. Mas Karen queria para sempre, não apenas o momento. Ela tinha que ser forte.

Ela se afastou, seus lábios apenas fora do alcance. — Fique comigo.

Ele estava respirando com dificuldade, a sua intensidade ainda criada da escuridão, mas de alguma forma mais sensual. Mais sedutora. Uma dica que o mal tinha deslizado fora, substituído pelo desejo. Por sua conexão.

Mas, então, ele fez algo que a chocou. Ele levantou a cabeça e os dentes, afiados agora, mordiscou o lábio, tirando um pouco de sangue. Ele passou a



língua sobre seu próprio lábio e afirmou ela. E Senhor, a ajude, era erótico. Ele virou-a. Ela devia se repugnar, mas ela queria se mover contra ele. Fazer amor com ele.

De repente, com um puxão forte, seus braços eram livres e ele estendeu a mão para ela, puxando a boca para a dele. — Eu tenho poderes agora, um pouco. Essas cordas apenas me seguram se eu permitir.

Antes que ela soubesse o que estava por vir, ele estava beijando ela, profundo e apaixonado. Ao mesmo tempo, ele rolou de costas, totalmente reivindicando o controle que ela apenas momentos antes possuía.

Karen se perdeu por um momento, arrastada para um feitiço de desejo. Ela podia sentir suas poderosas coxas a enquadrando, sentir o peso dele pressionado contra ela. E eles estavam se movendo, corpos deslizando juntos em uníssono, movendo-se a uma música sensual que só eles podiam ouvir.

Mas a paixão agitou seu coração. Ela lembrou de sua causa, da sua razão para fazer amor com ele. — Eu preciso de você, Jag —, ela sussurrou, desesperada para ouvi-lo dizer as palavras de volta.

Sua boca se moveu sobre sua mandíbula, a sua orelha, mesmo quando ele girou os quadris contra os dela. — Você está perto de gozar —, disse ele. — Dê-me o seu prazer, Karen. Dá-me tudo de você. Eu posso garantir que nunca temerá nada nunca mais.

Endurecendo com a percepção do frio e forte, Karen deslocou para fora de sua névoa preenchida de luxúria. Ela queria o amor de Jag e ele queria sua alma. Raiva a superou repentina e dolorosa. Emoções retorciam dentro, morrendo de potência. Seu instinto de luta chutou dentro.

— Saia de mim. — Empurrando em seu peito, em seus braços, em seu corpo, ela disse as palavras mais e mais. Ela empurrou e empurrou, tentando levá-lo para longe, tentando parar a dor de sua manipulação, de sua perda. Lágrimas queimavam seus olhos, em cascata por suas bochechas.

Jag foi. Ela procurou toda sua vida por ele e ele se foi.

E doeu. Doeu tão malditamente mal.



Jag sentiu a dor em Karen como uma facada da realidade. Apenas momentos antes, havia escuridão desordenando seus pensamentos. Ele se escondeu de tudo senão fugiu. Escondido de qualquer coisa que possa causar dor. Ele sentiu muito disso em sua vida, perdeu tanto, ele não podia lidar com mais nenhuma.

Mas ele sentia agora, porque ele sentiu o que Karen fez. Porque ela era sua companheira e ele estava prestes a deixá-la sofrer o inferno que ele tinha sofrido sem ela.

Ele acariciou seus cabelos, beijou-a no rosto, tentando acalmá-la. — Cariño, pare. Bebê, pare. Sinto muito. Por favor. Está tudo bem. — Ele não podia fazer isso com ela.

Ela estava tremendo, literalmente tremendo dos pés à cabeça, e ele sentiu isso também. — Eu não vou a lugar nenhum e nem você.

— Não —, ela disse. — Eu não quero truques. Quero erguer-me. Deixe-me. — Então, mais alto. — Des!

Ele cobriu sua boca, abafando o grito para Des com um beijo, suavemente alegando, seduzindo, acalmando. Lentamente, ela acalmou. Lentamente. Ela voltou a ele...

Quando ele finalmente levantou a cabeça, liberando a boca, ele falou antes que ela pudesse, desesperado para dizer a ela como se sentia. Para garantir que ela sabia o quanto significava para ele. — Eu te amo, Karen —,



disse ele. — Eu te amo mais do que eu pensava ser possível. Sinto muito pelo que fiz você passar. Hoje à noite, e no passado.

Ela tocou seu rosto. — Você está de volta. Realmente de volta? Por favor, me diga que é verdade.

Ele sorriu, seu peso em seus antebraços em sua cabeça enquanto ele olhava para ela. — Sim, cariño, e eu não vou a lugar nenhum sem a minha mulher nunca mais. Nem agora e nem nunca mais.

Lágrimas encheram os olhos dela de novo e ele enxugou-os com os dedos. — Isso deveria fazer você sorrir, não chorar.

— Eu só pensei... eu pensei que perdi você. Eu não sabia o que fazer.

Ele tirou uma mecha de cabelo dos olhos. — Você sabia exatamente o que fazer. Você sempre faz. Mas eu preciso saber. Você vai confiar em mim novamente? Você vai dar-se a mim agora e sempre?

Suas mãos deslizavam em torno de seu pescoço, um brilho nos olhos substituindo as lágrimas. — Eu posso ser convencida.

Sua sobrancelha levantou na questão, o seu coração encheu-se com o calor, enquanto observava sua face iluminar com o desejo, a dor desapareceu. — Você pode começar por me convencer de que você está de volta, tomando tempo, amando-me quente e apaixonadamente.

Jag riu, decidindo que o próximo século seria muito mais agradável do que o último, sem dúvida. — Um homem deve agradar sua parceira —, disse ele, reivindicando sua boca com seu beijo, como ela reivindicou sua alma.

Epílogo

Karen e Marisol estavam no canto de um dos vários estúdios de treinamentos dentro da fazenda, observando Eva e Rock treinar. Nos três meses desde tornaram esta a sua casa, tanto Eva como Karen receberam treinamento em muitas habilidades, armas de dominação, preparando-se para



um destino certo a colocá-las contra as Darklands. Eva tomou a tarefa com determinação feroz. Ela, afinal, era agora um Cavaleiro Branco e sua batalha com as Darklands era interminável.

— Eu ainda não posso acreditar na ideia da minha irmã combater essas bestas —, Karen disse, observando Eva lidar com uma espada como se tivesse nascido com ela na mão. — Isso me assusta.

Era difícil acreditar que sua irmã tinha ido de mansa e com medo a determinada a lutar. Karen esperava que a obsessão de Eva com uma espada não fosse mascarar a dor, por que ela não cicatrizaria completamente. a reviravolta de Eva, de uma mulher suave para um guerreiro exigente foi tanto ultra-rápida como extrema.

Como que em resposta, a voz de Eva encheu o ar. — Pare de atrasar —, ela gritou para Rock, lâminas bloqueado com a sua.

— Eu não estou me segurando —, disse Rock, sua expressão tão mal-humorada como sua voz.

— Então você luta como uma menina —, ela respondeu. — Eu não acredito que você ainda não está morto.

Marisol riu e voltou para Karen. — Eu não acho que você tem que se preocupar. Eva pode cuidar de si mesma.

Antes que Karen pudesse responder, Rock soltou um gemido alto. — Ela me cortou. Eva me cortou.

— Isso vai ensiná-lo a segurar —, Eva disse, olhando para ele. — Marisol esta aqui. — Ela insultou-o com uma voz de bebê cantante. — Ela fará tudo melhor. — Voltando para o seu tom normal, ela disse, — Então nós poderemos lutar de verdade.

— Como eu estava dizendo, — Marisol disse, ficando de pé. — Eva pode cuidar de si mesma.



Karen teve de admitir que parecia ser verdade. Mais e mais, Karen estava vendo sua irmã em uma nova luz. — Assim como você cuida bem de Rock —, brincou ela, incapaz de conter o comentário malicioso. Embora ela não conseguia que Marisol admitisse que havia algo entre ela e Rock, Karen estava trabalhando nisso.

Jag apareceu ao lado dela sem aviso, e Karen saltou, mãos indo para seu peito. Seus novos poderes foram evoluindo gradualmente. Até agora, ele pode levitar itens e até mesmo transformar algumas coisas em cinzas. Ele não podia ir poof e fazer uma besta desaparecer, mas os Cavaleiros foram todos encorajados de que um dia ele poderia ser capaz de fazer.

O mais novo talento, a habilidade de aparecer e desaparecer da sala, tinha se apresentado na semana passada. Jag estava gostando. Karen nem tanto.

— Eu odeio quando você faz isso —, disse ela, tentando manter-se irritada, mas lutando. O cavanhaque crescido recentemente era tão sexy, ela não podia ficar louca. Toda vez que ela via seu homem nos dias de hoje, ela queria arrastá-lo para um lugar privado e ter o seu caminho com ele.

— Eu pensei que você queria que eu praticasse usando meus poderes —, brincou ele, sentando na cadeira ao lado dela e inclinando-se para beijar a bochecha dela, demorando para beliscar sua orelha. — Hmm.. você tem um cheiro bom.

— Pratique para que você não seja morto ao usá-los. Eu não disse me assustar até a morte no processo. — Ele mordiscou a pele sensível em seu pescoço e ela deu um tapa nele. — Comporte-se —, disse ela, apontando para Rock que estava olhando para Marisol como se ela fosse um pedaço de doce. — O que há com Marisol e Rock?

— Eu acho que isso é bem claro. Eles querem um ao outro, mas ela não pode ficar com ele.

Karen franziu o cenho, virando-se para Jaguar. — O quê? Por quê?



— É uma regra. Curadores são proibidos esse tipo de relacionamento.

— Quem disse?

Ele riu. — Diz aqueles com muito mais influência do que você ou eu. Você não pode mudar isso, mesmo com a sua obstinada determinação.

— Mas duas pessoas que se amam devem estar juntas —, argumentou.

— Tudo acontece por uma razão —, ele lembrou.

Ela suspirou. — Sim. Eu sei. — Ainda assim, ela odiava ver os dois negarem o amor. — Isso me leva a outro ponto embora. Eu tive essa ideia.

Ele ergueu a sobrancelha, um brilho em seus olhos para flertar. — Eu espero que seja divertida.

Cada dia Jag sorria mais, a escuridão deslizando em seu passado. Aqueceu que ela soubesse que foi uma parte disso. — Na verdade —, disse ela, — esta ideia é cheia de diversão. Até agora, tudo o que eu tenho sido capaz de fazer é dizer-lhe sobre minhas viagens. Nós sonhávamos em ver o mundo juntos.

— Nós já conversamos sobre isso, cariño. Eu não posso deixar este lugar. Eu gostaria de poder.

— Mas você quer viajar —, disse ela, ansiosa para convencê-lo a viver um pouco. Se alguém merecia, era Jaguar. Por hora eles deitavam na cama e conversavam. Karen tão desesperadamente queria compartilhar os lugares que viu com Jag e ele estava com fome por cada detalhe. Ela circulou a mão dele, um apelo em sua voz, em seus olhos. — Realmente mostrar-lhe o mundo em vez de falar sobre isso seria incrível. Poderíamos tomar uma lua de mel após o casamento no próximo mês.

— Karen...

Ela pressionou os dedos nos lábios. — Apenas me escute.

Ele deu-lhe um aceno de cabeça, beijando seus dedos antes de tomar-lhe a mão mais uma vez.



— Bem, agora você tem este novo poder. Você pode apenas aparecer aqui atrás se houver algum problema.

— Eu duvido que a razão que me foi concedido este poder era para tirar umas férias —, disse ele, tomando a abordagem cautelosa que ele era tão bom.

— Não —, ela concordou. — Mas você tem que admitir, ele tem possibilidades. Poderíamos viajar. Você realmente adoraria o romance de Veneza. — Seus olhos se iluminaram. — Ou St. Thomas. Você adoraria lá. A água é azul tão claro, é como uma bela pintura vindo à vida.

Sua expressão tornou-se melancólica. — Eu nem tenho certeza até onde posso viajar. Por tudo que sei não é mais do que alguns quilômetros.

Karen se levantou. — O que você está esperando? —, Ela perguntou. — Vamos descobrir.

— Agora? —, ele perguntou. — Não podemos simplesmente ir agora.

Atrás deles gritou Rock, Eva o tinha cortado mais uma vez. Karen revirou os olhos. — Agora, parece um bom momento para sair para mim.

Jag riu e ficou de pé, segurando o braço para ela. — Onde primeiro —, questionou.

Ela lhe deu um sorriso. — Eu ficaria feliz em começar com o nosso quarto. De lá, as possibilidades são infinitas.

Jag riu, e puxou-a, beijando-a apaixonadamente, antes de transportá-los da sala.

